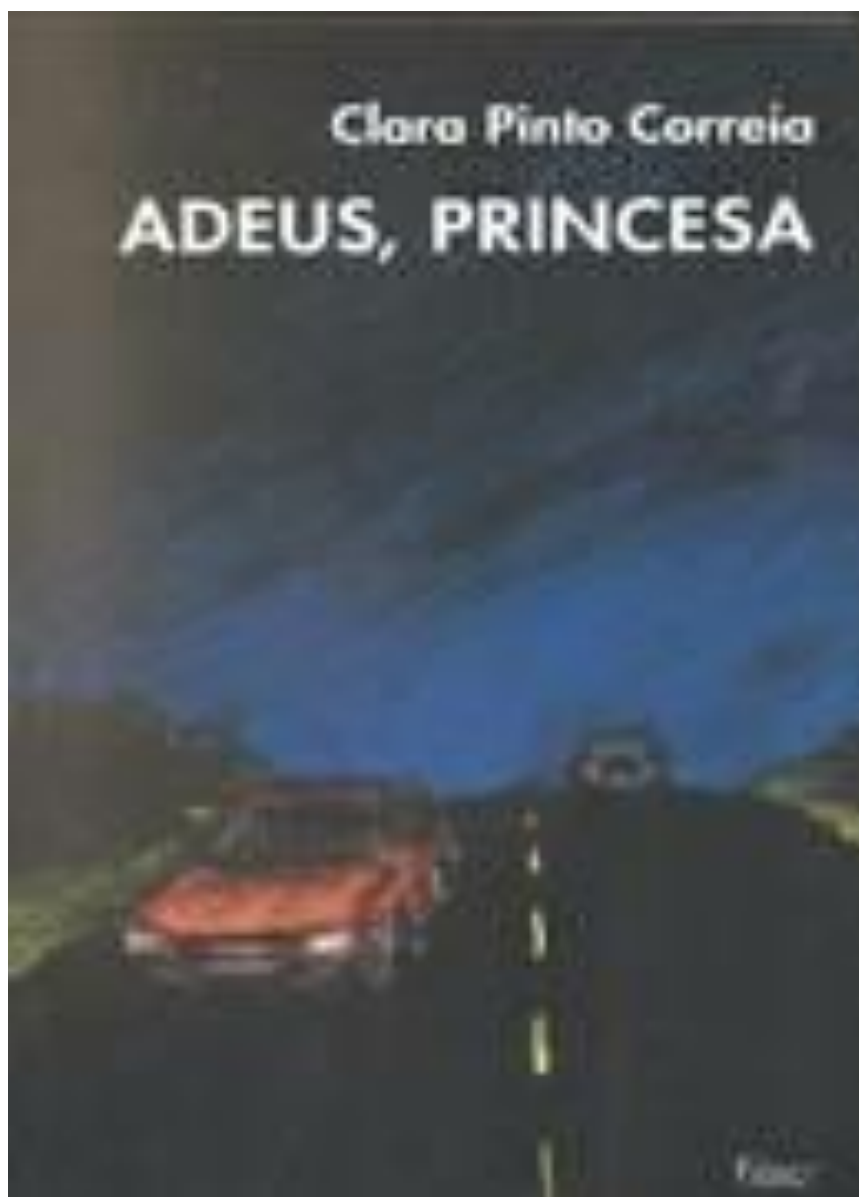




Clara Pinto Correia

Adeus, Princesa



Capa de: Antunes

Licença editorial por cortesia de Relógio d'Água Editores, Lda.

Impresso e encadernado por Printer Portuguesa
no mês de Junho de 1988
para o Círculo de Leitores, Lda.

Número de edição: 2261

Depósito legal número: 20 357/88

*À Elsa, à João, ao João, e ao Pedro,
porque foi muito bom,
e, de certa forma, fundamental*

ADVERTÊNCIA

O romance policial que se vai seguir tem coentros. Se este era o aviso prioritário a dirigir aos estômagos sensíveis, outros se poderão considerar igualmente importantes para uma boa digestão da história. A saber, que o seu enredo não é verdadeiro e a ficção começa logo com o envio de um jornalista por quatro dias para a província, acompanhado de fotógrafo, para que investigue com minúcia de pormenores e largueza de meios aquilo a que Manfred lapidarmente chamaria um fait-divers, sem falhas de fonética. Semelhantes condições são muito difíceis de encontrar na vida real. Tal como será muito difícil, se não impossível, encontrar em Baleizão ou na Cuba a Maria Vitória ou a Bárbara Emília que aqui se inventaram. É verdade que só no Alentejo as coisas se podiam ter passado assim. Mas estipula-se desde já que a verdade não vai além do cenário. Todas as personagens que nele se movimentam são mentira. E, por favor, acreditemos nas coincidências como única explicação para os eventuais casos de espantosa parecença com o real.

MOTE

*Quero e não posso esquecer-te
Devo odiar-te mas não quero
Sinto perder-me ao perder-te
Não tenho esperança mas quero*

VOLTAS

*Invadiu-me esta paixão
naquela tarde de Agosto
Quando olhei para o teu rosto
E tu olhaste pró chão
Disse-me o meu coração
Que tu me correspondeste
Bem sei que em casos destes
Pode haver mal entendido
Mas já não me sai do sentido
quero e não posso esquecer-te*

*Cheguei a ter a sensação
Quando me olhavas com ternura
Eu navegava num mar de ventura
Com o vento de feição
Agora que vejo que não
Embora me custe dizer-te
Naufraguei ao conhecer-te
Nas ondas da amargura
E o meu mal já não tem cura
Sinto perder-me ao perder-te*

(décimas de José Fachadas Godinho, natural de Moura, de 64 anos de idade, reformado)

ALGUM TEMPO ANTES

Ficou tudo às escuras na escada quando a porta se fechou atrás deles, e então Mitó atreveu-se a tomar a iniciativa de lhe procurar devagarinho a ponta dos dedos. Não era seu costume. Estava a tactear as paredes à procura do primeiro lance de degraus, sem sequer se lembrar do interruptor cor de laranja, colocado a meia distância entre as duas entradas, que devia lançar sobre a descida a sua luz doentia, como um sonho vago, de contornos amarelos. Ou, mesmo que lhe tenha chegado a ocorrer semelhante hipótese, foi para a rejeitar logo de seguida. Era bom mergulhar de mão dada com ele num tempo muito breve assim desprovido de formas, um mar cego, pensou. Estou navegando. Que grande pedrada.

- Anda, Helmut. Estamos quase no patamar.

Foi dessa vez, na escada às escuras, entre o segundo andar e o primeiro, que o estrangeiro lhe disse aquela frase. Passou-lhe uma mão brusca pela cintura, e o assomo que lhe comandara o gesto revelava-se de qualquer sentimento estranhamente próximo do carinho. Não te vejo, Helmut. Mas olha lá, não te vejo e sinto o teu coração. Abria os olhos e nada mudava, só posso sentir o teu coração. Sinto-o batendo, batendo como se fosse o meu, ouviste? Que pedra. Ele tinha-a encostado à parede no silêncio todo negro do prédio, e nenhum dos dois podia falar. Ao primeiro ruído havia de se abrir uma porta estremunhada num dos andares, pelo menos num. Alguém apareceria de chinelas e voz pastosa para espiar um despropósito tão inadmissível, e ao fazê-lo traria consigo a indignação plena dos que no seu comportamento nada têm que possa ser digno de reparo. Não faças barulho, Helmut. Ele esmagava-a contra o estuque frio, toda a noite era clandestina. Ele rodeava-a e não tinha olhos, não tinha cara, era só a voz que então, de repente. De repente ele disse-lhe aquilo ao ouvido.

- Nunca pensei que fosse tão bom estar contigo.

Ela nem teve tempo para acreditar que Helmut tinha mesmo falado. O desdém de sempre voltara-lhe à superfície antes ainda de terminada a frase, e já a estava a puxar pelo braço, vamos embora, rapariga. Desceram aos encontrões os degraus que faltavam até a luz da rua lhes facilitar o caminho. A porta de alumínio rangeu suavemente ao libertar o trinco, e o primeiro candeeiro, no passeio em frente, revelou no rosto do alemão as pálpebras inchadas sobre o vermelho que lhe raiava a córnea. Eu também devo estar com a cara assim. Foi

levá-la a Baleizão sem nem mais uma palavra, sentiu-a a ousar encostar-lhe a cabeça no ombro mas continuou a guiar de olhos semicerrados. Deixou-a ao fundo do empedrado, como sempre fazia, e limitou-se a um aceno rápido ao despedi-la. Adeus, princesa. *Auf wiedersehen, Prinzessin*, não esperes tu que eu te diga mais alguma coisa. Nem mesmo te garanto que tenha realmente dito o que julgaste ouvir-me dizer-te na escada. Talvez não tenha acontecido nada, esta noite, em Beja.

- Uma vez, em Beja. A gente vinha saindo de uma festa. Vínhamos saindo, e ele disse que era bom estar comigo.

Foi por causa dessa frase, largada sem aviso na escada às escuras e nunca mais repetida, que o mecânico Helmut Schneider, de vinte e cinco anos, em serviço na Base Aérea da NATO, veio a morrer sete meses e onze dias mais tarde. Eram quatro horas da madrugada, na estrada que vem de Ferreira. E é verdade que se calhar a realidade não foi esta. Mas era assim, de qualquer forma, que Maria Vitória Joaquim Formosinho Rosado queria que tudo se tivesse passado.

MOTE

*Eu vi a sombra da morte
Olhar para a gente a sorrir
Creio que foi a nossa sorte
Estar o diabo a dormir*

VOLTA

*Na estrada de sentinela
Atacou-nos com violência
Mas a divina providência
Foi-se pôr à frente dela
Deixa-os viver que a vida é bela
E alguém nos veio acudir
Tivemos forças para resistir
A Deus temos que agradecer
Já não a quero tomar a ver
Olhar para a gente a sorrir*

(décimas de José Fachadas Godinho, natural de Moura, de 64 anos de idade, reformado)

Ela foi a primeira a tratá-lo por tu. Nessa altura, Joaquim Peixoto tinha já perfeitamente interiorizada a sua condição triste de eterno vencido, e como tal nunca ousaria tentar nem o mais inocente dos avanços. Bárbara Emília Frutuoso, muito comprimida dentro do despudor estreitíssimo das calças de algodão, estimulou logo ao primeiro olhar a sensibilidade macilenta do mocinho de Lisboa, mas para ele estava fora de causa o comando de qualquer iniciativa de aproximação. Apertou-lhe a mão com dedos frouxos, sentiu o relevo frio do anel largo com uma pedra redonda, verde, sem brilho, que a rapariga ostentava no indicador direito, e foi-se logo sentar num dos maples de napa encarnada, muito atrapalhado com os braços e as pernas. Fingia nem notar as cotoveladas insistentes de Sebastião Curto, esse sim, já pronto a dar seguimento à sua infalível fórmula de ataque.

- Muito boa tarde, minha senhora. Sebastião Curto, para todos os efeitos um seu criado, e já agora não me arranja uma cerveja? O meu prezado colega anda a ver se dá cabo de mim. Trabalhar faz cancro, não sabia? É como a virgindade. Ah ah ah. Aqui dentro de sua casa está muito agradável, madame, está fresquinho, assim às escuras. Conhece aquela do alentejano que diz para a mulher Maria acende a luz, então porquê homem, não sei se a mula deu um coice em mim se foi na parede? Ah? Por que é que não se ri, se está cheia de vontade de rir? A menina tem um sorriso lindo, já lhe digo. A minha máquina adora-o.

Caía uma chuva morna sobre o Alentejo, Agosto viera despedir-se ensopando o pó das ruas. O calor escorria húmido pela pele, pelas paredes das casas. A morena alta fechou a porta e já estava a dizer Sebastião, acendeu o candeeiro cor-de-rosa. Havia um quadro com três ceifeiros partilhando um cântaro, e entre os *maples* estendia-se um tapete com tigres muito pintalgados sobre o fundo verde a sugerir a selva em fibra acrílica. Ela vinha lá de dentro trazendo o copo com riscas azuis a toda a volta do vidro e a espuma da cerveja a escorrer por fora. Dizia-lhe que não a tratasse por minha senhora, chamo-me Bárbara, e nem perguntou a Joaquim Peixoto se também queria beber qualquer coisa. Dizia ai moços, Está um tempo tão parvo, não é? Depois sorria, devoradora, para os flashes de Sebastião Curto. Conformado, o estagiário da revista *Actualidades* acendeu um cigarro, sem sequer lhe ocorrer a conveniência de pedir licença para fumar, e deixou-se ficar à espera da sua vez.

A sala fora pintada a tinta de areia, e retocada depois num tom muito claro de violeta, em contraste com a cercadura creme dos rebordos e das portas. Só havia uma janela, encaixilhada em alumínio, entreaberta para o som compassado dos pingos de água sobre a Rua da Restauração. Bárbara Emília Frutuoso desapertara uma quantidade razoável dos botões de massa da camisa cor de laranja, e bamboleava as suas idas e vindas, por causa da sede e da objectiva de Sebastião Curto, sobre os saltos despropositados das sandálias beges, vagamente brilhantes, com muitas tiras. Usava nas unhas um verniz castanho indescritível, era nisso que ele estava a pensar quando o fotógrafo deu por terminada a sua obra e ela transferiu para o maple vermelho do estagiário aquele olhar muito bem delimitado a lápis preto, perguntando finalmente em que é que lhes poderia ser útil.

- Se calhar não te posso ajudar muito. Olha lá que é a primeira vez que estou falando com jornalistas.

Sebastião Curto já sumira as máquinas dentro da caixa preta que passeava sempre a tiracolo. Recostara-se no *maple* para apreciar bem o espectáculo da inépcia do pobre colega, ainda tão cru, desgraçado. Joaquim Peixoto não sabia que fazer com o fumo do cigarro, com as traições inoportunas das cordas vocais. Chamou-lhe duas vezes minha senhora, três vezes Bárbara, baralhou lamentavelmente os tus e os vocês, até conseguir acabar a penosa frase em que explicava estarem ali por recomendação de Teófilo Sampaio, que a indicara como melhor amiga de Maria Vitória Joaquim Formosinho Rosado.

- Deve ser verdade. Digo que deve ser porque a gente nunca sabe ao certo o que estão pensando de nós as nossas melhores amigas, não é? Mas à Mitó nunca lhe esquecia do caminho aqui para a Cuba de cada vez que precisava de uma ajuda, de um conselho, ou só de alguém que a ouvisse, que é aquilo de que ela mais precisa. Eu sempre disse isso à Fatinha. Sabes quem é a Fatinha, não sabes? A mãe dela, pois. É minha meia-irmã, mais velha, claro. O pai dela morreu na mina em Aljustrel. Depois é que a nossa mãe veio para a Cuba, ainda cá tinha um ramo de família. Eu sou meia-tia da Mitó, mas é mais como se fosse irmã. Estava sempre pronta a ouvi-la. Gosto muito de ouvir as pessoas, compreendes?

Falava devagar, fazia pausas e tudo, como se julgasse que estava a proceder a um ditado para a esferográfica atenta dele. Que parva, pensava Joaquim Peixoto, e não sabia se devia achar todo aquele discurso, a meio caminho entre o álbum de família e a psicologia barata, muito interessante ou completamente tonto. Não diz coisa com coisa mas é boa como o milho, imaginou ele que Sebastião Curto havia de suspirar quando já estivessem de novo dentro da carrinha, a caminho de Beja por entre a chuva morna. E se não o

dissesse? E se, contra todas as expectativas, aquilo que ela para ali contava fosse importante? Ou antes, e se Alberto Contreiras achasse que era importante? Alberto Contreiras considerava tudo uma enorme maçada. Mas não lhe iria depois gritar que afinal estivera nas palavras da dactilógrafa a única perspectiva com interesse em toda a história de assassinios nocturnos que o mandara vir investigar ao Alentejo? E logo no fim de Agosto, maldito azar. Logo agora, quando Ana Mafalda estava por fim disposta a conceder-lhe algumas tardes de entediada companhia nas imediações da Quinta da Balaia. Não sou eu que te mando, dissera-lhe ele na véspera esfregando demoradamente as mãos, e pressionando com as costas o espaldar da cadeira contra a parede. A chefia é que resolveu mandar-te, o que é que queres. Se pensas seguir esta vida, é melhor que saibas desde já que não é para viveres palpitantes aventuras. Nem sequer para te divertires. Ou julgas que estás nalgum filme? Fez estalar uma a uma as articulações dos dedos.

- Vais ser um funcionário, como nós todos, desconsiderado pelo público, alvo privilegiado das agressividades que andam por aí à solta, pau mandado de uns políticos para lá de medíocres que nem sequer conseguiram concluir os seus cursos superiores. É bom que te habitues desde já à ideia. Hás-de andar sempre manipulado pelos interesses ou pelas taras dos chefes que apanhares no caminho, subestimado, e ainda por cima mal pago. Vivemos assim. E morremos cedo. Quanto às viagens fabulosas, isso é para os patrões, não diz respeito aos assalariados. Portanto vai mas é ao Alentejo, e despacha-me esta história em quatro dias.

Alberto Contreiras ainda acrescentou e não te esqueças de trazer as facturas. Senão, não te pagam nenhuma despesa. Depois recomeçara a preencher a folha branca, marginada, com o nome da revista impresso no canto superior esquerdo. A sua caligrafia miudinha, tão lisa que era quase um traço, enchia-a naquele momento já até ao meio. Olha que tens que entregar tudo na quarta-feira ao fim da tarde, resmungara em tom conclusivo antes de passar a ignorar por completo a presença do estagiário.

Ana Mafalda tinha abandonado Lisboa no princípio do mês. Está um calor nesta cidade que nem se consegue respirar, dissera ela ao chefe com o sorriso maroto que já sabia infalível. Por favor não me obrigue a definhar numa câmara de gás à beira do Tejo, já viu que desperdício? O chefe comia duas laranjas que lhe povoavam o gabinete com o rasto do seu cheiro pegajoso, o que te vale é que tenho um fraquinho por meninas atrevidas. A nova estagiária encostava-se-lhe à secretária, familiar, eu deixo-lhe o meu cão de penhor. Assim tem a certeza de que volto. Ana Mafalda foi para o Algarve passear o fato de banho azul-petróleo com um papagaio verde, fazer charme a Topes e Guilhermes d'Oreys

entre a saída do Bananas de Vale do Lobo e a ponte de um qualquer dois mastros abandonando docemente a Marina. Deixou o cão em Lisboa, para lhe fazer o trabalho e lhe assegurar o regresso. Ele, Joaquim Peixoto. Que adora o chão que ela pisa, coitado, murmurava toda a gente. E tinham pena do seu permanente estatuto de humilhado, mas é horrível viver com a pena dos outros.

- Adeus, Quinho, vou para casa da Bebé antes que morra aqui sufocada. Hei-de comer muitos bolinhos de amêndoa a pensar em ti. Tem juízo enquanto a mãe está fora.

No primeiro semestre de Direito já o aluno pálido lhe passava folhas inteiras durante as frequências. Fornecia-lhe inteiramente pronto o texto de cada resposta, redigido até com o cuidado de não ser igual ao seu, de forma a que a menina querida dos assistentes não tivesse que fazer mais que copiar. Es o meu melhor amigo, Quinho, dizia-lhe ela, mas quando se zangava atirava-lhe com o Peixoto, para o arrasar completamente. Gostava de lhe chamar poço sem fundo e de lhe contar tudo, as aventuras e os segredos, esmiuçava-lhe o roteiro completo das tropelias com os olhos a brilhar. E devia saber muito bem quanto ele sofria. Devia estar perfeitamente certa da paixão sem esperança que o colega lhe dedicava desde o primeiro encontro, na bicha para as inscrições em pleno desassossego da Reitoria. Ó miúdo, entrega-me aí os papéis ao homenzinho. Media-lhe de certeza toda a extensão do sofrimento em que há dois anos o arrastava atrás de si. E adorava, era evidente. Que horríveis que são as mulheres, pensava ele. Depois ouvia-lhe tudo, tratava-lhe de tudo, ao menos que ela o considerasse uma espécie de cavaleiro andante, coisa desusada e no entanto a seu modo de grande nobreza. Mas nem isso. E o meu cão, dizia Ana Mafalda.

- Quinho, vamos concorrer a esta coisa para fazer um negócio de jornalismo na *Actualidades*. Ouve lá, dá umas massas. E dá montes de nome, percebes? Um advogado que queira ser famoso tem que começar por ser jornalista. Não queres ir ser jornalista comigo, Quinho? Vá lá, vai entregar os nossos currículos, o que for preciso, trata disso, Quinho. Era muito giro. Não achas que era giro?

E o meu cão, explicou ela depois aos fotógrafos, aos redactores, à telefonista, às secretárias, ela disse a toda a gente que eu sou o cão. E toda a gente se deliciava. Em Agosto, Ana Mafalda convenceu o chefe a deixá-la ir para o Algarve. Quase três semanas depois da sua partida, Margarida entrou de manhã na sala, disse bom-dia com a simpatia eficiente do costume, e deixou uma pilha de recortes em cima da mesa do estagiário Joaquim Peixoto, com o nome dele marcado em cada um a caneta verde de ponta de feltro.

- São todos para a secção em cima da hora. Vê lá se não entregas só quando a página já estiver fechada, como da outra vez.

Trazia sempre no pulso duas pulseiras largas de marfim, memória da sua adolescência angolana que por vezes ainda lhe embargava a voz de nostalgias românticas, o sol, o Mussulo, vocês sabem lá. Uma fita branca disciplinava-lhe o cabelo ondulado.

- Essa da miúda de Baleizão que matou o namorado a ! meio da noite acho que é para desenvolveres. Fala com o Contreiras, quando ele chegar.

No resto da pilha havia septuagenários esfacelando a mulher à machadada no desespero terminal da longa vida numa aldeia quase inexistente, firmas despedindo vinte trabalhadores, a decisão de remodelar uma rede de esgotos, declarações de secretários de Estado, a esposa do presidente da República num novíssimo e ambicioso jardim de infância. E a inauguração de outra fábrica de pasta de papel, algures junto à bacia magnífica de um rio agora condenado. Joaquim Peixoto até era contra os eucaliptos, mas já tinha tudo pronto, em estritas dez linhas como costumava ser ali exigência nos dias de fecho, quando Alberto Contreiras abriu a porta, muito direito e seco no seu casaco verde. Trazia uma camisa de riscas ténues aberta no colarinho. Antes de se interessar por ele pousou cuidadosamente a pasta aos pés da secretária, e foi; a resmungar colocar no devido sítio a tomada do candeeiro, que se estava sempre a desprender da ficha. Acendeu a luz, acariciou num gesto distraído as pilhas de revistas, livros, papéis soltos, que se encavalitavam sobre o tampo, e Joaquim Peixoto espiava-lhe todos os movimentos pelas indicações auditivas que ia recebendo, já a ensaiar o tom desprendido, tão natural e seguro quanto possível, com que iria tentar abordá-lo logo a seguir.

- Alberto, o que é que faço sobre esta história da miúda de Baleizão que matou o namorado?

Começara num tom roufenho, uma vez mais traído por aquelas malditas disfunções da laringe. Mas Alberto Contreiras pareceu receptivo. Os assassínios deviam ser das poucas coisas, juntamente com o esoterismo e a ideia da mátria, que não se lhe afiguravam uma confrangedora maçada.

- É uma história muito interessante. A rádio não falou noutra coisa toda a manhã. De que horas é o *telex*?

Joaquim Peixoto ainda não aprendera a orientar-se no código complicado de introdução às linhas impressas em maiúsculas todas iguais. Hesitou. Alberto Contreiras tirou-lhe da mão a tira de papel.

- Mandaram-no às oito e meia. Caramba! Deve ter sido uma agitação enorme lá na terra. A criança ainda vai ficar mais famosa que a Catarina

Eufémia, se bem que eu duvide de que lhe venham a construir algum busto. Os tempos mudam, mas não tanto.

Em frases curtas e desordenadas, o correspondente em Beja da agência noticiosa inteirava o país dos trágicos acontecimentos dessa noite, a meio da estrada que vem de Ferreira. O mecânico alemão Helmut Schneider, de vinte e cinco anos, em serviço na Base Aérea da NATO, fora encontrado sem vida atravessado no caminho, com a cabeça enfiada sob o tubo de escape de um automóvel que cedo se apurou pertencer-lhe. Tudo indicava tratar-se de homicídio, porquanto um espesso blusão militar envolvia cuidadosamente a cabeça do jovem e a extremidade da panela, aconchegando-os no abraço fatal do monóxido de carbono. E o motor trabalhava ainda, indiferente ao mórbido efeito da própria combustão. Assim dera com ele um homem de São Brissos que se dirigia para Cuba às seis da manhã e quase tropeçara no corpo, embalado pela motocicleta contra a luz difusa do nascer do dia.

- Deve ser bonito morrer desta maneira. Muito devagar, sem dor, só um entorpecimento que sobe dos pulmões ao cérebro e vai aos poucos adormecendo o corpo. Um corpo novo, para o cúmulo. Morrer quando a velhice não iniciou ainda o horror do seu trabalho. Morrer na plenitude de ser jovem. E bonito. Chegaram aí há bocado umas fotos do morto. Depois pede à Margarida que tas entregue. Pode ser que te proporcionem qualquer inspiração.

Joaquim Peixoto não sabia se aquilo era uma insinuação de gosto duvidoso, ou um gracejo de colegas a pedir resposta maliciosa e pronta. Se calhar não era nada. Achou melhor continuar calado, à espera que o orientador do seu estágio prosseguisse a leitura. Devia estar agora a tomar conhecimento de que, conforme rezava o parágrafo seguinte do *telex*, pouco tempo depois de dado o alarme e removido o corpo tinham comparecido na esquadra de Beja dois indivíduos que se apresentavam como sendo de Canhestros, ainda longe dali. Vinham de uma *botte* qualquer às quatro da manhã e tinham recolhido, um pouco à frente daquele ponto da estrada, uma miúda de dezoito anos que estava manifestamente fora do seu juízo. Chorava, tremia, e afirmava ter morto o namorado, quando este tentava violá-la. Andaram com ela às voltas dentro do carro, para cá e para lá nos caminhos que ligam entre si a distância esparsa dos montes, sem saber que fazer, atordoados pela necessidade de pensar depressa, encontrar uma ideia, até que se decidiram a entregá-la à autoridade. À hora a que o correspondente matraqueava no aparelho cinzento, espavorindo o silêncio ainda adormecido da delegação, a identidade da adolescente era já inequívoca: tratava-se de Maria Vitória Joaquim Formosinho Rosado, filha de Bernardo Formosinho Rosado, dirigente do Centro de Trabalho do Partido Comunista Português de Baleizão, onde a família residia. Ela era estudante do

ensino secundário, frequentava o antigo liceu amarelo de Beja, e, de facto, era frequentemente vista nas discotecas e bares de toda a região em companhia do mecânico. De momento, permanecia detida, enquanto se alertavam os pais e se abria o devido inquérito. Por parte da Base, esperavam-se ainda as reacções; mas estas deviam limitar-se a uma curta e seca nota de pesar. Tratava-se apenas de um modesto funcionário, envolvido numa banalíssima história de amores em desespero. Alberto Contreiras repuxou os cantos da boca no esforço muscular máximo que concedia aos sorrisos.

- É uma história bonita. Faz para aí uns quatro papéis. Também não vale a pena alargares-te muito que quando nós sairmos já os outros hão-de ter revolido o cadáver de alto a baixo, e mais a namorada do cadáver. É pena, por acaso. Tem assim um certo ar de vingança feminina, o braço dos oprimidos erguendo-se do fundo dos séculos, estás a ver? Duplamente válido, por ser uma mulher que mata um homem, e uma portuguesa que mata um alemão... mais ainda, é um civil que mata um militar. E tudo por obra de um desencontro amoroso. Muito interessante. Se houvesse espaço, podíamos pedir um depoimento à Catalina Madeira, que ainda a semana passada fez uma intervenção fabulosa sobre a violência no feminino, no colóquio do Femina Sapiens.

Falava para si próprio mas o estagiário esforçava-se por lhe acompanhar o fio do raciocínio, entendendo naquela exposição, tão ao gosto do orientador, o único ângulo de análise que finalmente o poderia tirar do anonimato, gritando ao público a sua existência. Já toda a gente conhecia a rapariguinha atrevida que assinava Ana Mafalda Guerra. Ele, Joaquim Peixoto, poderia agora juntar-se ao feliz olimpo desses eleitos, com nomes que as recepcionistas dos consultórios médicos reconhecem, se soubesse repetir aquilo que estava a ouvir da voz sempre sussurrante de Alberto Contreiras. A vingança feminina. O braço que vem do fundo dos séculos, fixar, tudo reter sem erro cada preciosa palavra. Se os leitores querem prosas de panascas com psiquiatras a dizer que a culpa é da mãe, vamos dar-lhas todas as semanas, que remédio, dizia o chefe comendo laranjas. E temos que pôr sexo nas nossas páginas, meus senhores. Os leitores estão muito receptivos a estes temas. Ouviste, Quim? Ele não decidira ainda se era pior ser Quim ou ser Peixoto. Peixoto, vais todo roto, gritava-lhe Sebastião Curto da porta da câmara escura, e o estagiário sentia o sorriso irreprimível de Margarida, curvada sobre o *telex* num entrechocar de pulseiras. Agora tudo estava em conseguir arrancar do teclado perro, que lhe fora desenterrado entre as sobras da empresa, a reprodução daqueles delicados conceitos que Alberto Contreiras alinhava com tão displicente facilidade. Os leitores iriam, enfim, reter o seu nome. Viste aquela coisa do Joaquim Peixoto

sobre a miúda de Baleizão que matou o namorado? O braço que vem do fundo os séculos. Dariam, finalmente, pela sua existência. Mas como é que se resume tudo a quatro papéis, mesmo desrespeitando sistematicamente a margem, e até o limite de linhas?

- Bem. Fala para a polícia de Beja, a ver se já se sabe mais alguma coisa. Confirma todos estes dados. A miúda, entretanto, pode ter descido à terra e começado a dizer que não foi ela. Diz aí que o pai é dirigente do Centro de Trabalho do Partido, em Baleizão? Baleizão, é curioso, a terra de Catarina... Muito interessante, toda esta história. Parece que no campo só há vacas, e afinal dorme uma perversidade enorme debaixo daqueles malmequeres. Bem, mas o campo é uma maçada, de qualquer forma. Se quiseses, tenta ligar para o pai dela, mas não sei se vale a pena, por quatro papéis. E o homem, a esta hora, já contou a versão que tem para contar um milhar de vezes, se não me engano. Ouve, podes falar para o *Voz da Planície*, e pedes que te chamem o Teófilo Sampaio. Trabalhei com ele na rádio, em Moçambique. É um chato, mas está sempre informadíssimo sobre tudo o que se passa lá na terra. Isso, fala com o Teófilo. Puxa-me bem pela história.

A perversidade sob os malmequeres, repetia mentalmente! Joaquim Peixoto. No campo não há só vacas. O público estai muito receptivo a estes ternas, meus senhores. Sexo. Ele não estava a tentar violá-la? Ó filho, elas depois dizem sempre que nós estávamos a tentar violá-las, diria Francisco Garção se ali aparecesse. Já lhe ouvira logo de manhã a voz tonitroante pelos corredores, vocês souberam da gaja que abafou lá o alemão? Francisco Garção gozava da fama de ainda saberia mais de técnicas para lidar com mulheres do que Sebastião! Curto. Acabas deputado por Penacova, meu filho, e serás a glória da tua terra, diziam-lhe os outros. Ele parecia não achar a ideia totalmente desinteressante. Àquela hora já devia estar na Assembleia. Caramba, um gajo tem que ter cada vez mais cuidado a escolher as namoradas, dissera junto à máquina do café, arregaçando numa descontração bem arrumada as mangas finas, em cinzento muito suave, da camisa de colarinho branco aberta até meio do peito. Toda a redacção parecia sugestionada pelo caso. Nem um só deixaria de ler o que ele, Joaquim Peixoto, escrevesse.

- Maria Antónia? Bom-dia. Por favor, ligue-me para a polícia de Beja.

- Ai, que chato. Só me sabe pedir coisas dessas nos dias de fecho, já viu? Tome lá uma linha e desenrasque-se.

Ana Mafalda tratava sempre a telefonista por minha querida, e nunca se pudera queixar de uma chamada deixada por fazer ou chegada fora de horas à sua extensão. É preciso saber domesticá-las, Quinho. A menina domestica tudo quanto é vivo, rosnava lá de trás Francisco Garção, insuflando o peito. Hoje

almoça comigo, não seja cruel. Ana Mafalda sacudia o cabelo louro. Maria Antónia piscava-lhe o olho à entrada, com o colar de jade bem acomodado contra a pele fina do pescoço. Mudava todos os meses a tonalidade da madeixa ondulada em diagonal ao longo da testa, cobrindo e descobrindo a sobrancelha direita. O telefone com os olhos verdes mais lindos de Lisboa, diziam os homens que de manhã lhe vinham descarregar sobre a secretária encomendas, rolos de jornais, maços de revistas, envelopes enormes timbrados pela Embaixada da Líbia. Ela passava cuidadosamente pelas unhas pedacinhos de algodão amarelo embebido em acetona. Pintava-as num verniz róseo muito delicado, e lançava olhares reprovadores à saia cor de salmão de Margarida, que tinha uma fivela a fazê-la subir com arrojo de um dos lados. Quando é que cá volta a tua filha, Maria Antónia? Está calado, infeliz, a miudinha não é para o teu dente. Abençoada filha que tal mãe tem, minha senhora. A filha nunca se apresentava na recepção com a mesma mini-saia. Fizera dezassete anos em Março, fitava o mundo por baixo dos caracóis, e elegera de imediato Ana Mafalda para confidente. Todos se rendiam aos encantos da nova estagiária. Maria Antónia usava duas minúsculas argolas de ouro dos lóbulos das orelhas pequeninas. O pechisbeque fazia-lhe alergias. Positivamente, não suportava nem a presença nem a voz de Joaquim Peixoto.

- Desculpe, é da esquadra de Beja? Queria falar com qualquer pessoa que me pudesse dar informações sobre aquele caso de assassínio na estrada de Ferreira, esta noite.

Repetiu quatro vezes os seus propósitos, de extensão em extensão. Estou sim, fala Joaquim Peixoto. Tinham-lhe ensinado a dizer sempre o nome, não fossem do outro lado pensar que o contacto se estabelecera através do pessoal da secretaria. Da revista *Actualidades*, sim, de Lisboa. Não desligue, então, que lhe vou passar o senhor comandante. O comandante fez-se esperar uns bons minutos. Está lá? Mariano Larguinho, faça o favor.

- Estou-lhe a falar de Lisboa, da *Actualidades*. Era para saber se se confirma esta notícia que nos chegou à redacção, de um assassínio na...

- Ó amigo, lá confirmar confirma, mas sempre lhe vou dizendo que desde manhã que não faço senão atender colegas seus procurando pelo mesmo. Estamos tão longe de Lisboa que ninguém se interessa pelos nossos problemas, e só quando lhes dá o cheiro do escândalo é que se lembram de que a gente existe. É ou não é?

Pois é, ia concordando Joaquim Peixoto com a sua voz triste. A esferográfica deixou de repente de escrever, de propósito para lhe atrapalhar os apontamentos. Você não se zangue, homem, que isto é a gente a falar, mas olhe que chega a meter raiva. Mariano Larguinho não tinha ainda muitos dados

adicionais sobre o assunto que lhe pudesse adiantar. A rapariga estava já com os pais mas não tinha parado de chorar, só dizia que ele tinha tentado coisas que ela não queria e que depois não se lembrava de mais nada. Era uma mocinha sem cadastro, gente muito boa, de Baleizão, pois. Os pais estavam varados pelo desgosto. Joaquim Peixoto alegrava-se daquele discurso fluente, cantado como mandam as tradições da planície, certo de que não saberia o que havia de perguntar quando o seu interlocutor se calasse. Não há quem tenha mão nesta malta nova, amigo. Eu sei o que lhe digo, e poucos sabem tão bem como eu, é um desgosto vê-los para aí nessas *boîtes*. Ele é a droga, ele é a prostituição, os pais dão-lhes carros, dão-lhes tudo, ninguém quer saber de trabalhar. Como se condensa o drama da juventude em quatro papéis? Boa tarde, senhor comandante. Muito obrigado. Ora essa, disponha sempre.

Alberto Contreiras fuzilou-o com os seus óculos redondos quando o surpreendeu a passar a limpo, aplicadamente, em letra bonita, as notas sacudidas que tomara durante a chamada telefónica. Era para depois me orientar melhor, gaguejou o estagiário sem convicção, e já o orientador saía da sala pisando a alcatifa com força, que estupidez, que perca de tempo, ainda não percebeste nada do que estás aqui a fazer. Liga mas é para o *Voz da Planície*, que os gajos na montagem já estão a miar que querem fechar a porcaria da página.

- Bom-dia. Ou boa tarde, que a manhã já lá vai. Teófilo Sampaio, ao seu dispor.

O antigo colega de Alberto Contreiras em Moçambique, agora redactor praticamente único do jornal diário *Voz da Planície*, falava baixo, com a entoação desfalecida de quem vai desatar a chorar no momento seguinte. A rapariga era a filha mais nova de um casal deveras estimado em Baleizão, explicou num silabar muito ténue, e toda a gente estava consternada. O rapaz era-lhes vagamente familiar, morava no bairro dos alemães, e sabia-se em Beja que, ao contrário dos outros, falava português com razoável à-vontade, porque tinha uma tia portuguesa. Sim, portuguesa, exactamente daquela região. Da aldeia de São Brissos, que fica numa colina mesmo em frente da Base, e de onde vinha também o motociclista que dera com o corpo atravessado no caminho, na primeira luz da madrugada. Curiosas, todas estas coincidências, não é verdade? É a vida, jovem amigo. Joaquim Peixoto tinha o auscultador entalado em equilíbrio precário entre o ombro e o ouvido, e esforçava-se por tomar notas ao compasso da voz chorosa de Teófilo Sampaio com aquele ar eficiente e rotineiro que via sempre os outros adoptarem em situações semelhantes. Mas o papel recusava-se a manter a imobilidade que lhe seria devida para a boa execução da tarefa, e os riscos terminais das consoantes subiam e desciam sobre o seu fundo branco, numa amálgama que ameaçava vir a ser de difícil interpretação. Os

alemães, sabe, fazem uma vida completamente à parte da nossa. Vivem no seu bairro, têm o seu clube, ocupam as suas mesas nos seus restaurantes que são sempre os mesmos, e ou ficam cá pouco tempo, ou, se se demoram, trazem as mulheres e os filhos. Este modo era realmente uma excepção muito curiosa, fazia de certa forma lembrar o que aconteceu aqui há uns dezassete anos, quando eles apareceram pela primeira vez. A linha assobiava e cacarejara sobre o seu fio de voz.

- Sim, ele, e outro colega, e esta pequena e mais uns moços de cá andavam muitas vezes em grupo. Dizia-se para aí que eles os dois se namoravam, mas isso, realmente, eu não sei. Não se percebe o que é que terá passado pela cabeça da Maria Vitória, coitada. São as drogas, sabe, e a vida que estes jovens agora fazem. Estamos todos muito desgostosos, meu amigo.

Uma boa dezena de papéis voou em pedaços para o cesto dei Joaquim Peixoto, na procura aflita de um relato que coubesse em quatro folhinhas impiedosamente delimitadas, a perversidade sob os malmequeres. Escrever aquilo tudo, terra de Catarina, o braço que se levanta do fundo dos séculos, este» jovens de agora, meu amigo, ele é a droga, ele é a prostituir cão, vamos nós saindo por essas discotecas onde dantes *saí* dizia por esses campos fora. Alberto Contreiras passou-lhe da imediato um traço grosso de marcador preto sobre o título era o que faltava, morte na estrada. Que piroso. A notícia saiu no dia seguinte, minúscula, desaparecida entre a esposa dai presidente no infantário e a pasta de papel alçando finalmente o país à dimensão da Europa, no dizer do presidente do conselho de administração da fábrica. Estudante de Baleizão mata namorado. O olimpo das assinaturas imediatamente reconhecidas afastava-se vogando para longe da secretária de Joaquim Peixoto, enquanto Francisco Garção fazia estalar pedra do seu isqueiro lacado.

- Ó Quim, hã? Uma fera, esta camponesa. A ver se assim os alemães deixam em paz as nossas miúdas, para haver espaço de manobra para o produto nacional. A garota, sem querer, ainda prestou um bom serviço à causa do homem português.

A cidade estava enterrada no peso doentio do calor. Pela gabinete do chefe pairava o rasto denso das laranjas, entra vagas cor-de-rosa de papel do *telex* amarrotado pelos cantos em bolas largas. Ele tinha um pé descalço em cima da secretária, os cabelos grisalhos colados às têmporas húmidas. Joaquim Peixoto não sabia que esperar daquela solicitação tão pouco usual para transpor a porta de vidro e se sentar ali ai frente, na cadeira de molas gastas.

- Jovem camarada e amigo.

O chefe nunca olhava de frente para as pessoas. Estava aparentemente muito interessado nas evoluções dos pardais numa das árvores ralas da praceta, do outro lado da janela.

- Meu querido, nós ontem, com a confusão toda do fecho, nem nos apercebemos bem da importância desta notícia que tu fizeste sobre a miúda que matou o namorado. Os jornais daqui vão-se ficar pela rama, e, se a imprensa regional der mais algum desenvolvimento ao caso, é muito provável que não o apanhem pelo lado mais giro. Eh pá, quem é esta miúda? Que relação tem uma adolescente alentejana com um mecânico militar alemão? Esta história tem tudo, tem sexo, tem crime, e se calhar até tem política, isso é o que tu vais saber. É um bombom que te estamos a dar, Quim. Vais amanhã para Beja pescar o que ainda não tiver vindo à rede.

Ãh, lançou-lhe Francisco Garção quando ele voltava à sala, ainda atordado pela brusca responsabilidade de que assim o cometiam. Uma reportagem de prestígio, seu vaidoso. Quatro dias para andar a cheirar, luxo raro, meu menino. O chefe resolveu apostar em si. Joaquim Peixoto pensara ir nessa tarde comprar bilhete para o correio da noite e atravessar o Sul ao ritmo demorado do comboio. Desceria na estação de Albufeira quando estivesse a despontar o sol de sábado, ensonado e dorido, mas Ana Mafalda levantava-se tarde. Ainda tinha tempo para se ir estender na praia, a procurar iludir num início de bronzeado a tristeza amarelada da pele. Agora Margarida reservava-lhe um quarto na Residencial Seara, e ele não tinha coragem de dizer fosse o que fosse. Francisco Garção afirmava tratar-se de um trabalho de prestígio. Sebastião Curto também ia. Já lhe estava a contar a história de uma gorda oxigenada que conhecera em tempos ao balcão de uma casa de doces regionais. Havemos de lá ir, aquilo chega para os dois. Joaquim Peixoto tinha vontade de chorar, não queria partir para Beja, não queria ser jornalista, queria apanhar o correio da noite e poder receber de longe o desprezo esplendoroso de Ana Mafalda.

- Eu é que guio a carrinha, não é? Vou ser o motorista do menino, que nem sequer tem carta. Já te aviso de que não saio mais cedo do que as dez. A escravatura acabou há muito tempo, e além disso hoje ainda tenho aí uma namorada para Despir, antes de ir para casa. Beijocas. Não te esqueças de levar o pijama. Os homens nus perturbam-me.

Sebastião Curto viera todo o caminho a contar histórias tresloucadas da guerra, o céu desfazia-se de mansinho sobre o, asfalto molhado. Conheces

aquela do homem que pergunta ao alentejano amigo, para onde vai esta estrada, e o alentejano responde a estrada não vai para lado nenhum que faz aqui muita falta, homem? Ah ah ah. Joaquim Peixoto levava no bolso uma lista comprida de contactos, era contactos que se dizia. De preferência com o ar desprendido de quem não tem nenhuma dificuldade em estabelecê-los. Ele tinha. Detestava falar com as pessoas. Achava-lhes sempre o condão irritante de dissertarem sobre tudo menos o que lhes fora perguntado, tecendo longas considerações sobre temas que lhe eram indiferentes, ou, e isso ainda era pior, avançando as piscadelas de olho cúmplices de quem sabe perfeitamente o que está por detrás do que aparentemente está em causa, misteriosas entrelinhas e jogadas. Sabiam mais do que ele, que não via entrelinhas em lado nenhum. Só queria voltar depressa para a redacção com as informações que lhe tinham pedido que fosse buscar. Mas havia uns que exigiam que almoçasse. Outros mostravam-lhe as instalações, horas a fio, um tédio sem explicação. Muitos pediam-lhe esclarecimentos sobre as complicadas tramas políticas do momento. E quase todos, mas quase todos, lhe davam conselhos detalhados sobre a melhor forma de orientar as investigações e redigir as notícias. Toda a gente sabe como se faz jornalismo, fenómeno curioso. Ele, Joaquim Peixoto, parecia ser o único a não saber.

- Ouve lá, a gente vem saber o quê, ao certo? Um pincel, de qualquer maneira. Falamos com meia dúzia de gajos, e depois pomo-nos à vontade. Ainda vai dar para uns almoços bem regados, umas noitadas... Eh, pá, mas em Beja, que neura. Não deve haver nada para fazer em Beja. Ah? Não vamos trabalhar muito, pois não? Para quê? Se eles venderem mais mil exemplares com esta história, não é no nosso bolso que vai cantar, pois não?

Beja parecia inacreditavelmente inóspita sob a chuva. A Residencial Seara estava alcatifada a verde-escuro na entrada, tinha elevador ligando-lhe os quatro andares, e televisão a cores nos quartos com colchas castanhas nas camas. Nas estampas emolduradas que pintalgavam as paredes, grupos de ceifeiras disciplinavam os trigais em pilhas geométricas de espigas cortadas, subindo contra céus muito azuis. Enquanto Sebastião Curto cantava no duche, Teófilo Sampaio disse ao telefone, no seu fio de voz desmaiado, que estava pronto a recebê-los em casa, no Largo do Carmo. Vão conceder-me o vosso perdão, que é poiso de gente modesta, já estava a murmurar ao mesmo tempo que abria a porta. Era um sujeito tão apagado como a sua voz, baixo, magro, quase careca, a pele do pescoço descendo numa curva mole sobre o colarinho duro da camisa amarrotada, talvez pelo calor húmido do dia. Uma pessoa sem idade, pensou Joaquim Peixoto. Se calhar um homem marcado pela vida, quase de certeza sem família. Desculpem-me, mas tenho que ser eu a fazer-lhes as

honras da casa, porque aos sábados e domingos a rapariga que me toma conta disto vai para a terra dela, soprava agora aquela voz, a confirmar-lhe as suposições.

O redator do *Voz da Planície* tinha-os guiado por um corredor sombrio, cujo chão se adivinhava forrado a oleado escuro, e onde flutuava um odor estranho a armários fechados. A sala tinha livros em pilhas contra as quatro paredes, prateleiras transbordantes, folhas de apontamentos e papéis rabiscados fugindo de entre as lombadas. Inesperado naquele fim de Agosto, o frio refugiara-se lá dentro, atormentando-lhes os pés sobre a manta estendida no soalho. As cadeiras tinham fundo de palha, num toque vagamente folclórico cuja associação com toda a papelada em montes anárquicos dificilmente se conseguiria compreender. Teófilo Sampaio abotoou sobre o ventre sumido um casaco castanho de malha, reforçado a napa nos cotovelos, e puxou as calças para cima quando se acomodou no assento com um ranger pronunciado das articulações.

- Então em que lhes posso ser útil?

Joaquim Peixoto tinha já o bloco de apontamentos pronto a registar toda a verdade sobre o estranho caso de Maria Vitória, bruscamente encorajado pela tristeza tímida do outro que parecia quase apagar a sua própria insignificância. Assim se amparam entre si os infelizes. Conte-nos tudo o que sabeis sobre aquele assassinio de anteontem, Teófilo Sampaio.

- Mas o meu amigo ainda não ouviu dizer? Afinal não foi um assassinio.

Sebastião Curto revolveu-se na cadeira, impaciente, aí o caraças. Vem um gajo feito parvo de Lisboa para isto, andamos a brincar ou quê?

- Não foi um assassinio?

- Não, não. Bem, depois o meu amigo fala com o comandante Mariano, que lhe pode dar mais pormenores técnicos» mas é evidente que a pequena entrou em transe e invento» aquela história de ter sido ela a matar o namorado.

- Eles sempre eram namorados, então?

- Eram, mas já lhe vou dar o contacto de uma pessoa que a esse respeito, lhe pode ser muito mais útil que eu. A tia dela, a Bárbara Emília Frutuoso, que é dactilógrafa no Centro de Saúde ali na Cuba, muito boa rapariga. Está casada com um delegado de propaganda médica, um rapaz daqui que lhe dá uma vida descansada, mas também é certo que deixa quase sempre sozinha, coitada. Eu digo-lhe várias vezes, ó Augusto, olha que é assim que elas se arranjam, depois não te espantes, compreende-me? Uma rapariga nova, sempre ali em casa...

- Pois, pois. E a Maria Vitória? Acha que se pode falar com ela?

- O meu amigo experimenta contactar com o pai, o Bernardo Formosinho. É uma pessoa notável, mesmo se é dirigente do Partido, e eu digo-lhe já, não

sou do Partido. Mas sou um homem de esquerda. Aqui, sabe, é muito difícil ser de esquerda e não ser do Partido, compreende-me?

- Ah, sim, mas acha que o pai dela fala comigo?

- É mais fácil ele falar consigo do que deixá-lo falar com ai filha. Compreende, mandaram a pequena para qualquer sítio, onde está ao abrigo das conversas e dos olhares, porque é claro que agora durante não sei quanto tempo não se vai pensar noutra coisa. Há muito poucos centros de interesse alternativos, não é? E também há pouca fé, sabe, pouca alegria cada vez menos. Vê-se o desemprego aumentando, o abandono que vai aí por essas herdades... são os cantores que deixam de vir regularmente cantar às cooperativas, porque já não há cantores, ou já não há cooperativas, ou já não há solidariedade, não sei... Olhe, lá em Baleizão, de onde é essa moça, muitas mercearias deixaram de vender fiado. Você entende, não entende, o que tudo isto quer dizer? É a alma, meu amigo, é a razão de ser de toda uma existência que se vai. Este Inverno, estou-lhe eu dizendo, fizeram-se aí outra vez procissões para pedir chuva. Outra vez pedindo a Deus, descrendo dos homens. Então, já se sabe, o pessoal anda desmobilizado, sem ter em que acreditar. Compreende-me? Enquanto falarem da Maria Vitória, estão entretidos, não estão empreendendo na vida.

- Pois, claro, é evidente. Mas então, afinal não foi ela que matou o alemão?

- Não senhor, não foi. A polícia já divulgou um comunicado explicando tudo. Foram a ver, e a história da pequena não tinha pés para andar. Parece que demonstraram que era impossível ela ter amarrado a cabeça do moço, sem ele se ter defendido, sem reagir, sem se conseguir libertar de qualquer forma, não é?

Sebastião Curto revolvía-se na cadeira de fundo de palha com uma má disposição crescente.

- O Dr. Sampaio desculpe, mas isso nem era preciso demonstrar! Claro que o alemão não se ia deixar intoxicar como os desgraçados que os pais dele mataram em Auschwitz, assim, sem um protesto, a menos que quisesse mesmo morrer! Mas Podia já estar inconsciente quando lhe amarraram a cabeça ao tubo. Foi o que toda a gente pensou, de resto. E isso, desculpe lá, mas a miúda podia ter feito nas calmas.

A voz de Teófilo Sampaio fizera-se ainda mais consumida.

- Pois, os meus amigos vão fazer a fineza de esclarecer tudo com o Larguinho, que ele é que está mesmo dentro desse lado da questão, não é? O caso já foi dado como encerrado. O moço devia andar metido numa dessas redes de contrabando, porque foi visto várias vezes num dos bares de Baleizão que servia de armazém, chamado O Toupeira. Lá falhou nalguma coisa a que se tinha comprometido, e então eles fizeram-me a tal espera para se vingarem. A

pequena, com o susto, deve ter perdido a cabeça e entrou naquela cisma de que tinha sido ela a matá-lo. Se calha obrigaram-na a assistir, coitadinha. Viu os outros a matarem-no e caiu em estado de choque, pronto. Mas vai descansar, e há-de ficar bem novamente.

Sebastião Curto dava agora saltinhos sobre a palha entrançada.

- Ó Dr. Sampaio! com o devido respeito, essa história que não tem pés para andar. Então se o gajo namorava com uma gaja de Baleizão não era normal que fosse ao bar da terra? Não me diga que todos os que lá iam tomar copos estava feitos com a rede de contrabando? E que é isto, até parece que estamos em Palermo, um bando que se vinga por homicídio a meio da noite? Um bando que ninguém sabe ao certo se existe? E ficam-se, caraças, ficam-se com uma história dessas? Depois de a gaja ter dito aos outros dois gajos que foi ela que matou o gajo? E não repetiu isso na esquadra? Não ditou para o parceiro que está sentado à máquina de escrever? Não assinou? Então e esse chefe Larguinho não disse pessoalmente, pelo telefone, aqui ao Quim, que era verdade que ele o tinha morto? Queim, caraças, disse ou não disse? Querem fazer de um gajo parvo?

Quando se empolgava, todo o verniz de contenção com que pudesse ter tentado polir o seu discurso começava a estalar a uma velocidade aflitiva. Teófilo Sampaio não tinha, manifestamente, nem o hábito nem o prazer do convívio com propósitos sustentados de forma tão inflamada. Já estava muito direito contra o espaldar alto da cadeira, ainda mais contraído, as mãos torcidas uma sobre a outra acompanhando-lhe a crispação dos lábios.

- Pois, os meus amigos terão que analisar esses aspecto com o Larguinho. Eu só queria dizer que a situação do contrabando, aqui, na nossa terra, não é tão insignificante como parecem pensar. Baleizão era a sede de um grupo que se dedicava só à revenda, exactamente a partir do Toupeira, que agora está fechado, de garrafas de uísque, caixas de charuto e cigarros espanhóis, furtados nos Armazéns Folgados, daqui de Beja, através de dois moços também de Baleizão que trabalhavam lá dentro. Por acaso esse grupo foi desmantelado, prenderam o dono do bar, que era o chefe, e mais meia dúzia de implicados, mas bem vêem quantos terão ficado de fora e continuam ainda operando? De onde vêm as denúncias? Nunca se sabe ao certo como são estas coisas, nem até onde vão os envolvimento. Compreendem-me? Só que o número de pessoas que se ligam a essas actividades, aqui na região, não tem parado de crescer. Sabem o que é, há muita gente com fome, muito desemprego, assim problemas humanos impressionantes. Sente-se, eu sinto, uma certa raiva fermentando no fundo de tudo isto. Para onde vamos? Que nos espera? Que será da nossa terra?

Que foi que lhe aconteceu, se já nada do que sempre, desde sempre, nos veio guiando, parece agora fazer sentido? E os jovens...

O homem é chato como uma noite com a sogra, imaginou Joaquim Peixoto que Sebastião Curto havia de rosnar assim que se apanhassem fora daquela sala fria, mergulhada na penumbra, repassada de uma humidade triste como o seu proprietário. Sentia-lhe a agitação, do lado esquerdo, mas ao mesmo tempo recordava os olhos vagos de Alberto Contreiras. A perversidade que dorme sob os malmequeres. Teófilo Sampaio parecia estar agora a desenterrá-la de corpo inteiro, com a violenta imposição dos lugares comuns, só para a esferográfica já usada do estagiário.

- Os jovens não são felizes, Dr. Sampaio?

Sebastião Curto, impaciente, enfiou os dedos nodosos nos escassos cabelos que lhe restavam. O redactor do *Voz da Planície* inclinou suavemente a cabeça para tornar ainda mais evidente o seu desgosto.

- Os jovens, meu amigo, a gente sabe lá o que é que ali vai. Encostam-se às paredes, e pronto. Não estudam, não trabalham. Põem-se naqueles bandos, sem iniciativa, sem alegria. A gente compreende algumas coisas, que é difícil arranjar emprego, e tudo isso de que se está sempre falando, mas não chega para explicar. Não querem fazer nada. Não sei o que é que lhes interessa. Ficam vivendo à custa dos pais, homens e mulheres feitos, vegetando, deixando passar o tempo, pedindo dinheiro, cada vez mais dinheiro... compram carros novos, vão para as discotecas, não passam de ano. E votam sempre na direita. O meu amigo se calha está pensando que eu sou muito reaccionário, mas garanto-lhe que sempre fui um homem de espírito aberto. Sempre procurei compreender e acompanhar os fenómenos do ma tempo. Só que isto já não me parece compreensível.

Foi o fotógrafo quem primeiro se pôs em pé, a olhar explicitamente para o relógio, obrigando Joaquim Peixoto a abrir outra página do bloco para que Teófilo Sampaio lhe indicasse por favor alguns contactos. Diz-se contactos. O estagiário sentia-se extremamente inseguro, pressentindo-se risível, ao pronunciar terminologias da gíria. Teófilo Sampaio insistia para que falai sem com o chefe Larguinho. Passem pela esquadra que ele vos recebe. É um homem cordial. E o pai da pequena, se ele quis falar, é um contacto importante. O pobre homem passou por aqui ontem e estava muito chocado, como calculam. Em qualquer altura o encontram no Centro de Trabalho, em Baleizão. Depois se precisarem de mais alguma coisa estou às vossas ordens. Mas agora Teófilo Sampaio ia ao fundo do corredor, onde o telefone estava pousado sobre uma prateleira de madeira tosca sugerindo vagamente a rugosidade da cortiça, saber se a tal dactilógrafa do Centro de Saúde da Cuba estaria em casa ao fim tarde,

na disponibilidade de aí os receber. Ouviram-no pigarrear no escuro entre farrapos indistintos das suas frases brandas, enquanto Sebastião Curto fazia caretas e simulava pontapear a mobília díspar da saleta.

- A Bárbara Emília diz que podem aparecer a partir daí cinco. Ela mora na Rua da Restauração, depois é só perguntarem pela casa do Augusto. Vai gostar de vos ver, coitadonha. Sempre com o marido fora, uma moça daquelas, ali sozinha... E nunca mais arranja um gaiato, que sempre era outra estabilidade, não é? Os casais, agora, não querem ter filhos. Enfim, os meus amigos vão ter que desculpar este velho falador. Decerto que vos macei muito.

A porta já se tinha descerrado sobre a claridade reconfortante da rua, deixando passar a primeira réstia de ar fresco para a sonolência do corredor, quando Teófilo Sampaio se lembrou de dizer, com um pé a travar o movimento dos gonços, que achara por bem telefonar igualmente ao chefe Larguinho, não fosse ele ausentar-se nessa tarde da cidade. Se quisessem passar já de seguida pelo Restaurante O Rebanho, no Largo da Conceição, estavam convidados para almoçar, e poderiam esclarecer tranquilamente todas as dúvidas quanto a aspectos menos claros daquele caso. Os seus dedos muito frios agarraram de leve o cotovelo arrepiado de Joaquim Peixoto.

- E quando puder, meu amigo, não deixe de passar pelo Centro Comercial do Carmo, aqui mesmo em frente da minha casa. Vá vê-los, meu amigo, vá vê-los. Param ali aos bandos, como os estorninhos, naqueles cafés, de roda daquelas montras. Faltam às aulas, não estão em lado nenhum, estão ali sem fazer nada o dia inteiro, toda a noite, se for preciso. Fumam droga, bebem cerveja, é nisso que eles passam o tempo, os nossos jovens. Boa sorte, meus amigos, disponham sempre.

Joaquim Peixoto não sentia a menor atracção pelos prazeres da mesa. Comer sempre lhe aparecera como um acto de subsistência tão desinteressante como lavar os dentes, coisa para resolver num mínimo de minutos mediante *hamburgers* e ovos estrelados. Imaginara com discreto prazer, enquanto anotava pedaços dispersos do pensamento sofrido de Teófilo Sampaio, o balcão alto de uma qualquer cervejaria, onde se pudesse ir encostar assim que saísse do desconforto daquela sala, para roçar o dedo com demora pelo vidro frio da imperial com que acompanharia o cachorro. Pensara em comprimir devagar o tubo amarelo da mostarda, que haveria certamente de estar abastardada com água e correr muito líquida sobre as salsichas, entre cascas de pevides e copos cheios de guardanapos de papel, num anonimato familiar em que por instantes pudesse estar completamente sozinho, quase adormecido, mexendo a bica sem pressa enquanto aspirava os vapores reconfortantes da cafeína. Um chefe da polícia num grande restaurante, que inevitavelmente teria na ementa carne de

porco à alentejana e açorda de coentros, pimentão, gordura, cheiro a fritos, era o que menos no mundo lhe apetecia. Odiava coentros. Sebastião Curto travou a carrinha com aparato, a assustar de tangente uma morena de óculos largos, com aros de massa azul, que comia um gelado na esquina com total indiferença à persistência da chuva.

- Ali é que trabalhava aquele minha amiga de que te falei, Quim. Mas agora só lá vejo um gajo dentro, deve ser o dono. podemos entrar de qualquer maneira, a seguir ao almoço. Os doces são bons. Ainda vou levar uma caixa para a minha mulher, a ver se lhe adoço a boca.

O Restaurante O Rebanho tinha três arcadas em frente da porta de dois batentes, com vidros foscos a partir de metade da sua altura. Entalava-se entre os doces regionais da Casa Lanche, os móveis Pax Julia, e o Ferreira Fotógrafo, abrindo para duas salas contíguas, de toalhas de pano branco nas mesas e cal rugosa nas paredes. Ao fundo sobressaía um imenso quadro em que pastavam ovelhas debaixo de sobreiros, sob vigilância atenta do cão amarelo enroscado no canto onde também figurava a assinatura do autor. Havia jarros com vinho distribuídos irregularmente pelos tectos, e copinhos de plástico com cravos raiados de vermelho. Uma emissão de rádio, estrídula, aparentemente mal sintonizada, parecia estar naquele instante a captar todas as atenções.

- O Larguinho é aquele da ponta, Quim. Podemos apostar um copo em Lisboa. Os cães dos polícias têm qualquer coisa que me faz cheirá-los à distância. Olha só, vês, já *nos* está a dizer adeus, o menino. O meu faro não me engana.

O estagiário nunca conseguiria perceber que misterioso instinto, ou que sábia experiência, guiava a segurança do seu colega. Mariano Larguinho não usava óculos escuros, não fumava charuto, nada de particularmente sinistro lhe reluzia por trás do sorriso. E não estava fardado, claro. Era antes um homem robusto de cinquenta anos, bem escanhado e consideravelmente fornecido de cabelos brancos, em tudo incaracterístico e sem dúvida simpático na primeira abordagem. Tinha levado à boca uma azeitona, e revolvía-lhe o caroço entre as bochechas quando os convidou a sentarem-se.

- Apanharam chuva, não foi? Está um dia, meus amigos! que não sei se vos diga se vos conte. Dá vontade de um indivíduo voltar mas é para Lisboa, mais depressa que de repente. É ou não é? Ora eu aconselho-vos o lombo de porco, que está hoje uma verdadeira especialidade, ao que me disseram, E

acompanha com salada, uma coisa que vocês por lá gostam sempre de comer. Eu não, que não sou grilo. Mas fico vendo vocês a comerem-na.

Era na salada que se escondiam os coentros, incontáveis, picadinhos, impossíveis de despistar ou de chegar discretamente para o lado com os dentes do garfo. Joaquim Peixoto mastigava com sacrifício, ouvindo o chefe da polícia discorrer generosamente sobre o tema da indiferença que a capital vota a todo o país, que já ao telefone evidenciara ser-lhe grato. Agora enriquecia-o com considerações específicas sobre o Alentejo, na sua opinião a mais castigada vítima desta mentalidade, por uma questão de preconceitos e de falta de atractivos turísticos, ou de indústrias de mobílias como as do Norte. Assim se vai despovoando a terra sem que ninguém lhe valha, todos querem abalar, meus amigos. A emissão de rádio abafava-lhe por vezes as palavras com as harmonias rijas de coros masculinos, minha mãe ó minha mãe, ó minha leal velhinha. O locutor explicava repetidamente tratar-se da emissão experimental de uma nova rádio pirata, de seu nome Rádio Pax, emitindo a partir do Centro Comercial do Carmo. Estava no ar o programa Clube dos Ouvintes, com discos pedidos, e pelos vistos toda a população de Beja desejava escutar apenas os cantos tradicionais da sua própria terra. Nada daquilo parecia a Joaquim Peixoto fazer sentido, um pouco como as anedotas que Sebastião Curto ia fazendo desfilar para gáudio do chefe da polícia, ao mesmo tempo que amassava o pão em bolinhas. Sabia que só à sobremesa, ou mesmo depois do café, é que se começa a falar do assunto que presidiu à ocorrência de um almoço de trabalho. Mas agora era também o sono que lhe vinha atormentar a paciência da espera, a atmosfera pesada da sala, a cadeira muito dura, os restos de salada no fundo da taça, salpicados de azeite e das inefáveis manchas mais escuras dos coentros. E a gritaria da Rádio Pax, a transmitir em emissão pirata a partir do Centro Comercial do Carmo. Zumbiam-lhe vagamente os ouvidos.

- Bem, senhor comandante.

- Homem, trate-me por Larguinho.

Era difícil tratar uma pessoa por Larguinho e manter na conversa um mínimo vestígio de seriedade.

- Estivemos a falar com o Dr. Teófilo Sampaio, e ele disse-nos que tinham chegado à conclusão de que afinal não foi a Maria Vitória quem matou o mecânico alemão.

- Pois não, meu amigo. Essa história não tinha pés para andar. Como é que a miúda, se a vissem, tão franganita, podia ter arrastado o rapaz, que era um matulão de respeito para debaixo do tubo de escape? E depois como é que amarrava aquele blusão à cabeça, sem ele se defender, sem arrancar logo a seguir?

O estagiário retivera os argumentos de Sebastião Curto perante a exposição, exactamente idêntica, do jornalista do *Voz da Planície*.

- Mas ela podia tê-lo agredido primeiro, não era? Se ele estava realmente a tentar violá-la, quer dizer...

- Ó meu amigo, isso você vá por mim que eu já podia ser seu pai, elas depois dizem sempre que a gente estava tentando violá-las. Hoje em dia os jovens fazem para aí meninos em qualquer lado, de qualquer jeito, mais depressa que de repente, agora é que ela se ia importar por o moço querer lá a tal coisa? Então não vão acampar todos juntos naquelas tendas, a gente chega a Milfontes, ou a Porto Covo, e é vê-los todos misturados, quem é que quer saber? Não andam nas *boîtes* dançando todos agarradinhos, até parece que resolvem a coisa com roupa e tudo? Porque é que ela não ia querer o serviço? Fazem tudo debaixo dos olhos da gente! Fazem oito com pernas de nozes, e já ninguém se importa, os pais já nem são senhores de dizer nada, que ainda podem ouvir das boas. Eu é que não queria ser pai de uma moça nova. Só tenho moços, felizmente. Aquela Maria Vitória, isto é a gente a falar mas tem sido um desgosto para o meu amigo Bernardo, a gente só a via era à noite nas ruas com uns grandes bandos de moços e moças, íamos a esses bares, a essas festas, e lá estava ela, e mais o alemão...

- Eles namoravam-se mesmo, portanto?

- Eu sei lá, homem, eu acho que agora ninguém se na mora, pois é certo que ela não podia estar com ideias de casa com o moço, é ou não é? Ele de qualquer jeito chegava a pontos que acabava o tempo que aqui tinha que estar, e ia à vida ou não iria? Homens como o tio, que se casou com um moço de São Brissos, já cá não aparecem em Beja. Só ao princípio é que havia disso, eu ainda me lembro. Eram as moças todas malucas de roda dos alemães, e ainda se chegou a fazer algum convívio. Mas acabou tudo, eles têm a vida deles, a gente tem a nossa, prontos. Por isso é que eu digo, uma moça que se chegue aos alemães não pode andar com ideias de coisa séria. E esta, a Maria Vitória, até fumava essas drogas, pois fumava, a gente parece que andamos dormindo, dizem que não sabem para que é que serve a polícia, mas nós temos a coisa controlada, pensa que não temos? A pequena fumava drogas, e não era pouco, meu amigo. Só andava por sítios onde as moças não devem andar. Um desgosto para o pai, coitado do Bernardo. Ele chegava-lhe boas surras, mas isto meu amigo, parece que é o demónio que se mete dentro delas. Sabe-se lá o que é que lhes dá, mocinha dum cabresto, ficam tontas, esparvoadas. O que eu tenho visto para aí, nesses lugares onde se juntam todos, deixe-me cá. Nem sei a quem é que ela saiu assim. Tem uma irmã, a Vi, que está muito bem casada em Almada,

trabalha numa perfumaria... Uma rica moça, não desfazendo. Dessas que dão alegria a um pai. Agora esta...

- Mas, de qualquer maneira, senhor comandante, voltando à nossa conversa, ela podia ter agredido primeiro o namorado, antes de o pôr debaixo do tubo de escape. Podiam ter lutado, não sei...

- Homem, você oiça o que eu lhe digo, ele lutou mas foi com algum desses bandos de contrabandistas que andam para aí a dar-nos trabalho, e são cada vez mais os que se metem nisso. Vou explicar tudo o que aconteceu. Vinham os dois no carro dele...

- Qual era o carro?

- Um *Escort* vermelho, destes que se fazem agora. Novinho. Os alemães tratam-se bem, não é? Eu tenho andado aflito para pagar as prestações de um carrito que comprei, uma coisa de nada... Mas isto é importante, o carro dele?

Devia ser, pensou Joaquim Peixoto. Alberto Contreiras ainda era capaz de decidir, lendo o seu primeiro rascunho da reportagem, que tudo ali era um tédio medonho à excepção da marca do carro onde se revelara, à crua luz da madrugada, toda a perversidade que dorme sob os malmequeres. Tomou nota.

- Bem, então eles vinham do Cavalo Branco, em Ferreira, às quatro da manhã. Parece que ela tinha dito aos pais que ia dormir a casa de uma meia-tia que tem em Cuba, a mulher do Augusto, uma moça de estalo, digo-vos eu. E, realmente, esteve lá até cerca das onze da noite, pelo que nos disse essa senhora, a Bárbara Emília. Mas depois saiu. Tanto quanto sabemos, fazia isto muitas vezes. Estava sempre metida em casa da tia, a quem fazia todas as queixas do desgraçado do pai, que se mata ali trabalhando em cima do tractor para pagar os estudos às filhas. Bem, da outra, da Vi, não tem razão de queixa. Esta é que ficou com quanto houvesse de mau na família. Dizia aos pais que ia dormir à Cuba, para fazer companhia à tia, que está muitas vezes sozinha porque o Augusta é delegado de propaganda médica...

- O Dr. Sampaio já nos falou nisso.

Preferia não ter que ouvir outra vez todas aquelas especulações sobre o que é que podia acontecer quando uma mulher fabulosa, na força da idade, se bem compreendia o linguajar daqueles homens que cantavam as palavras e pareciam reger-se por raciocínios que lhe eram estrangeiros, fica sistematicamente sozinha, longe dos olhos protectores do marido. Dos olhos e de outros confortos que ele lhe pudesse trazer. Começava a imaginar Bárbara Emília como uma espécie de ventosa gigantesca, horivelmente ávida, e a imagem parecia-lhe não poder ser mais confrangedora. Odiava as mulheres. Amava Ana Mafalda, que estava na Praia da Falésia a evidenciar bem o contorno ágil da silhueta num jogo de *beach ball*.

- Bem, ela andava sempre enganando o pai deste jeito. Chegava a casa da tia, ficava ali conversando, e a dada hora ia lá ter com os amigos, para aquelas vidas. Se calha o pai sabia, alguém que a visse não deixava de o avisar, e nessa altura a moça pagava bem pela asneira. Noutras vezes a coisa há-de ter passado sem ser notada, e pronto. Na quinta-feira ela foi da Rua da Restauração para o Queen's Bar, que também lá fica na Cuba. Esteve fechado uns tempos, porque fizeram uma denúncia de que havia lá droga. Encontrámos uma data de haxixe na cave, e também se soube de vários casos de prostituição que por lá se praticavam, a casa fechou. Nessa altura chamava-se Dallas, e até lhe vou dizer uma coisa que é capaz de ser interessante aí para a reportagem que está fazendo: o dono desse Dallas, que agora está preso, também era co-proprietário de um bar que havia em Baleizão, o Toupeira, onde se guardava contrabando para depois espalhar aí pelas praias, e para o Algarve. Onde é que eu ia? Ah, depois o Serginho Fidalgo, um mocito que assistia aqui nas bombas de gasolina, ao pé da escola do ciclo, pagou o trespasse da casa e montou-a então muito bem, até abrem de tarde e servem chá. À noite funciona de bar mas agora é um sítio sério, com boa música. Um homem consegue conversar, não é como nessas discotecas, que é só aquela serralharia aos berros, uma porcaria dos granitos, com vossa licença. Puseram-lhe o Queen's Bar, e para lá é que ela foi, mais uns amigos que a passaram a buscar, dois moços de Beja e uma moça da Cuba. Hão-de lá ter estado até cerca da meia-noite, e então é que entrou o alemão, com outro camarada dele, também da Base. Você pode falar com o dono do bar, que lhe conta melhor que eu esta parte, mas parece que ele vinha maldispuesto, e saíram logo todos. Foram direitos para a *boîte* de Ferreira, e um agente nosso que lá estava, à civil, porque também recebemos uma denúncia daquela espelunca, até os viu. Ela diz que esteve encostada num canto toda a noite, depois o nosso agente tirou-a para dançar, a seguir o alemão foi buscá-la. Não se sabe para onde foram, mas voltaram daí a meia hora. Agora diga-me lá se é preciso muito para perceber o que é que estiveram fazendo? Já vê, essa coisa da violação não tem ponta por onde se lhe pegue. Ela continuou bebendo e fumando, até que começou a dançar com outro qualquer, e assim esteve o resto do tempo. Às tantas ele puxou-a por um braço e saíram os dois. Eram quase quatro da manhã.

Os olhos de Sebastião Curto brilhavam de malícia. Aquelas histórias de desejos e violências, música a entontecer com o piscar das luzes, charros, beijos, que deixavam Joaquim Peixoto visivelmente incomodado, para ele pareciam até constituir motivo de agrado. Talvez achasse que afinal existia em Beja alguma coisa minimamente interessante.

- Estou a ver que é fresca, essa Vitória, ah, ó chefe? Já se Preparava para aplicar a banhada no alemão depois de lhe ter dado uma voltinha nas traseiras! Caramba, Adelaide. Que bem que se está no campo, ouviste ó Quim?

Joaquim Peixoto odiava-as a todas, essas Bárbaras, essas Vitórias, todas de cabeça perdida, pelos vistos, debaixo da aparência seráfica dos malmequeres. O campo é mais que uma maçada, Alberto Contreiras. É um enjoo. Amo Ana Malfalda, de fato de banho cruzado nas costas, aos gritinhos dentro de água.

Mas diga-me lá, senhor comandante, quando eles safaram da *boite* vinham portanto a discutir, não é? Nessas circunstâncias, ele podia realmente ter tentado violá-la.

- Homem, você gosta desta ideia, já estou vendo. Descanse que a sua namorada ainda há-de um dia dizer à mãe que era você que a estava violando. Ou então diz que você era um sapo que ela encontrou na praia, e depois no coiso e tal é que se transformou num moço. Não se zangue, ouviu, que isto é gente a falar. Pois sempre lhe digo que não senhor. Não senhor, não foi nada disso que aconteceu. A partir da forma como achámos o carro, das impressões digitais todas que estavam lá dentro, do jeito como os assentos se achavam revolvidos, e das ligações que se conheciam ao alemão, posso-lha dizer que foi assim: andaram aí uns oito quilómetros depois da *boite*, e vinham devagar, deviam estar tão preparados que até lhes custava atinar com o caminho. Nessa altura, a estrada faz ali uma curvinha, não é? Ai você naturalmente não conhece, pois. Faz uma curvinha, e há assim umas árvores muita juntas, aquilo até é perigoso, porque fica no meio um troço em que não se vê nada, de nenhum dos lados. Aí é que eles estavam, os do bando. Deviam ser uns quatro. Havia muitas impressões digitais no *tablier*.

- Mas já se sabe de quem são, chefe? Porque deixe-me que lhe diga que é normal que andasse muita gente no carro do homem, de maneira a deixar lá muitas impressões, ou não? Primeiro é preciso ver se não serão de amigos dele, e só se não forem é que isso pode ser realmente considerado significativo.

Joaquim Peixoto nunca se lembrava daquelas objecções cintilantes com que Sebastião Curto intimidava os interlocutores. Mariano Larginho ficara visivelmente contrariado.

- Já estou vendo que o meu amigo Sebastião quer ensinar a polícia a fazer o que tem a fazer, não é? Bem sei que vocês lá em Lisboa, quando contam anedotas é sempre com alentejanos, mas isso não quer dizer que venham para aqui fazer pouco de quem trabalha, ouviu?

Joaquim Peixoto suava.

- Desculpe, senhor comandante, estava portanto a dizer que deviam ser quatro assaltantes...

- Isso, quatro. Viram que o carro vinha devagar, e puseram-se no meio da estrada para o obrigarem a parar. Forçaram a porta, puxaram a moça para fora, e ficaram ali a agarrá-la para ela ver tudo. Isto é o que eu penso, e se calhar mais alguma coisa lhe hão-de ter feito, para a deixarem naquele estado, aquela perturbação, eu que a vi logo de manhãzinha garanto-lhe que nunca me tinha deparado com uma pessoa tão transtornada. Ao mesmo tempo, entraram no carro pelo lado dela, pelo lugar do morto, portanto. Deitaram as mãos à cabeça do alemão, assim, as duas, dos dois lados da cara, e bateram-lhe com ela contra o eixo da porta até ele desmaiar. Havia um traumatismo craniano no cadáver que era muito evidente, e parecia ter sido causado pelo efeito de várias pancadas repetidas. Quando o apanharam a jeito, arrastaram-no então para fora do carro, e deitaram-lhe a cabeça debaixo do tubo de escape. Na roupa havia sinais nítidos desse arrastamento. Portanto, amarraram o blusão de maneira a abafá-lo completamente, e vieram-se embora. Daí a bocado deixaram a moça na estrada, tão aflita que entrou naquela cisma de ter sido ela a matá-lo. Deviam ter a cara tapada, para ela depois não os poder denunciar. Já andámos aí a bater isso tudo, para ver se conseguimos apanhar alguma pista que nos leve ao bando, deve ser o que resta da tal quadrilha que assaltava os Folgados. A Maria Vitória, coitada, há-de recuperar do susto, e talvez lhe sirva de lição. Ao outro é que já mais ninguém pode voltar a dar a fala. Pagou por todos, desgraçado. Era um moço novo. E bonito, pelo menos é o que as moças dizem. A minha secretária quase que chorou quando lhe viu a fotografia no *Voz da Planície*. E é casada. São danadas, as mulheres.

Sebastião Curto começara a beber a sua segunda amêndoa amarga, misturada, em proporções exactamente idênticas, com bagaceira fria. Talvez em expressão do reconhecimento que o animava perante a alegria com que o chefe da polícia lhe acolhera as anedotas, concedeu em acalmar o seu espírito crítico, manifestando antes interesse pela verdadeira versa dos factos tal como Beja a apresentava.

- Mas, ó amigo Larguinho, estou a ver que nas *boîtes* cá da terra isto é a maior das animações...

- Deixe-me cá, meu amigo. Abrem para aí umas atrás das outras, ele é discotecas, ele é bares, não há lugarejo que não tenha o seu. Até nos montes abandonados as constróem. Declaram-nas como cafés, não sei se está vendo, e depois usam-nas de outro jeito, tudo clandestino. Aí é que se organizam essas quadrilhas que nos assaltam os bancos. Ao pé de Castro Verde, numa terreola que não há-de ter mais de duzentas pessoas, ainda há quinze dias mataram à facada uma mulher, numa discoteca chamada Buraco do Mocho. Fomos a ver, e aquilo funcionava com alvará de café. Está sempre a acontecer. Depois já se

sabe, essa rapaziada nova começa indo para lá, faltam às aulas, deixam de estudar, depois dão-lhes droga... um cancro amigo Sebastião. Digo-lhe eu, que já vi muito.

O fotógrafo chupava ruidosamente as últimas gotas ainda presas no fundo do balão, reluziam-lhe os olhos, pedia mais pormenores. O restaurante fora-se despovoando à volta dele silenciara-se já a voz pirata da Rádio Pax, emitindo discos pedidos a partir do Centro Comercial do Carmo, e um empregado passava preguiçosamente a vassoura pelos cantos do balcão. Chovia sempre, um som gotejante, macio, contra o vidro fosco da entrada. Via-se pela extremidade superior das janelas a nesga cinzenta do céu, muito baixo sobre as construções. Tenho sono, Ana Mafalda. Gosto tanto de ti. Mariano Larguinho preferia o bagaço, e mandara avançar mais um porquinho de chocolate, recheado a gila e doce de ovos.

Sabem lá as coisas que por aí se passam. Já nos disseram que, numa dessas casas, as raparigas são obrigadas a despir-se logo à entrada. Noutra aldeia, puseram um grande espelho no chão, e diz que aquilo, com as luzes, se vê tudo o que as moças têm por debaixo das saias. A gente não consegue provar nada, mas também é certo que não há fumo sem fogo, isso não. Faz oitos com pernas de nozes, a rapaziada. Não sei o que é que ainda poderão inventar.

Comprimia muito os olhos em sorrisos cúmplices para a atenção gulosa de Sebastião Curto, e Joaquim Peixoto sentia mais do que nunca a dureza da cadeira, um vago sabor a coentros na boca. Fazia-se tarde, mas o fotógrafo conhecia ainda muitas outras anedotas. Um grupo de porcos é uma vara, não é chefe? Então, e um grupo de mulheres é um molho de grelos. Ah, ah, ah. Eu já tomava outro café. O estagiário aproveitou para dizer que então às quatro e meia passava por ali a buscá-lo, ia num instante à residencial tratar de uma coisa, e saiu para a chuva suave da rua numa pressa atordoadada.

Um largo vedado ao trânsito seguia-se à praça onde ficava o Restaurante o Rebanho, e dele desciam várias ruelas muito estreitas de empedrado, ladeadas por casas baixas, até um dos eixos mais recentes da cidade. Passava pouca gente, tinham-se fechado as lojas para a sesta de sábado. O Cine-Teatro Pax Julia anunciava para essa noite o filme *Sexo Mecânico*. Joaquim Peixoto ia lendo tudo, talvez viesse a propósito na construção final da reportagem. Alberto Contreiras costumava colocar nos seus textos os nomes dos estabelecimentos existentes no local onde decorria a acção, e aparentemente os leitores gostavam. Estavam apagadas as montras dos Móveis Bejalar, das Confecções Zé Manei,

António Zé, das Galerias Barros, da vistosa Casa Felício, toda forrada a alumínio e com projectores redondos em disposição geométrica entre os figurinos negros. Um gato malhado escapuliu-se, silencioso, da entrada da Casa de Hóspedes Portela, ao cimo do lance apertado de degraus de madeira com janelas azuis. Havia uma exposição columbófila ao lado do Posto do Turismo, onde se anunciava a vitória de um esplêndido exemplar seleccionado Pelo Clube Asas Alentejanas, de Beringel. Mas não estava lá ninguém naquele momento, como ninguém parecia interessado nas obras apresentadas ao público na Galeria Francisco d'Ollanda. Beja estava quieta sob a chuva, e nenhuma agitação se registava diante da fachada amarela da Escola Secundária Número Um.

Joaquim Peixoto teria preferido diluir-se na confusão de Urna agitada horda escolar saindo e entrando das salas à hora do intervalo, quando fosse muito mais difícil alguém dar pela sua presença estranha ao estabelecimento e vir-lhe pergunta o que queria. Mas, para isso, teria que esperar até Outubro. Foi pedir uma bica ao café em frente, para ganhar coragem»! ficou a bebê-la com as costas viradas para o balcão de fórmica, que descrevia uma curva caprichosa ao cimo do lance curto de escadas, espiando o movimento no casarão silencioso. Junto à entrada, encostada à montra, uma estrutura de vidro servia de apoio à venda de bolos e jornais. Na ausência de mais clientes, a empregada, de risco ao meio preso com dois ganchos cor-de-rosa, fazia rosetas de malha verde completamente indiferente à sua presença. Cafetaria Marilu, dizia o letreiro da entrada.

- Esta tarde o liceu está fechado, minha senhora?

- Vão para lá uns moços fazer teatro e jogar basquetebol.

Nem sequer levantara os olhos. Joaquim Peixoto encostou carinhosamente ao pires as moedinhas prateadas que cobriam a sua parca despesa, e saiu de mãos nos bolsos. Por trás do edifício, gradeado a toda a volta, estendiam-se dois pátios, três campos de futebol, pelados, com tufos de ervas daninha crescendo esparsos em toda a sua extensão, reforçando-lhe ainda mais o aspecto abandonado que a chuva acentuava. Diante da entrada, uma ala de quatro vasos vermelhos, altos, bojudos, delimitava de ambos os lados o que devia ser, em períodos lectivos, um pequeno parque de estacionamento. Ao fundo do grande átrio adivinhavam-se as portas do ginásio. Saíam escadas e corredores em várias direcções, cartazes antigos anunciavam festas, excursões de finalistas, um torneio de andebol federado. À esquerda, um imenso painel de azulejos que se explicava ter sido elaborado a partir de um cartão de Dórdio Gomes, retomava o eterno motivo dos ceifeiros, tarros e safões pousados na ondulação da planície. Ninguém apareceu a interpelar o estagiário até à porta da

tipografia, diante da qual desfilavam, em armários com portas de vidro, animais embalsamados piando nos troncos ou rastejando nas areias, minerais cristalizados em geometrias perfeitas, e outros material para aulas práticas de ciências da natureza.

- Está procurando alguém?

Devia ser um contínuo, com um cigarro fino, sem filtro, misteriosamente suspenso do lábio superior. Usava uma bata de sarja azul. Joaquim Peixoto sentiu, com doce felicidade, que acabava de lhe chegar uma inspiração luminosa.

- Fiquei de me encontrar aqui com um colega meu da Faculdade, de Lisboa, que foi colocado nesta escola. Ele disse-me que devia estar cá a trabalhar hoje à tarde...

- O liceu está fechado para férias.

- Mas não há umas actividades de tempos livres?

- Bem. Você de qualquer maneira não devia ter entrado por aqui fora, assim, sem mais nada.

- Desculpe. Estava a ver se encontrava alguém.

- Bem. Já se sabe, agora toda a gente abuse. Suba lá essas escadas aí à esquerda, se faz favor. A sala dos professores é a terceira porta que encontrar no corredor. Veja se lá está alguém.

Estava. Um homem alto e magro, com óculos de lentes fumadas. Não se percebia se tinha começado a deixar crescer a barba há pouco tempo, se os pêlos lhe despontavam naturalmente hirtos e mal semeados, ou se, pura e simplesmente, há já alguns dias que não encostava a lâmina à cara. Assim ensombrecido, e tendo aparentemente deixado passar todo o mês de Agosto sem pisar a areia da praia, parecia doente e pouco feliz. Olhou para o estagiário pousando a revista que estava a ler, que por sinal era *a Actualidades*. Joaquim Peixoto reconheceu-lhe o tipo arredondado das letras da capa com reconforto, quase com orgulho. Foi talvez por isso que se decidiu a avançar até à mesa elíptica, de tampo de madeira queimado em vários pontos por borrões de cigarros e noutros pontos manchado de tinta, que ocupava o centro daquela sala desconfortável, com duas janelas viradas para os campos de futebol.

- Boa tarde.

- Boa tarde.

O outro não cantara a resposta. Talvez não fosse alentejano. Olhava-o calmamente, as sobranceiras apenas um pouco erguidas, esperando o prosseguimento da conversa quase sem curiosidade.

- Eu peço-lhe imensa desculpa de o estar a incomodar.

Ana Mafalda sabia dizer aquelas coisas com verdadeiro sentimento, acentuando sem errar as sílabas adequadas para dar ênfase ao que afirmara, e com a tranquilidade de quem o vem afirmando há muitos anos. Ele limitava-se a utilizar uma fórmula que intuía dever ser útil, e que recitava sem convicção. O seu interlocutor encolheu vagamente os ombros.

- É que... trabalha aqui?

- Dou aulas de português. Tenho turmas de sétimo ano, de oitavo, e de nono, Formei-me em Lisboa, no curso de Estudos Portugueses da Universidade Nova. Chamo-me Nuno Bravo, tenho vinte e sete anos, e sou natural do Barreiro, para onde espero regressar em breve. Ao seu dispor para mais informações que considere necessárias.

Joaquim Peixoto intimidava-se facilmente com a ironia dos outros. Já comecei mal. Foi a gaguejar que expôs a Nuno Bravo os motivos da sua deslocação a Beja, onde necessariamente se devia incluir uma visita às instalações da Escola Secundária Número um, já que Maria Vitória Formosinho Rosado ali estudava desde há três anos. Notou com alívio que o rosto do outro se ia animando à medida que lhe ouvia a explicação, com o entusiasmo a colorir-lhe a palidez e um súbito interesse a reanimar-lhe a aparência doentia.

- Eh pá, acho porreiro. Acho porreiro que a tua revista se interesse finalmente por esse ângulo das coisas. Eu compro-a todas as semanas, sabes? E, desde que para aqui vim, leio-a de uma ponta à outra. Não há mais nada para fazer, entendes? Sempre pensei que lhe faltava uma bordagem dos problemas assim pelo lado social, no sentido de sociológico. . De resto, agora de há uns tempos há lá também uma miúda incrível, que agarra nos assuntos de uma maneira muito gira, assim irreverente, e inovadora. A Ana Mafalda Guerra. É tua amiga? Deve ser uma gaja porreiríssima. Não é?

- É. Pois, é. É porreira. É muito porreira.

- Do teu nome não tenho ideia... Bem, vocês são tantos, não é? Ouve lá, senta-te.

- Não... Não, deixa estar, eu tenho que ir ter com o fotógrafo, ao rebanho, porque vamos daqui a bocadinho para Cuba, falar com uma amiga da Maria Vitória.

- Os gajos aqui dizem *a* Cuba. Ainda não reparaste? Mas olha, se quiseres podemos combinar depois encontrarmo-nos. Logo à noite, ou isso. Tomamos um copo, aí em qualquer lado, e podemos conversar um bocado.

- Foste professor da Maria Vitória?

- Sim, a Mitó foi minha aluna. Era uma miúda bestialmente insignificante, sabes? Nunca se dava por ela nas aulas. Também faltava imenso. E, quando lá estava, penso que era como se não estivesse. Devia ter chumbado, este ano. Não

sei como é que a passaram. Não estavam para se chatear, deve ter sido isso. Eu próprio a passei, de resto passei toda a gente, quero lá saber. Quero é ir-me embora.

- Mas então chegaste a conhecê-la bem?

- Percebe-se alguma coisa pela forma como os putos... bem, os putos é uma força de expressão, dadas as circunstâncias. Pela forma como eles falam, como respondem, como escrevem, a gente percebe alguma coisa. E os outros, sobretudo, falavam-me muito dela. O que é engraçado é que conheço muito bem a irmã mais velha sabes? Trabalha em Almada.

- Eu sei, numa perfumaria. Já me disseram. Chama-se Vi, ou que é.

- Não, tens que saber bem como ela se chama. É uma história fabulosa. Chama-se Vitória Maria!

- E a outra é Maria Vitória?

- ora bem. Acho que o pai tem uma devoção qualquer especial ao nome de Vitória. Tanto quanto sei, é um drama para a miúda, que não se importaria de ser Vi, até porque havia uma heroína qualquer de uma série de televisão que também se chamava assim, mas que não suporta ser Mitó, o que é que queres?

- Pois, as pessoas têm dessas coisas.

Ele também carregava na vida o nome de Joaquim. E Peixoto, ainda por cima.

- Os rapazes da turma estavam-lhe sempre a dizer era uma vaquinha chamada Vitória, morreu a vaquinha e acabou-se a história. São incríveis os putos. Acho que isto é uma coisa que já vem desde a escola primária, estás a ver que perseguição. Uma miúda bonita chamada Vitória, como a Vi que tem uma figura estrepitosa, ainda escapa. Mas um pãozinho sem sal como a Mitó...

- Não é bonita?

O estagiário sempre imaginara aquela camponesa, que viera numa madrugada desenterrar a perversidade da planície do seu demorado sono sob os malmequeres, com o olhar ardente e o cabelo serpentiforme das heroínas do Falcão. Nuno Bravo voltou a encolher os ombros com o enorme enfado que trouxera consigo do Barreiro.

- Rodas curtas. Costelas de fora, estás a ver. Óculos, cabelo curto, muito morena... Bem, totalmente desinteressante, mas garanto-te. Não se dá por ela. Tapa o corpo, sabes? Não se veste. Não destoaria na China Popular antes da abertura ao delírio capitalista. A única coisa que tem que a lhe diga é a voz. Pelo menos, eu gosto de mulheres com voz grave. A nossa amiga fala como um cacilheiro em baixas neblinas. Não faças esse ar desconsolado, pá. Em contrapartida tem uma irmã mais velha de subir pelas paredes. E esperta, que é

que pensas? Uma cabecinha. Esta não. Parece que está sempre a dormir. Adormeceu por dentro, entendes?

Uma hora mais tarde, naquela casa azul da Rua da Restauração, chovia inesgotavelmente sobre a Cuba e Bárbara Emília Frutuoso recortava contra a luz cinzenta da janela o generoso perfil curvilíneo para lhe mostrar uma fotografia da sobrinha. Um desses retratinhos quadrados, brilhantes, de focagem incerta, enquadrados em margem branca, saídos de uma caixinha de plástico com mecanismo automático. Máquinas dos caldos *Knorr*, suspirou Sebastião Curto, e já estava a mudar de cara para dizer ai que feia. Bárbara Emília enviesou-lhe um olhar entre o ofendido e o cúmplice, e depois explicou que fora no fim do mês de Maio, aquilo era a esplanada de Milfontes num domingo. Viam-se cadeiras de ferro azuis e verdes dispersas sobre o pátio de cimento, e no fundo havia motos, pernas com botas caneleiras, braços revestidos a cabedal e a ganga. No centro do quadrado sentava-se, a olhar para a esquerda, onde devia passar o rio no último esforço para atingir o mar, uma miúda franzina de cara triste, qual sumida nos óculos escuros. Princesa, dissera-lhe Helmut dois dias antes, e a sua voz soava pastosa na distância do telefone. Estou farto de ver este rio sempre aqui a correr para o mar.

- Aquela besta... eu não gostava nada do Helmut. Ele fez muito mal à Mitó. Pois aquela besta tinha arrancado quatro dias antes para Milfontes, assim de repente, sem dizer nada à miúda, numa dessas passeatas de homens. Telefonou-lhe na mesma noite já daí do café, por certo caindo de bêbedo, a avaliar pela maneira como falou, e mais foi a minha mana que atendeu. Fizeram a vida negra à mocinha lá em casa, a Fatinha perguntando se aquilo é que eram jeitos de um moço telefonar para casa de gente de bem, o pai gritando que lhe chegava uma surra... Telefonou-lhe caindo de bêbedo para lhe dizer que tinha abalado, e que não a queria ver por lá. Uma besta. Era mesmo da raça do Hitler.

Mitó aguentara mais dois dias aquela amargura, de novo Helmut lhe lançava à cara o seu imenso desprezo, a histórica falta de respeito que votava à miúda de Baleizão que se lhe rendera num restaurante da Cuba. Dois dias pensara Mitó a fio no seu desgosto, um abandono tão grande memorado em milhares de voltas na cama, centenas de olhares perdidos através dos vidros das janelas, meu amor de madrugada à minha porta passou. Vinha com os companheiros e nem sequer me falou. Helmut foi com os amigos para a praia, deixou-me outra vez pendurada, e nem sequer me disse adeus. Estou ficando tão sozinha, Helmut. Tão sozinha.

- E então, mocinhos, estou-vos eu dizendo que aquele emplastro alemão ainda teve cara de lhe voltar a telefonar dois dias depois. Não sei que lhe terá dito, mas é certo que lhe deu outra vez a volta ao miolo. A Mitó não descansou enquanto não me convenceu a agarrar na tenda, chamar o meu mano Luciano, e abalar assim de corrida para Milfontes. Parecia ela que morria se não fosse a correr, logo, logo, ter com o seu rico alemanito.

Princesa, dissera ele de muito longe. Estou farto de ver este rio sempre aqui a correr para o mar. A voz deslizava-lhe pelo fio como uma promessa, quase um pedido, um desejo enorme de a ver chegar. Mitó precipitou-se para Milfontes, ficaram-lhe em casa a mãe a censurar de maus modos aquelas ideias repentinas dos jovens, o pai a ameaçar a necessidade de uma conversa muito séria no seu regresso. E é por ires com a tua tia, senão não te deixávamos mesmo abalar. Mitó vestiu calções e sandálias, pediu um biquini com riscas muito finas emprestado, pensou pelo caminho em mil felicidades. Chegaram, e Helmut Schneider recebeu-a com um beijo frio. Durante todo o fim-de-semana, aplicou-se em ser jovial com o grupo e taciturno com ela, dormindo longas sesta depois do almoço como se nada existisse para lhe manter desperto o interesse. E, na viagem de volta, alongou-se na exposição de uma detalhada tese, em que afirmava ter constatado que em Milfontes muitas vezes o rio deixa de correr para o mar e passa a seguir o seu curso no sentido inverso ao de todos os rios, como se recusasse o oceano e quisesse regressar à nascente.

- A Mitó veio desfeita desse fim-de-semana em Milfontes. Foi só coisas assim que o emplastro alemão lhe arranjou. Estão vendo por que é que eu digo que ele era uma besta. Não tenho pena nenhuma do que a mocinha lhe fez.

Desta vez, Sebastião Curto e Joaquim Peixoto saltaram ai mesmo tempo.

- Ela? Mas então sempre foi ela que o matou? Bárbara Emília não traiu qualquer sobressalto. Estava a acender um cigarro com um isqueiro cor de laranja, fino como uma folha de cartolina, de contornos dourados.

- Ah, pois, agora já provaram que não foi ela. Mas sabem o que é, eu fiquei tão contente quando soube que ela o tinha morto... Palavra de honra, eu odiava o homem. E odiavam pelo mal que ele fazia à Mitó, só por isso, portanto gostei de saber que ela o tinha morto. Ainda gosto de pensar que foi ela que o matou. Ele merecia ter sido morto por ela. Ela merecia a glória de o ter morto. Se calhar estão pensando que sou louca, mas é assim mesmo.

Parecia de uma sinceridade desarmante. Tinha tirado as sandálias beijas, com muitas tiras, e anichara contra as costas do *maple* os pés gordinhos, de unhas cuidadosamente pintai das. Fazia rolos de cabelo com a ponta do dedo.

- Eu acho que lhes está no sangue. Aos alemães. Eles têm que maltratar alguém, seja o mundo inteiro, seja um só povo, ou então uma só pessoa. O que

o Helmut fez à Mitó foi assim uma espécie de extermínio nazi de trazer por casa. Estão vendo? De resto, já se sabia. A primeira das mulheres daqui que se casou com um alemão, logo depois de a Base ter começado a funcionar, vai quase para vinte anos, há-de arrepender-se para o resto da vida. Ele antes parecia muito certo, mas depois revelou-se um verdadeiro sádico, fazia-lhe os piores horrores, e de manhã, antes de sair de casa, ia logo dizendo você agora prepare-se que logo à noite vai ter que me fazer isto assim assim. Ao fim de um mês já se estavam separando. A sorte da moça foi não terem abalado logo para a Alemanha, porque ele ainda tinha cá a cumprir um ano de comissão. Se não, a esta hora, por certo que já tinha morrido. Não podem ser gente boa. As pessoas é que se esquecem depressa.

- Mas esse alemão é que era o tal da família do Helmut Schneider?

- Ah, já te falaram nisso? Não, não era este. Foi assim: há uma mulherzinha em São Brissos, que era colega na escola desta de que te falei ainda agora, que, numa festa que houve para aí nessa altura, começou a namorar um alemão, desses primeiros que tinham vindo para a Base. Naquela altura eles chegaram, realmente, a fazer algum convívio com as pessoas, até porque ainda não tinha sido construído aquele bairro em Beja para onde depois foram todos morar, e portanto ficavam por aí, em quartos, em pensões, muitos vieram até aqui para a Cuba. Bem, a festa foi num fim-de-semana, e logo a seguir ela voltou para Ferreira, onde ficava à semana a estudar num colégio. Quando voltou, no sábado seguinte, a irmã dela já se tinha orientado com o alemanito. Foi, foi. Nessa altura parece que andava tudo de cabeça perdida com os alemães.

- Mas porquê?

- Porquê?

O sorriso dela descobriu-lhe os dentes todos, vermelho, carnívoro. Semi-cerrou os olhos entre o fumo do cigarro, trocou um olhar breve com Sebastião Curto, e respondeu ao estagiário em voz displicente, com a cabeça muito atirada Para trás.

- Então mocinho, sei lá porquê, porque a vida é assim, não é? Eram bonitos, eram novos, andavam fardados... Muito antes de aqui existir a Base, de cada vez que vinha um novo destacamento de milicianos para o quartel de Beja também andavam sempre as moças todas num desassossego... toda a gente queria ir fazer o seu pé-de-alferes.

- Um pé-de-alferes?

- Então, é uma maneira de dizer. Também eram novos, fardados, vindos de fora... Eu, antes de namorar o Augusto ainda fiz um ou dois.

Dizia aquilo e ajeitava-se sorrindo sobre a napa, Joaquim Peixoto não sabia muito bem o que havia de pensar. Adivinhava ao seu lado o entusiasmo de Sebastião Curto, e previa-lhe já os comentários pitorescos no caminho de regresso. Ua pé-de-alferes?

- Mas então a irmã dessa mulher tinha começado a na morar o namorado dela?

- Foi. Naquela mesma semana. A Bia, esta que ainda está em São Brissos, lá se conformou como pôde. A Zeza, a irmã casou com o homem, e foram para a Alemanha. Pelo que a gente sabe, de cada vez que ela cá vem de visita, também não foi muito feliz. Parece que ele tem um feitio terrível, e morai num sítio onde está sempre chovendo. Mas enfim. Esse ali mão tem um irmão mais velho, que era o pai do Helrma Portanto, a Zeza era tia desse emplastro alemão, para mal dos nossos pecados. E dava-se muito bem com ele, o que ainda foi pior. Aquela besta chegou aí falando português qual como um de nós, ouviste? Caso raro e nunca visto. Toda essa gente da Base, se aprende a dizer obrigado já é uma grande sorte. E, nisso, os primeiros que vieram não eram diferente. Nas festas, as moças entendiam-se com eles quase só por gestos. Bem, na altura abriu logo em Beja um curso de alemão, vê-me tu o que para aí ia. Um desassossego. Se o Helmut só falasse aquela língua de roda dentada, como os outros, talvez nada disto tivesse acontecido. E depois era muito bonito, alemão de um cabresto.

Moças, dissera Mila com os olhos a brilhar. Olhem-me lá o borracho que está ali ao fundo. Mitó vestira para aquele jantar de aniversário as calças de flanela aos quadrados que não ousava envergar há mais de um ano, e agora já estava mil vezes arrependida. Picavam-lhe as pernas, apertavam-na horrorosamente na cintura. Se fosse discreta a enfiar a mão sob a camisola talvez lhes conseguisse desapertar o botão sem ninguém ver. Mas tinha medo do mínimo olhar indevido. No Natal anterior Vi chegara a Baleizão com umas calças daquelas, ficavam-lhe tão bem, pedira-lhe que lhe comprasse umas e muito se tivera que bater com a mãe para lhe conseguir arrancar o financiamento, que mesmo assim não chegava. Mas ela andara durante o Verão na campanha do tomate, e ainda lhe restavam em Dezembro umas escassas economias para arredondar a exorbitância do custo desse luxo em flanela quadriculada. Gastaste tanto dinheiro nas calças e agora nunca as vestes, cabeça tonta. Nunca mais tens tino. Bem gostava que pusesses os olhos na tua irmã. As calças picavam-lhe a pele, sufocavam-lhe a respiração, deixavam-lhe a toda a volta da cintura um vergão vermelho se as usasse por mais que uma hora. E não lhe ficavam bem. Mitó sentia-se infeliz naquela noite, comprimida dentro da agressividade do tecido, e a festa de anos da sua colega Mila parecia-lhe interminável.

- Estávamos todos a jantar no Chouriço, aqui na Cuba. Foi um rapaz que aproveitou uma garagem e abriu um restaurante típico, com lareira, mantas a fazer de cortinas, várias salas, uma coisa assim jeitosa. Tem peixe muito fresco, bons mariscos, e cada bife, cada costeleta, que até parece mentira. Os alemães estão sempre lá caídos, e, claro, os preços têm subido de um jeito que não se aguenta. O pessoal daqui vai lá cada vez menos, e, quando lá vai, é mal servido e fica para último. Se chegar um grupo de alemães meia hora depois de ti, podes ter a certeza que ele os atende primeiro. E melhor. Eles é que o fizeram rico, não é? Também é preciso ver isso. Mas o moço é compadre do avô dessa tal mocinha que fazia anos, a Mila, e fez um arranjinho especial, de forma que fomos lá todos.

Moças, dizia Mila de camisola nova, azul, com um comboio de carruagens muito coloridas bordado na parte da frente. Aquele borracho ali, vejam só. Um alemanito novo cá na terra. O Chouriço transbordava de fumo e clientela nas suas três salas em pisos desiguais, sustentadas por pilares de cimento de onde saltavam as cabeças embalsamadas de javalis, veados, raposas e genetas. Por cima da lareira, onde só Estavam brasas já quase por completo adormecidas, havia um mocho de asas abertas, com olhos de plástico amarelo; dominando a actividade junto ao balcão. Protegidos pelo vidro expunham-se cabeças de pescada em terrinas de barro, lombinhos suavíssimos adornados com salsa e rodelas de laranja, rabanetes e beterrabas em tigelas fundas. Ao fundo, um arco abria para o pátio interior onde duas paredes construídas à pressa isolavam as instalações precárias das casas de banho. Passavam dali para dentro do restaurante o vento muito cortante da noite e os cães de pelagem triste que se escapuliam rasando as esquinas. Mais para trás sucediam-se enormes tonéis de castanho, do mesmo tom que as mesas compridas, sólidas, de pernas grossas colocadas num eixo central, postas com loiças do Redondo em que predominavam os desenhos de galos e de flores de pétalas largas em tonalidades ingénuas. Aquele borracho ali ao fundo, moças.

- Foi nesse jantar que todos nós vimos, pela primeira vez o emplastro alemão. O moço do restaurante é que nos disse que já tinha chegado há três semanas, com mais meia dúzia deles, que vinham com um contrato por dois anos. Parecia que já lá tinham ido comer várias vezes. Bem, o resto do tempo foi uma parvoeira, as mocinhas todas assim muito histéricas, os moços já de trombas, ninguém gosta de ver as mulheres interessadas nos homens que estão noutra mesa, nãoé? A gente ali falando aos berros, naquela de pensar que ele não entendia, disseram-se as maiores enormidades. Não podes imaginar.

Posso sim, Bárbara Emília. Imagino tão bem. A mesa ficava mesmo ao fundo da sala, cheia de garrafas de brandi abertas, de cerveja também, e jarros

de sangria, cascas de gambás no canto dos pratos. O dono do restaurante vinha regularmente lá de dentro dar palmadas nas costas dos quatro clientes altos e louros, uma vez mais bebia com eles de qualquer dos copos, insistentemente solicitado, rolando os olhos para as outras mesas como que a suspirar que a tanto o obrigavam o profissionalismo e as regras da boa convivência com o público. Ele estava sentado de costas para a parede, sem sorrir. Semicerrara as pálpebras, mas percebia-se-lhe uma íris muito azul. Já devia ter sentido a atenção das rapariguinhas aglomeradas lá ao fundo num bando agitado, devia pressentir-lhes o interesse estimulado pelo calor e pela sangria, provavelmente já tecera mesmo a esse propósito dois ou três comentários grosseiros, dirigidos num sussurro aos seus colegas. Bebia devagar, tudo misturado num balão, sem pressa, mas também sem pausas. Deve ser horrível, o que ele está bebendo. Se calha é algum afrodisíaco. Algum quê? Moças dum cabresto, agora deu-lhes para estarem a noite inteira controlando o alemão. Deixem lá o homem, suas chaparronas. Por vezes, ele encostava a cabeça para trás e fechava os olhos. Apesar do frio, tinha dois botões da camisa muito branca abertos sobre a penugem loura do peito. Ai moças. Ai os granitos.

- A Mitó até não parecia nada interessada no homem. Mas ela, nessas coisas, em querendo é sonsa como tudo. Bem, chegou a pontos que não sei quem se lembrou de jogarmos às verdades e consequências, mas isto era muito tarde, entendes? Estava o pessoal assim bem comido, bem bebido, e até já tinham aparecido lá os pais de algumas das mocinhas para as levarem para casa. Então jogámos, e a Mitó escolheu verdade.

Era Mila quem estava a perguntar.

- É verdade que estás apaixonada pelo alemanito lá do canto?

- Não. Não sejas parva.

O Chouriço estremeceu com gritos de protesto, era mentira, era mentira. A Mitó não respondeu a verdade, tem que levar agora uma consequência. Mas eu ainda nem olhei direito para o homem, que coisa. Mitó ria, protestava na sua voz muito grave, garantia a inocência e quase esquecia a aspereza insuportável das calças de flanela. Vocês é que têm estado toda a noite falando do alemanito, e agora eu é que pago? O Chouriço ria e batia palmas, compassava o protesto, a Mitó não disse a verdade. Consequência, consequência. Uma consequência para a Mitó, é a Mila que decide. Ela já não se defendia mais, sorria, o restaurante inteiro estava à espreita da sua reacção.

- Então agora, de consequência, vais ali à mesa do alemanito e dizes-lhe assim: «*Wollen Sie mit mir schlaffen?*»

Gargalhadas, pateadas, Mitó gritava que não. Sei lá o que é que isso quer dizer. Ó moços, não me lixem, o que é que estão querendo que eu diga ao

homem? Não, não, tenho muita pena mas não lhe digo isso. Soava-lhe a voz de contralto sobre a algazarra dos outros, ao fundo o dono do restaurante começava a franzir o sobrolho. Esta malta nova em bebendo um bocado é logo o que se vê. Por uma fracção de segundos os olhos muito azuis dele tinham-se fixado nos olhos castanhos dela, logo pestanejando aflitos por trás dos óculos. Tão irónico. Tão distante. Ai moças, tão bonito.

- Então pronto, dizes-lhe a mesma coisa em português que assim ele não entende. Mas tens que dizer bem alto, que a gente aqui quer ouvir. Se não, não vale.

Mitó esquecera as calças de flanela. Pôs-se em pé escolhendo cuidadosamente os movimentos, agora que todas as atenções só existiam para ela. Falava de olhos baixos, heroína tímida da noite.

- Ora se eu ainda não sei o que é que queres que eu lhe diga...

- Então, a mesma coisa. Mas em português: queres dormir comigo?

- O quê?

E o Chouriço ria, ria, pedia mais, agitava-se o proprietário, em definitivo impaciente, no seu canto do balcão. Tudo bem comido, bem bebido. Imagino tão bem, Bárbara Emília. Mas tão bem. Nunca mais fosse quem fosse ia poder esquecer aquilo. O alemão bebendo sem pressa, sem sorrisos, imensamente desdenhoso perante as miúdas que era por ele que gritavam. Mitó detinha a focagem de todos os olhares, eu aposto que não vai lá. Vai, vai, olha-me quem. Mitó no centro da noite, amanhã vão falar nela na Cuba, em Beja, em Baleizão. Mitó sorrindo, quase sem medo.

- Bem. Mas quando eu disser, não vale traduzir.

- Ah, isso é que não, a gente aqui faz o que nos apetecer.

- Então e se eu não for lá?

- Jogamos-te à piscina. Depois entende-te com a tua mãe quando chegares a casa toda molhada.

- Ai moças. E se ele entende português?

- Mas tu já conheceste algum alemão que entenda português?

- O marido da Zeza, então.

- Ó mulher, isso era dantes, que os alemães falavam português. Até já houve um tempo em que os animais falavam, vê-me bem. Vamos contar até três. Ou vais lá, ou vais para a piscina.

Fez-se um enorme silêncio no Chouriço depois da contagem. Mitó já sem medo, a sorrir no meio caminho entre as duas mesas. Continuem falando, então. Isto tem que parecer natural. Aqui vou eu. O senhor desculpe, ouviu? É um jogo, deram-me este castigo, o que é que quer? A mesa dos alemães naufragava sob copos e garrafas com as marcas das bebidas descendo em vários

níveis ao longo dos vidros bojudos. Do álcool ficara o rasto nas respirações, o peso nas pálpebras, aquela maneira comprida de medir de alto a baixo a miúda muito morena, com uma estranha voz de contralto, que viera depois de repetidas hesitações encostar a palma da mão esquerda à toalha manchada. Tinha um relógio redondo, de grandes números desenhados a preto sobre o mostrador cinzento. Não encarava directamente ninguém, mas era muito evidente que falava só para Helmut.

- Queres dormir comigo?

Ele cruzou os braços e empurrou a cadeira contra a parede. Inclinou ligeiramente o pescoço, agora tinha aqueles olhos azuis, enormes, impiedosos, completamente presos aos olhos dela. E não sorria.

- Quero sim, princesa.

O Chouriço reteve a respiração de espanto, aí o alemanito dum cabresto que sabe português. Mitó nem teve tempo para se aperceber do rubor violento que lhe veio tingir a face, já Precipitada na fuga, aí depressa daqui para fora, aí não quero ver nada, aí os granitos. A figura que eu fui fazer. Bárbara Emília saiu logo atrás dela, o restaurante ficou a refazer-se com dificuldade da surpresa, enquanto as frases iam progressivamente retomando o seu vigor inicial. Os alemães chamavam o proprietário e pediam a conta, um deles dava cotoveladas ao borracho que falara sem sobressaltos, numa pronúncia roída pelo sotaque mas articulada sem esforço. Ela veio a chorar até à Rua da Restauração, muito agarrada ao ombro compreensivo da meia-tia, aí Bárbara que grande vergonha. Estavam sentadas nos degraus da entrada, deixando que os sol cos nervosos de Mitó se fizessem cada vez mais espaçados, quando passou o *Escort* vermelho. Abrandou ao vê-las, alguém correu o vidro do lado do condutor. Um homem loiro de camisa branca, e devastadores olhos azuis.

- Adeus, princesa.

Auf Wiedersehen, Prinzessin, toma lá que já te pus o ferro. O som do motor desfez-se aos poucos no fundo da rua, e talvez até tivesse sido só um sonho, um sonho mau, mas também um sonho bom, uma coisa estranha, tão estranha. Mitó ficou nessa noite em casa da tia, e não dormiu, tinha grandes olheiras no outro dia ao entrar na escola. Estás com má cara Maria Vitória. Circulavam risadas e bilhetinhos, havia sussurros nas últimas filas. A história chegou antes dela a Baleizão, perguntou-lhe logo a mãe que figuras eram essas que tinha andado a fazer no restaurante do Chico, e logo em casa de gente conhecida, à frente de não sei quantas testemunha. A tua irmã, ao menos, a gente podia deixá-la ir às festas e ficávamos descansados. O teu pai logo te diz, quando chegar. Mitó esteve durante três semanas proibida de fazer mais que o percurso entre a Rua dos Pintores, na ala periférica de Baleizão, e a porta da Escola

Secundária Número Um. Uma das contínuas fora em tempos vizinha da família, e dava impiedosamente conta de todas as suas movimentações. Mitó ficou três semanas fechada entre a casa e a escola, um alemão olhando-a de frente em cada segundo da sua memória. Um alemão muito loiro, de olhos muito azuis, que falava português e nunca sorria. Mitó pensou nele, não pensou em mais nada, não ouviu ninguém. Durante as aulas, rabiscava as páginas quadriculadas do caderno de apontamentos com a capa baça em cartolina verde. Traçava flores, árvores, luas e estrelas, ondas agudas de um oceano agitado, olhos enormes de grandes pestanas, e esferográfica azul subindo e descendo. Mitó sonhava. Nos intervalos contava o episódio pela centésima vez, havia sempre alguém que ainda lhe desconhecia a aventura do jantar de anos da Mila. Descia a barreira de terra no limite dos cantos de futebol, onde havia uma espécie de fosso, suficientemente largo para lá caberem várias pessoas em fila, que separava o muro amarelo da área pelada onde se erguiam as balizas. Nesses dias não podia sair, mas ali também era difícil que alguém os visse. Tomás estava no décimo primeiro ano, Mila namorava-o há eternidades. Hugo e Tito nem sequer andavam ali a estudar, mas conheciam mil truques para entrar disfarçadamente no recinto. Eles é que traziam os charros.

- Pronto, mocinhos, foi assim. Eu por acaso às vezes parece que tenho pressentimentos. Naquela noite, vi logo que a Mitó já estava metida num sarilho. Não sei, foram os olhos dela, o jeito como chorava, percebi logo. Acho que depois disso se viram mais duas ou três vezes, em Beja, nos bares, e assim. Mesmo enquanto esteve proibida de sair da escola até chegarem as horas de voltar para casa, ele passou uma vez na rua quando ela estava nos campos de futebol mais aquela pandilha com que andava sempre, e diz que o homem parou a olhar, muito tempo, sem se tirar dali. Vinha com um grupo, e parece que comentaram qualquer coisa uns para os outros, em alemão, já se vê. A Mitó fazia que não via. Olha, isto é como tudo, o que tem que ser tem muita força. Mal tinha passado um mês desde os anos da Mila e já o emplastro alemão se estava apresentando aqui na Cuba, mais um amigo, para ir ter com ela ali ao Queen's Bar. Conheces? É muito jeitoso, o sítio. Passaram a andar todos muitas vezes no mesmo grupo, a Mitó de cabeça perdida, aí por esse povo todo não se falava noutra coisa. Eu ainda lhe disse uma ou duas vezes tu tem tento, moça, tu vê lá no que te metes, mas isso meu amigo, quem é que quer ouvir conselhos nestas circunstâncias, e mais vinha chegando a Primavera?

A luz do dia fizera-se já muito dourada através da janela de caixilhos de alumínio. Um vento fresco atravessou pela primeira vez nessa tarde de Agosto a espessa cortina da chuva, agitou a atmosfera adormecida da sala, e acabou a travessia na cabeleira farta de Bárbara Emília Frutuoso, que agora procurava

com a ponta dos pés as sandálias que deixara sobre o tapete de tigres pintalgados. Sebastião Curto olhava insistentemente para o relógio. Vai-te embora, pensava com todas as suas forças o estagiário da revista *Actualidades*. Vai-te embora e deixa-me aqui ficar. Talvez gostasse de conseguir penetrar mais fundo na inquietante intimidade de uma miúda de voz grave que na opinião da tia deveria ter morto o namorado. Ou apenas queria poder ouvir, procurar, absorver, sem a irou atenta do colega. Mas acima de tudo desejava ficar só com aquele sorriso da dactilógrafa do Centro de Saúde da Cub agora que o fim da tarde lhe estava a arrepiar de leve a pé morena no extremo do campo aberto pelos botões da camisa cor de laranja, agora que já se tinha escoado o primeiro tempo, e a ele já não lhe suavam as mãos.

- O teu amigo dos bonecos está com pressa, mocinho.! soubesse antes que vinham, tinha-os convidado para janta Assim, disseram-me de repente, só posso pôr-me à vossa disposição para mais alguma indicação de que precisem.

Joaquim Peixoto combinara encontrar-se para jantar com Nuno Bravo no Centro Comercial do Carmo, onde eles d viam estar, todos, encostados às paredes, em bandos, se futuro nem orgulho, no dizer de Teófilo Sampaio, que pás cia ver a juventude alentejana como uma colónia hibernante de morcegos. Só queria, e agora procurava com aflicção un ideia salvadora, ter de facto mais algum favor a solicitar a atenção de Bárbara Emília. Queria precisar de muito ma indicações, precisar muito de qualquer coisa, depressa, aí, depressa, que Sabastião Curto já estava em pé ao lado da porta.

- Bem, se realmente não te importasses...

Ainda lhe tremia a voz quando a tratava por tu.

- Se não te importasses, gostava que me apresentasse! tal senhora de São Brissos que tem a irmã casada com um alemão que era tio deste mecânico. E achas que era possível falar com a tua irmã, com o teu cunhado?

Já era programa para uma manhã inteira. Imaginou-a a seu lado na carrinha, a dar pistas, conselhos, a fazer pontes entre a sua esferográfica e o pulsar estrangeiro daquela terra como uma corporização bucólica das garotas dos detectives nos romances policiais. Bárbara Emília respondia sorrindo que sim senhor e já Sebastião Curto protestava de impaciência, mais uma manhã às voltas, enfim, Bárbara. Para poder pôr a vista a pastar nos teus decotes ainda faço esse sacrifício. Ó parente, respondia ela sem indignação. Você faz oitos com pernas de nove. O estagiário esfumava-se de novo no segundo plano a que parecia condenado. No regresso a Beja o fotógrafo comentou tudo o que era de esperar que comentasse, caraças, Quim. Que excesso. Há cada par de olhos castanhos a desperdiçar-se por esta província. Quanto à ideia de resumir o jantar, depois de tantas atribulações ao longo do dia, ao pronto a comer

plastificado de um centro comercial pindérico, mostrou-se formalmente contra. Se calhar até metem haxe nas omeletes, a avaliar pela descrição que aquele fininho fez do sítio. Portanto, concluiu travando a carrinha diante da Residencial Seara, se queres sandes mista vai tu. Eu vou mas é à procura da minha amiga da loja de doces. Há horas de sorte, não é? Então trabalha muito. E até amanhã. Joaquim Peixoto percorreu a pé a distância entre a Rua das Portas de Mértola e o Largo do Carmo, saboreando em passos lentos a sua breve solidão. Havia muita gente, nova e colorida, diante da porta automática que dava acesso às lojas.

Não tinha nada ar de sítio onde se pudesse meter haxe nas omeletes. A montra logo à direita fazia desfilas os requintes de *lingerie* fina da Casa Tulipa. Delimitava-a uma esquina exígua onde se amontoavam cãezinhos azuis de gesso, minhocas de muitas cores em bolas grossas justapostas onde paus de fósforos envernizados simulavam as antenas, caixinhas de bambu repetindo-se interminavelmente umas dentro das outras, gaiolas douradas, bonequinhos de grandes dentes de coelho empunhando cartazes a dizer amo-te, adoro o meu dono, parabéns pá, tens uns olhos tão lindos, dá-me um beijinho. Patusca, titulava o letreiro por cima da série de prateleiras de vidro. Prendas e recordações. Do outro lado, a Loja Western vendia em grande profusão calças, macacos, camisas, blusões, gravatas, da mesma ganga muito clara, acompanhados por cintos grossos de cabedal, e outros de aparência plastificada, cor-de-rosa, cor de laranja, verdes. Havia ainda uma montra de discos, o cabeleireiro unissexo Eden Cut, e brinquedos para crianças ao fundo do corredor. Virados para o largo ficavam o bar e o restaurante, de onde entravam e saíam ininterruptamente grupos conversadores, risadas, nuvens de fumo, choques de copos e garrafas, mais espaça mente o tinir de talheres. Não parecia haver nem mais usa lugar nos bancos muito baixos, forrados a veludo cor de mel que corriam a sala a toda a volta contornando as mesas circulares, de pés cromados. Entrevia-se um piano encostado à parede, mas estava fechado, e coberto com carteiras, casacos, pastas cheias de papéis, evidenciando claramente o seu desaproveitamento. Nuno Bravo sentara-se numa das mesas de plástico branco do restaurante, junto ao vidro que dava para o interior do Centro Comercial. Estavam duas miúdas com ele.

- Oi. Olha, estas são a Fátima e a Adília, que eram colegas da Mitó, e também minhas alunas, portanto. Estão comigo nas ocupações de tempos livres, a aprender fotografia Pensei que talvez gostasses de falar com elas.

Ambas eram rechonchudas e despenteadas, com fitas berrantes do Senhor do Bonfim da Baía muito justas ao pescoço. Adília possuía uns belos olhos pardos, dentro do círculo preto do rímel. Sorriram para o estagiário, e mastigavam pastilha elásticas de morango. Encomendaram quatro mini-pizas napolitanas, uma salada mista, duas coca-colas e duas cerveja. O professor de Português parecia agora ligeiramente menti infeliz. Joaquim Peixoto aprendera na revista *Actualidades*, que todas estas conversas de serviço devem sempre começai por uma ou duas perguntas de circunstância.

- Então vocês têm muita actividade de tempos livres?

Elas riam e encolhiam os ombros, foi Nuno Bravo quem começou a falar. Tinha lançado aquele curso de fotografia nascido de uma proposta apresentada ao Conselho Directivo logo no princípio do ano, quando ainda vinha fresco de ideias e convicções, uma montanha de projectos na cabeça. Para assegurar o seu bom funcionamento passava na escola todas as manhãs daquele Agosto insustentável. Mantinha o material arrumado, a sala limpa, apontamentos preparados, obra inteiramente sua. Mas, de entre o conjunto da população escolar, só Adília e Fátima tinham mostrado interesse em aprender os segredos do revelador e da câmara escura. Todos os seus restantes alunos eram professores de passagem, lançados para Beja pelo prazo de um ano ou dois, gente de fora, desambientada, como ele. E o teatro, o basquetebol, o que quer que fosse que se tinha tentado propor à cidade para que a sua juventude não vegetasse conhecia idêntico destino. Estou farto, farto, dizia Nuno Bravo, e as duas rapariguinhas acenavam que sim com a cabeça. Agora, passava o tempo fechado no seu quartinho alugado. Andava a escrever um romance, um doido e desencantado romance, e já mais nenhum investimento existia para além desse. Nas folhas que ia dactilografando tarde após tarde, e depois até muito dentro da noite, repetia para lição do mundo a sua própria história: era uma vez um rapaz sonhador, ainda teimosamente ancorado à miragem dos amanhãs que cantam, que um dia decidira fazer o percurso inverso ao das chamadas pessoas normais. Abandonou as aulas no Barreiro e solicitou a colocação num liceu do Alentejo.

- Queria sair do ambiente familiar, sair de Lisboa, e já agora vir viver para o meio da malta de esquerda, entendes? Pensava que, sendo de esquerda, deviam ter uma mentalidade mais libertadora da questão, estás a ver? Eu pensava que era assim, p que é que queres? Se calhar, fui o último dos ingénuos. É possível. Encontrei uma gente ainda mais reaccionária do que aquela que eu tinha querido deixar para trás. A Adília e a Fátima são umas miúdas porreiras, e eu não as quero ofender, mas garanto-te que isto não é nenhuma mentira: as raparigas daqui só pensam em ter namoro. E os rapazes

só querem copos e comida. Comida! Nunca vi ninguém que comesse tanto como eles. Uma festa aqui, eh pá isto é mesmo como eu te estou a dizer, uma festa aqui é um gajo estar sentado à mesa até à meia-noite, é caracóis, codornizes, febras, bifanas, copos e mais copos, sempre de seguida, a isso é que eles chamam uma festa. E o Partido Comunista? É um clube! Os homens vão lá para o café, para o berbigão... Não, eu não aguento mais. Vou-me embora. Elas, coitadas, estão fartas de me aturar esta conversa, mas palavra de honra que há dias em que penso que vou enlouquecer. E depois, sabes, no fundo é uma desilusão tão grande, uma amargura, sei lá, é quase uma derrocada, pá. Estás a ver?

A gente, disse então Fátima, se calha também para o ano nos vamos embora. Não vale a pena perdermos mais tempo estudando. Tinha afastado da sua frente o pratinho da mini-pizza, e esticava uma nova pastilha elástica entre o indicado os incisivos. Usava botas de camurça azul-turquesa com atacadores amarelos. A gente, prosseguia, a gente aqui não nos safamos. Eu queria ir para Almada, como fez a Vi, a irmã da Mitó, ou então para o Barreiro. Se o Nuno me conseguir arranjar lá um emprego qualquer, não importa onde, eu vou. Já combinámos. Mastigava com força a massa rosada da pastilha, tinha as unhas todas roídas. Ou então vou para Setúbal que ainda lá tenho uns primos. Podia ser que conseguisse. Eu queria ir para qualquer sítio, dizia Fátima, e Adília tinha os seus lindos olhos pardos raiados de vermelho. Eu queria ir para qualquer sítio. Eu vou. Aqui é que eu não aguento mais.

- E os teus pais deixam-te ir?

- O que é que interessa. Já fugimos de casa uma vez, eu e a Adília. Não foi, Adília? Podemos fugir outra vez.

Adília limpava de mansinho a primeira lágrima com as costas da mão. Ela chora de cada vez que se fala no assunto explicava Fátima. Nuno Bravo acendeu um cigarro e disse para Joaquim Peixoto que valia a pena ouvir, era uma história incrível. Para tu veres bem o que isto é.

Fátima tinha nessa altura catorze anos, Adília treze. Estavam as duas no sétimo ano, ainda não haviam entrado no longo limbo das reparações intermináveis. Ainda acreditavam em futuros brilhantes mas já sentiam o peso de Beja a marcar-lhes o passo, a retrain-lhes os dias. Fátima fumava erva de vez em quando, às escondidas. Muita gente fuma aqui, entendes? Sempre ajuda. Todas as moças que vêm dessas aldeias aí à volta estudar a Beja, como vinha a Mitó, enquanto aqui estão é que fazem a vida delas, fumam, bebem, namoram, em podendo têm que aproveitar, porque, em casa os pais não as deixam fazer nada. Não estou exagerando, Quim. A Mitó, em Baleizão, nunca podia sair de casa. Só aldrabando. Era o que ela fazia, como faz toda a gente, mas em sendo

assim nunca sabemos se estamos livres de levar uma boa surra. Fátima sorria e era um sorriso triste, um dia fugiram as duas de casa. Já lá vão tantos anos, bem uns cinco. E nada mudou.

- Não era para ir para lado nenhum, não era para nada, Ai, era só para ficar fora disto, que andávamos rebentando. Outra vida. Era preciso ter outra vida, entendes? Às vezes fico pensando se o que aqui levamos será mesmo uma vida. A Mitó também costumava dizer isso. Naquela altura, a minha mãe descobriu que eu fumava, e então cada dia era um inferno. Todas as horas havia discussões. Depois chegou o Verão, e começámos, eu e a Adília, pensando em fugir para o Algarve, íamos arranjando coisas, conservas, cobertores, e assim. Éramos para ir com mais uma moça, e o namorado dela, mas afinal teve que ser tudo a correr porque uma das mães descobriu a despensa onde guardávamos as coisas e desatou aos gritos, aos gritos... Então eu fui a casa da Adília... a Adília estava secando o cabelo, eu cheguei lá e disse-lhe Adília, tem que ser já. Nem pensámos. Era o medo da sova, o susto, aquela coisa de fugir, fugir, fugir...

Pouca roupa enfiada à pressa num saco, batidas do coração mesmo junto da garganta, cinco contos que Fátima tinha em casa, levados numa travessia aflita colada às esquinas. Aquela coisa de fugir, fugir.

- Havia dois miúdos muito estúpidos, de Beja do Alentejo, que é uma aldeia aqui ao pé, que estavam na estrada com as motos. Nós pedimos se nos davam boleia, só para nos tirarem daqui. Eles levaram-nos até Santiago, mas iam com aquela ideia de fazer amor connosco, era só isso que eles queriam, o que levava a Adília até tentou, não foi Adília? Então, em Santiago, aproveitámos quando eles foram ao café, e fugimos.

Fátima fumava o seu terceiro cigarro depois da mini-pizza, tinha os olhos cravados no tampo da mesa. E dizia agora daquela noite passada atrás de um tanque, onde o tempo se ia escoando em lentos quartos de hora marcados um a um pelo relógio da torre, uma noite imensa sobre torrões lavrados. Fátima expirava o fumo e falava da manhã seguinte, em que nem sequer tinham podido lavar a cara. Contava da camioneta para Lagos, da fome, e a estranheza por uma liberdade tão pouco usual, quase assustadora. Fátima contava uma história de nervos tensos e sentimentos agitados, sem nunca levantar os olhos, enquanto as lágrimas corriam em duas carreirinhas pelas faces redondas de Adília.

- Era um corte, sabes, era mesmo um corte. Roubámos laranjas, pedimos cigarros a uns moços que iam passando, e depois íamos pela rua, completamente desgrenhadas, porque nem escova tínhamos, e eu cuspiam para as montras todas.

Eu cuspi para as montras todas, dizia a miúda de cabelos compridos sem levantar a voz, sem encarar ninguém. Roubávamos laranjas, pedimos cigarros, nós as duas sozinhas em Lagos, completamente desgrenhadas. E eu cuspi para as montras todas.

- Na praia, encontrámos três moços que também tinham fugido de casa, e que viviam numa gruta. Arranjámos uma faca grande. Sempre era uma defesa. Tínhamos medo, mas fomos ficar com eles. Só que, entretanto, os das motos tinham vindo contar tudo para Beja, e os nossos pais avisaram a polícia. Ao outro dia fomos perguntar a um polícia onde é que eram as camionetas, e ele de resposta perguntou qual de nós é que era a Fátima. Tentámos fugir, mas ele agarrou-nos. Levou-nos para a esquadra, e eu gritava, eles quase que me batiam, estivemos ali não sei quantas horas à espera que os nossos pais chegassem. O meu veio logo ter comigo, direito a mim, e deu-me uma chapada. Vínhamos no carro, de volta, ninguém falava. Eu olhava o mar, e só pensava em abrir a porta e jogar-me à água. Os miúdos das motos, entendes, tinham andado por aí contando tudo e mais alguma coisa, que ele nos tinham feito e acontecido. Então o meu pai só dizia que eu me tinha que casar com um deles, não importava qual. As pessoas metiam-se connosco na rua, a minha mãe levou uma semana inteira chorando, e, logo no dia seguinte, foram comigo ao médico, para ele ver se ainda estava virgem.

Nuno Bravo bebia bagaço. Sabes, Joaquim, dizia revirando o copo entre os dedos, aqui, e sobretudo nas aldeias, já percebi que a fuga de casa, para as raparigas, é uma espécie de tradição. Descera sobre Beja uma nova molhada, quase sem brisas, e faróis dos automóveis que passavam no largo do Carmo faziam correr pelos cromados do bar feixes rápidos de luz amarela, De vez em quando, há assim um grupo que foge, para Lisboa, para o Algarve. Hoje são umas de Junqueiros, ontem foram outras de Montes Velhos, aqui há tempos foi um grupinho de Cabeça Gorda. Têm treze, catorze, quinze anos, e um dia fogem. Apanham-nas logo. É assim. No bar, adensara-se a mancha suspensa do fumo, subia devagar o volume das risadas e conversas.

- Mas nós fomos umas pioneiras, Quim. Antes de nós, as moças nunca tinham tentado fugir. Paguei por isso com dois anos num colégio interno, em Esposende. Nunca mais consegui ter vontade de estudar

E então foi Adília quem atalhou quase com dureza, estudar para quê? Os meus alunos do nono, retomava Nuno Bravo, têm quase todos a idade da Mitó, dezoito ou dezanove anos. Alguns até são mais velhos que isso. A escolaridade prolonga-se até muito tarde, porque parece não haver muito que fazer com ela. Não há nada para fazer. Não há nada para esperar.

- Põe-te no lugar da Mitó, no meu lugar, no lugar da Fátima. Quando acabarmos o liceu, não arranjam trabalho em lado nenhum. Os pais desses moços todos das aldeias passam o tempo moendo-lhes o juízo que não é vergonha trabalhar no campo, mas diz lá, se fosses tu, querias, ir ceifar, apanhar tomates, ficar criando gado toda a vida? Mesmo agora, que se vê tudo muito mal, e as cooperativas despedindo pessoal cada semana, a gente sabe que no campo ainda se podia arranjar emprego. Mas a gente já quer outra coisa, entendes? E não há outras coisas. Quando não tivermos as aulas, se calha eu e a Fátima ficamos fechadas em casa, até vir um que se case connosco. Só que nós vamos as nossas amigas que se casaram, elas todo o tempo se queixam. Então que queres tu que a gente façamos? Não fazemos nada. Vamos deixando passar o tempo, morrendo estúpidas. Podes crer. Nas calmas, na calmas, pensando que um dia ainda havemos de abalar.

E se Alberto Contreiras se lembrasse de achar que tanto enquadramento sociológico desviava o leitor do fulcro da questão? A mão oprimida que se ergue do fundo dos séculos num romper da bela aurora, hora de cantar cantigas de ir saindo por esses campos fora. Pela estrada fora apareceu um cadáver. Naquela curvinha onde não se consegue ver quem vem de cada um dos lados.

- A Mitó também via as coisas dessa maneira?

- Sabes, nós falamos pouco umas com as outras. Nunca contamos nada, nem às nossas amigas. Já se sabe, no que isso pode dar. Mesmo agora, eu estou-me lembrando de muito mais coisas que te podia dizer, e não tas digo porque tenho medo. Às vezes dá-me raiva, mas dá-me mesmo raiva, por ter nascido rapariga. Eles entre homens ainda andam pelos cafés, primeiro num, depois noutro, passam-se assim tardes inteiras. Não é divertido, mas ao menos estão na rua. Nós estamos em casa. Acham que somos parvas, que só queremos namorar, mas eu penso que eles é que são brutos. Se não quisermos fazer amor com os nossos namorados, dizem que já não somos deste tempo, e cortam connosco, muitas vezes acontece. Mas, se formos com eles para a cama, vão-se logo gabar para ao pé dos amigos, e a fama já ninguém nos tira. Admiras-te que as moças só pensem em casar? Também não divertido, mas sempre é uma segurança.

- A Mitó queria casar?

- Com o alemanito? Nem pensar. Ele era contra o casamento. Fazia assim uns grandes discursos, até dizia que amor não existe. Para ele não devia existir, pelo jeito contratava a Mitó. Por acaso, vou-te dizer, até fiquei triste quando soube que afinal não era ela a assassina. Palavra de honra, eu gostava que ela o tivesse morto. Ele era muito bonito, mas tinha um feitio que não se aguentava.

Os homens daqui tratam mal as mulheres, mas se os Alemães são todos como aquele, antes um namorado de Beja!

- Mas que tipo de coisas é que ele fazia?

- Ai, sei lá, desaparecia, durante semanas a moça não sabia dele, e depois voltava a aparecer de repente, e tinha que ser tudo como ele queria, quando ele queria. A Mitó, coitada, chegou a pontos que até tinha nódoas negras, das surras que o pai lhe chegava. E julgas que ele se impressionava com isso?

Agora Nuno Bravo fumava cachimbo, e expelia um fumo doce, penetrante, sobre o tampo baço da mesa branca onde se distribuíam balões de bagaços vazios, borrões de cinza na porcelana branca dos pires, chávenas manchadas no fundo pelos resíduos do café. Nuno Bravo fumava cachimbo, banhava-os num fumo suave, e não dizia nada. Talvez pensasse no dia de voltar ao Barreiro, ilusões estropiadas na bagagem. Nuno Bravo fumegava em silêncio e as duas raparigas falaram ainda durante muito tempo, histórias de saltar à noite pela janela para irem às festas. Passavam os dedos pelos cabelos fortes, cabelos lustrosos de terras do interior, e contavam de mil medos, cada vez que vamos a uma *boite* dizemos em casa que vamos à festa de anos de uma amiga. E depois passamos o tempo à rasca pensando que alguém nos pode ver e ir fazer queixa. Estamos dançando, e sentindo o medo a comprimir-nos cá por dentro. O medo. Se alguém descobre. Se souberem que eu vim ter com ele a este convívio do liceu, se sonharem que quando pensam que estou nas aulas eu estou mas é namorando. Fátima e Adília contavam de entrar em casa com as mãos suadas de frio, pé ante pé no escuro temendo o ranger das portas. E de todo o tempo esperar uma denúncia. Falaram as duas longamente, baixinho. Os olhos da cidade a toda a hora postos nelas, os dos velhos e também os dos novos, dos colegas, das próprias amigas. Disseram de raramente conhecerem o divertimento sem que os dedos do pânico lhes apertassem a garganta. De mentir e sentir remorsos. De conviver dificilmente com a duplicidade das suas vidas, tantas vezes com vergonha, sempre com má consciência. Quando já era muito tarde entraram quatro rapazes de cabelos escuros.

- Vocês sempre vêm à Arcada?

Foram, e o chão era de cimento. Os compassos binários das músicas, com todos os baixos postos em realce, ecoavam contra as paredes em pedra larga, sustentadas por arcos redondos, do que em anos distantes fora a infundável adega de uma qualquer ordem religiosa estabelecida na zona. As mesas dispunham-se a toda a volta, nas sucessivas reentrâncias da vasta sala única, e uma porta forrada por cortinas de bambu assegurava o acesso ao bar. O fumo descia até ao nível do movimento das cabeças, rente ao chão vogava pó. A Arcada estava cheia, muita gente dançava. Havia miúdos que saltavam de

braços abertos, outros ajoelhavam-se por vezes, em marcações ferozes. Joaquim Peixoto nunca dançou, ficou sentado na cadeira dura, de pranchas de madeira sobre uma armação de ferro, pensando que sentia crescer em torno de si uma estranha, indizível violência. Tu sabias disto, Alberto Contreiras? Não é doce ser-se jovem neste campo que tu achas uma maçada. E muito menos, Ana Mafalda, muito menos se se nasceu mulher. É disto que quer que eu fale, chefe? Ftima e Adília saíram cedo, deram-lhe beijinhos perfumados a água-de-colónia de alfazema. Ele foi-se deitar à hora em que Helmut Schneider morrera quatro noites antes, e teve, até d manhã, estranhos sonhos de enredo agitado. Sebastião Curti não veio dormir à residencial.

MOTE

*Da terra onde nasci
Nunca hei-de dizer mal
Seja lá conforme for
É a minha terra natal*

VOLTAS

*Passou-me pela ideia
Já que pude escolher o tema
De fazer este poema
Dedicado à minha aldeia
Ela para mim não é feia
E não fico por aqui
Foi aonde eu cresci
E aprendi a trabalhar
Tenho portanto orgulho em falar
Da terra onde nasci*

*Está muito bem situada
E a igreja é muito linda
Mas o que não tem ainda
É água canalizada
Não é porque seja culpada*

*A câmara municipal
E lá do poder central
Por causa das finanças locais
Mas eu não posso dizer mais
E a minha terra natal*

*(décimas de João Chouriço Paias, natural da Póvoa, de 61 anos de idade,
reformado)*

Inquérito

Abriu-lhe a porta de rompante poucos minutos depois das nove, inundando de luz o quarto adormecido. Joaquim Peixoto sentou-se estremunhado na cama com a boca ressequida pelas misturas da Arcada, o pijama castanho todo amarfanhado em torno do corpo magro. Sebastião Curto vinha num triunfo.

- Um sonho, Quinzinho. Um colchão de espuma. Eu não pensava deixar de te vir aquecer os pés, é que nem por nada, mas a mulher, o que é que queres? Nunca mais me largou. Parece que está divorciada, e, aqui na parvónia, ninguém lhe pega. Ia ali uma fomezinha, ai filho, uma fomezinha, vou-te contar. Dei uma de bombeiro voluntário, estás a ver? São umas sôfregas, as camponesas. Ou achas que são os camponeses que têm defeito? Coitados, só devem saber dizer aquilo Maria, por que é que pintaste os beiços, foi para ficar mais bonita, homem, então por que é que não ficaste? Pois é. Assim não se safam, não.

Bárbara Emília combinara esperá-los a partir das dez, mas Sebastião Curto desenhuiu-se com uma careta logo a seguir à sua tirada inicial. Fica aqui a comer as torradinhas com muito juízo, que eu vou ali tomar o pequeno-almoço a um sítio. Ando a seguir outro tipo de dieta, estás a ver. Ah, ah, ah. E depois demorou-se insensatamente, até já ser perfeitamente legítimo que a dactilógrafa do Centro de Saúde da Cuba o mandasse passear com má cara. Joaquim Peixoto engolia em seco quando tocou à campainha da casa azul. Mas ela ainda veio lá de dentro a laçar os atacadores dos sapatos, um bolo de canela preso nos dentes. Ai desculpem-me mas deixei-me dormir. Entrem, esperem um bocadinho. Pairava-lhe atrás um vago rasto de espuma de banho. Querem popias? São frescas, comprei-as esta manhã a uma mulherzinha. As persianas corridas filtravam em círculos a luz do sol. Já não chovia. Ela usava as mesmas calças escandalosas da véspera, desta vez com uma camisola larga de riscas, e sapatos de ténis, que a faziam parecer mais jovem. Prendera a cabeleira num rabo de cavalo, mas o sorriso devorador não mudara! durante a noite.

- Vamos? Telefonei à Bia, que não percebeu lá muito bem por que é que havias de querer falar com ela. Bem, tu agora em chegando explicas-lhe, não é? Sigam aí em frente, até ao fundo da rua, e depois virem à esquerda. Vamos passar muito perto da Base.

Joaquim Peixoto roía as unhas, pensava no que iria explicar à senhora de São Brissos, e as searas, penteadas de sobreiros, iam passando pela janela. Bárbara Emília Frutuoso voltou-se de repente para trás, e estendeu-lhe um caderninho de capa dura, quadriculada a negro sobre laranja e branco, na ponta dos dedos de unhas muito longas.

- Trouxe-te isto, mocinho. Não sei se te interessa. É um diário que a Mitó andava fazendo. Guardava-o lá em minha casa, escondido por baixo de uma gaveta de panos da loiça, com aquele medo de que alguém o encontrasse. Mas dizia que tinha que escrever, senão estoirava. Não sei. Pode ser que alguma dessas coisas sirva para pões na tua reportagem.

Na véspera, Joaquim Peixoto hesitara em fazer-lhe aquela pergunta. Mas tem que ser, pensou com o diário muito apertado na mão. Ali desfiava Mitó os seus segredos, mas eu queria ouvir mais. A tal voz muito grave, a própria voz, a contar tudo. Joaquim Peixoto ousou por fim tentar o que adiarra no dia anterior. Tocou-lhe de leve no braço, logo arrepiado pela sua ousadia.

- Bárbara, desculpa.

Ela voltou a virar-se, fabulosa, carnuda, com as sobrancelhas arqueadas assinalando a expectativa.

- Bárbara, tu achas que não vai ser possível eu falar com a Mitó?

- Não vejo para que é que te há-de servir falares com ela. Já sabes a história toda. E acho que para a mocinha é melhor que não lhe fales. É preciso deixá-la descansar.

Era magnífica a controlar as emoções. Mais uma vez, como antes, afirmando a sua vontade de saber da amiga assassinando o alemão, nem um músculo da cara lhe tremeu. Nem uma fracção de segundo lhe denunciou a hesitação da resposta. És forte, grande parva. És forte de mais para mim.

- Até te empresto o diário e tudo. Eu percebo que tu lhe queiras falar. Mas peço-te que não insistas. Era mau para ela.

Sebastião Curto veio em socorro do estagiário, enquanto fazia girar o volante debaixo das mãos. Seguiam já por uma estradinha de desvio, estreita, cheia de buracos. As construções cinzentas da Base recortavam-se do lado esquerdo contra o céu agora muito azul, numa imensa extensão de terreno vedado cheio de torres e hangares, pistas, barreiras, vultos esfumados de aparelhos pequenos de mais para se poderem ver bem à distância a que se encontravam.

- Ó minha senhora. Falar com o nosso Quim é sempre bom para qualquer espécime do sexo feminino. Não me diga que ainda não deu por isso. Deixe lá o rapaz levar conforto espiritual à desgraçada da miúda, que eu lhe pago um jantar da próxima vez que você for a Lisboa.

- Por acaso vou em Setembro, e mais o meu mano, à Festa do Avante. Mas vou jantar a casa dos meus parentes, muito obrigado.

- Ó Bárbara! E eu que pensava que eras uma miúda compreensiva.

- Compreensiva? Tu pensas que eu me vendo por um jantar e queres que seja compreensiva? Ai os granitos. Se calha é o mal que eu faço, andar gastando convosco o meu rico tempo. Ora, moços de Lisboa. Contam uns aos outros anedotas de alentejanos, e cuidam que podem vir para aqui gozar com a gente. Pois estão muito enganados.

- Ena! Você, cuidado consigo. Fica com uns olhos lindos, quando se zanga. Olhe lá outra vez para mim, assim, a faiscar. Bravo!

Parva, pensava Joaquim Peixoto. Não te derretas já, anormal. Não comeces com risinhos rendidos ao primeiro milho que ele te atira. Estavas tão bonita, assim clamando pela tua dignidade. Já borraste a pintura toda. Que impossíveis que são as mulheres.

- Pára ali o carro ao lado do parque infantil.

São Brissos acomodava-se numa encosta suave, em poucas ruas com casas térreas ladeando o edifício da escola primária, onde havia baloiços e escorregas no pátio, escadas curvas de ferro para os meninos subirem e descerem. Bia esperava-os parada à porta de casa. O cabelo muito curto estava já salpicado de cinzento. Vestia calças pretas de fato de treino, e uma camisola incaracterística.

- Já estava pensando que não vinham, Bárbara. Entrem.

Era outra sala escura, com cadeiras de palha e um gira-discos em cima da mesa de vidro que estava encostada parede. Bia fizera-lhes café, e da chegada dos alemães guardava a recordação de uma agitação epidémica crescendo por essas aldeias como as manchas do óleo se expandem sobre o papel.

- Nesse tempo, mocinhos, era uma loucura. Deixem-me cá. Tudo atrás dos alemães. As minhas amigas desataram organizando festas, e tanto faziam que acabaram por consegui arranjar jeitos de os convidarem. Eles também só queriam festas. Eram pessoas simpáticas. Alugavam quartos, casas, ficavam por aí espalhados, e foram conhecendo a malta. Mas não estejam pensando coisas, era tudo muito formal, sempre com as nossas mães servindo de guardas. Eles embebedavam-se todo o tempo, e então ficavam eufóricos. Cantavam muito, muito. Connosco, falavam assim com umas palavras em português, ou as de francês ou inglês que a gente entendia, mas era quase tudo por gestos, já se vê. Nós andávamos doidas, achávamo-los muito giros, os moços cá da terra até lhes chamavam usurpadores. Só queríamos dançar com eles.

- Mas pensavam em namorá-los? Em casar?

- Namorar, sim, porque eles eram bonitos, diferentes, vinham de fora... Estavam aqui fazendo a tropa, e ninguém procurava saber de onde vinham, como eram as suas famílias, essas coisas. Era só para nos divertirmos.

- E toda a gente pensava assim?

- Bem, duas ou três entraram naquela ilusão de que assim iam para a Alemanha e depois em estando lá tinham uma vida boa, uma vida como deve ser, não é? Mas era mesmo uma ilusão, porque esses moços que para cá vinham e faziam convívio connosco eram decerto de origens modestas. Já lhes falaram daquela desgraçada que casou com um sádico? Pois a família desse veio cá ao casamento, e via-se mesmo que eram assim uns camponeses com pouca instrução. E o marido da minha irmã Zeza, que andou para ser meu, não pensem lá que a família dele é muito fina. O pai é soldador, e a mãe diz que já nem sabe o que são sapatos, anda sempre de pantufas com uma garrafa de cerveja na mão. Pois é, gente assim. Rude, estão vendo? Mas eles nunca nos falavam da família, nem a gente lhes perguntávamos nada. No geral, ninguém queria saber. Vinham fazer a tropa, e a malta só se queria divertir. Nós, e eles. Quem pensou em coisas sérias bem se lixou.

Bia enchia pela segunda vez a chávena de barro de Estremoz, com folhas azuis pintadas sobre o fundo amarelo. Você é uma loba nisso de beber bicas, dizia-lhe Bárbara. Joaquim Peixoto perguntou-lhe se conhecia bem Mitó. Ela aspirou o fumo do café com demora.

- Os meus sobrinheiros é que a conhecem bem. Dizem eles que a encontravam muitas vezes, já se vê. Eu só a conhecia de vista porque me disseram quem era, uma vez num baile em que apareceu um grande grupo deles. Todos bêbedos, mas isso é o costume. Ainda sou assim de certo jeito tia do homem, não é? Quero dizer, do defunto, desgraçado. Também quem o mandou meter-se no contrabando. A minha mana, por acaso, escreveu dizendo que o moço vinha para cá, mas ele nunca aqui apareceu para dar um ar da sua graça. São muito metidos consigo, os alemães. Dantes era diferente.

Tinha em cima da mesa, ao lado do gira-discos, o suplemento dominical a cores de um qualquer jornal diário. Na capa, uma beldade muito rósea enroscava o corpo generoso nos gomos coloridos de uma enorme bola insuflável. Bia ia-lhe a passar os olhos por cima na conclusão da sua resposta ao estagiário, e deteve-se para dizer que também era tudo tão diferente para as raparigas. Dantes.

- A gente, na altura, namoriscámos muitos alemães. Era engraçado, como quando íamos ao quartel fazer um pé-de-alferes. A Bárbara já se está rindo, olhem lá. Mas eram assim umas coisinhas muito sem mal, muito inocentes, a gente via-se de longe a longe, se calha saíamos todos em grupos grandes, e

quando chegávamos a dar a mão, ou a dar um beijo, isso já era uma grande coisa. Ainda me lembro do meu alemanito, que depois acabou por ser para a minha mana, e graças a Deus, que lhe saiu um bom tratante, ainda me lembro do alemanito, na festa em que nos conhecemos. Dançava comigo assim muito afastado, as nossas mães todas vigiando de roda da sala, ele dizendo que eu era muito simpática. Só me dizia frases assim. E aquilo chegava-nos. Mas agora as moças vêem muitas coisas, não é? A gente não víamos nada. Elas vêem cada filme que até os homens têm vergonha, vêem as telenovelas e o pessoal sempre namorando, mudando, beijando quem calha, e de que jeito, dormindo onde calha, é tudo tão fácil, e sempre numa pressa... Elas vêem estas capas nas revistas, a gente não via. Ouvem estas canções todas que há agora, em que o pessoal está sempre fazendo oitos com pernas de nozes, nas calmas... Elas já sabem muito mais do que nós sabíamos, e só vêem isso ser simples, ser natural, nas coisa} que lhes chegam. É muito diferente, entendes? Eu posso pensar que tive uma mocidade assim estúpida, mas ao menos foi uma mocidade descansada. Elas andam sempre nuns nervos, porque sabem que podem ter muitas coisas que aqui não há, ou que, se há, os outros não querem que elas tenham. Entendes? Elas já sabem que a vida pode ser diferente. Sabem que há a vida delas, que não lhes interessa, e depois há a vida das moças que estão fora daqui, e podem pintar a manta que ninguém lhes diz nada. Não sei, mocinho, mas acho que se fossa moça agora ainda era menos feliz do que o que fui. E eu não fui muito feliz. Até fiquei para tia, não é?

Acompanhou-os à porta com muitos cochichos para Bárbara Emília, e ficou encostada à umbreira, quase na mesma posição em que os tinha recebido, a ver a carrinha fazer atabalhoadamente inversão de marcha entre o muro do parque infantil e o grande contentor do lixo colocado na beira da estrada. Ladearam novamente as construções cinzentas da Base.

- Oiçam lá, aquilo não se pode ir lá dentro?

- Poder pode, Quim. Mas, se querias, devias ter tratado disso em Lisboa.

Sebastião Curto lembrava-lhe, por vezes, de forma algo incómoda, a vozinha sentenciosa do grilo do Pinóquio. O estagiário já ia desistir, conformando-se com a ideia de que, de qualquer forma, Alberto Contreiras acharia sem dúvida uma indescritível maçada tudo o que se relacionasse com aviões, oficiais alemães, e defesas do Atlântico Norte. Foi Bárbara Emília quem falou por ele, vira aí à direita, Sebastião. Pelo menos vamos lá até à porta, sempre ficas a ver como é. O fotógrafo obedeceu-lhe com docilidade. Não deve

dar para mais do que isso, mas de qualquer maneira também não podia ser, senão chegávamos muito tarde a Baleizão.

O desvio estava asfaltado, com um grande painel a sinalizar-lhe logo à entrada o estatuto de estrada militar. Acesso condicionado, circule com os médios acesos. Havia uma barraca pintada de verde-escuro no ângulo exacto da esquina. Fitas de plástico colorido protegiam-lhe a entrada das moscas. Tinha do lado virado para a estrada um pequeno alpendre, onde duas mesas de ferro, da cor da tinta das paredes, reuniam naquele momento à sua volta cerca de uma dezena de homens de botas da tropa, quicos na cabeça e cartucheiras à cintura, encostando à boca sucessivas garrafas de cerveja enquanto os cães dormiam sobre o restolho, enroscados uns, outros estirados, entre as bicadas insistentes de meia dúzia de galinhas. Caçadores, disse Bárbara Emília. Um garrano castanho-escuro, de crinas escorridas e ar triste, estava amarrado a uma das árvores próximas. O letreiro escrito a preto sobre fundo branco, colocado por cima da porta, dizia Beer Ranch. E por baixo, em tipo mais miúdo: aluga-se cavalos. Uma espelunca, resmungou Bárbara Emília. Depois soltou um suspiro, a frisar bem o seu desgosto.

Sabes uma coisa, mocinho? Conto-te isto para veres bem o mal que aquele emplastro alemão fazia à Mitó. Uma vez, a meio da noite, ela veio aqui sozinha. Foi para aí há três semanas. Aquilo já estava mesmo muito mal.

Quero-te ver esta noite, princesa, dissera-lhe Helmut à saída do Silver Club, e há dez dias que ela não conseguia estar com ele. Uma nova fúria de Bernardo Formosinho retivera-a uma semana inteira em casa, agora que não tens aulas sempre quero ver que desculpas arranjas para ires a Beja. E não me venhas outra vez com a conversa da natação, ouviste? Ficas aqui ajudando a tua mãe, já que não a ajudas se não fora força. Bernardo Formosinho saía a bater com a porta. Mas de Fátima não dizia nada, fazia pesar sobre Mitó a mudez queixosa das suas recriminações. Chegaste a casa já era dia, desgraçada. Tinhas prometido não vir muito tarde. Sabe-se lá o que andaste fazendo, minha filha. Ai mas esses olhos trazias, esses olhos não enganam nem os velhos como a gente que somos de um tempo em que a juventude tinha tanto que lutar nesses campos de suor e fome que nem podia saber que era agora andar fumando coisas estranhas. Uma semana em casa e o telefone vigiado, de qualquer forma o mecânico também não gostava que ela lhe ligasse. A privacidade, princesa. Não suporto sentir-me perseguido. Espera tu que eu te fale. Mas dessa vez a mãe dizia-lhe e aí de ti se algum daqueles moinantes drogados telefona cá para casa, eu lhe digo, eu lhe digo, minha filha, que isto tudo tem limites. Mitó temia cada tinir regular da campainha, mas nunca era Helmut. Se calhar já não me quer falar. Zangámo-nos tanto, naquela noite. Eu até lhe chamei maricas, ele

fica doente, mas também por que é que não me liga, por que é que não me liga. Por que é que passa as noites inteiras sem me tocar, decerto que sol eu que não presto. Mas então por que é que me disse que eu nunca hei-de saber o que ele gosta de mim? Mitó ao fim de uma semana, acabado o castigo, correndo Beja em vão. O calor derretia o asfalto. Moças. Ninguém viu o meu alemanito?

- O emplastro nem se deu ao trabalho de a procurar, entendes? Andava lá na vida dele, nem queria saber. Ela à rasca, porque lhe tinha dito que ele era maricas, parece que o homem que ficou com uma cara que parecia assim o holocausto nuclear com pernas. Não te rias. Havias de ver a Mitó numa aflição, sem saber onde o havia de procurar, e a minha mana sempre moendo o juízo da mocinha, o que é que ele vinha fazer para Beja. O pior foi que eu não estava cá nessa altura, tinha ido uns dias para Porto Covo e mais o meu mano Luciano. Então não lhe podia dar nenhuma ajuda. Enfim, lá se encontraram, e combinaram aquele disparate todo.

Mitó, dissera Mila dentro do carro, e o charro piscava discretamente de mão em mão. O Hugo e o Tito vieram agora do Silver Club. Dizem que o Frieder está lá. E o Helmut também. O Hugo e o Tito viram o Helmut no Silver Club, Mitó. Agora mesmo. Falava como se preferisse ter uma notícia diferente para lhe dar, dizia-se que no Silver Club havia rapazinhos ainda quase sem barba que vinham das aldeias em volta. Gostavam dos marcos, ou sabe-se lá do que é que gostavam, hoje em dia já não se entende nada. Diz-se muita coisa. Mas não há fumo sem fogo, aí isso não, garantia o chefe Larguinho. De qualquer forma não era sítio que criasse problemas, discreto, muito fino, alcatifa felpuda abafando os passos na entrada, candeeiros prateados nas mesinhas compridas. O porteiro fora dos Comandos no tempo da guerra e não tolerava lá dentro a menor agitação. O cavalheiro queira fazer o favor de pagar a sua despesa e sair já. Isto aqui é um estabelecimento sério. Até lá iam casais, mas isso é para disfarçar, então e os miúdos que chegam sozinhos, o que é que vão fazer? Depois nunca mais saem. Tocava-se a uma campainha para se poder entrar, e dizia-se que o porteiro fizera tatuar no peito, nesses dias húmidos da Guiné, uma enorme águia de asas abertas. Às vezes dava-lhe para mandar embora as pessoas, só pela pinta. Está cheio, temos muita pena. Mas os tais mocinhos entram sempre, ou não entram? Como é que as famílias dessa gente não protestam, santo Deus. Malteses, ciganagem, por certo. Ou desses pais que já não têm mão nos filhos. Serviam-se bebidas de cores vivas em copos altos, finos, com sombrinhas de papel a ornamentar-lhes a superfície e cerejas cristalizadas, cascas de limão, presas no vidro. Uma fiada de açúcar em pó corria-lhes por vezes a toda a volta, e havia pratinhos opacos, em cores baças, com batatas fritas, favas salgadas, amendoins torrados nas noites de maior

frequência. Charles Aznavour cantava ainda na banda sonora, entre versões para piano dos êxitos de Shirley Bassey, Dong Summer, Barry White, uma onda branda.

Mitó nunca lá tinha ido. Não era a deles. Depois havia a Q história dos miúdos, ninguém quer ficar com a fama. Mila não lhe dissera que todos tinham visto Helmut com frequência nos dias anteriores, sempre pendurado numa ruiva artificial vinda sabe-se lá de onde. A filha de Bernardo Formosinho viria a descobri-lo por insinuações esparsas, indefinida» de resto há muito que lhe pressentia as infidelidades. Mas ura ruiva é uma coisa. Um miúdo é outra. E há três dias que ela procurava por todos os cantos familiares de Beja. Temos que lhe dizer. O Helmut ainda agora estava no Silver Club, Mitó.

- Foram lá, mas o porteiro não os deixou entrar. Foi assim ao fim da tarde, que é a hora a que eles abrem, e nessa altura seleccionam muito a clientela. Só os alemães é que entram sem problema, nem que fosse ao meio-dia, já se sabe. Tudo se paga. Bem, estavam ali à porta, argumentando, insistindo que iam lá dentro ter com uns amigos que estavam à espera, a Mitó por certo já de lágrima ao canto do olho e nisto sai o Helmut e mais o camarada que andava sempre a reboque, o Frieder.

Ele nem sorria, não sabia nunca sorrir-lhe quando a via. Piscou o olho aos outros. Em cada manhã que partia para Beja Mitó demorava-se longamente fechada na casa de banho. Ensaiaava ao espelho camisas, calças, saias, coletinho, lenços, e tudo lhe parecia cair sem jeito e sem graça em volta do corpo magro. Mal saía da camioneta corria a trancar-se à frente a um novo lavatório, este público, no café mesmo ao lado da estação, para colorir o rosto com as pinturas que teriam feito o desespero da mãe se a visse sair assim de casa. Costumava limpar-se com um *kleenex* no caminho de regresso, indiferente aos olhares curiosos que lhe pudessem deitar. Um caso perdido, a Maria Vitória, coitados dos pais. Nesse terceiro dia de buscas ousara prolongar um pouco mais risco de lápis a partir do canto das pálpebras, e tinha vestido uma camisa muito larga, de grandes flores estampadas, que Vi concedera em lhe deixar de empréstimo no último fim-de-semana em que viera visitar a família. Mas depois não quero isso com nódoas, ouviste? As coisas nunca surtiram nela efeito espectacular conseguido sem esforço pela irmã mais velha mas de qualquer forma Mila já lhe dissera que estava giríssima. E ela desejara mais do que nunca encontrar Helmut nessa tarde. Agora ele saía do Silver Club sem sorrir, piscava o olho aos outros, e cravava-lhe os dedos em volta do pulso naquela sua maneira autoritária de afirmar a posse que indiscutivelmente lhe assistia sobre a miúda de Baleizão.

- Que é isso, rapariga? Então hoje vieste para a cidade em pijama?

Mitó não dissera nada, tinham caminhado em silêncio até ao fim da rua. Frieder propunha um jogo de bilhar, as meninas vão ver umas montras enquanto a gente tratamos aqui de um assunto. Nunca se viam raparigas dentro da Casa de Jogos Papagaio, com máquinas de *Space Invaders* logo à entrada, *jackpots* ordinários, um circuito de Fórmula 1 sempre de luzes a piscar. E as mesas de bilhar no piso superior, ao fundo, passada a cortina densa de homens agarrados aos botões e alavancas de cada jogo, concentrados nos seus gestos quase com raiva. Ao centro, ainda subsistiam duas caixas de matraquilhos. Tomás, Hugo, e Tito, costumavam passar ali horas a fio, nos dias em que elas tinham aulas. Voltem daqui a meia hora. Mas eu tenho que ir para casa, Helmut. Então ele puxou-a pelo braço, para deixarem os outros passar-lhes à frente, e disse sem admitir protestos quero ver-te esta noite, princesa.

- Mas eu não posso, Helmut, não posso sair, não me deixam. Nem sequer cá tenho a Bárbara, para ficar na casa dela.

- Não sei. Esta noite tenho que estar na Base. Mas espero por ti no Beer Ranch.

- Mas eu não posso, Helmut. Se me vêem aí...

- Não sei. Eu espero lá por ti. Adeus, princesa.

Auf Wiedersehen, Prinzessin, eu sei que tu vais lá ter comigo. Tu fazes tudo o que eu te mandar fazer. Mitó voltou para casa e sentia pouca força nas pernas, era tão bom quando ele lhe dizia daquela maneira sacudida que queria absolutamente estar com ela. Tão bom quando se sentia importante, assim desejada, esta noite quero ver-te, princesa. Esta noite. Bernardo Formosinho tinha uma reunião do Centro de Trabalho, outra vez a situação na Cooperativa Força da Unidade. A entrega de mais uma reserva, agora incluindo quase toda a área de pastagens, tornaria a breve trecho a sobrevivência insustentável para as três centenas de trabalhadores que ainda mantinham viva a chama da reforma agrária. Esta noite, princesa. Bernardo Formosinho Rosado não estaria em casa. Mitó for-se deitar logo a seguir ao jantar, não me estou sentindo bem. Com a vida que fazes não admira. Só tens pele e osso.

- Diz que ficou à espera que o pai saísse, e depois que a mãe apagasse a televisão. Mas ela esteve vendo tudo, até tocar o hino. A Mitó foi duas vezes espiar à sala, em bicos de pés, porque a minha mana costuma deixar-se dormir ali sozinha, com aquilo ligado, e já nunca mais dá acordo de si. Só que nesse dia, com tanto azar, esteve sempre acordada. E antes de se ir deitar ainda foi ver ao quarto da Mitó se não havia novidade. Ela fingiu que estava dormindo. Depois, assim que ouviu a Fatinha fechar a porta, meteu a almofada dentro da cama, para dar a ideia de que estava lá uma pessoa, e saltou pela janela. Levava um boné, e um blusão muito largo, para parecer um moço.

Desencostou a bicicleta da parede das traseiras, e o coração quase ensurdecia com a violência das batidas. Nunca se tinha arriscado tanto. A Rua dos Pintores pareceu-lhe um pesadelo longo, infindável. O mural do Ezequiel, com Che Guevara olhando em frente, sobressaía das casas brancas como um fantasma. Hasta la victoria. Bastava que alguém abrisse uma janela. Se algum cão ladrasse, se algum bêbado assomasse titubeante a uma esquina. Tudo estaria perdido. Bastava passar por ela um velho apressado, a caminho ou de regresso do Centro de Trabalho, onde o futuro da reforma agrária procurava uma saída sob a luz crua de duas lâmpadas fluorescentes. O latifundiário ainda nem pagou o trigo da outra reserva, que também fomos nós que semeámos. Então entrava alguém que lhe havia de segredar aquilo com discrição, sem dúvida com pena de mais um pai atraído pelos anseios inexplicáveis desta triste juventude.

- A tua filha ia por aí abaixo numa bicicleta, Bernardo.

Mais do que um governo traiu-nos um país, traiu-nos a História. Traiu-nos um sonho e uma esperança que não deveria ter fim. Catarina caiu na luta, conhecemos a prisão e a tortura, e a parte que nos cabia de uma glória prometida, veio um dia em que cantámos esta terra hoje nossa. Trazia-nos de longe um caminho certo, e eis que agora não sabemos por onde ele prossegue, já quase duvidamos de que ele alguma vez tenha existido, sim, quando estamos sozinhos duvidamos. Eis que os cantores já não visitam as cooperativas, as mercearias já não vendem fiado, eis que de novo se abrem as portas das igrejas e delas saem os andores das procissões. Nossa Senhora da Conceição faça sol e chuva não. Se entregarmos a reserva, Bernardo, é uma nova folha que cai desta nossa azinheira de eu já não se sabia a idade, é o Outono que avança onde nunca se devia ter feito sentir. Havemos de cantar outra vez no dia da entrega como em todos os outros, diante dos jeeps da Guarda e com um nó na garganta, o povo é quem mais ordena, mas onde foi que as palavras começaram a perder a sua força. Onde foi que lhes roubaram a magia redentora, onde foi, Bernardo, que as palavras perderam o sentido e agora cantamos talvez para não chorar, quem nos traiu não sabemos. E a tua filha, a filha de Bernardo Formosinho Rosado, ia ali numa bicicleta disfarçada de moço. A tua filha ia pelo escuro ter com o alemão, enquanto nos debatemos como o peixe ainda vivo nos caixotes dos pescadores de Porto Covo, sem saber para onde foi o ar que respirávamos.

- A Mitó diz que ia morta de medo, e, ao mesmo tempo, ela sempre foi assim, cheia de problemas de consciência. Acho que o pior, para ela, é que sente a sua vida como uma coisa de certa forma errada, talvez por causa das conversas que ouve desde menina, o que vai à volta dela, isso assim. Vou-te contar uma coisa: a mãe do Bernardo, que viveu lá em casa até morrer, sabes o

que é que ela fazia, de manhã à noite, sentada num banquinho? Bordava almofadas para vender nas festas. Eram umas almofadas de tafetá, em várias cores diferentes, mas sempre com o mesmo desenho: um homem, uma mulher, e um bebé todo nuzinho ao colo da mulher. Quase parecia um presépio, mas o bebé tinha na mão um martelo, que cruzava com a foice que o homem segurava. Até morrer ela bordou aquilo. Todos os fundos revertiam para o Centro de Trabalho. A Mitó andava nos pioneiros. Depois desligou-se desta vida, mas estou em crer que lhe ficou sempre uma coisinha lá no fundo, remoendo, remoendo... Não sei, são tolices que eu penso cá para mim O que é certo é que, nessa noite, à conta de ter que esperar! que a mãe fosse para a cama, quando chegou ao Beer Ranch! já era tão tarde que aquilo estava fechado, as luzes todas apagadas, e não se via ninguém.

Cantavam grilos no escuro. Era uma noite sem lua, sem vento, povoada de constelações. Helmut não quisera saber de esperar por ela. Talvez nem tivesse chegado a ir lá, era bem capaz disso, era capaz de tudo. Mitó sozinha no meio da noite, agarrada ao guiador da bicicleta, e agora? Viera até ali numa pressa absurda, irreflectida, tudo valia pelo desejo dei» de a ter perto de si, ela pedalara embalando os sonhos dei sempre, talvez seja hoje que ele me vai voltar a dizer o que mil disse nas escadas. Mas ao chegar encontrava apenas o escurai e o silêncio à sua espera, o pressentimento de grandes tempestades no regresso. Helmut não a procurara. Não a devia ter procurado nunca. Certamente esquecera já o que lhe pedira nessa tarde em Beja. E Mitó não sabia como voltar a casa, como enfrentar a cólera enorme do pai com o coração assim afogado de desgosto, de raiva. Mitó segurava contra si a bicicleta, enfiara um boné para parecer um rapaz. Agora caía em si na solidão da estrada deserta, via-se ali parada no meio do caminho, sabia a noite adiantada e a volta tormentosa. Mitó trouxera um charro no bolso para partilhar com Helmut, antevira esse momento de alegria, silenciosamente se exaltara. Fumou-o sozinha, encostada à parede pintada de verde-escuro, a bicicleta deitada contra a berma. Devagar, até ao fim, no meio da noite tão desabitada. Depois era tudo muito menos claro, era tudo muito mais remoto, e ela começou a andar, passo a passo, pela estrada militar do desvio.

- Diz que fez isto tudo sozinha, o caminho que estamos fazendo agora. Sozinha, a pé, a meio da noite, não sei se podes imaginar.

Imagino sim, Bárbara Emília. Imagino tão bem. Os cartazes iam-lhe aparecendo como nos aparecem hoje a nós, mais transfigurados pela noite e pela solidão, sem dúvida ainda mais ameaçadores. Acesso condicionado. Acesso proibido. Não é permitida a circulação de viaturas estranhas à Base Aérea. Atenção, zona militar. Passagem proibida. Os cartazes, um atrás do

outro, subindo de tom, anunciando num crescendo a presença do corpo estrangeiro da Base. Lá dentro estava Helmut, Helmut mandou-me vir e não quis saber mais de mim, mas eu agora vou ter com ele. E mato-o. Mato-o. Eu agora mato-o e acabou-se. Não se ri mais de mim. Mato-o pela Mila que nunca será capaz de matar o Tomás, pela Bárbara que nunca matará o Augusto, pela Vi que atura o Fernando, pela minha mãe que atura o meu pai. Mato-o de uma vez por todas, mato tudo com ele. Pela Fátima e pela Adília, que ainda hoje não têm namorado porque, aqui há muitos anos, um dia fugiram de casa.

- Depois disso a Mitó contou-me que tinha feito este caminho todo sem sequer sentir medo, tal era a raiva que levava. E só pensava em matá-lo. Por isso é que eu acreditei, quando começaram dizendo que tinha sido ela a assassina. E achei bem-feito, pois então. Eh pá, fico arrepiada só de a imaginar nessa noite, por aqui fora às tantas da manhã, a pé, sozinha...

Agora aparecia ao fundo o portão largo da Base, todo gradeado. A casa do vigia era do lado direito, e havia em frente dela uma pequena rotunda, vagamente florida. Lá para dentro adivinhavam-se construções, manobras, vinha a sair um carrinho metalizado com um oficial à paisana ao volante. Devia ser um oficial, pela maneira como cumprimentou o guarda com displicência ao transpor o gradeamento. Uma longa série de candeeiros muito altos, de dois braços cada, indicava o traçado do que devia ser a alameda principal. Expressamente proibida a entrada, dizia uma placa no centro da rotunda. Mitó chegara ali e já não conseguira andar mais, o vulto da sentinela dentro do edifício à direita acordara-a brutalmente para o risco inexplicável daquela situação. Mitó ficara ali cosida com o escuro, varada pelo medo. Não sabia se tinham passado horas. O homem dentro do vidro fumava, via-lhe o clarão muito breve do cigarro espreitar-se a espaços regulares. Uma esperança absurda começara a segredar-lhe que talvez Helmut ainda saísse, talvez ainda fosse ter com ela ao Beer Ranch talvez, e então cada murmúrio, cada passagem de uma leve brisa sobre as ervas, lhe reavivava os sentidos e lhe humedecia a garganta, mas era sempre mentira. Ninguém saía da Base. Sebastião Curto encostou a carrinha ao gradeamento e desligou o motor. Bárbara Emília já tinha a mão na fecho da porta.

- Anda lá comigo, Quim. Vamos ver o que é que se consegue fazer.

Tiveram que explicar por três vezes os seus propósitos à sentinela, o rapaz coçava o queixo de espanto. E querem entrar sem uma credencial? Mas nem pensar nisso, isto não é propriamente o Jardim Zoológico, para se vir passear ao domingo com a namorada. Joaquim Peixoto tremia só de ouvir aquela palavra aplicada à presença polposa de Bárbara Emília mesmo ali ao seu lado, mas ainda se mostrava a identificação, o cartão da revista, estou aqui em serviço.

Sem credencial nada feito, meu amigo. Tivesse tratado disso em Lisboa. Foi preciso que Sebastião Curto se viesse juntar ao grupo, dois ou três gracejos já engatilhados com o sorriso sardónico de quem controla tudo, para que aquela obstinação militar começasse a ceder. Vem a gente de tão longe, debaixo deste calor, para o senhor nos tratar desta maneira, meu tenente? Vá chamar tenente à sua rica prima. Mas começava a sorrir com o canto dos lábios, é preciso é saber passar-lhes a mão pelo pêlo Quim.

- Eu chamo-lhes o oficial de dia. Vocês depois governem-se com ele como conseguirem.

Bárbara Emília voltou a correr para a carrinha, deliciosamente cúmplice, para isto ter assim um ar mais formal. Sebastião Curto pôs a máquina fotográfica em destaque, Joaquim Peixoto segurava com força entre os dedos o cartão da revista. O oficial de dia tinha uma barba muita curta, espessa e bem aparada, onde corriam os primeiros fios brancos sobre o fundo arruivado. Usava óculos ligeiramente fumados, e falava francês sem sotaque. Ouviu o estagiário com delicadeza. Depois estendeu-lhe um cartão-de-visita em papel brilhante, com letras verdes sobre fundo creme. Vá amanhã ao fim da tarde a minha casa, estarei à sua disposição. Agora é impossível. Retirou-se com um breve aceno, já a sentinela os estava a aconselhar a irem à vida. Quando chegares ali adiante, disse Bárbara, viras à direita e segues sempre em frente, para irmos até Baleizão. A minha mana já deve estar pensando que nos esquecemos.

- Enfim, Bárbara. O que eu não faço por esse par de olhos pestanudos. Estou com uma fome que era capaz de comer até a minha alma, se a visse agora passar por aqui. E tu ainda me obrigas a guiar mais não sei quantos quilómetros? Vais para o inferno, pecadora.

- Você ponha-se manso, parente. com um bocado de sorte a minha mana ainda nos dá de almoçar, em nós chegando.

- Ai filha, se não der, alguma coisa eu terei que comer. E como tu estás aqui a jeito...

- Ora adeus, vais-te-me embora. Olha lá que ainda tu não sabias se eras vivo e já eu cantava a canção do bandido todas as manhãs, no duche, antes do pequeno-almoço.

- Caramba. Para camponesa tens uma música que até chateia. Sabes o que te digo? Fazes oitos com pernas de nove!

- Ena, ena. Estás aprendendo muito depressa. É pena que não aprendas também a guiar como deve ser. É a segunda vez que metes a roda na berma.

- Ai, as mulheres. Entram logo a matar, e depois queixam-se de que já não há homens. Majestade, nunca mais vos falto ao respeito.

- Acho bem, que eu até podia ser amiga da senhora sua mãezinha.

Joaquim Peixoto ouvia-os com tristeza. Ele nunca seria capaz de sustentar um diálogo assim. A fome começara a roer também o seu estômago, e com o desconforto chegou-lhe a primeira saudade de Ana Mafalda nesse dia. Só então reparou que durante muitas horas não se lembrara dela. Mas foi com o pensamento todo preso a um fato de banho distante, entregue às carícias do mar ameno do Algarve, que entrou em Baleizão.

- Vai aí por esse caminho estreitinho. A minha mana mora na Rua dos Pintores.

A estrada empedrada contornava o edifício azul do Café Central, onde os homens se encostavam na porta assistindo à passagem lenta do domingo, e havia mesas de fórmica visíveis através da janela muito larga. Rua da Vinha? Rua do Vinho? Enfim, Bárbara, galhofava Sebastião Curto, já animado na perspectiva do almoço. Estou a ver que isto é uma alegria, cá na terra. Ali é que era o Toupeira, o bar que agora está fechado por causa do contrabando, indicava ela como se não o tivesse ouvido. Era uma casa térrea, toda pintada de branco. Um quadrado em mármore de veios escuros estava pendurado junto à porta por um gancho em ferro forjado, com a palavra Bar recortada a negro. Duas oliveiras cresciam dentro do muro contíguo, e tudo tinha um ar tão tranquilo sob o calor do princípio da tarde que parecia difícil de acreditar serem mesmo verdade aquelas histórias que sucessivas vozes lhes haviam contado, de roubos e segredos, vinganças, raivas latentes. Bárbara mandou parar a carrinha diante de uma casa cinzenta contornada a creme sobre cimento rugoso, onde duas janelas de estores brancos ladeavam a porta em alumínio dourado, com grades verdes. Lar pobrezinho mais terno para meu é este plano, que entre lá o sol de Inverno e a paz de Deus todo o ano, rimava o azulejo na entrada. Vota Otelo, dizia uma pichagem já meio sumida na parede em frente. Número 39. Aqui morava Mitó antes do turbilhão ter vindo agitar a sua vida, agora está-se a refazer do susto num lugar qualquer onde a não a incomodem, coitadinha. Maria de Fátima Joaquim Rosado abriu a porta assim que ouviu silenciar-se o motor, de camisa branca e saia azul. Tinha uma bonita cabeleira ainda muito escura, presa na nuca pelas duas voltas do elástico largo.

- Olá, Bárbara. Boa tarde a todos. Entrem, por favor. Já estava pensando que não vinham. Íamos agora começar a almoçar.

- Ai minha senhora, se soubesse como essa palavra soa doce aos meus ouvidos. Almoço! O meu colega, sabe, anda a ver se me mata com trabalho. Oh,

perdão. Não me apresentei. Sebastião Curto, um seu criado, mortinho por uma boa! garfada.

Maria de Fátima preparara febras para o almoço, servido na sala de jantar que dava para um pátio nas traseiras e que, manifestamente, não costumava funcionar todos os dias. A mesa estava posta com uma toalha bordada, tinha malmequeres espalhados a toda a volta, loiça de porcelana com flores azuis muito pequeninas, guardanapos de papel também azuis. Um grande jarro de vinho tinto ocupava-lhe o centro, e o pão fora cortado em fatias finas, distribuídas por dois cestos de verga forrados com paninhos brancos, de extremidades rendilhadas. Joaquim Peixoto, num brusco sobressalto, pressentiu nos odores que chegavam da cozinha o rasto traiçoeiro dos coentros. Sebastião Curto rejubilava.

Oh minha senhora. Até cor de vergonha. Vimos nós lembrar-lhe coisas aborrecidas, e a senhora tem todo este trabalho connosco!

- Então, então. Aqui há tempo para se ter trabalho com as pessoas, amigo. Não é como lá em Lisboa, que vocês andam sempre correndo, mais depressa que de repente. Temos cá mais visitas hoje, o Bernardo pensou que talvez gostassem de falar com o nosso presidente da Junta de Freguesia, o Francisco Curtinho. E o meu cunhado Carolino, o mano mais novo do meu marido, chegou aí há bocado. O Bernardo, sabem, é que não vai poder cá estar connosco. Andam muito aflitos, no Centro de Trabalho, por causa da entrega de uma reserva. Mas se quiserem ir ter com ele depois do almoço, diz que tem muito gosto.

Havia moscas pousadas no tecto e na sala de jantar, sem dúvida elas próprias entontecidas pelo calor e pelo cheiro penetrante das febras que chiavam lá dentro sobre as brasas, pingando gordura enquanto tostavam, suculentas, na grelha de ferro. Sentaram-se todos. O sol caía a jorros sobre o pátio onde uma mangueira de plástico rosado ficara esquecida num canto, ao pé do pote com gerânios agora muito secos. Um cão malhado estava a dormir contra a sombra do muro. Maria de Fátima, secundada por Bárbara, trazia da cozinha a enorme travessa fumegante, ao menos assim parece que é dia de festa. Tinha o olhar triste dos que desistiram de tentar compreender os reveses obstinados da vida, porquê comigo, que mal fiz eu. Em frente da mesa havia uma cómoda de madeira polida, Por cima tinha um *napperon* laborioso, e nele poisava uma moldura dividida em dois. Vi à direita, Mitó à esquerda. Possuía indiscutivelmente um grande encanto, aquela irmã mais velha da perfumaria de Almada. Boca grande, queixo perfeito. Os laços de sangue que uniam os dois rostos eram tão flagrantes como as dissemelhanças que os opunham, à esquerda uma miúda de feições sumidas fixava a objectiva sem um sorriso. O decote

redondo da camisola escura encurtava-lhe o pescoço desprovido de qualquer graça. Maria de Fátima chegava com as batatas fritas, e Bárbara trazia a molheira com uma concha apropriada. Desta vez era aqui que sei banhavam os coentros em grande abundância, na margarima liquefeita cheia de alho picado e vinho branco. A mãe de Maria Vitória enchia os copos, vocês comam, senão arrefece.

- O meu amigo por favor veja lá o que é que depois vai para Lisboa escrever sobre a nossa terra, ouviu? Olhe lá que já é tudo muito difícil mesmo sem histórias de assassinios nos jornais. Reportagens sobre actividades, interessantes sobre a reforma agrária, isso já não vos entusiasma, pois não? Nem sobre o regresso do desemprego, todos os problemas que atingem cada vez mais famílias, não é? Sobre coisas assim ninguém quer escrever, pois.

Francisco Curtinho falava sem agressividade, até a sorrir, só um visível cansaço lhe endurecia a voz. Dois grandes sulcos desciam-lhe das asas do nariz até aos cantos dos lábios finos. Um vinco preocupado vinha-lhe pela testa morrer nas sobranceiras que se tocavam ao centro. Devia ter cerca de cinquenta anos, e não fizera ainda mais que dar o mote. Tinha muito para dizer, enquanto mastigava as febras em garfadas curtas, sobre verbas recusadas pelo poder central e compromissos nunca respeitados, obras levadas a cabo só com o esforço e as vontades da terra, uma multidão de necessidades a socorrer e nenhum apoio de quem tudo pode e decide, sempre o muro da indiferença para nele esbarrar a urgência de progresso dos esquecidos. Nestas histórias pegavam outras, talvez ainda mais amargas, de salas vazias em noite de espectáculo. Um declamador vindo de Setúbal, ou um grupo de música popular vindo de Coimbra. Tanto trabalho para contactar as pessoas, dinheiro gasto nas deslocações, no salão lá de cima um lanche à espera, carinhosamente preparado por mulheres e filhas, e agora como explicar aos artistas tantas cadeiras vazias na plateia, aquela ausência, até em Baleizão aquela ausência. A gente organiza coisas, e já ninguém quer saber. Só os gaiatos é que aparecem, quando há teatro infantil, mas mesmo esses sabe Deus. A gente tem colectividades, tem salas de cultura e recreio, e é vê-las, está tudo fechado, só abrem para os sócios irem ver televisão. Já ninguém se interessa. E os jovens, meu amigo, os jovens ainda são piores que os mais velhos. Joaquim Peixoto apanhou a deixa.

- Têm muitos problemas com os jovens, aqui em Baleizão?

-Pois temos. Muitos problemas. Não se interessam por nada, sabe. A maioria só quer andar com as motos, para cá e para lá, fazendo barulho, é só o que querem. Nunca aparecem, não participam. Há uns que a gente sabe que se drogam. O que é que se há-de fazer? Diga-me você, tem alguma ideia? O que é que se há-de fazer?

Maria de Fátima servia mais vinho. O cão, encostado à sombra do muro, espantava as moscas com contracções repetidas dos flancos. Sebastião Curto e Carolino Rosado, que pareciam ter iniciado já uma alegre amizade, remexiam o fundo da taça das batatas fritas, procurando as mais tostadas, as únicas suportáveis depois de esfumado o calor da fritadeira e reabsorvido o sabor esponjoso do óleo. Caía sobre Baleizão o calor desvairado da tarde de Agosto, e Joaquim Peixoto tinha as orelhas quentes da graduação do Vidigueira, do sol, do piripiri sobre as febras. Francisco Curtinho falava-lhe de tempos tristes de já não entender o sentido do mundo.

- Não lhe consigo dizer o que querem os jovens, meu amigo. Parecem estar todos dormindo. Ou, quando não estão, a gente só temos vontade de que estivessem, para ao menos não estorvarem. Ficam sempre estragando, no que fazem ou no que dizem, o que a gente, mal ou bem, tentamos construir. Sabe o que é que eu lhe digo? Eu penso nisto muitas vezes. Os jovens, assim que deixam de ser crianças, deviam adormecer. E, quando acordassem, era só daí a muitos anos, já eram homens e mulheres feitos, a gente já se podia entender com eles. Levavam toda a juventude sem acordar. Pronto. Assim é que devia ser.

Maria de Fátima suspirava, deixe-me cá, amigo Francisco. tinha-se posto outra vez em pé, agora recolhia para a cozinha o que sobrara da fibra tenra das febras, empilhava os pratos sujos, juntava os talheres, Bárbara ia ajudá-la. Voltaram lá de dentro com pratinhos mais pequenos, na mesma loiça de flores azuis, e uma taça de vidro com pudim de caramelo. A mulher de Bernardo pousava-a na mesa e começava a distribuir pelos pratos o doce com açúcar líquido no fundo, dizia a minha filha enquanto era pequenina nunca nos deu trabalhos.

- Também nunca foi como a irmã, que só nos deu alegrias, à parte aquela história do Ezequiel, coitada, mas ela não teve a culpa. E portou-se muito bem. A Mitó era diferente, nem se dava por ela. De repente apanhou-se estudando em Beja e parece que estonteou, eu não entendo, não entendo o que dá nos moços. Agora para o fim, palavra de honra, às vezes até pensava que ela estava louca, sempre chorando, com aquele ar de quem está muito longe daqui, sei lá. Houve dias em que eu tinha medo de ficar aqui sozinha com ela, é verdade, sim senhor. Já nem sabia como lhe havia de falar, não tinha que lhe dizer, já viram o que é uma mãe chegar a pontos que não tem nada para dizer à filha? E o pai sempre ralhando, sempre nuns nervos que isto não podia ser, sempre gritando que lhe chegava surras, eu sei lá. Não entendo. Eu não, não entendo.

- Eu já disse que a deviam ter mandado para um colégio interno, mana. Mas nesta casa ninguém quer saber do que eu digo. Mandassem a moça para um colégio, desses de freiras, Nada disto tinha acontecido, essa é que é essa.

Carolino Rosado passara o tempo a contar histórias a meia voz para Sebastião Curto, e só agora parecia reparar na conversa que ocupara todo o almoço. Deitou no seu pudim dois pingos de bagaço. Tinha o cabelo muito curto e usava bigode fino, um anel dourado na mão direita. Virava-se agora para Joaquim Peixoto, você não lhe parece, meu amigo? Nas freiras é que ela estava bem. Ora, deixam a moça de rédea larga modernices. Depois queixam-se. As moças não são para andar à solta, bem nos basta andarem de calças, aqui como a nossa Bárbara Emília. Ela ria, sacudia o rabo de cavalo para afastar os cabelos da testa. Tinha as duas mãos ocupadas com as chávenas de café em vidro castanho, que estava a tirar de um louceiro grande, de madeira escura, encostado ao fundo da sala.

- Ainda nem estás vendo nada, Carolino. Quando calhar a ter uma secção feminina lá no teu clube, hão-de ser as moças todas de calções que é um gosto.

- Ora. adeus, vais-te-me embora. Bem podes ficar esperando esse dia até seres velhinha. O Águias de Beja não é nenhuma casa de fados.

Sebastião Curto pousou no pratinho branco a colher cheia de pudim.

- Você é do Águias de Beja, Carolino? Aqui há anos conheci uma miúda que era namorada de um dos pontas de lança... O Bezerra, acho que era o nome dele. Tem ideia?

Havia um veneno qualquer insinuado na réplica imediata de Bárbara, nem Carolino tivera ainda tempo para desmanchar o sorriso vaidoso com que tencionava dar início à sua resposta.

- Não deve ter, porque o Bezerra já se transferiu para Faro há quatro anos. E o Carolino só conhece o clube desde que ganhou as eleições para a direcção, o ano passado. Antes disso, estou que nem sabia quantos jogadores alinham de cada lado num desafio de futebol.

Mais tarde, enquanto o fotógrafo da revista *Actualidades* e o presidente do clube Águias de Beja testavam a excelência dos licores de Maria de Fátima, ela explicaria ao estagiário que nem tudo fora particularmente claro na história daquela eleição do jovem irmão de Bernardo para o topo da hierarquia futebolística local. Nunca consegui suportar as traições, dizia, e pelas ruas compridas de Baleizão passavam ténues correntes de ar que lhe agitavam os cabelos de mansinho. Joaquim Peixoto tinha a roupa toda colada ao corpo. Iam

atravessando a aldeia silenciosa, com vultos negros de mulheres imóveis ao acaso dos portões, em direcção ao Centro de Trabalho onde o pai de Mitó os devia esperar àquela hora, pensando talvez como é absurdo este mundo, como é por vezes aceitável.

- O Carolino nunca trabalhou no campo, entendes? É filho mais novo, nessa altura a família já tinha assim umas economias. Foi sempre muito protegido. Esteve estudando no Lavradio, em casa dos primos do pai deles, e daí passou a trabalhar numas obras na Baixa da Banheira. Mas é fino, muito fino, ninguém aqui sabe como foi que se governou. O que é certo é que começou vindo cá de visita cada vez com mais dinheiro, as roupas via-se que eram caras, os carros sempre diferentes, anéis nos dedos, conversas de altas farras, coisas assim. Num instante estava feito mestre-de-obras. Construiu muitos prédios ali naquela zona do Laranjeiro, Paio Pires, por aí. Encheu-se, foi o que foi. Depois não sei porquê lá lhe cheirou a negócio, veio construir para Beja. Fez uma sociedade com outros dois moços, e estão lançados que nunca mais ninguém os segura. Ao mesmo tempo, como eram as eleições para a direcção do Águias de Beja, apresentou uma lista, e ele de presidente. Acho que é a sede de dominar tudo estás vendo?

Casa dos Caçadores de Queluz, dizia o azulejo ao lado da porta de uma casinha térrea, onde a calça pintada de cor-de-rosa caía aos bocados. O sol lambia em chapadas as paredes repassadas de cal. Joaquim Peixoto sentia o suor a correr-lhe em gotas grossas entre a pele húmida das costas e o tecido amarrotado da camisa, o vinho do almoço zumbia-lhe nos ouvidos, apertava-lhe a testa como um capacete. Timidamente empurrou Bárbara Emília para a porta do Café Raposinha, todo decorado com charruas antigas e rodas de carros de bois, homens ruidosos, de boné, encostados ao balcão alto. Havia uma raposa empalhada, de dentes excessivos e dorso curvo, na peanha ao lado da televisão. Os rapazes sacudiam os cabelos e rolavam uns para os outros os olhos na direcção da tia de Mitó. Ela mexeu a bica como se não desse por nada, sorveu-a em goles pequenos, estudados, e ainda acendeu com demora um cigarro antes de continuar a falar de Carolino.

- Ora o rapaz era praticamente um estranho cá na terra, não é? E mais nunca tinha ido ao futebol, pelo menos que a gente visse. Então por que haviam os sócios do Águias de Beja votar nele? Eu não sei bem a história, a minha mana é que me falou nisso assim por alto, mas parece que ele foi ter com o Bernardo... o Bernardo é um homem honesto, destemido, e já falou grosso à guarda umas poucas de vezes, toda a gente lhe tem respeito. Então o Carolino veio aqui ter com o Bernardo a pedir ajuda para a campanha. Tudo o que conseguiu foi à pala do irmão. Entendes? Se não fosse o apoio do mano mais velho, nunca

aquele mocinho tinha deitado as unhas à direcção do clube. Depois apanhou-se como queria, e nunca mais se lembrou do que andara prometendo.

Bernardo acreditara em tudo. Um pavilhão gimnodesportivo, enfim, para os meninos de Baleizão não crescerem desajeitados como os pais. Apitos, equipamentos, monitores vindos de Évora aos sábados à tarde para animar colchões e plintos, cestos de basquete, percursos de ciclismo. Bernardo vira-os a todos, velhos e moços, num corta-mato de horas livres cheios de alegria e camaradagem, alguma coisa de bom para a nossa terra, um motivo de interesse, uma semente de esperança. Bernardo acreditara no mano mais novo, avisara com entusiasmo a aldeia dos benefícios já próximos a colher daquela eleição. Acordava por vezes durante a noite a projectar calendários e jornadas, um mês inteiro dedicado ao atletismo, sucessivos torneios. Maria de Fátima dormia pesadamente e ele acendia um cigarro sem filtro, ficava a soprar o fumo e a sonhar Baleizão em festa, transbordante de actividade desportiva, assim lhe prometera Carolino.

- Estás vendo, não é? O mocinho apanhou-se na direcção do Águias de Beja e nunca mais quis saber do que tinha prometido ao mano mais velho. Nem um fato de treino de gaiato veio para Baleizão! O Bernardo metia pena, sempre numa ânsia, a ver quando é que finalmente chegavam as coisas. Toda a gente topando a jogada do mano e só ele sem se querer acreditar. Dizem aí que uma noite bebeu-lhe bem, e foi ter com ele a Beja, à Quinta das Águias. É como se chama a urbanização que os moços andam construindo, uma coisa jeitosa, tipo de luxo, mesmo à entrada da cidade para quem vem do lado do Algarve. Diz que o Bernardo foi lá ter com o Carolino, e que lhe queria chegar uma surra. Bem, sempre são irmãos, não é? As coisas foram-se compondo. Mas nunca mais se deram bem. Ainda hoje, tu viste, como o Carolino foi lá almoçar o Bernardo não saiu do Centro de Trabalho. Ele, que tinha tanto orgulho no maninho mais novo... Se fosse comigo não sei o que teria feito, palavra de honra. Não suporto traições, entendes? Não suporto!

Dizia-o com muito sentimento, como se lhe estivesse a dirigir qualquer forma de advertência. Joaquim Peixoto sonhava com uma sesta, frescura e penumbra, longe da agitação daquele café apinhado, sobreaquecido, onde os homens cuspiam para o chão e mediam de alto a baixo a presença de Bárbara Emília.

- Vamos andando, não vá o Bernardo querer sair para ir a algum lado.

O Largo Catarina Eufémia, para onde convergia toda a aldeia, ficava pouco mais à frente. Havia cadeirinhas de palha encostadas às soleiras, o pedestal erguia-se no centro. Mulheres silenciosas sentavam-se na sombra como

se montassem ao busto da ceifeira uma guarda sem fim, desprovida de pompa, mas também sem desfalecimento. Partiam para subir a encosta caminhos de terra batida, cruzavam-se gritos e bicicletas de miúdos. O lavadouro era logo à esquerda, com o vasto tanque único aberto para a campina, encimado na entrada por uma foice e um martelo recortados na sonolência da tarde. Duas raparigas lavavam lençóis, sem pressa. O Centro de Trabalho erguia-se ao lado, quase na embocadura da Rua de Moura, onde se instalara uma loja de ferrador com a porta aberta para as fiadas muito certas das meias solas para alimárias suspensas contra a brancura da cal. Bárbara Emília transpôs a cancela sem hesitações, introduzindo o estagiário num átrio grande, onde desaguavam, ao fundo, dois lances de degraus pintados de vermelho. Um gigantesco mural corria as paredes, com uma pomba branca morrendo sob as balas e Catarina à frente da multidão colorida dos jornaleiros.

- Bernardo! Estás cá?

- Estou cá em cima. Subam.

O pai de Mitó tinha cara de menino. Em cima da secretária, uma ventoinha pequena, ruidosa, fazia esvoaçar a espaços regulares a ponta das folhas que se amontoavam em pilhas ordenadas, presas por bonecos de cortiça, predominantemente burros e carroças. A camisa de riscas cedia à pressão do corpo entre cada botão, entreabrindo-se-lhe para a pele da barriga. Tinha as mangas arregaçadas, e, também ele, um silencioso rasto de tristeza nos olhos.

- Você é que é o tal mocinho que veio de Lisboa por causa de se ter dito que a minha filha tinha assassinado um alemão? Bem, já lhe disseram que é mentira, não disseram? Então o que é que anda procurando?

- Não sei, eu queria saber mais... saber melhor... queria entender...

- O que é que lhe falta entender? A minha filha foi sair com esse moço, lá a uma dessas discotecas onde eles agora andam sempre metidos. Nem se percebe o que é que lá vêm assim com tanto interesse. Eu já fui a uma. Nem se consegue conversar. Mas a Maria Vitória, o que é que se há-de fazer? Gostava daquilo. Enganou a gente, ouviu? Disse que ia ficar à Cuba, a casa da tia. Está aí a Bárbara Emília que não me deixa mentir. Ela passava o tempo dizendo que ia ficar a tua casa, é ou não é?

- E sim, Bernardo.

- Pronto, ela enganou a gente. Estou que viveu estes últimos anos enganando a gente. Temos outra filha, sabe, uma moça mais velha, que nunca nos deu cuidados. Agora esta, só nos tem dado tristezas. Quando sair de onde está, vamos mandá-la para um colégio, não há mais nada a fazer. E isto já é tudo muito mau assim, entende? Não é preciso ainda por cima andar por aí dizendo que foi ela quem matou o tal mecânico.

- Mas eu não disse nada, senhor Rosado. Eu vim aqui, exactamente, para tentar entender.

- Olhe, amigo, vocês lá em Lisboa, ninguém quer entender o Alentejo, ninguém quer saber da reforma agrária, ninguém se importa com tanta mentira que a gente engoliu, tanto crime que por aí se faz. Isso não vos interessa, pois não? Só querem é saber de mocinhas matando alemães, como se uma coisa dessas pudesse ser verdade. Então a minha filha, tão fraquinha, ela podia alguma vez arrastar um moço forte, encorpado, para debaixo do tubo de escape? E ele deixava, alguma vez? Não, não. Esse moço andava metido nos contrabandos, agora parece que é só o que os moços sabem fazer. Por isso é que o mataram. Mas não foi a minha filha. Ela já não andava era certa do juízo, por causa da droga. Já viu ao que chega um pai, ter que dizer isto da filha? Foi a droga, estou-lhe dizendo. A minha Fátima sempre teimando para eu não lhe bater, eu que não ralhasse, eu que entendesse, que isto agora era assim. Modernices. E deu no que deu. Agora ela vai descansar, e depois vai para um colégio. Acabou-se a festa, entende? Aqui ninguém está em festa.

Falava sem dureza, por vezes quase sorria. Demorou-se ainda muito tempo a contar de lutas e searas, reservatórios e traições, poderes mentirosos, vigarices, tanta sementeira suada pelos trabalhadores e arrebatada agora pelos antigos senhores da terra, quando não era por estrangeiros mal lavados vindos sabe-se lá de onde. Ou por gente de fora com sotaques de outras latitudes, outros hábitos e firmes estranhezas, todos caindo sobre os sobreirais como bandos de estorninhos a desabaratar o grão, como lagartas da couve, famintas, trazidas s às centenas pelo vento. Um dia isto acaba tudo, amigo. Você há-de passar aqui e ver só terra queimada, rachadinha do sol, não hão-de ficar cá homens nem mulheres, hão-de debandar todos, um a um. Está tudo morrendo, tudo, quem quer saber agora da morte de um alemão? Ao governo que nos mata a nós não há vergonha que chegue, mas alguém disse que aí minha filha tinha morto um moço, e eu já não sou senhor de sair à rua que não oiça falatórios mesmo por trás de mim. Lá vai o Bernardo, coitado. Deixem-me cá. O mundo já não se pode entender.

- O chefe da polícia diz que falou para si assim que a Mitó apareceu na esquadra.

- O Mariano? Falou sim, coitado do homenzinho. Primeiro só encontrou a minha Fátima, depois ligou-me para cá. Estava mais estarecido ainda do que o que eu fiquei quando ouvi a notícia. Não temos muita lidação um com o outro, mas o rapaz dele, o Bruno, é muito amigo do meu mano Carolino. É sócio dele naquele negócio da Quinta das Águias, compreende? Quer dizer, a Sociedade Vitória Construtora é maioritariamente do meu mano, mas esse rapaz também

lá tem cota, e mais o filho do Vilanova Pinheiro, o presidente da Câmara. Ficaram todos com andares no mesmo prédio. Há assim alguma relação de família. O Mariano estava numa aflição que nem se explica. Eu é que lhe fui dizendo para ter calma, que se metia pelos olhos dentro que a história da Mitó não tinha pés para andar, a começar logo por essa coisa de ela não ter força para amarrar o moço ao tubo de escape. É ou não é? Eu disse logo isso ao Mariano. Depois foram a fazer o inquérito, e viram que tinha razão. Ora, meu amigo, um homem não vive estes anos todos para depois não entender as coisas, mesmo se vocês lá por Lisboa andam sempre contando essas anedotas de alentejanos, e se calha acreditam que somos todos parvos. Parvo é o mundo, ouviu? Parva é esta vida, que já não há quem a entenda.

Entardecera sobre Baleizão. As primeiras sombras projectadas nas paredes largavam voos de andorinhas nos sopros ainda tímidos do vento, carregado de cheiros da terra. Bernardo Formosinho Rosado devolvera-se aos volumosos *dossiers* que lhe atulhavam a secretária. Joaquim Peixoto e Bárbara Emília empreenderam em silêncio o caminho de regresso, ele tinha as riscas da camisa dela teimosamente coladas ao seu campo de visão. Ao cimo da rua onde ficava a casa dos pais de Mitó havia um edifício antigo de paredes grossas, altas, sem janelas, memória esboroadada de fábrica, armazém, ou família possidente dissolvida desde há décadas. Uma das fachadas fora impecavelmente caiada, e nela se pintara em tons muito vivos um Che Guevara fitando o infinito. Tinha no fundo serras bolivianas em variações verdes, e multidões a negro seguindo-lhe muito ao longe as pisadas, enquanto vultos embuçados, de garras nos dedos, o espreitavam dos cantos avançando revólveres manchados de sangue. Quando a Vi se foi embora, disse Bárbara num tom neutro, como se viesse a conversar lá muito de trás, o Ezequiel ficou tão transtornado que vinha aqui retocar o mural todas as noites. E cantava, cantava, aquelas músicas chilenas, até as mulheres se benzerem. É verdade, é. A franja fugira-lhe à disciplina do rabo de cavalo, ele achava-a mais bonita assim. Aquilo, no escuro, uma voz sempre cantando a mesma coisa, metia medo.

- Já ouvi falar desse Ezequiel, mas ainda não percebi quem era.

Quem era não, quem é, que ele ainda não morreu, coitado do moço. Morreu por dentro, é certo. Mas tem-se aguentado, e agora até dá aulas de expressão plástica aos mocinhos da escola primária. Só que aquilo é uma tristeza, uma tristeza que se vê mesmo. A gente olha para ele e entende logo que ainda está pensando na Vi.

- A irmã da Mitó?

- Pois, ela teve sempre muitos pretendentes, enquanto cá viveu, não é? É muito bonita, mas não é só isso, é que é muito esperta, também. Tem uma

conversa que faz favor. Havia de ver os moços nos bailes, sempre de roda dela, aquilo era um desassossego onde quer que a moça aparecesse. Namoriscou um ou dois, mas nunca houve assim nada de sério. Este pintor, o Ezequiel, é que morria de paixão, mas morria mesmo. Escrevia-lhe cartas todas as semanas, cartas de amor como as que se escreviam dantes, entendes? Eu li algumas. Eram bonitas. E mandava-lhe prendas, pintava retratos dela uns atrás dos outros, uma coisa parva. A Vi nunca lhe passou cartão, mas então o pior foi que ele começou ficando transtornado, eram os ciúmes, tu sabes lá. Telefonava a todos os moços dizendo que os matava se os visse com ela, e, um dia, foi mesmo com uma faca esperá-la à saída de uma festa de anos. Ainda esteve dois meses preso, e diz que só chorava, só chorava e escrevia poemas, sempre falando na Vi. Estou que ai moça resolveu ir acabar o liceu para Almada, para casa da madrinha, mesmo por causa disso. Aqui não podia aguentar. Olha, e foi o bem que fez. Abalou, arranjou um bom emprego, um bom marido, faz a vida que quer, tomara a desgraçada da irmã ter podido seguir o mesmo caminho. Mas por ela ninguém se apaixonou. A não ser o emplastro alemão, mas também com o mal que lhe fez antes a paixão do Ezequiel.

- Bárbara.

Arrepiavam-se-lhe os ombros de cada vez que pronunciava assim o nome dela.

- Era muito importante para mim falar com a Mitó.

- Tu és danado, mocinho. Não te emprestei o diário?! Deixa a moça em paz, que já lhe fizeram mal que chegue»!

Havia uma nuvem de fumo a meio caminho entre o chão e o tecto da sala de Maria de Fátima, onde Sebastião Curto e Carolino Rosado fumavam agora cigarrilhas, uma garrafa dei *Brandymel* pousada no chão. Medo é a primeira vez que não se dá a segunda, e pânico é a segunda vez que não se dá a primeira. Ah, ah, ah. A mãe de Mitó deixara-os entregues ao prazer sub-reptício das anedotas, e empilhava pacientemente sobre a pedra recortada do lava-loiças os pratos brilhantes de água quente e detergente amarelo. Estão naquele disparate desde que vocês saíram. Tinha um pequeno transistor equilibrado numa das prateleiras de vidro onde se alinhavam frascos com temperos e galos de Barcelos, captando em onda média modulações de fados para quem não queria ouvir os relatos desportivos. O avental dizia *kiss the cook*, e nem era preciso ela explicar que fora Vi quem lho trouxera de Almada. A República Democrática de Almada, gracejava Sebastião Curto, pelos vistos já íntimo da anfitriã. Pertencente à União das Repúblicas Socialistas de Setúbal. Ela sorria só com os lábios, sem que nenhum brilho lhe viesse ao mesmo tempo animar os olhos.

Carolino apagou com demora a cigarrilha, num cinzeiro tosco de cortiça envernizada.

- Já estive aqui combinando com o Sebastião. Vamos todos tomar um copo a minha casa. Mordemos qualquer coisa e depois mandamo-nos para Beringel, na maior, OK?

- Há lá baile esta noite, Quinzinho. Não curtes de bailes com camponesas? Bem, camponesas e senhoras, se aqui a nossa Bárbara nos quiser dar a alegria da sua presença sempre tão apreciada.

- Já estás treslendo, Sebastião. Um copinho de licor, e ficas logo fazendo figuras tristes. Mocinhos de Lisboa, é isto. Uns alfenins, vocês todos.

Decididamente, Joaquim Peixoto detestava aquela maneira de ela responder ao fotógrafo com sorrisos rasgados de malícia. Tudo lhe parecia detestável no programa que lhe propunham, os copos em casa do construtor civil, a agitação excursionista, a felicidade alarve de Sebastião Curto, esse baile em Beringel que era só mesmo o que faltava arranjar-lhe para completar o seu calvário alentejano. Projectara abrigar-se na tranquilidade alcatifada da Residencial Seara, o caderninho onde Mitó desfiara os seus segredos pretextando-lhe um isolamento indispensável para o resto do dia. Nuno Bravo bem o avisara: copos e comida, como uma condenação. Ainda começou a esboçar um protesto, mas já estava a entrar para a carrinha da revista, Sebastião Curto gargalhando ao volante. Carolino, com Bárbara Emília ao lado, desarrumou vagarosamente, multiplicando-se em manobras, o *Volvo* azul-escuro de estofos cremes protegidos por capas e almofadas de lã pardo acrílico, que estacionara do lado de dentro do porta. Tinha um *soutien* de borracha vermelha pendurado no espelho, vidros fumados e autocolantes. Maria de Fátima disse adeus com a mão, séria e silenciosa. Depois fechou suavemente a porta atrás de si.

O gajo é louquíssimo, Quinzinho. Tenho que tomar! nota das anedotas que ele me contou. Há uma incrível, com uns galos que são todos sócios do Automóvel Clube... eh, pá, nem dá para acreditar!

Havia muita poeira sobre a estrada. O *Volvo* de Carolino reflectia o sol em fortes lampejos azuis, e, de vez em quando, passavam carroças vagarosas em sentido contrário. As mulas sacudiam revoadas de moscas com as orelhas. Já na estrada principal, o irmão de Bernardo inflectiu subitamente para a esquerda.

- Que é isto, pá? Afinal vamos para Cuba? Manda-lhe aí uma farolada.

As luzes espelham-se no retrovisor do *Volvo*. Carolino abrandou, deitou a cabeça de fora do vidro que descia automaticamente por comando digital, e gritou que iam passar por causa de Bárbara Emília.

- A cavalheira quer mudar de roupa. Isto quem se mete com mulheres, meu amigo.

Ela deu uma gargalhadinha insonorizada pela distância entre os dois automóveis, e empurrou-lhe de leve a cabeça. Irritado, Joaquim Peixoto achou-a meiga na execução do gesto. Estacionaram à porta da casa azul, e Sebastião Curto viera visivelmente a ensaiar a melhor estratégia para evitar o aborrecimento da espera.

- Majestade, vai decerto perdoar a estes pobres súbditos que não lhe sirvam de camareiros. De bom agrado o faríamos, mas pensamos ser nosso dever retirarmo-nos pudicamente para o bar mais próximo.

Carolino Rosado acertava já o passo com o fotógrafo.

- Pois é, priminha. A gente espera por si no Cubense.

Joaquim Peixoto olhava para a calçada batida pelo sol, ao cimo da qual, insensatamente longe, ficava o café, com um ar tão explícito que ela lhe sorriu.

- Podes ficar aqui, Quim. Esperas um bocadinho lá dentro. Eu não me demoro nada, só quero tomar um duche.

Pusera-lhe a mão no braço para dizer aquilo, e agora empurrava a porta, convidativa. O estagiário mergulhou outra vez no *maple* de napa vermelha, reconfortado com a penumbra da sala. Ela nem abriu as cortinas, já a eclipsar-se pelo corredor.

- Fica à vontade, mocinho. São dois minutos.

Joaquim Peixoto não sabia se estava perante uma dessas encenações típicas, que, segundo os ensinamentos de Sebastião Curto, as mulheres costumam urdir para sinalizar aos homens a sua disponibilidade. Nesse caso, que pretendia exactamente a dactilógrafa do Centro de Saúde com aquela alusão ao duche? Talvez ela não estivesse a pensar que o estagiário aguardasse tranquilamente no sofá. Mas não lhe ocorria com suficiente clareza o que, então, esperava Bárbara que ele fizesse. Se calhar só queria mesmo mudar de roupa, era apenas uma rapariga vaidosa e asseada. Joaquim Peixoto preferiu deixar-se ficar onde estava, e para se sentir ocupado começou a folhear o diário de Mitó. Quando a Mila saiu eu passei para a frente, dizia uma linha de caligrafia redonda, ondulada, com bolas generosas sobre os is e os ás em forma de delta. Já estava por tudo, estava tremendo mas não queria nem pensar em nada. Acho que não estava em mim. Lá dentro, interrompia-se o barulho do esquentador. Havia passos rápidos sobre o sobrado adornado com uma passadeira, notas soltas de melodias dispersas, imprecações, sons abafados. Bárbara Emília voltou

à sala exalando frescura, envolvida no turco de um roupão cor-de-rosa debruado a branco.

- Bárbara, que história é esta que vem aqui? Acho que foi no dia em que a Mitó começou a andar com o alemão.

Ela debruçou-se sobre o diário da meia sobrinha, e depois sentou-se em frente dele sacudindo o cabelo húmido com a Ponta dos dedos.

- Foi no Verão. Houve uma noite em que vinham dentro do carro, a Mitó e o emplastro alemão, o Frieder, que era um que andava muitas vezes com ele, o Tomás, e a Mila. Tanto quanto eu sei vinha tudo histérico, grandes pedras, altas bebedeiras, e a Mitó estava de cabeça perdida com a besta do alemanito. De cabeça perdida. Imaginas?

Joaquim Peixoto imaginava. Mitó ria muito, dizia piadas nervosas agitando o cabelo. Inclina-se toda para poder falara perto dele, de tal forma que a sua respiração lhe bafejasse a pele, quente, como um estranho aviso. Uma penugem dourada, muito fina, cobria o pescoço de Helmut. Ele respondia em voz arrastada, sóbria, demasiado nítida dentro do silêncio adormecido do carro. Na estrada de noite o alemão dizia isto ainda acaba mal, rapariga, e a voz dele era uma carícia obscena a devassar-lhe todos os segredos. Ela ria, agitava-se no banco de trás, os outros dormiam. Ou pareciam dormir. Pareciam nem estar ali, afastados para uma lembrança muito vaga do perigo de existirem testemunhas daquilo que de repente se passava entre a liceal de Baleizão e o mecânico da NATO. Era uma vigilância esbatida que tornava o risco ainda mais apetecível, e no escuro só existiam as risadas dela, sacudidas sobre o contacto áspero do estofado. Só existia aquela voz, cada vez mais rouca, a falar-lhe ao ouvido. Isto acaba mal, rapariga. Porquê, Helmut? Não estás atinando com o caminho?

- Vinham da Festa das Colheitas, em Castro Verde. Foi no ano em que lá cantou a Brigada Victor Jara, e depois ainda houve uma parte com o José Jorge Letria. Vieram-se embora quando começaram os discursos, e a Mitó diz que estavam pedrados que nem viam, o Tomás e o Frieder vieram dormindo o tempo todo, e a Mila ria sozinha, sem dizer nada. Bem, tu imaginas, devem ter sido tantas provocações, tantas provocações...

Joaquim Peixoto imaginava tudo, sim Bárbara. Claro que imagino, e sei o que isso é. Sei o que isso é e tu sabes que eu sei, eu sei que sabes. Todos os vivos sabem, Bárbara Emília.

- A Mitó estava de cabeça perdida, pronto. Bem, mas completamente perdida. Eu nunca tinha visto ninguém assim. Entendes?

Entendo. Estou mesmo a ver.

Joaquim Peixoto via tudo. Agora ela inclinava-se ainda mais para a frente, a quebrar a voz num sussurro. À luz dos faróis, para lá do vidro, desciam

lentamente sobre a estrada as barras vermelhas e brancas da passagem de nível. Já no Carregueiro, o carro parado, a noite toda quieta. Tocava a campainha anunciando o comboio e ele pousou-lhe devagar os lábios sobre o braço. Humedecia-lhe a pele, tranquilo, como se nada fosse. Mitó nem ousava mexer-se. Esforçara-se tanto por dominar a emoção que quase não chegara a senti-la. Continuou a falar. Tentava não tirar o braço daquela posição, e ele explorava-o mansamente, tão calmo, quase indiferente, o olhar azul cravado nela muito atento, muito irónico. Olha lá que já estão levantando as barreiras, Helmut. Não percebo por que é que estás tão distraído. Ele sacudiu a cabeça com indolência, soltava o travão de mão, nunca estive tão pouco distraído, rapariga.

- A Mitó diz que ia a maior das confusões na cabeça dela. Tinha ao mesmo tempo uma vontade louca de que ele continuasse, e imenso medo do que é que podia acontecer. Não sabia se queria se não queria. Coisas de mocinhos, entendes?

Desta vez, Bárbara Emília Frutuoso decidira presentear Joaquim Peixoto com a graça de um sorriso, breve visão dos dentes brancos na sua magnífica encadernação a vermelho. Concedeu-lhe um relâmpago de cumplicidade e logo a seguir voltou a puxar o roupão para cima das pernas, é assim que os gatos fazem quando brincam com os ratos. Ai que parva, rosnou para si próprio o estagiário. Ainda me pagas, desgraçada, ainda hás-de chorar. Odeio as mulheres. Ajustou os óculos, baixou os olhos, e voltou a ler as linhas em papel branco e grosso do caderninho de capa dura onde Mitó contara tudo a si própria. Acho que fiquei à rasca quando vi que ele estava levando todos a casa primeiro, e me deixava para o fim. Tive medo, mas ao mesmo tempo era isso mesmo que eu queria que ele fizesse. Quando a Mila saiu eu passei para a frente, e já estava por tudo, estava tremendo mas não queria nem pensar em nada. Acho que não estava em mim.

Bárbara havia de se cansar de ouvir aquele relato, Mitó batera-lhe à porta logo ao outro dia, de manhã cedo. Vinha quase afónica, com olheiras muito pronunciadas, a puxar nervosa e repetidamente para cima os ombros descaídos da camisola preta de malha larga. Fumava, acendia cada cigarro na beata do anterior. Ai Bárbara. Ai moça, e agora? Mitó apareceu na Cuba tonta de orgulho e de pânico, antecipando prazeres e dramas, ai que não quero ver nada. Ai Bárbara. Mitó ria e chorava, ainda mal refeita do susto da noite.

O emplastro alemão foi levá-la a ela a casa em último lugar. A Mitó diz que, quando saiu a Mila e ela passou para M banco da frente, ele se começou a rir e nunca mais abriu a boca até Baleizão. Era mesmo estúpido.

Limitara-se a dardejá-la sumariamente com um daqueles sorrisos terríveis, isto já é trigo limpo. Já cá cantas, rapariga. Fizera-se um silêncio muito tenso

dentro do carro que acabava agora de cruzar a noite para entrar em Baleizão. A Rua dos Pintores já se estendia, deserta e pálida, depois do imenso prédio da esquina onde crescia o mural de Che Guevara, vinte e sete vezes retocado por Ezequiel. O motor soava na madrugada adormecida como as campainhas da passagem de nível anunciando o comboio, bateu uma portada na casa amarela ao lado da sua. Ele encostou ao passeio, apagou os faróis, girou a chave na ignição. Levantou as sobranceiras, virou-se para ela devagar, sardónico, preguiçoso, sabia bem que tudo lhe pertencia. Mitó sentiu-lhe os braços como a chegada da corrente eléctrica à ponta mal isolada do fio, percebeu-lhe os dedal nos cabelos empurrados contra o vidro da janela. As costas enterravam-se-lhe no banco, ele beijava-a como os trabalhadores da antiga Herdade dos Alvarães, agora Cooperativa Agrícola Força da Unidade, marcam com o ferro em brasa o lombo paciente das vacas acabadas de chegar da República Democrática Alemã. Ele tomava posse. E a luz, dentro do carro, estava acesa.

- A Mitó, de repente, no meio daquela confusão, deu por que a luz dentro do carro tinha ficado acesa. Acho que ainda foi um susto maior que o outro, depois da barulheira do motor, era como se estivesse fazendo aquilo numa montra, com toda a gente a ver.

Toda a gente a ver, de certeza. Ai que estou desgraçada. Toda a gente vai saber, o pai, a mãe, a surra que me vão chegar. Mais não, Helmut, mais não, deixa-me sair daqui depressa por favor. Deixa-me desaparecer, que Baleizão está a olhar para mim e nem quer acreditar no que vê. Saltou para a rua afogueada, ele ficara a sorrir sentado ao volante. Mas a voz, arrastada, trocista, ainda a acompanhou para dentro da escuridão do corredor, toda ela cheia de ameaças.

- Adeus, princesa.

Auf' wiedersehen, Pnnzessm, agora chora. Chamei-te um figo. Mitó estava parada no meio do corredor às escuras, era um medo tão grande que nem parecia poder ser verdade. Ai meu Deus. Vou desmaiar. Vem aí o pai, vem a mãe atrás dele, ai a surra que eu vou levar. Ai que me vão bater até me deixarem cheia de marcas vermelhas, até me partirem costelas, como aconteceu daquela vez à Mila. Ai que me vão fechar em casa. Vão-se calar quando eu passar na rua, vão estender o dedo a apontar para mim, eu não aguento, ai que vou desmaiar. Vou desmaiar de medo. Estou desgraçada.

- A Mitó estava morrendo de susto quando apareceu aqui em minha casa, entendes? Passou o resto da noite na cama, acordada, a ver quando é que entrava o pai no quarto para lhe bater, sempre com medo de se deixar dormir e depois acordar com o cinto em cima. Apanhou logo a primeira camioneta da manhã para Beja, para não os chegar a ver, e diz que esteve duas horas sentada

no Largo do Carmo, sem se mexer, assim mesmo atordoadada, até que se meteu noutra camioneta e veio aqui ter comigo. Andou uns poucos de dias para se convencer de que ninguém tinha visto aquilo.

Apagou o cigarro no cinzeiro de barro, num gesto que lhe fez tinir as escravas de latão em torno do pulso. Endireitou o busto, passou com as unhas compridas dentro da área de luz do candeeiro de pé, e correu os dedos pela franja ondulada com uma despreocupação quase íntima.

- *I'm sorry*, mas a história acaba aqui. Os moços estão à nossa espera no Cubense. É feio fazer esperar os colegas, não sabias?

Sorriu, e desta vez era um sorriso rasgado, longo, o mais diabólico de todos. Parva, gemeu para si próprio Joaquim Peixoto, enquanto ela se levantava dentro do turco cor-de-rosa, esplendorosa contra a luz coada do fim da tarde. Voltou daí a minutos, com uma camisola de malha branca, abriu-lhe a porta a cantarolar. Subiram juntos a calçada até ao café, e ele sentia umas vagas tonturas. Ela entoava qualquer coisa em torno do lírio roxo do monte, criado na Primavera. Desejaria saber, ai ai, a tua intenção qual era. Parva, repetia o estagiário olhando para o chão. Tu pagas-me. Juro-te que me pagas. Que horríveis, que insuportáveis que são as mulheres.

- Então? Foi muito demorada, essa operação de mudança de roupa.

Os olhos de Sebastião Curto escorriam malícia. À frente dos dois homens alinhavam-se já quatro copos vazios de imperial, com a espuma seca colada aos vidros. E havia um pires afogado sob cascas de tremoços. Aos sábados o estabelecimento deixava a clientela a cargo do Café Central, onde as paredes estavam pintadas de azul-celeste e havia duas mesas de bilhar no centro; mas, aos domingos, detinha-lhe o monopólio. Os candeeiros suspendiam-se da parede por suportes de ferro forjado, caprichosamente torneado em arabescos, e nas paredes havia azulejos com peixes de várias cores alternando com azulejos lisos. Os calendários ostentavam beldades sobre motos, as mesas eram quadradas, pequenas, com o tampo em pedra cinzenta, baça do uso. A porta que dava para a sala de jantar estava já aberta àquela hora, deixando entrever as toalhas floridas e a pintura mural que, uma vez mais, dizia respeito a ceifeiros e moinhos, dois cordeiros enroscados à beira de um curso de água tranquilo. Sebastião Curto insistia, delicado, na estranheza daquela demora.

- Que *toilette* complicada que deve ter sido, majestade. Espero que o Quinzinho a tenha ajudado brilhantemente,.

- Pois claro, parente. Dá sempre muito jeito a gente ter um homem em casa.

- Tu nunca te atrapalhas, mulher?

- Atrapalho, pois. Mas é só quando eu quero.

- Ainda posso, portanto, ter esperanças?

- Um bocadinho de esperança fica sempre muito bem às pessoas. Sobretudo aos moços de Lisboa que pensam que a gente aqui foi toda criada num palheiro.

Carolino extraíra da cerveja, acrescentada a tudo o que fora bebendo desde o almoço, o sorriso beatífico com que agora regressava do balcão, eu pago a despesa toda daquela mesa.

- Então vamos embora, rapaziada? Já disse para a gorda que vocês jantavam lá em casa. Ela não cozinha bem, coitada, mas esforça-se muito.

- Priminho, e eu já lhe disse que você à minha frente não chama gorda à Cesaltina, ouviu? Vá lá ser bruto para a taberna, mas aqui é diferente.

- Pronto, miúda. Não fiques brava. Olha que se fosses tu a minha mulher eu nunca te chamava gorda.

- Eu calculo o que é que me havias de chamar, moinante. Antes queria morrer de cancro.

Aparentemente, continuaram a desenvolver o tema durante todo o tempo que durou a viagem da Cuba a Beja, já que, com uma impaciência cada vez menos discreta, Joaquim Peixoto os via, do vidro da frente da carrinha para o vidro de trás do Volvo, a trocarem risadinhas e encontrões como adolescentes numa tarde de cinema. Odiava aquela exuberância calorosa da tia de Mitó. E, ocorreu-lhe de repente, nessa tarde ainda não tinha pensado em Ana Mafalda. Odiava-as a todas, pronto. Odeio as mulheres.

- Então, pá? Vais deixar o homem galar-te a miúda?

- Eles são primos, Sebastião.

Ó prima ó rica prima, gargalhou o fotógrafo. Faz tudo que eu não te ralho. Atordoados, o estagiário realizou que respondera como se ela, de facto, fosse a sua miúda; e os protestos desajeitados com que tentou depois emendar a mão não fizeram mais que espicaçar a inclemência do colega.

- Deve ter sido bom, aquilo, lá em casa dela, não? Bravo, Quim. Eu sabia que não havias de desiludir o teu grande educador. Ah? Quem é que te sacou uma alta boazona? Quem é que te trouxe de carro? E quem é que levou os mirones para o café, ãh, quem foi? Deves um jantar de reconhecimento a este teu dedicado amigo. E agora diz-me lá se isto não é muito melhor que aquela loirinha trinca-espinhas por quem andas sempre a suspirar em Lisboa! Bem, eu

acho a Ana Mafalda uma miúda impecável. Mas isto, ó Peixoto, é outro material! Ah? Os ares do campo, ali, puxam-lhes pelo físico que é um é gosto.

- Eh pá, cala-te, não estou a achar piada. Quero lá saber desta mula. E da outra também não quero.

- Isso, isso, trata-as mal. Despreza-as, cospe-lhes, elas gostam. É assim mesmo que elas gostam, filhinho.

- Eh pá, pela tua rica saudinha, fecha a cloaca.

Ditas pelos outros, aquelas coisas tinham sempre piada. Na voz dele eram frouxas, desagradáveis, e Sebastião Curto amuou. Arrumou a carrinha atrás de Carolino, numa espinha de areão com os lugares de cada automóvel bem delimitados! no solo a tinta branca. A Quinta das Águias ficava num dos flancos de Beja, frente a encostas muito suaves com restolho! onde cresciam flores pequenas ao acaso. A cidade recortava-se-lhe por trás, entre os prédios de sete andares que a sociedade Vitória Construtora, de Carolino Formosinho Rosado ali viera pôr de pé. Muitos estavam ainda inacabados, rodeados de britadeiras e guindastes, pilhas de tijolo, casotas de madeira para os operários guardarem a roupa durante o dia nos andaimes. Os outros tinham as paredes pintadas de laranja e castanho, varandas de alumínio e marquises nas traseiras. Todos os estores eram do mesmo tom esverdeado. Habite no luxo, diziam os cartazes. Compre o requinte em prestações a partir de dezoito contos mensais. Automóveis parados e luzes acesas sinalizavam-lhes o espaço já habitado. Estradas de terra ligavam a urbanização ao asfalto. Bem-vindos a uma casa de gente boa, ia dizendo o irmão de Bernarda! enquanto empurrava a porta de entrada, de vidro amarelai martelado. Queiram tomar os vossos lugares. O elevador tinha portas gradeadas e botões pretos diante da indicação dos andares. Cá vamos nós para mais uma maravilhosa viagem, cantarolava, alegre, o presidente do Águias de Beja enquanto premia o do terceiro.

- Boa noite. Eu peço desculpa, mas o Carolino avisou-me tão em cima da hora, não tenho nada assim de especial preparado... Entrem, entrem. Fazem o favor. Só tenho pena de não vos poder oferecer uma coisa melhorzinha, mas então. Sentem-se, estejam à vontade. Boa noite, Carolino.

Não é assim tão gorda como isso, diria horas mais tarde Sebastião Curto, cada vez mais cúmplice de toda a gente à medida que deslizava no débito da bagaceira. Cesaltina Rosado usava um camiseiro azul abotoado até ao pescoço, e estava toda afogueada do esforço a que o desleixo do marido a obrigara na preparação do jantar. A cabeleireira lá do bairro era uma criminosa, a avaliar pela obra que nela levava a cabo nessa tarde. Serviu frangos assados de um restaurante qualquer das redondezas, salada de tomate e pepino com muito vinagre, arroz amarelo salpicado de pimentões, e uma dessas *mousses* rápidas,

com leite condensado, de que vem a receita nas embalagens das margarinas e dos detergentes. O café tinha cevada, mas o vinho era irrepreensível. A refeição terminou num declarado clima de bom-humor.

- Agora, no baile, vamos raptar a Bárbara Emília e fugir com ela para a barragem.

- Ai Bárbara. O que a gente te fazia, em se apanhando lá contigo! Eh eh!

- Ora adeus, vais-te-me embora. Ainda mandava era um telegrama para a tua mulher, dizendo fato de banho no fundo da barragem, seu marido dentro do fato de banho.

- Ó priminha, o que é que você está pensando? Se a gente fosse consigo para a barragem não era de fato de banho, não senhora.

- Ó Carolino. Não digas isso à Bárbara Emília se fazes favor.

Cesaltina Rosado interrompia por vezes a sua circulação em torno da mesa, trazendo e levando taças e pires, cafeteiras, o boião do açúcar, para refrigerar os ímpetos do marido.

- A gente pode brincar, mas tem que ser sem mal. Ordinarices aqui em casa não quero. Vai lá mas é ver quem é que está batendo à porta.

Era um homem de cabelos ralos, muito queimado do sol, com a camisa amarela cingida ao volume considerável do peito. A mulher usava óculos quadrados de armações finas, Prateadas, e uma carteira branca com o fecho em azul. Olha, e o filho do comandante Mariano, disse Bárbara Emília em atenção de Joaquim Peixoto. É o Bruno Larguinho, adiantava já Carolino, e mais a esposa, a Amélia. São nossos vizinhos. O Bruno tem uma parte na minha sociedade. Eh pá, entrem, sentem-se, isto aqui é uma casa de gente boa. Joaquim Peixoto lembrou-se de repente de que seria decerto aconselhável falar com o presidente da Câmara, cujo filho, segundo lhe dissera o pai de Mitó, tinha também parte naquela sociedade e residia também naquele prédio.

- Vocês desculpem, mas o filho do presidente da Câmara também aqui mora, não é?

- O Vilanova Pinheiro? O Vicente? Mora sim, tem uma parte na sociedade. Vive no sétimo, até já lá montou uma lareira que é uma categoria. Queres falar com ele?

O tom de Carolino era afável, mas Joaquim Peixoto achou! por bem esclarecer os fundamentos da sua pergunta, não fosse ferir susceptibilidades.

- É que eu queria combinar uma entrevista com o pai, já para amanhã, se fosse possível, e como não tenho o contacto... pensei que talvez ele me ajudasse. Disseram-me que morava neste prédio.

Felizmente ninguém manifestou qualquer curiosidade quanto a quem é que informara o estagiário da revista *Actualidades*, e Cesaltina já estava a chamar

Vicente Vilanova Pinheiro pelo intercomunicador. É a Manuela? Está boazinha, é a Cesaltina. Olhe, diga aí ao seu homem se ele pode vir aqui abaixo à nossa casa que temos cá um moço que lhe quer perguntar não sei quê por causa do pai. Falava numa voz entre-cortada de inspirações profundas, como se a todo o momento lhe estivesse a faltar o ar. O filho do presidente da Câmara compareceu com o bebé ao colo, uma gracinha, disseram logo Bárbara Emília e Cesaltina. Foram sentar-se com ele diante da televisão ligada para Espanha, agitando-lhe as perninhas e enfiando o dedo nas mãozinhas muito fechadas. Vicente ouviu Joaquim Peixoto com bonomia, e prontificou-se a telefonar de seguida para casa do pai, ainda era cedo, marcando desde já a hora e o local da entrevista.

- A esta hora ainda ninguém está dormindo. E muito menos o presidente da Câmara. Emprésteme-me aí o telefone, ó Cesaltina.

Manuel Vilanova Pinheiro, presidente da Câmara de Beja no seu terceiro mandato, atendeu em voz pausada, possivelmente um pouco rouca. Olhe amigo, respondeu depois de ouvir o estagiário. Você passe por lá amanhã à hora do almoço, pelo município, e comemos ali qualquer coisa enquanto conversamos. Está bem assim? Vai fotógrafo?

Joaquim Peixoto desligou lembrando o odor dos coentros, sem dúvida já à sua espera naquele almoço do dia seguinte. Foi sentar-se muito calado num dos cantos do sofá verde de quatro lugares, e quando voltaram a tocar à campainha entrou um rapaz loiro aos caracóis. A camisa de rede branca, com alças muito finas, dançava-lhe sobre o torso. Era um bom bocado mais alto do que a média dos seus conterrâneos, de olhos muito azuis e músculos bem distribuídos. O estagiário detestou-o instintivamente, e com maioria de razão quando viu Bárbara Emília correr a aninhar-se-lhe entre os braços, com grande profusão de beijinhos.

- Joaquim, Sebastião, vocês ainda não se conhecem, não é? Este é o meu maninho Luciano.

O fotógrafo apertou-lhe a mão com energia, muitos parabéns, pá. Tens aqui uma irmã mais velha que se pode apresentar ao estrangeiro sem envergonhar ninguém. O rapaz envolveu-a num sorriso carinhoso, disse pois é, e tinha uma voz inesperadamente suave do alto de todos aqueles centímetros. A Barbinha nunca deixa cair os parente na lama. Joaquim Peixoto sentiu uma insuportável indignação toma-lo de assalto perante o recurso a semelhante referência à dactilógrafa do Centro de Saúde de Cuba, mas cumprimentou Luciano com agradecido alívio. Então aquele matulão é que era o tal maninho que a levava a Milfontes num fim-de-semana, a Porto Covo numas férias, e ainda a havia de escoltar a Lisboa quando começasse Setembro, para a Festa do

Avante? Enfim. Se tinha que haver um matulão à volta de Bárbara Emília, antes fosse o mano. Ela abraçava-o, magnífica.

- Tu não estejas com ideias, Sebastião. Bem te topo. Só o Luciano é que tem ordem de me chamar Barbinha. É uma coisa que já vem de quando éramos gaiatinhos.

- Também lês os pensamentos, terrível mulher? Então se calhar já sabes que eu estou a pensar que vão sendo horas de irmos para o tal baile. Não?

Vicente Vilanova Pinheiro despediu-se cordialmente com o bebé adormecido nos braços, Bruno Larguinho foi acompanhar a esposa a casa e voltou de blusão castanho, em cabedal fino. Cesaltina começara a evocar a má circulação que com o calor lhe fazia muitas dores nas pernas, mas Bárbara Emitia! agarrou-se-lhe ao braço num protesto risonho. Então você quer-me deixar sozinha no baile com estes galifões, mulher?! Depois eu digo ao Augusto que tudo o que possa acontecer foi por sua culpa. Joaquim Peixoto odiou de súbito aquele delegado de propaganda médica sempre ausente, e quase corou de surpreender em si próprio tais sentimentos. Tu que gozas tanto com os bailes de aldeia, Ana Mafalda, se me visses agora envolvido nesta excursão. Desceram as escadas trocando conversas cruzadas, e Luciano estava sozinho ao volante de um *Volkswagen* estropiado.

- Então, ó pessoal? Não vem ninguém comigo? Posso ser atacado por algum homem mau, se for sozinho.

- Um homem mau? Então não era um bando de contrabandistas? Ao menos arranjem versões que coincidam, caraças.

Ninguém pareceu achar divertida a observação de Sebastião Curto. Joaquim Peixoto sentou-se à pressa ao lado de Luciano, bateu a porta num puxão quase aflito, vamos lá vou eu contigo. Queria era que ninguém, quando as coisas estavam a decorrer num ambiente tão amistoso, começasse agora a endurecer o tom. O teu carro é porreiro, Luciano. Os outros tinham partido à frente, assinalando a estrada com o rasto dos faróis. O irmão de Bárbara Emília acendeu o isqueiro enquanto carregava repetidamente no acelerador. Já custa a aquecer, o meu latinhas. Depois fez girar o volante e seguiu os pontos vermelhos, já muito distantes, que os farolins abriam na noite.

- Ele não acredita, não é?

- O quê?

- Estou a dizer, o teu amigo, o fotógrafo. Ele não acredita que foram os contrabandistas que mataram o Helmut.

- Não, não é isso. O Sebastião é assim mesmo. Não acredita seja no que for, sabes. É a religião dele.

Nunca conseguiria dizer aquelas coisas como os outros diziam. Não havia nada a fazer: ele, Joaquim Peixoto, era um indivíduo sem graça. Luciano sacudiu as primeiras cinzas com o indicador.

- Olha, eu gostava que não tivessem sido os contrabandistas. Achas que sou doido? Gostava, era a prova de que uma pessoa aqui tinha coragem, tinha tudo no sítio, entendes? Sempre era alguém que não se tinha encolhido, era alguém que se tinha rebelado contra as brutalidades que andava sofrendo e tinha cortado a direito, tinha respondido à letra sem medo das consequências. Tinha feito aquilo que andamos todos com vontade de fazer, pronto.

- Matar um alemão?

- Matar quem tem a culpa. E, neste caso, quem tinha a culpa era esse alemão. Isto é o que eu acho, pelo menos.

- Pois, pelo que eu ouvi dizer do que ele fazia à Mitó, realmente...

- Deu cabo da mocinha. Por isso é que eu gostei de ouvir dizer que ela lhe tinha limpo o sebo. Foi o que constou primeiro, depois é que descobriram, com o inquérito da polícia, que tinha sido um grupo desses do contrabando. Olha, pensa o que quiseses de mim, mas eu tive pena. Ela é que o devia ter morto. Bem, agora não vás pôr isto lá na tua reportagem.

- Não, não. Sabes, tenho estado a pensar em aproveitar este caso da Mitó como pretexto para um grande tema de fundo, em torno da dificuldade de se ser jovem aqui.

- É. É difícil. O pessoal anda todo muito amargurado, entendes, porque às vezes a gente se sente quase como num barco indo ao fundo. Não te sei explicar bem, mas há rombos, há muitos rombos. A gente vê os ratos abalando, mas de repente começa a pensar que se calha somos todos ratos. Um dia havemos de abalar todos.

- Pois, é o desencanto, não é? O recuo da reforma agrária...

- Não. Não é só por causa da agrária. A gente sente, é como em África, entendes? A gente sente que também a terra está morrendo. Tenho muitos amigos na Universidade de Évora, e a gente às vezes fala nisso durante horas. Anda tudo aflito com a desertificação do Algarve mas nós ainda havemos de ir muito à frente. Basta ler coisas soltas que aparecem de vez em quando nos jornais, dessas em que ninguém repara. A monocultura, entendes? Rebentou com o solo. Está estafando a terra, e o pessoal fica a vê-la dando cada vez menos, depois como não entende ainda a carrega novamente com adubos, ainda lhe deita as sementeiras mais vezes. Estamos a esgotá-la. Qualquer dia não há-de haver nada. Não há-de haver nada, só rachas no chão, há-de ser o deserto por aí fora, e a gente está-o vendo a formar-se. São muitas desfeitas juntas. Não sei se podes entender.

Passou-lhe o que estava a fumar, e só então é que o estagiário reparou que era um charro. Falava na voz mansa de quem repete pensamentos já tantas vezes retomados que se esvaziaram de qualquer ansiedade. Brilhavam olhos de gatos contra os faróis, a espaços entre as manchas dos arbustos. A estrada sucedia-se sem curvas, lisa, silenciosa.

- O que eu penso é que as pessoas não entendem. Só sentem a amargura, e então ficam-se recriminando. Cada vez nos suportamos menos uns aos outros. Eu tinha amigos na Juventude Comunista, mas já não os posso ouvir sempre falando mal do pessoal de dezassete anos, que só quer roupas e festas, dizem que não há quem os entenda... mas o que é que os moços haviam de querer? Eu também não acho bem, mas a então. Antes só queiram isso. Porque se quiserem outras coisas não as encontram.

E contou-lhe de como o grupo de teatro a que pertencera tinha cessado as actividades porque um a um todos os seus dinamizadores tinham saído da terra. O último estava agora preso: declarara-se objector de consciência, recusara-se a comparecer no quartel, e já lá iam oito meses desde que o tinham vindo buscar. No entanto, dizia com um sorriso atento ao caminho, no entanto há vinte tabernas na Cuba. Só tabernas, fora o resto. Em todas essas terras há clubes, há sociedades, mas são apenas para comer e beber. Luciano Frutuoso guiava só com uma mão, passava a outra pelos caracóis louros, e condescendia que restavam as bandas, as filarmónicas, as fanfarras. Mas tu achas que o pessoal tem que ser todo obrigado a gostar daquilo, Joaquim?

- Se os moços preferem andar fazendo ralis nos carros dos pais, não estão no seu direito? Antes seja disso que eles gostam, que sempre podem ter o que querem. Sabes como é que a gente mata o tempo? Vamos à praia ou metemo-nos todos num carro e vamos de propósito tomar café a Castro Verde, a Odemira, onde calha, vamos para longe, pois. Não há mais nada. Eu levanto-me sempre muito tarde aos fins-de-semana, que é para os dias serem mais curtos. Se calha passo a tarde de café em café, morrendo de estúpido. À noite chegamos a ir assim em grupos, por aí, vamos roubar galinhas. Que é que foi? Roubar galinhas, pois. É de maneira que andamos entretidos, até às cinco da manhã. Depois fazemos umas petiscadas. Ó pior é que isto, para mim, não me chega. Então a coisa custa mais a levar. Entendes? Quando eu andava no liceu, olha lá, todas as tardes ia para as tascas lanchar, íamos um grande grupo de moços. Todas as tardes. Comíamos febras, chouriços, bebíamos-lhe em grande, e ficávamos sempre bêbedos. Sempre. Havia lá uns velhos que cantavam aquelas músicas de velhos, de alentejanos velhos que estão nas tascas, tu não sabes, pois. E a gente cantava com eles. Eu cantava o fado de Coimbra, às vezes, a pedido. Eles gostavam de me ouvir, o que é que queres? Levávamos os dias

naquilo, e aos domingos pegávamos as vacas para as moças verem. Eu morria de medo, mas também as pegava. Acho que todos morriam de medo, mas era assim. E, nessa altura, aquilo chegava-me. Agora é que já não me chega, e é muito pior. Dantes eu pensava que tinha uma alta vida. Enquanto durou eu não pensava nisso, mas acho que era feliz.

- Agora não és feliz?

Joaquim Peixoto reconhecia em si próprio a capacidade talvez rara de achar as suas perguntas perdidamente ridículas antes mesmo de as ter concluído. Mas o irmão mais novo de Bárbara Emília respondia-lhe com seriedade.

- Sei lá. Eu gosto disto. Gosto muito disto, de viver aqui, nas calmas. Se vivesse em Lisboa, como tu, estou que desatinava. Vocês andam sempre correndo, não é, mais depressa que de repente. O pessoal diz que vai lá e não consegue ver nada porque os prédios são muito altos. Eu gosto de sentir passar o tempo, de dar pela luz variando durante o dia, o campo variando durante o ano, eu preciso dessas coisas. Tu não vais à caça? Aqui toda a gente vai. Há sítios onde só há missa aos domingos durante o defeso, no resto do tempo o padre anda aos coelhos. E bom ver levantar as perdizes, Joaquim. Mas pagamos um preço que eu não sei. Eu não sei se dá para aguentar. As estatísticas não dizem que o Alentejo é a região do País com maior taxa de suicídios? O pessoal estou que só pensa todo no jeito que há-de arranjar para se ir embora.

Deitou o filtro pela janela, não restava nada. As casas brancas de Beringel iam-se agora desenhando a boiar na noite, fixando-se nos contornos definitivos da aldeia que o velho *Volkswagen* se aproximava. Os outros já deviam estar no baile há um bom bocado.

- Dantes havia um cinema, hoje nem isso funciona. Puseram lá uma sala de baile, como esta onde vamos. Também quando funcionava, era só indianos, cobiadas, *kung-fus*, e às tantas eram os pornográficos. Os casais não podiam lá ir, porque o pessoal se punha a roncar, dizendo dá-lhe agora, e assim, naquelas partes. Cadeiras duras, tecto com buracos, e os caramelos jogando tudo o que apanhavam ao *écran* assim que aparecia alguma coisa de fora, era o cinema que a gente tinha. Agora já nem esse temos.

A Desportiva Unida Beringelense tinha motos paradas aí porta em quantidade considerável, luzes intermitentes fugindo das janelas. Havia encontrões e risos junto da entrada, sons dispersos da música filtrados pelas paredes espessas, muito altas. Era um antigo armazém de cereais, explicou Luciano enquanto arrumava o carro entre duas portas, numa manobra complexa que visava não bloquear o acesso a nenhuma delas. Estou pedrado, caraças, nunca mais atino. Continuou a falar já depois de ter desligado o motor.

Joaquim Peixoto acendeu outro cigarro. Era-lhe agora muito evidente que gostava do atlético mano da dactilógrafa do Centro de Saúde.

- Conheces o Nuno Bravo?

- O professor, o do Barreiro? Conheço, andei num dos cursos de fotografia que ele organizou. Depois desistiu. Não aparecia lá ninguém. Mesmo eu não era muito certo, é verdade. Um tipo porreirinho, mas meio pirado.

- Ontem estive a falar com ele.

- Disse-te muito mal de nós, não? Acho que ficou desiludido com os alentejanos.

- Disse que os rapazes só querem copos e comida, e as raparigas só querem namoro.

O irmão de Bárbara Emília fechou os olhos azuis e encostou a cabeça ao rebordo do banco.

- Ah, ele não sabe tudo. Eu acho que os moços também só querem é arrumar a vida. Querem sacar uma mulher para ter em casa, pronto.

Sacudia a ponta do cabelo com os dedos, tal e qual como a irmã. Joaquim Peixoto preferiu não reparar nisso.

- Mas tem que ser, não é? Até porque a gente precisa... ouve lá, tu sabes. As moças têm medo de tudo. Eu compreendo-as, mas elas têm medo de tudo. A gente tem que casar com elas, ou fazer que casa. Se não for assim, e se não formos àqueles sítios, ainda nos arriscamos a não saber de nada até muito tarde. É verdade, é. E isso também conta. Eu não vou a esses sítios, e às vezes sinto que dou em doido. Queres que a gente não pense nisso? Ora, nas festas há sempre algum que às tantas começa perguntando quando é que a gente se põe nelas. É sempre assim, e se calha não pode mesmo ser de outro modo. Sei lá, é difícil.

O estagiário nunca se sentira à vontade naqueles terrenos. Agora agitava-se no banco, e começou a acariciar com a mão o fecho da porta. Luciano parecia não dar pela sua contrariedade.

- Eu sei que a culpa não é das moças. Para elas ainda é mais complicado. Olha a Mitó com o alemão, o mal foi ela ter-se posto a andar com ele e o pessoal dar-se conta. Ora, com um alemanito, pois então, aquilo já devia ter dado direito a tudo, foi logo o que se disse para aí. Depois ela, mesmo que o quisesse largar, já tinha o problema de saber que se o largasse também havia de estar muito tempo sem arranjar outro namorado. Ah, sim, sim. Há aí duas mocitas em Beja, a Fátima e a Adília... fugiram de casa aos catorze anos, hoje são da idade da Mitó e ainda ninguém lhes pegou. Mas são bonitas, não penses.

- Eu sei. Eu estive com elas, com o Nuno Bravo.

- Ah, pois, disseram-me que elas tinham estado na Arfada com o Nuno e mais um moço de Lisboa. Então eras tu. Aqui sabe-se tudo, vês. E é que, à mais pequena coisa com as moças, logo começam falando delas como se fossem uma desas do John Player.

- De onde?

- Do John Player. É um dos tais sítios de que te falei. onde vão os homens. Mas a malta nova, que nunca tem dinheiro, também não se safa por lá, não estejas com ideias.

- O John Player?

Luciano ria do interesse dele.

- É.

- E vocês vão lá?

- Eu não. Mas há muitos que vão.

- E tu podias levar-me lá? Só para eu ver como é.

- E isso também faz parte da tua reportagem.

- Não sei. Tenho que ver. É como te disse, ainda não decidi muito bem em que sentido é que vou orientar as coisas.

O irmão de Bárbara Emília Frutuoso abriu finalmente a porta do carro. Antes de sair pôs a mão no braço de Joaquim Peixoto, olhou-o de frente e disse OK. Amanhã eu levo-te ao John Player. Depois voltou a sorrir, e só então entraram no baile. Abrilhantado pelo famoso conjunto Psico-Forma, dizia o cartaz colado na entrada.

- Olha-os lá. Estão ali ao fundo.

Bárbara Emília dançava com Sebastião Curto, um êxito re*fl| cente das vendas de discos que o vocalista se mostrava COBH! pletamente incapaz de articular na língua original, substHl tuindo cada palavra por um som aproximativo extraído aOÉ^l estribilhos já entrados na consagração. *Madre mia, amare mio* & gritava o rapaz com as duas mãos agarradas ao microfone, 4ÉJ por trás o baterista ria para a assistência, distribuía piscadela*! de olhos, atirava as baguetas ao ar e voltava a recuperá-latí sem qualquer esforço aparente. Àquela hora as mães aindffl não tinha recolhido a casa, e sentavam-se numa longa fila dei cadeiras verdes que ocupava a ala esquerda do salão, algumas-l já rendidas ao sono, outras vigilantes. Do bar vinham entre- l choques de garrafas, gargalhadas de homens. A vastidão da j sala embrulhava todas as notas para as digerir numa melopeia quase indiferenciada de onde só se destacavam, a espaços, os repentes mais agudos da viola solo. Carolino e Cesaltina estavam

sentados na mesa do fundo com a compostura devida aos casais influentes. Bruno Larguinho ia alinhando à sua frente as cervejas vazias. O vocalista disse podem descansar, os pares desmancharam-se esvaziando o centro da pista, e Joaquim Peixoto só pensava em dançar com Bárbara, ele que até nunca dançava, e que para mais amava tanto Ana Mafalda, a causar o sucesso de sempre num Algarve que agora lhe aparecia como cada vez mais distante. As luzes do *Summertime* corriam-lhe àquela hora as madeixas loiras de reflexos nocturnos, e tudo se passava muito longe dali. Luciano mastigava pevides.

- É sempre nisto que se acaba, Joaquim. Podes tentar fazer outras coisas, tenta o que tu quiseses. Ao princípio pode parecer que pega, mas nada dura mais que um ano ou dois. Quando vamos a ver, já estamos outra vez nos bailaricos. Se calhar não merecemos melhor, olha lá.

Bárbara vinha suada, transbordando risos, com a mão de Sebastião Curto a guiar-lhe o cotovelo. Então, sabem o que vos digo? Nunca a alegria do fotógrafo parecera tão alarve a Joaquim Peixoto. Você é uma loba nisso de dançar, parente. Ela descobria os dentes todos entre o vermelho muito vivo da boca, levantava os cabelos para arejar o pescoço, põe-te manso, Sebastião. Se eu falasse como tu falas não gozava com o jeito de falar dos outros, eu não. Sentaram-se, e ele dava palmadas enérgicas nos joelhos do estagiário, baixando a voz numa cumplicidade de homens. A próxima rodada é sua, meu querido. Eu só lhe estive a fazer o aquecimento.

- Eh pá, Sebastião, tu vai-te encher de moscas.

O fotógrafo já bebera de mais para voltar a amuar. Acompanhou Bruno Larguinho numa nova digressão ao bar, prometendo cervejas para todos no regresso. Carolino falava interminavelmente das construções na Quinta das Águias, de toda a imensidão de projectos que a sociedade Vitória Construtora iria atacar seguidamente, dos melhoramentos que queria introduzir no novo estádio do Águias de Beja, situado numa periferia ainda distante da cidade; e foi Joaquim Peixoto quem o teve que ficar a ouvir quando o conjunto Psico-Forma retomou as suas posições e atacou uma nova algarviada vagamente familiar, porque Bárbara Emília arrastou de imediato o maninho musculoso para o centro da pista,- Durante toda a noite andou de par em par, enchendo as musicas da sua presença generosíssima. Mas arranjou sempre forma de nunca dançar com o estagiário. Parva, rosnava ele para si próprio, e Carolino Formosinho Rosado contava-lhe das vantagens que o seu clube iria ter com o novo estádio; Grande parva, não me fazes nenhuma moça. Não quero saber de ti para nada, nem das tuas curvas nem do teu delegado de propaganda médica que realmente deve andar a deixar-te sozinha em casa tempo de mais.

- Pois estou-lhe dizendo, amigo. Este sítio novo é muito mais desafogado, e a gente está instalando ali umas bancadas que aquilo é uma categoria, até comparando com as do Fernando Martins, pois então. Até o ar é mais puro, está vendo, é mais puro que ali mesmo no meio do movimento da cidade. Depois, com o tempo, havemos de ir agregando pavilhões para actividades desportivas, assim uma espécie de aldeia; olímpica em ponto pequeno, é como lhe digo. A Vitorie; Construtora ainda há-de dar conta desse recado antes de João Rocha ter chegado ao fim lá dos prédios dele. Também há coisas boas na província, é ou não é? Com o tempo, o meti amigo vai ver. Depois eu mando-lhe um convite para a inauguração.

Bárbara dançava com Bruno Larguinho quando Luciano o veio salvar dos entusiasmos empreiteiros do presidente das Águias de Beja, arrastando-o para o bar por entre a confusão crescente de fumos, suores, vidros vazios. Restavam agora poucas mãos na ala esquerda, e quase todas profundamente adormecidas. O irmão da dactilógrafa estava perdido de riso.

- Sabes o que é que eu fiz, Joaquim? Ó Fernando, duas cervejas para aqui, fazes favor. Está cá um menino, eu nunca fui com a cara dele, o que é que queres. Veio-me pedir haxe e eu dei-lhe um bocado de caldo *Knorr*, palavra de honra que fiz isso. O caramelo anda para aí de olhos meio fechados, e já me disse duas vezes que está com uma grande pedrada. Ouve lá, isto até faz pena, é muita miséria junta. É mesmo.

A cerveja, retirada de grandes alguidares vermelhos cheio de água onde boiavam pedras de gelo cada vez mais rarefeitas, estava à temperatura ambiente. Joaquim Peixoto sentia-se tão miserável como toda a miséria de que falava Luciano.

- Tens razão, Luciano. É uma miséria insuportável. Mas não é só isto. É toda a vida que é assim. Pelo menos a vida dos desgraçados como eu. Conheço uma miúda que decerto não sabe o que é ser-se miserável. A tua irmã, provavelmente, também não sabe. Mas eu sei. Sou um miserável, um miserável, mesmo. E estou farto, farto, farto.

- Eu também estou farto. Sabes o que é que eu faço, às vezes? you à barragem e grito, grito, encho-me de gritar. Alivia. Os que virem que pensem o que quiserem.

- Mas fazes isso diante de toda a gente?

- Eu não. Vou para lá sozinho, sempre sozinho. Mas já sei que hão-de vir pelo menos dois ou três meninos atrás de mim.

- Vão atrás de ti?

- Pois. Já sei que se me vêem arrancar para a barragem vem sempre alguém atrás de mim.

- Mas para quê?

- Então, para quê? Para verem o que é que eu vou fazer, pois então. Aqui nunca ninguém faz nada sem estarem sempre não sei quantos maduros espiando em qualquer parte. Não vês que o pessoal não tem nada com que se entretenha? Então pronto, põem-se a espiar. Olha, estou que já é um vício da terra. Quando eu andava no liceu passava pela guarda, eles cumprimentavam-me, e depois iam logo dizer ao meu pai que me tinham visto em tal parte. Ah, pois. Estamos sempre sob controlo. Há aí uns que chegam a passar noites inteiras à porta das moças, escondidos, só para ver a que horas elas saem, a que horas voltam, com quem vão... Ainda no outro dia eu ia no meu latinha com quatro miúdas, todas irmãs, íamos só a minha casa, ouvir um disco. Pois o irmão delas veio atrás de nós, atravessou o carro à frente do nosso, fez-nos parar e sair, virou-se para elas e foi: «já para casa!» Elas foram, que remédio. É tudo assim, estou-te dizendo. Todos os pares que hoje saírem daqui juntos não hão-de ir para sítio nenhum que não arranquem não sei quantos atrás deles, nas motos. Pois é.

Pousou a garrafa de repente, uma ideia a brilhar-lhe na l forma súbita de olhar para o estagiário.

- Queres ver? Anda cá.

Arrastou-o de novo para a sala, e todas as mães tinham partido. O conjunto Psico-Forma devolvia-se agora a melodias de há muitos anos, lentas, de luzes baixas. Havia papéis pelo chão e cadeiras desalinhadas a toda a volta. Carolino estava a ajudar Cesaltina a vestir o casaco, já em pé, quando Luciano se veio colocar, enorme, à frente do grupo.

- Então oiçam lá, está uma noite tão boa, e se a gente agora fosse até à barragem? Para respirar o fresco, e mostrar uma coisa bonita a estes parentes de Lisboa.

- Vai tu que és novo, moinante. A gente aqui tem responsabilidades e filhos, não é Carolino?

O presidente do Águias de Beja hesitou na resposta à interpelação do filho do chefe da polícia, talvez por ainda ter muito presentes os seus projectos da hora de jantar, quando se exaltava em torno de um possível rapto de Bárbara Emília. Mas Cesaltina puxava-o para a porta com uma expressão de tédio pelo menos imperiosa, agora para a barragem, a esta hora, coisas de gaiatos e malucos. Vão vocês, disse Carolino em voz triste, e Sebastião Curto já se lhe estava a atrelar para a boleia, dizia-lhe num sussurro que tinha uma amiga em Beja. Uma loira, a da loja de doces, deve estar farta de esperar por mim, coitadinha. Virou-se para Joaquim Peixoto com uma mão no fecho do *Volvo azul*, então boa festa, meu querido. O estagiário ficou sozinho com os dois

irmãos da Cuba, entre os estrondos repetidos das motos que iam, uma a uma, abandonando o antigo depósito de cereais. Luciano abriu a porta do *Volkswagen*.

- Vamos à barragem, mana? Aqui o Joaquim não se acredita que hão-de vir uns poucos de mirones atrás da gente.

Ela sorria, numa pose distante.

- Ai isso vêm, de certeza. Mas vamos, que está uma lua tão linda que deve ser pecado dormir hoje.

Sentou-se à frente, com o cabelo todo derramado pelas costas do banco, para que o estagiário lhe medisse bem a abundância. Descalçou os sapatos, tenho os pés que nem os sinto. Ai moços. Agora a voz soava-lhe deliciosamente rouca, e o cansaço parecia dar ainda mais lustro à sua presença, muito recostada contra o fundo luminoso da noite. Cantavam ralos, grilos, através das janelas abertas. A barragem apareceu ao fundo de uma estrada curta de terra, reflectindo o luar no rectângulo espelhado entre sebes de piracanta. O agrário sonhara-as grandiosas, coloridas e agressivas como a imagem de marca de qualquer capitalismo triunfante. Ficara-lhe esse futuro adiado alguns anos atrás, na pressa da fuga para Lisboa, rumando vagamente a um Brasil mitológico onde nunca chegaria a desembarcar. A piracanta crescera depois na desordem dos tufo erçados que delimitavam as margens, e os dois irmãos explicavam que o pessoal costumava ir muito àquele sítio. Não se podia tomar banho, por causa dos caniços e do lodo no fundo. Mas olha, sentamo-nos para aqui, paramos o carro, conversa-se, mata-se o tempo. A esta hora, sobretudo, é bonito. As rãs enchiam o vento morno da noite com coaxos regulares, pontuados por pios de mochos. Bárbara Emília acendeu um cigarro, Joaquim Peixoto viu-lhe os lábios no clarão do isqueiro cor de laranja, e então lembrou-se de ter lido uma passagem do diário de Mitó sobre uma lua que não devia ser muito diferente daquela. Nunca tinha pensado no Helmut como namorado, escrevera a filha de Bernardo Formosinho Rosado na sua caligrafia escolar e bojuda. Foi preciso aquela noite incrível na barragem, e toda a conversa da lua, para eu começar a perceber que entre nós se podia mesmo vir a passar qualquer coisa.

- Bárbara.

Ela sorria, e a camisola branca escorria-lhe suavemente pelo ombro. Talvez estivesse a fazer de propósito. Ai que insuportáveis que são as mulheres.

- Bárbara, a Mitó esteve aqui com o Helmut? Li uma parte do diário em que me pareceu que ela falava disto, e de uma lua assim.

Bárbara conhecia perfeitamente o episódio, mil vezes retomado nas confidências insones de Mitó. Mil vezes, pelo menos, tanto e tão

desesperadamente se agarrava a sobrinha do presidente do Águias de Beja às escassíssimas histórias que pudesse ter para contar em que figurasse um mínimo de interesse dele, uma pálida iniciativa, qualquer gesto, qualquer coisa. Puxou longamente o fumo do cigarro antes de fixar os óculos tristes de Joaquim Peixoto.

- Sabes, mocinho, esse emplastro alemão, de vez em quando, até parecia que tinha umas... inspirações, entendes? Parecia uma pessoa. Mas só de vez em quando, com coisas como a da lua.

Era uma noite assim, morna, dourada pelo quarto crescente reflectido nas águas quietas da barragem. Também dessa vez havia rãs, e risadas dentro do carro do Tomás, um charro aceso. Mitó sentara-se por trás de Helmut, via-lhe no escuro os cabelos muito loiros, as mangas enroladas da camisa sobre as veias finas que lhe sulcavam os braços. Mitó pairava, era noite e mal lhe distinguia o rosto. Helmut. Repara como a lua está brilhando. Todos os outros calados, no leitor de cassetes havia uma viola solitária. Mitó olhava Helmut dourado pela noite. Helmut, ouve lá o que te estou dizendo. Vai buscar a lua para mim.

- Ela já andava muito desatinada nessa altura, entendes? Acho que lhe pediu que ele lhe fosse buscar a lua, também tu vê-me lá para o que lhe havia de dar. Coisas de gaiatinhos. Parece que ele estava no banco da frente, e então virou-se logo para ela, com um ar tão sério que ficaram todos para morrer.

Não, respondeu Helmut, e olhava-a como se lhe estivesse a fechar os dedos à volta do pulso. Não, rapariga, eu não te vou buscar a lua. A noite trazia colado o perfume doce das estevas, Helmut disse que não lhe ia buscar a lua. Não ta vou buscar. Mas levo-te lá, se tu quiseses. Todo o carro do Tomás se arrepiou de espanto, ninguém ousou falar, ele dissera eu levo-te à lua. Se tu quiseses, Mitó.

- Ouve lá, o moço em querendo fazia oitos com pernas de nove. Dava a volta à cabeça dela, isso era limpinho. A Mitó ouviu aquilo e ficou desfeita, mas derretida de todo, tu não podes imaginar.

Ah, sim, Bárbara Emília, eu imagino. Imagino tão bem. Eu levo-te à lua, disse Helmut, e então Mitó soube que já nunca mais nada poderia voltar a ser como dantes. A meia-tia em breve teve de conhecer de cor aquela resposta demoníaca, recontada pela voz muito grave da sobrinha que se abraçava ao travesseiro, e as alças finas da camisa de noite, em *nylon* florido, comprimiam-lhe os ombros magros. Vais-me buscar a lua, Helmut? Não. Mas levo-te lá. Mitó dava voltas na cama, Bárbara, estás dormindo? Ele disse-me, ele prometeu-me tudo. Mitó revolvia os lençóis, levo-te à lua, rapariga. Joaquim Peixoto via a curva do ombro da dactilógrafa desenhar-se debaixo da camisola, ela soprou o fumo, apagou o cigarro. Semicerrou os olhos. Ia brilhar.

- Ela andava doida, mocinho. Isto é como dizia o Alves Redol.
Citou.

- Nunca ouviste falar da febre das virgens?

- Não. Eu só conheço a Torre das Vagens.

Joaquim Peixoto nunca fora brilhante em trocadilhos. Trocadalhos, resmungou ela abespinhada. E virou-se para a frente, mas não teve tempo para encenar convenientemente o amuo, porque agora Luciano emergia do seu mutismo apontando para a esquerda num gesto brusco.

- Olha, Joaquim. Eu não te dizia? Ali estão eles!

Por trás da piracanta, tinha piscado uma luz. Estavam de faróis apagados, grandes cães. Espiando a gente. Luciano engatou uma marcha atrás raivosa, à esquerda do *Volkswagen* sinalizaram-se de imediato dois automóveis de máximos acesos. O irmão de Bárbara Emília inflectiu para a direita fazendo chiar os pneus e voar areia, saíam do caminho, filhos da mãe. Bateram portas a fechar-se nos outros carros, os motores arrancavam, uma voz avinhada entrou-lhes pela janela perguntando se a moça chegara bem para os dois. Tragam-na cá, que a gente também quer festa. Luciano derrapava na areia, entrou no asfalto de dentes cerrados, é sempre a mesma coisa, eu não te dizia? Os outros perseguiram-nos quase até Beja, alternando distâncias prudentes com ultrapassagens bruscas, piscar de faróis, gritos rasando-lhes a janela. Bárbara Emília não dizia nada, Joaquim Peixoto mal compreendia o que estava a acontecer. Entrou com alívio na zona iluminada pelos candeeiros acesos da cidade, e despediu-se atabalhoadamente quando o deixaram à porta da residencial. Fixou pela ultima vez os cabelos da dactilógrafa, começava a noite a rarefazer-se junto à linha onde havia de romper a manhã. Tal como na véspera, Sebastião Curto não estava no quarto.

MOTE

*Eu não se me dava morrer
Que eu pouca falta fazia
Mas levo o meu tempo a pensar
Que a terra deve estar fria*

VOLTAS

*Já muitos me têm dito
Que o morrer que custa pouco
Mas eu como não sou louco
Já disso não acredito
Tenho-os visto naquele conflito
Abir a boca e fechar
E os seus olhos espernegar
E naquela aflição
Mas com geadas comovão
Levo o meu tempo a pensar*

*(décimas de Manuel Joaquim «Canivete», natural de Évora, de 67 anos de idade,
trabalhador rural reformado)*

Manuel Vilanova Pinheiro tinha o cabelo ralo, cheio de fios brancos, e rugas fininhas emaranhadas no canto dos olhos. Vestira gravata azul, possivelmente a pensar na objectiva de Sebastião Curto, uma vez que libertou o pescoço forte da sua pressão assim que o fotógrafo da revista *Actualidades* guardou toda a aparelhagem no saco preto. Conheciam-se os dois vagamente, de uma qualquer campanha eleitoral de anos anteriores. Joaquim Peixoto ouvia-os rememorarem as histórias e anedotas dessa altura, remexendo com entediada desconfiança a sopa de cação que já os esperava quando se sentaram à mesa do restaurante caiado para onde os levava o presidente da Câmara de Beja. Escapar aos coentros para ter que enfrentar aquela taça funda de caldo espesso, aromático, povoado de peixe e gordura, parecia-lhe uma imperdoável brincadeira de mau gosto. Você dessa vez vinha com o vosso colega, o Francisco Garção, não era? O que a gente se riu, lembra-se? O estagiário respirava em silêncio os vapores intensos que se libertavam da terrina pousada no centro da toalha aos quadrados azuis e brancos, já sabia que com ele nunca nenhum presidente da Câmara se havia de divertir. A atmosfera quente da sala atormentava-o. Sentia-se naqueles primeiros momentos da tarde mais miserável que nunca, com o estômago ainda indisposto por todas as cervejas da véspera, e as horas de sono que prometera a si próprio para essa manhã roubadas a menos de meio pelo telefonema de Teófilo Sampaio que o fizera acordar.

- Bom-dia, jovem. Incomodo-o?

As pessoas fazem perguntas realmente incríveis, pensou Joaquim Peixoto enquanto dizia não, pelo amor de Deus, e reparava que Sebastião Curto não viera sequer desfazer a cama. O redactor do *Voz da Planície* falara na véspera a uma pessoa com quem talvez fosse importante o seu jovem colega encontrar-se, o médico que todos os anos fazia as inspecções aos mocinhos da escola. O doutor Carreto Perdigão, um homem extraordinário, sussurrava Teófilo Sampaio no desfalecimento de sempre, enquanto o estagiário piscava os olhos em direcção ao estore meio corrido da janela e constatava que o Sol já ia alto. O calor começava a infiltrar a residencial Seara. Combinou passar por casa do antigo companheiro moçambicano de Alberto Contreiras logo a seguir ao almoço, e foi sem sucesso que tentou depois voltar a adormecer. Ficara-lhe vagamente a sensação de ter sonhado todo o tempo com o ombro redondo de Bárbara Emília, escorregando muito moreno da malha branca da camisola.

Acabou por abrir o diário de Mitó, folheando uma a uma as longas horas inconfessáveis, e sempre entranhadamente tristes, da miúda de Baleizão que aparecera uma madrugada na estrada que vem de Ferreira, a dizer que acabava de matar o namorado.

Há três dias que Helmut não fala comigo. Eu sei que o pior que posso fazer é começar a procurá-lo. Ele não suporta sentir-se perseguido, mas eu não sei se aguento. Gostava tanto de arranjar um emprego, ganhar dinheiro, e poder ir embora daqui. Se calhar gostava de nunca mais o ver. Não havia uma única página que não mencionasse o belo mecânico militar, hoje achei que ele olhou para mim como se realmente gostasse de estar comigo. Fomos à festa do Tomás, fumei muito, nem sei bem o que foi que ele me fez. Vim para casa cheia de vergonha, mas agora estou cheia de saudades. Helmut perseguia-lhe linha a linha os pensamentos e as ansiedades, entre repetidos projectos de ir embora, partir para longe, ter um emprego. Não depender dos pais, aí um dia. Um dia meto-me aí à boleia e nunca mais volto. Nem que morra, mas eu nunca mais volto. Nem que depois me aconteça, aí sei lá, mesmo que me aconteça tudo quanto há de mau para acontecer a uma pessoa. A segurar os desesperos da fuga chegava então o medo, sou uma cobarde, pronto. Se tivesse que passar fome não sei como me aguentava. Mitó contava que tinha na Cuba, em casa da tia, uma mala grande guardada no sótão, cheia peça a peça de tudo o que previsivelmente lhe seria de facto indispensável no dia de já não aguentar mesmo mais e bater a porta de vez. Mas aquela insegurança vinha sempre travá-la, ontem chorei toda a noite e estive olhando pela janela, pensando que ia saltar e fugir. Nem sei bem porque fico.

No fundo de cada frase, enterrado nas almofadas, Joaquim Peixoto encontrou sempre um desgosto continuado que se repetia com cada manhã, hoje tenho mais três borbulhas. Tudo me fica mal. Comprei uma daquelas camisolas cor-de-rosa *shaking*, mas agora acho que detesto ver-me com ela. Detesto ver-me. Mitó penteava-se e despenteava-se, mudava outra vez o risco, trocava a cor da camisa, detesto ver-me. Detesto-me. Mitó ensaiava mudanças e depois desistia, acabava invariavelmente por se esconder atrás do vidro espelhado dos óculos escuros. Não andes com isso, minha filha, suspirava Maria de Fátima já sem esperança. Que desgosto que nos dás, pareces mesmo uma maluca. Maria de Fátima, escrevera Mitó no caderninho agora entregue à leitura estremunhada do estagiário, nem sequer gostava de a ver bronzeada. A gente dantes íamos trabalhar para o campo e tapávamo-nos todas para o sol não nos queimar, mas hoje a minha filha, que nunca soube o que era a dureza de uma jorna, há-de gostar de andar para aí escura como a ciganagem. Que desgostos nos dás. Mitó não se reconhecia no universo da mãe, não encontrava

nunca o amor de Helmut, nem sequer tinha coragem para desaparecer à boleia. Então pronto, se eu ao menos fosse bonita. Se eu fosse bonita, como a Vi. Joaquim Peixoto ia-lhe descobrindo todas as tristezas, latejava-lhe um peso desagradável sobre os olhos, e só queria que o tempo passasse muito devagar. Não experimentava o menor desejo de ter que acordar de vez para a luz crua do exterior, onde a violência do sol era projectada em linha recta contra as paredes brancas e o presidente da Câmara o esperava em qualquer restaurante para um almoço combinado na véspera pelo telefone.

- Bom-dia, pequenino. O velho Sebastião chega sempre a tempo, como o sétimo de cavalaria. Vamos então tratar do pai do grande Vicente do bebé gordinho? Espero que o almoço esteja bom, que a mim os desportos nocturnos fazem-me fome. Ouve lá, a mim qualquer coisa me faz fome, caraças. Sou como aquele menino da anedota, a quem tudo fazia lembrar uma gaja nua. Ah, ah, ah.

Sebastião Curto executara a sua entrada triunfante no quarto da residencial quinze minutos antes da hora marcada para o encontro, fora gargarejar os êxitos discográficos entoai dos no baile da véspera para debaixo do duche, e agora recordava com Manuel Vilanova Pinheiro as diabruras de uma campanha eleitoral em que os dois se tinham conhecido. Ele, Joaquim Peixoto, não conhecia ninguém. Sorvia com lentidão a sopa muito densa, derretia entre os dentes a fibra carnuda do peixe, soprava na colher para arrefecer o caldo, esperava a sua vez como sempre tinha feito. O presidente da Câmara deu uma palmada no ombro do fotógrafo.

- Aqui, é que estão os prazeres que se levam da magana da vida, é ou não é, amigo? Bons petiscos, bons vinhos, isto sim. Fico parvo quando vejo os nossos jovens vendendo a alma ao diabo por umas horas de músicas aos berros, nesse flagelo dessas discotecas, ali pulando, esperneando, que aquilo nem é dançar... e, se for preciso não comerem nesse dia para pagarem o dinheiro da entrada, é que não comem mesmo, moços dum cabresto. Deixem-me cá. Eu não os entendo, não senhor.

Era o sinal para o estagiário avançar.

- Há muitas discotecas nesta zona, não é verdade, doutor Pinheiro?

- Amigo, não me chame doutor que no meu tempo os pais não tinham posses para trazer os moços estudando, como agora. Vocês são novos, é a vossa sorte. Não podem saber o que a gente passou naquela altura. Pois é verdade, é discotecas, é *pubs*, é bares, eu nem sei. Os moços passam o tempo lá metidos, cansam-se para ali, parece que perdem o juízo e não querem saber de mais nada. Mas mocinhos novos, ouviu? Então o meu amigo acha normal que venha gente desses montes mais afastados, das aldeias pequenas, estudar para o ciclo de Beja, e depois perca o ano por faltas? É como lhe digo. Vêm de manhã no

autocarro, voltam só à tarde, passam o dia inteiro aqui na cidade, e mesmo assim chumbam o ano porque nem aparecem na escola! Para onde é que essa malta vai, não me diz? Digo-lhe eu, amigo. Andam metidos nas discotecas, todo o tempo, pois claro. Um caso sério.

- Então e não é possível fazer-se nada?

- O que é que quer que a gente façamos, diga-me cá. Não é proibido haver discotecas, antes fosse. E olhe que é preciso ver que algumas até existem por bons motivos. Tenho aí um compadre que abriu agora a dele, na loja da casa. Sabe porquê? Aquilo fica aí num sítio assim bastante isolado, e não havia fim-de-semana em que as filhas não o deixassem numa inquietação, abalando por aí fora, noite escura, para irem dançar não sei onde, com não sei quem... O homenzinho também não as podia estar sempre proibindo, está bom de ver, a menos que quisesse ter ali um inferno portas adentro. Mas andava inquieto, todo o tempo, que o sítio mais perto onde as mocinhas podiam ir ainda ficava a uns bons trinta quilómetros. Olhe, abriu ele uma discoteca em casa, pronto. E as gaiatas servem à mesa. Já lá fui, aquilo está jeitoso. Mas a mim faz-me muita aflição ver o caminho que a vida vai tomando.

Sebastião Curto sorvia a sopa com ruído, está uma delícia. Manuel Vilanova Pinheiro juntava-lhe grandes pedaços de pão. Mandou vir mais vinho, e retomou o itinerário de incompreensões e desesperanças que já se ia tornando familiar aos ouvidos da equipa de reportagem da revista *Actualidades*. Está tudo ficando ao abandono. Até as cooperativas de consumo, meu amigo, era um serviço que andava tão bem organizado, faziam-se abastecimentos directos com a reforma agrária, mas é que aquilo funcionava, ouviram? Brilhavam-lhe rentes aos cabelos minúsculas gotinhas de suor, o presidente da Câmara dizia que já nem esse sector se mantinha de Pé. E um trabalho só para conseguir arranjar alguém que queira ir para a direcção. Mudou-se tudo, as mentalidades não são as mesmas. Qualquer coisa se tornou diferente nas pessoas, eu não sei. A gente vê a terra cada vez dando menos, e tudo pensando em enriquecer, como pode ser isto? Manuel Vilanova Pinheiro encheu novamente os copos, e disse que *m* única coisa com que ainda se conseguiu ver o pessoal entusiasmado era mesmo só essa cegueira do futebol.

- Há aí muitos homens que até eram capazes de arrancara olhos pelo Águias de Beja, estou-lhe dizendo. O estádio nova} fica assim a modos que afastado da cidade, e vocês haviam de ver esta malta, velhos e moços, tudo arrancando para lá nas tardes de domingo, quando há jogo. Ele é bicicletas, é motos, é carroças, é burros, uns pedindo boleia, outros caminhando estou que de semana para semana lá vai mais gente. Não se vê nada que interesse tanto às pessoas.

- O presidente do clube é o Carolino Rosado, não é? Nós conhecemo-lo ontem.

- É, é. Não é mau rapaz. Deu aí sociedade ao meu filho, e mais ao do Mariano Larguinho, numa empresa de construção. Aqueles é que se enchem de dinheiro, olhem lá. O mocito estou que nem percebia nada de futebol quando chegou à direcção, de resto se não fosse o irmão, o Bernardo, ninguém tinha votado nele. Enfim. Mas o que é certo é que pôs ali dinheiro a mexer, entendem? Comprou logo três jogadores, um até é espanhol, veio para ponta de lança. A gente tínhamos ficado sem avançado-centro que se visse desde que o Bezerra abalou para Faro. As antigas direcções, bem vêem ainda eram do tempo em que só se pensava no desporto, ninguém estava de olho nessa coisa do negócio. Agora pronto, mudou tudo. Vieram dois moços lá de cima, do Norte, para o meio campo, que dão muito bem conta do recado. Até havia aí um velho que se punha a vê-los nos treinos e depois dizia; assim então, então, andavam dizendo que do Norte só vinha a reacção, mas afinal era mentira. Um castiço. Só que já se sabe, nada disto se faz de graça. O Carolino deu ali o cheiro do dinheiro, e estou-lhes dizendo, o que é verdade é que não há gente rica de Beja que não se esteja chegando ao clube, de uma maneira ou de outra.

Joaquim Peixoto não sabia como reconduzir a conversa à história de vinganças nocturnas de contrabandistas com meninas adolescentes chorando de madrugada à beira do caminho, tanto mais que agora chegavam à mesa doses generosas de ovos mexidos com miolos. Os seus dois convivas lançaram-lhes garfadas gulosas, ele foi-os separando com a faca em montinhos geométricos, e de repente desistiu de ser subtil.

- Este caso da Maria Vitória vai levar o município a alguma actuação específica?

- Ó amigo, não houve nenhum caso da Maria Vitória, então. Ela coitadinha estava com o moço quando os contrabandistas o atacaram, é tudo, e por certo ainda vai demorar um tempo a refazer-se do choque. Mas eu sei que os pais a levaram para um sítio tranquilo. São uma gente muito boa. O Bernardo é um grande homem. Um homem recto, entende? Um homem ao serviço dos outros, que é coisa que já vai havendo cada vez menos. E generoso. Agora deitar a mão ao bando é serviço para o Larguinho. Se bem que, do jeito que as coisas estão, ele para acabar com o contrabando tivesse que prender meio mundo e reformular a sociedade inteira. De dia para dia sentimos que podemos menos, entende? Os males que nos afligem cada vez são maiores que nós. Eu, por mim, ando aí negociando para, no próximo ano, ter mais três polícias guardando as escolas. Dá assim um ar concentracionário, não é, mas tem que ser. Senão isto

há-de continuar com a droga cada vez ali entrando mais, os moços faltando às aulas, uma situação mesmo sem jeito.

Despediu-se com apertos de mão calorosos, disponham sempre. Sebastião Curto tinha a estratégia da fuga perfeitamente ensaiada.

- Bem, meu rico filho, eu já aturei aquele Sampaio mumificado o tempo suficiente para ganhar três dias de desconto no Purgatório. E não me vais dizer que um homem que tem o descaramento de se chamar Carreto Perdigão está à altura de ser imortalizado pela minha máquina, por muito que passe o ano a encostar o estetoscópio às meninas do liceu, ãh? Se é amigo do outro, eu calculo a animação que vai ser essa conversa. Dois frascos de formol, depois de um almoço destes, não, é demais para um homem da minha idade. Pronto, agora já disse muitas gracinhas e vou para o Manuel Guilherme esperar por ti. Depois vai lá ter. Se fores por aquela rua que não tem trânsito não te perdes, é o maior café que vires. Tem um restaurante por cima. Beijinhos.

Joaquim Peixoto voltou sem alegria ao Largo do Carmo, planeando dizer logo de entrada a Teófilo Sampaio que tinha! muita pressa. Tocou à campainha atordoado pelo sono, e viu um homem alto, de olhos cinzentos, por trás da figura sumida do jornalista regional.

- Boa tarde, jovem. Está calor de mais para um lisboeta, não é verdade? Apresento-lhe o meu amigo de que lhe falei, o doutor Carreto Perdigão. Este é o tal moço da *Actualidades*, ó Jacinto.

Voltaram à saleta naufragada em pastas e papéis, com cadeiras de palha no centro, nessa tarde menos fria mas igualmente submersa na penumbra que parecia nunca abandonar a casa de Teófilo Sampaio. Carreto Perdigão devia ter a mesma idade indefinida que caracterizava o amigo, e fumava tabaco espanhol. Durante longos minutos, que na saleta doentia pareceram intermináveis ao estagiário, empenhou-se em narrar-lhe pormenorizadamente as desmedidas noites que passava fechado no escritório, entre páginas marcadas de livros antigos e fotocópias de artigos publicados nessa mesma semana em revistas internacionais da especialidade, a acumular provas da não existência de Deus. O tema apaixonava-o, e começara ultimamente a absorver-lhe por completo os tempos livres. Lia, lia febrilmente. Reflectia, sublinhava, ia-se deitar rememorando ideias desencontradas, descobertas do dia. Por vezes alinhavava pequenas crónicas, para as publicações dos amigos. Mas o seu grande investimento era mesmo o livro, o primeiro a lançar sobre o tema uma luz realmente calma e reflectida, uma abordagem tranquila medida em

exclusivo pela lisura do procedimento científico, longe do mínimo ímpeto militante. Ele, Carreto Perdigão, não militava, adiantou esmagando o cigarro no cocho com um orifício na pega que pelos vistos servia ali de cinzeiro.

- O Teófilo escreve poemas, não escreve? Mas ele é um homem de letras, e portanto tem aí a sua via de expressão própria.

Joaquim Peixoto sentiu-se na obrigação de dizer qualquer coisa.

- Escreve poemas, doutor Sampaio? Não me tinha dito isso.

O redactor do *Voz da Planície* comprimiu os dedos uns contra os outros. Baixara os olhos e a sua expressão quase compunha um sorriso tímido.

- O seu colega e meu amigo Alberto Contreiras ainda lá deve ter em casa uma ediçãozita que eu lhe ofereci em Moçambique. Uma coisinha muito modesta, está bom de ver, só para dar aos que me eram queridos. Isto não é nada, jovem colega. Coisas de velho tonto.

Mas foi revolver papeladas para as estantes do fundo do corredor, enquanto o médico prosseguia a sua compilação de filosofias e estudos. Eu como sou um homem de ciência virei-me antes para aqui, compreende? Cada um procede consoante a formação que tem. Pousara nos joelhos as mãos bonitas, de dedos longos, onde ostentava um anel que há algumas gerações atrás devia ter comprimido o lacre de numerosos envelopes. Assentava no estagiário um olhar sério, muito frontal, e dizia-lhe que por certo se entregavam cada vez mais aos poemas, às pesquisas de provas de que Deus não existe, na proporção exactamente inversa ao espaço que encontravam aberto à participação naquilo que realmente dá sentido à vida das sociedades. No periódico cultural alentejano *Décima Nossa*, cuja publicação se encontrava agora suspensa pela fraqueza insustentável do número de vendas, por exemplo. Ou nas actividades do Grupo Dinamizador de Cultura, que chegara a funcionar na sua própria casa quando já não havia mais nenhuma sede possível, e que muito para lá dos limites humanos da energia mantivera ainda a abertura ao público de colóquios, encontros, exposições, cada vez menos frequentados, e para o fim por vezes até duramente zurzidos pelos órgãos oficiais da ideologia dominante. Na zona, acrescentava com um sorriso triste.

- Eu fui do Partido durante muitos anos, entende-me? Desde muito antes da Revolução. Não tenho nada que se me aponte, posso falar de cara levantada, e sei o que lhe estou dizendo. Não pense que lho digo com alegria. Mas creio que eles se estão fechando num beco sem saída. Ponho as coisas nestes termos porque eu ainda não acredito que seja todo o País que está num beco sem saída. Tem que haver uma esperança.

O estagiário reprimiu um bocejo, sem dúvida a todos os títulos desaconselhável naquele momento da conversa, e disse muito obrigado a

Teófilo Sampaio que chegava das estantes escuras do corredor com um livrinho na mão, fino, encadernado a cartolina pálida, vagamente azul. Na fotografia da contracapa, o mesmo rosto apagado devia ter menos uns bons vinte anos. Assim o conhecera Alberto Contreiras pelas esplanadas do Polana, quando ambos faziam rádio em ondas ultramarinas e o hoje redactor do *Voz da Planície* oferecia aos amigos edições de autor das suas estrofes de versos brancos. «Diaspora Ultima», dizia o título em letras negras. Joaquim Peixoto protestou que não valia a pena ter-se incomodado, o outro devolveu-lhe um sorriso fatigado, e Carreto Perdigião retomava já o fio dos desanimados.

- Muitos dos que lá estão vivem a militância como a adesão a um clube, compreende-me? São capazes de defender o Partido, e as posições do Partido, do mesmo jeito que defendem o Águias de Beja. Vivem aquilo através do cartão, das quotas em dia, e pouco mais. Numa época tão complexa, encontra-se aqui a grande ausência de profundidade. Deste ponto de vista, compreendo que os jovens hoje descreiam dali soluções políticas. Mas também já lhe digo que pouco mais encontro nos jovens que se possa compreender. E muito menos que se possa aceitar.

O estagiário saltou sobre a oportunidade.

- O doutor Perdigião tem muito contacto com os jovens, não é? Já me disseram que faz as inspecções médicas no liceu, todos os anos.

- Pois faço, meu amigo. Estes gaiatos, os pais deles nalguns casos os avós, tudo me passou pelas mãos. E já lhe digo que as coisas nunca tinham sido muito diferentes, de uns para outros, de Outubro para Outubro, até chegarem estes últimos dez anos.

- Diferentes? Diferentes em que aspecto?

- Então, enquanto médico eu viajo bastante. Não só no país, mas também no estrangeiro. Dantes bastava olhar para estes moços e moças, via-se logo que eram da província. Havia uma mentalidade específica, e isso depois tinha que ver com o jeito como se apresentavam. Nem no vestir, nem no calçar, nem nos penteados, nem nos modos estes jovens se podiam confundir com os de Lisboa, por exemplo. Agora tudo isso se esfumou. Você entra aqui no liceu, e se não ouvir som nenhum, se não estiver nenhum letreiro nas paredes, você podia estar em Paris. De um certo ponto de vista, eles deixaram de estar distantes dos outros. E, talvez por isso, sentem mais a distância que os separa do que entendem que é a civilização. Esta situação fá-los sofrer. Em minha opinião, sofrem de mais. Esta gente, estou-lhe dizendo. É toda neurótica.

- Neurótica?

- Sabe que um gabinete médico é assim como um confessionário, não é? Eles abrem-se comigo, e só os ouço falar de fugir, de abalar, de não viver mais

aqui. Esta gente só pensa nisso. Mas ficam, entende-me? Acomodam-se, não lutam, demoram muito tempo a concluir a escolaridade, vão arrastando a vida e eu não posso aceitar isso. Não têm alegria, nem iniciativa. Eu só não compreendo como é que não se criam mais situações como a dessa tal mocinha...

- A Maria Vitória?

- Sim, pois. Há tantas como ela, se eu lhe dissesse. Os pais batalhando para as trazerem nos estudos, e elas aí pelos cantos, pálidas, tristonhas, fumando, chorando, se visse como essa pequena chorava todos os anos na inspecção. Pedia-me comprimidos para dormir, coisas mesmo de gente tonta. Uma criança. Desta última vez, então, vinha-me com uma conversa que matar pessoas não era crime, quando essas pessoas trazem as outras infelizes. Até tive vontade de lhe chegar dois tabefes. Vivem numa época em que já não há as dificuldades que nós conhecemos, e graças a Deus. Mas, se calhar, era mesmo preciso que os jovens passassem mal na juventude para depois serem pessoas equilibradas. Coitados dos pais.

- Estive com eles ontem. Achei-os muito abalados.

- O Bernardo é um excelente homem. Um homem recto, lutador. Mas eu, sabe, Baleizão traz-me sempre lembranças muito desagradáveis. Estive para esquecer tudo e ir lá visitado, quando começou esta história, mas nem fui capaz. Há coisas que marcam a vida de um homem, por muito que a gente não queira.

Teófilo Sampaio suspirou, sacudiu tristemente a cabeça, e estava a proceder à distribuição de copinhos estreitos, em vidro verde, onde deitara um licor de tangerina que explicou ser feito pela dita rapariga que lhe vinha todas as semana tratar da limpeza da casa, e deixar comida feita dentro de taparueres no frigorífico para ele depois se limitar a aquecê-la. Você oiça-me bem isto que o Jacinto vai dizer, jovem, sussurrou para o estagiário. Veja-me bem que mundo é este onde temos que viver. Joaquim Peixoto entendeu confusamente que aquele era o verdadeiro motivo por que o tinha chamado ali, provou o xarope espesso onde a tangerina deixara todo o seu açúcar, e preparou-se para uma qualquer revelação fulminante. Quando a guarda disparou sobre a campina, recordou Carreto Perdigão empestando novamente a salinha sombria com os seus cigarros espanhóis, e a deixou vermelha do mais bendito sangue dos heróis, foi nessa altura. Quando Catarina caiu sob as balas da cegueira fascista ainda eu militava no Partido.

- Eu era médico, há muito tempo, sabe? E o Bernardo, o pai da Maria Vitória, era um rapazelho ainda mal habituado à barba. Mas já muito teso, naquela altura, e com a grande generosidade própria dos jovens. Dávamo-nos bem. Quando me vieram entregar o cadáver para a autópsia, ele veio também, e

esteve comigo durante todo esse dia. Foi muito duro para nós todos. Ele amparou-me, deu-me força, até à hora de eu começar o trabalho.

O que a seguir afastara os dois homens, até ao ponto de quase não se falarem, permanecera durante muito tempo para o médico dentro da esfera do indizível. Era o que lhe marcava o início da descrença, o primeiro tempo da incompreensão, talvez nesses dias tivesse concebido de repente que era possível provar que Deus não existe. Depois, distanciara-se do Partido. Confiava que havia uma esperança, mas não sabia onde. Passara a ter uma enorme dificuldade em acreditar realmente nas coisas. Pousou o copinho verde sobre a camilha pequena, coberta de estopa castanha.

- Porque isto é um engano em que vejo todo o mundo lavrando, e que posso sozinho contra uma religião? Mas eu sei que é mentira, meu jovem amigo. Eu sei que é mentira. Fui eu que lhe fiz a autópsia. Catarina Eufémia não estava grávida coisíssima nenhuma.

Se não te pões a pau ainda encontras aí na próxima esquina um tipo que tem a certeza absoluta de que o terceiro segredo de Fátima não existe, exultou Sebastião Curto quando o estagiário, atordoados, o foi encontrar sentado a uma das mesas redondas do Manuel Guilherme. E olha que ainda é capaz de te poder provar isso por a mais b. Há cada maduro. Estava outra vez a beber amêndoa amarga, com a testa suada do calor insensato que descia sobre as mesas, afogadas em cortinas de fumo. No balcão, comprido, havia de um lado uma fila de bancos altos e do outro uma montra de vidro para exibição dos prazeres da doçaria regional, em pires coloridos enfeitados com bolinhas prateadas. As duas salas do café, ligadas por uma parede parcialmente demolida e abertas para a rua através de portas giratórias, transbordavam de ocupantes com as camisas desabotoadas, mangas arregaçadas, jornais enrolados para servirem de leque bombeando contra a pele minúsculas correntes de ar. Ouve lá, isto não se aguenta, prosseguiu o fotógrafo sem se preocupar mais com a espectacularidade da notícia que o estagiário lhe trouxera. Cá dentro assamos, lá fora fritamos, só espero que a nossa próxima reportagem seja em Reykjavik. Ou em Moledo do Minho, pelo menos, que um assalariado também não pode ser ambicioso.

- Se não te portas bem ainda vais mas é fazer a próxima reportagem para o Lesoto.

Sebastião Curto respondeu-lhe que não desanimasse, ainda um dia hás-de conseguir ter graça. Joaquim Peixoto nem teve tempo de se encher de pena de si

próprio, porque naquele instante alguém o chamou do fundo da sala, onde fora instalada uma enorme ventoinha de pás metalizadas e os ocupantes do café se apinhavam como moscas.

- Olha, Sebastião. Aquele é o rapaz do Barreiro com quem eu fui jantar no sábado.

- O tal das alunas boazonas? Sou mesmo um desgraçado! Hoje, como também cá estou, apresenta-se com uma frique não deve entrar na banheira desde o dia em que a enfiaram na pia baptismal. Se é que se pode chamar àquilo uma filha de Deus, ponto sobre o qual eu tenho as maiores dúvidas. E o amigo dela não lhe fica atrás. Só estragam uma casa, pronto.

Nuno Bravo abriu caminho entre cadeiras e cigarros para se vir sentar à mesa deles, e o casal de cabelos loiros, que Sebastião Curto acabava de descrever com a riqueza pictorial que lhe era tão característica, acompanhou-o na travessia. O professor de Português apresentou-os com sendo Manfred e Gertrud, de Dortmund. Agora trocaram o aço pelas pastagens, e compraram um monte que estava abandonado ali para os lados do Alvito. A Gertrud faz cerâmica, coisas lindíssimas. Sebastião Curto media com um olhar desconfiado os dois alemães que puxavam cadeiras vazias para se sentarem ao seu lado. Odeio polícias e estrangeiros, rosnou baixinho, e Joaquim Peixoto inclinou-se logo para a frente exibindo um enorme interesse por aquela emigração de sentido contrário, esperando ansiosamente que ninguém tivesse ouvido o comentário xenófobo do colega.

- E ia vieram há muito tempo?

- Eu vivi dois anos numa república em Coimbra. A Gertrud só veio agora, com outros camaradas que também compraram um monte perto do nosso. Estamos a desenvolver um projecto conjunto de agricultura biológica integrada, que é exactamente o tipo de coisas que faltam aqui em Alentejo.

Manfred tinha uma minúscula trança loira caída sobre a nuca, destacando-se do cabelo muito curto. Usava riscas no colete, e um lenço tabaqueiro atado com dois nós à volta do pescoço. Começou a enrolar com destreza uma mortalha, sobre o tabaco muito claro que tirou da lata pendurada no cinto de cabedal, de fivela larga e presilhas gastas. Temos abelha, disse. E um sector de horticultura que tem dado muito rendimento. Passou a língua pelo papel fininho, fechou o rolo estreito do cigarro, e acrescentou que de qualquer forma o mais interessante do projecto estava de facto nas pastagens, alimentadas por um sistema de rega artesanal perfeitamente integrado no equilíbrio hidrográfico da zona, que eles tinham começado por estudar exaustivamente. Um dos camaradas também faz tapeçaria, articulou Gertrud a custo, com o rosto quase quadrado sob o risco ao meio que lhe dividia o cabelo liso em duas linhas

escorridas. Tinha várias fitas em torno dos pulsos, e vestia uma camisa branca de renda já muito puída, esfarelada nos bordados que lhe adornavam os botões. A dinamização política fora o objectivo inicial de Manfred ao desaguar em Coimbra, mas ao fim do primeiro ano outros projectos se haviam desenhado no entendimento que ia ganhando do país. Nuno Bravo conhecera-os numa feira, tinham vindo de bicicleta vender espargos, beterrabas, aipos e alhos franceses, garantidos sem adubos químicos. Apreciava especialmente as grandes saladas de cogumelos que costumavam fazer nas devidas épocas, consultando com cuidado um guia próprio antes de cada colheita.

- Cada vez há aqui mais pessoas a tentar este tipo de vida, estão a ver? Vão passando palavra uns aos outros, e, para eles, o preço das coisas no nosso país é realmente irrisório. Uns inscrevem-se para as distribuições de terrenos das herdades desintervencionadas, e outros vêm mesmo cá comprá-los directamente. Procuram uma abordagem diferente do campesinato, alternativa, é uma experiência para acompanhar com interesse.

Contou-lhes casos de dinamarqueses, holandeses, até suíços. Casas caiadas de novo, recheadas de móveis velhos laboriosamente recuperados, desencantados aos fins-de-semana nas viagens das grandes carrinhas que palmilhavam os montes, as granjas, as ruínas esquecidas ao fundo de caminhos de terra. Enchiam selhas de barro com pilhas de maçãs, cobriam as camas de ferro de colchas em *batik*, punham ervas bravas a secar nos terraços para temperarem a comida, eram cada vez mais a chegar ao Alentejo rumando a interessantes horizontes alternativos. Gertrud sorria. Manfred afirmou que era um crime a forma como ali tradicionalmente se explorava a terra, subaproveitando-lhe as potencialidades de diversificação e esgotando-lhe a generosidade no desvario despersonalizado, empobrecedor, das grandes monoculturas. Explicou de que forma se deviam incorporar os lençóis friáticos nos ciclos de produtividade, especulou sobre as reais vantagens do biogás para iniciativas a curto e médio prazo, falava um português cheio de consoantes raivosas mas dominava o vocabulário sem esforço aparente. O patronato, concluiu, o grande capitalismo agrário secundado pelos senhores do antigamente que já haviam todos voltado ao poder, tinha grande parte das culpas na catástrofe ecológica de que um dia o Alentejo ainda ia acabar por ser cenário. Joaquim Peixoto ousou uma pergunta infeliz.

- Vocês têm contactos com a base da NATO?

Nós somos contra a Defesa tal como ela é concebida pelos grandes blocos, atalhou Manfred com firmeza, e Gertrud sorria. Repudiamos por completo a filosofia do confronto limitado, porque um campo de batalha é sempre um campo de batalha, e nele não vai ninguém ficar vivo de certeza. Nem vai ficar

nada de pé. Manfred traçava com o indicador hipotéticas fronteiras sobre o tampo escuro da mesa, empurrou as chávenas de café para dispor de mais espaço, e depois virou-se num gesto largo para o estagiário acrescentando que nem conseguia entender como é que o povo português reagia com tão chocante preguiça àquelas ingerências bélicas no seu território. Hoje a base aérea de Beja, amanhã a estação de rastreio de satélites em Almodôvar. E os camaradas que cá vieram tentar apurar o que estava realmente em jogo nem sequer puderam operar livremente. Foram reprimidos, policiados, toda a estrutura reaccionária do vosso antigo regime se está a regenerar. Gertrud afastava levemente, com as pontas dos dedos, a massa ordeira dos cabelos que lhe tombavam para os olhos. Nuno Bravo parecia já estar perfeitamente dentro dos raciocínios do seu amigo de Dortmund emigrado para os arredores do Alvito.

- Eles têm desenvolvido uma actividade muito razoável contra a liberdade excessiva de manobras da NATO aqui dentro, compreendes? Procuram exercer uma espécie de controlo moral, e suscitar nas pessoas o espírito de vigilância. Mas já se sabe que tudo isso, aqui, é muito difícil. A malta nova mais facilmente terá com esta estrutura militar envolvimento como o da Mitó, coitada.

Manfred compôs uma careta de enfado, e sentenciou quetoda a gente ali dava ao *fait-divers*, pronunciado com excelente fidelidade à fonética correcta, a importância que não dava às questões realmente importantes. Burguesinhas e soldados, como podem ligar tanto a histórias destas. Joaquim Peixoto atreveu-se a observar que, de qualquer forma, era um impressionante caso de amor.

- Eu vim fazer uma reportagem sobre o caso, sabe? E o que eu tenho ouvido já me deu muito que pensar.

Amor, repetiu Manfred, e sacudiu a trança com impaciência. Amor, quando o governador civil continua a ser o mesmo fascista de sempre e está conluiado com o agrário, aquele careca, para arrancar aos trabalhadores o que ainda resta da cooperativa Força da Unidade? Ou vocês, que são jornalistas, nem sequer sabem disso? Está tudo a saque, toda a herança da Revolução. Manfred inclinava-se mais para a frente acentuando o gesto severo de cerrar os punhos sobre a mesa, tu falas de amor? E tu és jornalista? Então gostas de romances? Gertrud secundava-lhe a indignação num olhar muito sério, ele usava uma camisola de algodão quase roxa sob o colete de riscas e lembrava ao estagiário que não há romances quando o povo está em luta. Tu não sabes o que se está a passar aqui em Alentejo? És jornalista e não sabes? Vieste escrever romances enquanto a guarda entra com os jipes pelas herdades? Nuno Bravo, comprometido, remexia com a colherzinha a chávena vazia. Manfred puxou para cima da mesa uma alcofa de verga entrançada, verde e vermelha, com duas pegadas da mesma cor. Tirou-lhe de dentro uma boina preta, uma

embalagem de mortalhas, rolos de papéis indiferenciados, e finalmente um envelope azul inchado pelo recheio rectangular que começou a espalhar entre os pires dispersos pelo tampo.

- Vês? Olha, tenho fotografias. Fotografias das desocupações. As entregas, como dizem os fascistas do vosso governo. Olha, aqui está o agrário, o careca. Fotografias, vês? Já que vocês não sabem, podem fazer a reportagem com as minhas fotografias. Mas não tas dou, são para vender. Olha, vendo-te as minhas fotografias. Quantas queres? Quanto me pagas? Tratamos já disso que nós precisamos muito de dinheiro.

Sebastião Curto não aguentou mais.

- E se fosses tomar banho, ó fateloso?

Fez-se na mesa um silêncio sobressaltado, o que é que é que ele disse? O fotógrafo empurrou com a mão todas as fotografias para o colo da rapariga, crescendo em direcção a Manfred enquanto a toda a volta os olhares do café se iam um a um prendendo neles. Estão brigando na mesa dos alemães. Ela precipitava-se a disciplinar de novo as fotografias no rectângulo do envelope azul, Manfred experimentou ainda levantar uma sobancelha. Sebastião Curto dizia eu não sinto obrigação nenhuma de estar aqui a aturar isto. Tinha-se já posto em pé.

- Se vocês fossem para a vossa terra ensinar tudo aos indígenas, as revoluções, as agriculturas friáticas, e nos deixassem em paz? Quando a revista *Actualidades* quer ter fotografias manda um fotógrafo profissional, meu menino, não compra brincadeiras aos amadores. Você vá mas é primeiro ver se aprende a usar uma máquina, ouviu? E já agora vá aprender para a sua terra, que a gente aqui não tem nada que andar a perder tempo consigo. Ó Quim, com franqueza, tu aturas isto?

Arrastou-o para dentro da porta giratória, e pelo empedrado da rua foi-lhe agarrando o braço com força, muito indignado sobre o seu ouvido esquerdo, a dizer eh pá, estes gajos. Julgam que vêm para aqui ensinar-nos como é que se faz. Nuno Bravo hesitou entre as duas fidelidades, acabara por bater no braço de Manfred a dizer aguenta aí que eu já venho! pá, é chato, e correu atrás deles assentando uma mão no ombro de cada um. Não lhe liguem. Ele tem um feitio um bocado difícil, só que é um tipo cheio de génio e de iniciava. É uma cabecinha, apaziguava Nuno Bravo, mas Sebastião declarou em definitivo que se fosse mesmo uma cabecinha tinha noção do ridículo e não andava a querer ensinar ao povo como se fazem as revoluções. Ao povo dos outros países, claro. Joaquim Peixoto quis evitar que os dois se zangassem e perguntou ao professor da escola secundária onde é que ficava o bairro residencial dos alemães.

- Isto não tem importância nenhuma, Nuno, e até foi proveitoso para mim ter um contacto com duas pessoas que vieram para aqui fazer aquele tipo de vida. São sempre bons elementos de reportagem. Mas agora não podemos mesmo voltar para o café, porque temos de ir a casa do oficial alemão com quem combinámos ontem uma entrevista.

Mostrou-lhe o cartão de visita creme, com letras verdes, que lhe distribuía na véspera o homem de barba bem aparada mandado chamar pelo guarda da Base. Disse para irmos hoje falar com ele, a esta hora. Nuno Bravo não identificava aquela rua dentro dos seus conhecimentos da cidade.

- Mas eu ensino-vos onde é o bairro, e depois vocês lá procuram. É muito fácil. Fica mesmo em frente do sítio do antigo estádio, sabem onde era?

- Qual estádio?

- O estádio de futebol. Agora andam lá a construir uma urbanização nova, mas ainda está um letreiro no tapume, a dizer Águias de Beja Futebol Clube. Não tem nada que enganar. É na saída para o Algarve.

Joaquim Peixoto puxou Sebastião, ansioso por abandonar aquela zona de potenciais conflitos. Mas o fotógrafo insistia.

- Uma urbanização nova na saída para o Algarve? Acho que foi onde estivemos ontem à noite. Não se chama Quinta das Águias?

- Pois parece que é qualquer coisa assim, a jogar com o nome do clube. Como fizeram os prédios no sítio onde era o estádio, arranjam uma gracinha dessas para o nome do bairro. As casas consta que são muito boas por dentro, não sei, eu ainda nunca lá fui. De qualquer forma, uma arquitectura daquelas em pleno Alentejo é um bocado criminoso. Beja não está entre as cidades mais bonitas desta zona, mas de qualquer maneira. Alumínios! Tinta cor de laranja! Acho excessivo.

- Estás a ouvir, Quim? Então a Quinta das Águias está a ser construída no sítio onde era o estádio do Águias de Beja.

- Pois está, vamos embora. Dizes que o bairro dos alemães é em frente, não é? Anda, Sebastião, está a fazer-se tarde.

A casa do major Wolfgang Bauer era já um pouco excêntrica em relação ao bairro residencial em tijoleira, aparentemente destinado apenas aos ocupantes menos graduados da Base. As construções de três andares, ligados por uma escada que se abria para o exterior, estendiam-se ao longo de duas ruas compridas, com gaiolas de canários e pares de peúgas com riscas no canhão pendurados nas janelas. Do outro lado do asfalto a Quinta das Águias ia

crescendo sobre a encosta desafogada, toda a cidade estendida por trás. Só depois de muitas voltas e perguntas, fazendo ranger a carrinha nas inversões do sentido de marcha, é que o fotógrafo e o estagiário encontraram as moradias mais aparatosas, à beira de passeios com muitas árvores. Os pássaros davam já início à enorme restolhada do fim da tarde. Havia pouco movimento, dois ou três cães desinteressantes passeando à trela. Passaram crianças loiras de bicicleta, quatro, conversando a meia voz. Todos tinham os olhos muito azuis. Wolfgang Bauer possuía um arco de pedra sobre a porta, cultivava um pequeno jardim com dalias do lado da frente, e veio abrir em mangas de camisa, de copo na mão, exibindo um aspecto bastante mais descontraído do que o que lhes apresentara na véspera. Mesmo escutado com demora, o seu francês não acusava, de facto, qualquer incorrecção perceptível.

- Boa tarde. Entrem.

Estava tudo em silêncio na sala onde havia sofás de grandes florões azuis. Talvez vivesse sozinho. Serviu-lhes martinis com gelo e casca de limão, mais tarde Sebastião Curto bem lhe havia de deitar veneno sobre a pelintrice. Então diz-me lá se o cara de pau não tinha em casa uma coisinha melhor para servir às pessoas. As persianas estavam parcialmente corridas, por causa do calor, explicou Wolfgang Bauer, aparentemente nada ansioso por ouvir as perguntas do estagiário. Ainda não se habituara àquelas violências climatéricas já tão pouco europeias. A mesinha com o tampo em mármore, ao centro do tapete de corda, transbordava de números desordenados do Frankfurter Allgemeine.

- Bem, em primeiro lugar eu queria pedir-lhe imensa desculpa por lhe termos vindo causar todo este incómodo.

Mas estamos cá a fazer uma reportagem e amanhã vamo-nos embora, acabou de balbuciar Joaquim Peixoto, cada vez menos seguro. O seu francês não tinha nenhuma das qualidades do interlocutor, que o escutava agitando o copo. Declinou com aplicação a identidade da revista, e tentou escolher as palavras exactas para descrever o móbil da deslocação da equipa a Beja, sem nunca ter a certeza de que se estava a sair bem. O major ouvia-o em silêncio, por vezes acenando afirmativamente com a cabeça. Não esboçou o menor sorriso, embora também não parecesse contrariado.

- Então, o que quer que lhe digamos? O nosso médico autopsiou o corpo e confirmou que a morte foi causada por intoxicação com monóxido de carbono. Tratámos de todas as formalidades para proceder à trasladação para a Alemanha, que decorreu sem qualquer problema. Apresentámos as devidas condolências à família da vítima, entregámos o nosso protesto formal pela insegurança das vossas estradas às autoridades portuguesas que considerámos competentes, e oferecemos os nossos préstimos junto do chefe da polícia para

alguma operação mais complicada que fosse necessária na perseguição a esses contrabandistas. Um mero pró-forma de cerimónia, *of course*, uma vez que não faz parte da nossa política ingerirmo-nos no trabalho interno da segurança e da defesa de cada país. Dentro das nossas atribuições fizemos tudo o que havia a fazer. *That's all*. Quanto a todos os outros aspectos, há-de compreender que não cabe à NATO pronunciar-se. Helmut Schneider não morreu às mãos de nenhum comando arménio, nem de qualquer destacamento do Pacto de Varsóvia.

O olhar que acompanhou a piada era frio como o seu humor germânico, e Sebastião Curto já se começava a agitar de irritação. Joaquim Peixoto procurou com alguma ânsia um novo fio para puxar a conversa.

- A autópsia só acusou monóxido de carbono? É que o chefe da polícia também nos falou de umas contusões na caixa craniana.

- *Ya*, havia contusões, mas nada de particularmente grave, que bastasse só por si para justificar uma morte. *Tout au plus*, a pancada, ou as pancadas, que recebeu, deixaram-no inconsciente. Parece que além disso tinha um nível muito razoável de álcool no sangue, o que também o ajudaria a perder os sentidos. Mas se não o tivessem amarrado debaixo do tubo de escape, com aquele blusão á volta da cabeça, ele não tinha morrido, *that's for sure*.

A discussão de pormenores técnicos parecia não ser de todo agradável a Wolfgang Bauer. Joaquim Peixoto aproveitou para lhe perguntar qual a liberdade de movimentos dos trabalhadores da Base, a que horários e restrições estavam obrigatoriamente sujeitos, como se estabelecia a hierarquia das obediências, e finalmente que tipo de pessoa era o mecânico Helmut Schneider.

Alguma vez levantara problemas disciplinares? Conheciam-se-lhe ligações a grupos suspeitos dentro da população portuguesa? O major, que se ficara por monossílabos frios na resposta às questões iniciais, fez aqui outra demonstração do seu humor muito específico.

- Se lhe conhecêssemos algumas ligações nunca o teríamos deixado chegar ao ponto de ficar estendido no meio da estrada com a cabeça debaixo de um tubo de escape, não lhe parece? A formação de mecânicos de aviões custa muito dinheiro à Aliança Atlântica, *quand même*.

Sorriu e acrescentou que a vida de Helmut Schneider decorria tão aparentemente distante de quaisquer clandestinidades, das que são de facto inconfessáveis, que lhes começara por parecer mais plausível a hipótese de um desespero passional culminado em tragédia que a do acerto de contas entre candongas, avançada pelas autoridades locais logo no dia seguinte ao da macabra descoberta matinal do ciclista de São Brissos. Sabíamos que ele tinha ascendência portuguesa, explicava o oficial da Base Aérea enquanto a luz do sol

se ia fazendo mais pálida através das persianas. E que se dava muito com a população da zona, bastante mais, até, do que a maioria dos colegas. De qualquer forma, nós nunca lhe interferimos com a personalidade, mas é evidente que um envolvimento com redes subterrâneas deveria ter chegado ao nosso conhecimento. Temos fontes, *obviously*. Sebastião Curto bocejava ostensivamente sobre os florões azuis, mas Joaquim Peixoto ainda se inclinou para ouvir o major dizer que por tudo isso tinham ficado surpreendidos com aquela segunda versão da polícia portuguesa.

- Depois o comandante Mariano Larquinho explicou-nos que o nosso mecânico era visto muitas vezes num certo bar que havia numa aldeia aqui próxima chamada Baleizão, onde, ao que parece, todos esses marginais do *get toghether*, e que por aí é que se dera a sua ligação àquele mundo. Nós sabíamos que ele lá ia, claro, mas não podíamos adivinhar que era um *meeting point* dos *bas-fond* locais. Como lhe digo, nunca tínhamos detectado qualquer irregularidade no procedimento do nosso mecânico. Enfim, de qualquer forma é uma história muito desinteressante, não lhe parece? Não estou nada a ver que se possa fornecer material válido para uma reportagem. O K., vocês é que sabem.

Recusou-se a deixar-se fixar pelo *flash* de Sebastião Curto, e abriu-lhes a porta com suavidade. Fechou-a assim que os seus visitantes a transpuseram, e ainda não tinha dado três passos na rua quando se começaram a soltar das janelas entreabertas compassos corais de um qualquer trecho de ópera. Nem o fotógrafo nem o estagiário o saberiam identificar, e além disso naquele momento ambos tinham outras preocupações.

- É hoje que vamos os dois jantar em *tête-a-tête*, Quinzinho? Deixa o velho Sebastião convidar-te, anda. Não continues a trabalhar até às quinhentas, feito parvo, que ninguém te paga isso. Ficas a conhecer a minha amiga da loja de doces, e até pode ser que ela tenha uma irmãzinha. Ou uma prima, que ainda é mais sugestivo. Tens que me deixar apresentar-te à família!

A carrinha contornava de novo o antigo recinto do estádio do Águias de Beja Futebol Clube, onde agora a urbanização Quinta das Águias, d sociedade Vitória Construtora, avançava sobre a encosta virada ao Algarve, entre estradas de terra e betoneiras. No melhor local da cidade, os melhores apartamentos da região, dizia o cartaz em frente do bairro residencial dos alemães. Joaquim Peixoto enterrava-se no banco, amargurado.

- Não sei, Sebastião. Eh pá, não me leves a a mal, mas não sei se posso ir... Não sei se não tenho ainda que fazer.

- Mas combinaste alguma coisa? Bem, tu nem me digas que arranjaste um esquema à minha revelia. Ah? Foi isso? Arranjaste, Quim?

- Não. Não, não arranjei nada. Quer dizer, eu tinha combinado com o Luciano ir a um sítio.

- O quê? Arranjaste um programa com a loiraça e excluístes o teu anjo da guarda, traidor?

- Mas qual loiraça? Eu disse com o Luciano.

- E não é uma altíssima loiraça, o jovem? Ouve lá, ainda bem que é irmão da miúda, ãh? Se bem que eles tenham assim uma pinta um bocado para o incestuoso, tu não achaste?

- Eh pá, ó Sebastião, eu não achei nada. Só sei que combinei encontrar-me esta noite com o Luciano, mas agora não estou a ver onde é que hei-de ir ter com ele.

- Então, mas qual é a dificuldade? Ele não mora em Cuba?

- Mora? Sabes mais do que eu.

- Pois mora. Disse-me a fabulosa Madame Frutuoso, quando estávamos a dançar. É regente agrícola, e trabalha em não sei quê dos cereais. Vive na antiga casa dos pais, no meio de um descampado qualquer, e parece que reina por lá a maior das rebaldarias. Queres saber outras coisas sobre o mais belo filho das carroças do feno, essa glória da nossa terra em camisa de rede? Consulta o meu ficheiro.

Travou a carrinha com o aparato do costume rente ao passeio fronteiro à Residencial Seara. Joaquim Peixoto mantinha-se soturno.

- Ela disse-te isso tudo a ti? A mim não me disse nada.

- Então, meu filho. Ensinaram-lhe quando era pequenino a não falar com a boca cheia.

Antes mesmo que o estagiário pudesse amuar, desferiu-lhe uma violenta palmada no braço e disse anda daí. Bebes um copo, passa-te logo a neura. Sentaram-se os dois no bar alcatifado, sempre de luz muito velada e com todos os sons sumidos pela espessura dos revestimentos, onde cinco bancos altos, redondos, estufados a veludo preto, se perfilavam diante do balcão cromado. Versões orquestrais dos êxitos de Frank Sinatra escorreram imperceptivelmente da aparelhagem enquanto o empregado lhes servia o uísque com o mesmo ar adormecido em que banhava toda a sala. Deitou-lhes o gelo com uma pinça de plástico transparente, encheu um pires de pipocas com sal, e desapareceu sem ruído por trás da porta espelhada ao lado das prateleiras de vidro, onde estavam colados dísticos das mais variadas marcas alcoólicas. Joaquim Peixoto acariciou o copo com os dedos, cabisbaixo, e manteve um mutismo persistente até o fotógrafo lhe perguntar por que não passava ele por casa de Bárbara Emília indagando a morada do irmão. Um pretexto inatacável, filhinho.

- O que tu estás é roído de saudades daquele pneumático prodígio cubense, é ou não é? Ouve lá, comigo não vale a pena disfarçares. Estás doido para voltar a ver a miúda, mas não queres dar a ideia de que estás interessado. E fazes bem, que surte sempre muito mais efeito elas pensarem que não lhes ligamos nenhuma. Então pronto, assim já tens uma boa desculpa. O Luciano está à tua espera, não está? E é feio deixar as pessoas penduradas, não é? Pronto, vais ver que feliz que ela fica por tu apareceres.

Joaquim Peixoto libertou finalmente do peito aquele enorme peso que o oprimia desde a noite anterior.

- Eu sei lá se ela me quer voltar a ver, Sebastião. A mim quer-me parecer que não me grama.

Ó rapaz, gemeu o fotógrafo, e agora havia um bandolim na orquestra. O estagiário sentia-se já furioso consigo próprio por aquele infeliz deslize numa confissão tão pueril. Mas o seu colega não tinha reagido com qualquer comentário mordaz. Entrara antes numa enorme excitação, explicando-lhe como para qualquer observador minimamente experiente se metia pelos olhos dentro que a dactilógrafa do Centro de Saúde da Cuba estava a arder de paixão por ele.

- Então ontem não arranjou a manha toda para te levar para casa? Não anda sempre a mudar de penteado, de camisola, e tu julgas que isso é em intenção de quem? Basta olhar, meu filho, a mulher derrete-se contigo. Está louquíssima, digo-te eu. Se não fosse assim, para que é que tinha andado a perder este tempo connosco? Ouve lá, então e no fim do baile não te arrastou para a barragem?

- Foi o Luciano que nos arrastou.

- Estavam combinados os dois, garanto-te. É daquelas coisas tão evidentes que até chateiam. Foi ela que combinou com ele, para não parecer interessada. Queres apostar?

- Mas ela nem sequer dançou comigo, Sebastião. E via-se mesmo que estava a fazer de propósito.

- Dizes bem. De propósito. Para te picar, meu grande esperto. Ela faz o que tem a fazer às mil maravilhas. Tu é que, pelos vistos, não estás a dar conta do recado. Não me vais dizer que ainda não lhe fizeste nada, pois não?

- Não. Não lhe fiz nada.

Sentia-se mais miserável que nunca. Mastigou outra pipoca com desconsolo, os olhos presos no reflexo defeituoso do seu rosto devolvido pelo balcão. Havia entre os sofás de veludo preto quatro cinzeiros de pé alto, globosos, rodeados junto à base por manchas desordenadas de cinza. Do outro lado da porta alguém manejava talheres com energia. Sebastião Curto entrara

em desvario, estimulado pelo copo de Highland Clan que já depusera, consumido, à sua frente.

- Nada? Nada de nada? Nunca lhe tocaste? Então e queres tu que ela não esteja amuada contigo? Ela a esforçar-se tanto, e tu nada. Ó Quim, francamente!

O estagiário rendera-se à sabedoria do colega como os meninos pequenos se entregam ao despotismo tirânico dos primeiros livros. Não percebo nada, Sebastião. Ensina-me. Ora talheres tilintavam para lá do espelho revestido por emblemas coloridos de marcas engarrafadas.

- Mas tu achas mesmo que ela quer?

- Pá, claro que quer! Está a aplicar-te a receita toda, menino. Por isso pára de ser parvo, vai a casa dela e pergunta-lhe pelo irmão. Bebe agora outro uísque, para ires mais aguerrido. Vai lá, e trata-a mal. Fala-lhe com desprezo, que ela há-de ficar em brasa. Depois logo vês como é que as coisas sei encaminham.

Passou ele próprio para o lado de dentro do balcão para lhe voltar a encher o copo, sai daí, estás doido. Olha se vem o homenzinho. O fotógrafo rosnava que isso é que lhe havia de dar um grande abalo, descobrira o saquinho das pipocas e voltou a encher o pires. Depois hesitou, mas apenas por muito breves segundos. Deitou também mais Highland Clan no seu copo, trocou o cinzeiro em cortiça por outro, limpo, que desencantou numa das prateleiras, e veio sentar-se de novo ao lado do estagiário propondo eufóricas saúdes pelo sucesso da empresa amorosa. E tudo a pensar na revista, menino. Vais ver que ela, depois de bem oleada, ainda te revela qualquer segredo estrondoso. Desde que não seja outra vez o terceiro segredo de Fátima, tudo bem. Ah, ah, ah. E dava-lhe encontrões, gaiato.

- Acabo de ter uma ideia ainda mais assombrosa, ouviste? Vou-te lá deixar, despejo-te ao fundo da rua, e depois piro-me. Venho jantar sozinho com a minha amiga. Assim tu ou encontras mesmo o Luciano, que te traz outra vez para Beja, ou, corram as coisas como correrem, arranjas um pretexto imbatível para teres que ficar em casa dela! Ah? Que tal? Ganhas tu, ganho eu, ganha o País, todos ganhamos. Especialmente a pequena, coitada. O marido dá-lhe pouca assistência, estás farto de saber que é verdade. Então? Vamos embora?

Joaquim Peixoto não estava nada entusiasmado com a ideia, mas sentia-se completamente incapaz de desiludir o empenho exuberante do fotógrafo, apostado em lhe desencadear uma foga aventura alentejana. O jejum e o uísque somavam-se para lhe torturar as têmporas. Sabia-se completamente indefeso, tanto mais que agora Sebastião Curto começava a dizer que era de bomgrado que lhe entregava Bárbara Emília sem luta, se bem que, de início, também se tivesse sentido tentado a dar-lhe uma voltinha. Ela gosta mais do teu

género, pronto. E além disso, o meu doce regional. Bebera já a sua segunda dose, caraças, Quim. O meu doce regional, se sonhasse que andavam para aqui traições, esfaqueava-me. São muito impetuosas, as camponesas. Joaquim Peixoto sentia o eco das palavras do colega ressoar-lhe dentro da cabeça, foi ele próprio quem voltou a ir buscar a garrafa, para por uma terceira vez a despejar nos copos. Quando o empregado se decidiu a aparecer por trás dos dísticos da porta, discreto, de uniforme verde com botões dourados, mandaram pôr seis uísques na conta. Estavam agora muito risonhos. O cérebro do estagiário fervilhava de impropérios cruéis a dirigir à insuportável Bárbara Emília enquanto a carrinha rolava, veloz, a caminho da Cuba.

- Sabes bem o que tens a fazer, não sabes? Então salta. b vai, meu filho. Vai e vence. Sê brilhante.

Sebastião Curto deu meia volta com alguma precipitação nos gestos, largou ainda mais qualquer gracejo através do vidro da janela, e partiu para o seu jantar a sós com a amiga da loja de doces. Joaquim Peixoto esquecera a fome. A Rua da Restauração pareceu-lhe insensatamente comprida, toda pontuada pelo esforço de seguir uma trajectória tanto quanto possível rectilínea. Assim que a dactilógrafa abrisse a porta, havia de lhe dirigir o terrível sorriso sarcástico que já trazia engatilhado nos músculos do rosto.

- Quim? Que surpresa, não estava nada à espera. Queixai entrar? O que foi? Ai, meu Deus. Que grande bezana.

A saia dela tinha muita roda, mas sobretudo tinha uma racha de cada lado. Modernices, diria a irmã mais velha se estivesse ali. Um cordão dourado, largo, luzia-lhe em muitas voltas rodeando o pescoço.

- Que horror, Quim.

Puxou-o para dentro de casa numa solicitude toda maternal, como é que foi que te puseste neste estado, criatura. Estivera provavelmente a tratar das unhas, porque pairava na sala o odor indesmentível de acetona, e aquele descoroçoante verniz castanho já não lhe ensombrecia os movimentos das mãos. Mesmo a saia, despreocupada, verde-tropa, parecia contribuir para a tornar ainda mais agradável, limpa de excessos. Olha o estado em que tu me vens, desgraçado. Era estranho ouvi-la falar assim em tom quase conjugal, numa censura a que a rotina tivesse limado todas as sugestões de espanto ou de indignação. Sobretudo ecoando daquela forma dentro da cabeça do estagiário, senta-te aí, eu trago-te um café. Serviu-lho frio, sem açúcar. Isso ajuda a assentar. Naquele torvelinho de atenções perdera-se por completo o olhar

sarcástico ensaiado ao longo da Rua da Restauração, a energia inicial para palavras duras, arquitectadas num rompante passageiro de cinismo que não conseguira transpor a porta da casa azul. Bárbara Emília Frutuoso espiou-lhe a reacção aos efeitos desanuviadores da cafeína, e depois deu-lhe o braço com a eficiência profissional das enfermeiras.

- Anda dar uma volta. Faz-te bem apanhar ar fresco.

Houve olhares à passagem do par, ela cumprimentava como se nada fosse. Boa tarde, está boazinha. Era esplendorosa, ali enfrentando o mundo contra a atmosfera dourada do fim do dia. Passavam bandos de pombos rasando os telhados, o ar assobiava-lhes contra as asas. Levou-o a um jardim com relva e árvores dispersas, bancos de madeira fitando o repouso da verdura, onde o lago artificial ao centro se recortava em meandros caprichosos desenhados pelo cimento. Uma ponte corria-o de um lado ao outro, meninos pequenos trotavam de calções. Havia carrinhos de bebé a deslizar nas ruas asphaltadas, as rodas chiavam, dois melros voaram de um tronco. A placa, à entrada, dizia Parque Adriano Correia de Oliveira, e Bárbara Emília já estava a sorrir na sua proficiência de cicerone, explicando que antigamente se chamava Parque Heróis do Ultramar.

- E o mais triste é que se perguntares a muitas destas pessoas que aqui estão quem era o Adriano Correia de Oliveira, elas não sabem. É verdade, o que é que queres? Mais para cima também há um jardim bonito, com piscina e campo de futebol, que à noite tem as luzes acesas, candeeiros daqueles muito altos, fica giro. Mas no estado em que tu estás era uma violência irmos até lá. O que foi que aconteceu, pode-se saber?

Era a grande oportunidade de ele lhe chamar parva, cínica, mulher sem coração, é por tua causa que assim me encontro, Bárbara Emília. Diz-me o que queres de mim, castigadora, diz-me se me queres alguma coisa que eu já não aguento. Mas em vez disso ouviu-se a balbuciar que combinara para aquela noite uma expedição com Luciano, e viera até ali só para saber onde o poderia encontrar.

Então, daqui a bocadinho vamos ao Queen's Bar que ele deve estar lá, é mais que certo. Depois de jantar começa sempre a digestão na mesma mesa. Fica perto da casa dos nossos pais, entendes, onde agora só vive ele. Nem te digo que vás lá directamente, que podias morrer em entrando. Um moço solteiro morando sozinho, com os amigos todos lá caídos... e as amigas, mas eu não sou de intrigas... e dois cães, dois podengos de respeito, andam-lhe ali por cima dos sofás como se fossem pessoas, bem, tu imaginas. É livros, é almofadas!! tudo pelo chão, batuques, plantas, eu é que não conseguia viver daquele jeito. Gosto das coisas muito arrumadinhas, muito limpinhas, o soalho

cheirando a cera e depois com uma carpeta bonita por cima. Daqui a nada vamos para o Queen's e esperamos até o meu mano aparecer. É o tempo de te passar essa grossura, mocinho. Eu tomo conta de ti.

Tinha a mão pousada no seu braço com firmeza, e caminhava devagar, como se ajudasse um convalescente a dar os primeiros passos de regresso à vida. Sem o tal verniz castanho os dedos dela eram finos, compridos, muito morenos contra a pele linfática do estagiário. Recomeçara a cantar uma das melodias do cimo da oliveira onde se apoiou um passarinho, todos têm só eu não amores em São Martinho, e foi então que Joaquim Peixoto perdeu a cabeça. com um puxão violento fê-la parar à sua frente. Ouve lá, minha grande parva.

- Eu não sei qual é a tua ideia, nem quero saber, e tenho raiva a quem saiba. Mas agora vais ouvir-me.

Ela fizera um olhar de surpresa à beira de se transformar num sorriso, tu não estás nada bem, mocinho. O fim da tarde arrepiava-lhe levemente os ombros atravessados pelas alças fininhas da camisa verde, decotada.

- Não estou bem? Pois não, não estou bem. Não estou nada bem, e fica sabendo que é por tua causa que estou assim.

Em cheio. Ela pestanejara.

- Por minha causa, Quim?

E aquele vocativo saía-lhe desta vez mais doce, muito mais intencional que o detestável tratamento de mocinho com que costumava mimosá-lo.

- Por tua causa, sim, por tua causa, sei muito bem o que estou a dizer, e tu ouviste perfeitamente, grande parva. Grande parva. Escusas de voltar a atirar-me à cara que estou bêbedo, porque eu me estive a embebedar para te conseguir dizer isto tudo.

Nos filmes, era uma frase que costumava surtir sempre o melhor dos efeitos. Bárbara Emília devia tê-los visto a todos, porque reagiu em perfeito respeito das normas.

- Mas, Quim, eu não sabia... sabia lá que tu andavas nesse estado. Porque é que não me disseste nada, também? Eu não sabia.

- Não sabias, não é? Tens andado a brincar comigo, julgas que eu não te topo? Querias festa, era, querias gozar-me, querias contar às tuas amigas que tanguaste um papo-seco de Lisboa, ãh, não era o que querias, Bárbara Emília Frutuoso?

- Ó Quim, por favor, eu queria lá uma coisa dessas. Agora estás sendo muito injusto. Eu não podia adivinhar que tu levavas o caso tão a sério.

Sebastião Curto gritava-lhe ao ouvido que tudo estava a sair com espantosa perfeição. Vais bem, Quim, continua. Vai, sê brilhante. Agora era a mão dele que apertava com força o braço dela, num tom cada vez menos

moderado, felizmente os carrinhos de bebé tinham já começado a abandonar o Parque Adriano Correia de Oliveira. E as sombras vinham descendo, lentas, sobre as ruas com árvores e bancos pintados. Continua, Quim. Aproveita, que a apanhaste de surpresa. Obrigou-a a sentar-se com uma pressão dos dedos, então não sabias, Bárbara Emília Frutuoso? Que graça que eu te acho. Mas que bem, ai que bem que te fica esse ar de espanto. Que grandes que são os teus olhos quando os abres assim. Virou a cabeça para não se comover.

- Pois bem, levo. Levo o caso muito a sério, majestades. Se não levasse não estaria aqui. Ou tu pensas que corro atrás de ti desta forma, feito parvo, só para estar entretido? Se fosse para estar entretido não me faltava que fazer em Lisboa, fica descansada. És muito parva. Pois eu levo o caso a sério, muito mais a sério do que tu, de certeza.

Ela endireitou-se toda num protesto de indignação, ah, Quim, isso tu não podes dizer. Inclinou-se mais para ele, tinha os olhos a brilhar na entrada suave da noite, muito morna. Um morcego rasou a água imóvel do lago artificial, estonteado, rápido, e ela dizia que ele não tinha o direito de fazer tais juízos a seu respeito.

- Como é que tu podes pensar que isto também não é sério para mim? Já devias ter percebido que está sendo das coisas mais sérias da minha vida.

Aquilo pareceu ao estagiário tão excessivamente doce que ainda parou por segundos a tentar despistar-lhe na voz qualquer rasto traiçoeiro de ironia. Mas Bárbara Emília era toda sentimento, o rosto moreno muito próximo do dele.

- É que tu tens que compreender, Quim. Tens que compreender que pelo meu lado não é nada fácil. Se tu soubesses os problemas que eu já tenho aqui na Cuba, tu não podes saber, em Lisboa é tudo muito diferente. Eu queria muito fazer-te a vontade, como é que podes pensar que não que não queria.? Mas tenho medo. Pronto, tenho medo. Tu não entendes.

O estagiário intuiu que chegava o momento de mudar o registo, e endireitou-se no banco a acender um cigarro. Está a cair de madura, segredava-lhe Sebastião Curto. Nunca pensara que fosse tão fácil. Saboreava já o desfecho iminente, agora só dependia dele. Quando estalares o dedo, o borracho salta-te para o colo. Eu conheço as mulheres. Joaquim Peixoto fumou sem dizer nada, sentindo o olhar dela muito preso só na sua reacção. Depois passou as mãos pelos cabelos. Suspirou. Fitava o vazio.

- Estás enganada, Bárbara. Eu entendo. Entendo perfeitamente, e também tenho alguns problemas quando penso que te posso ter pressionado, de uma forma ou de outra, para chegarmos a isto. Não queria que te acontecesse nenhum mal, grande parva.

Decididamente, gostava de a tratar assim. Parecia dar um óptimo resultado. E era bonito. Ela batia com as unhas na madeira do banco, de sobranceiras franzidas. Está no papo Quim.

- Mas tem que ser, Bárbara. Entendes? Tem que ser. E o que tem que ser tem muita força.

Ela ofereceu-lhe uns olhos sérios, enormes. Flutuavam-lhe cabelos soltos no cair da noite.

- Pois é, Joaquim Peixoto. O que tem que ser tem muita força.

- Pois é, Bárbara Emília.

Devia ser aquele o momento de pela primeira vez estender a mão na direcção dela, num gesto que fosse ainda tímido, mas já irreversível. Então a dactilógrafa do Centro de Saúde levantou-se com a firmeza das decisões difíceis finalmente tomadas, e acentuou a sua determinação fincando as mãos nacintura. O sorriso que lhe lançava vinha carregado de triunfo.

- Tudo bem, mocinho. Convenceste-me. Amanhã logo de manhã eu levo-te a ver a Mitó. E está dito. Palavra de rei não volta atrás.

Antes que Joaquim Peixoto se pudesse recompor já ela estava a acrescentar mas o Sebastião não pode ir, que dá muito nas vistas. Começara a passear para lá e para cá ao longo da ruazinha asfaltada, pensava depressa e ia explicando que era preciso tratar do assunto com a maior discrição. Eles não querem mesmo que ninguém se chegue ao pé da mocinha. Eu tenho-a ido visitar quando posso, mas ao princípio nem a mim queriam dizer onde é que ela estava. A noite ia-se fechando cada vez mais sobre o Parque Adriano Correia de Oliveira, as luzes da Cuba piscaram uma a uma por trás do murmúrio das árvores. Se a Mitó não tivesse ameaçado que fugia, e então nunca mais lhe punham mesmo a vista em cima, nem a mim me tinham deixado lá ir. Se alguma vez alguém souber que eu te levei lá, ainda me esfolam viva. Sorria, agora que se decidira parecia inesperadamente feliz. Assim se animam os heróis na sua própria coragem. Eles dizem que ela está muito transtornada. E também dizem que o melhor que há a fazer é esquecer-se depressa toda esta história, e quanto menos pessoas falarem com ela mais depressa se hão-de esquecer. Entendes? Mas pronto, eu percebo que é uma conversa que é mesmo importante para ti. Atordoados, o estagiário ia dizendo que sim com a cabeça. Ela planeava as operações, soava-lhe a voz cheia de determinação na rua escura do parque.

- Fazemos assim: tu, amanhã, antes das oito, apanhas uma camioneta que parte de Beja. Mas não a apanhas na central, ouviste, quanto menos gente te vir melhor. Desces por aquela estrada que passa diante da Quinta das Águias, e vai andando até encontrares uma paragem. Espera aí. Mas tudo sozinho, nada de Sebastião, e muito menos aquela carrinha, Que chama logo a atenção das pessoas. Apanhas a camioneta, e saís numa aldeia que é a Cabeça Gorda, logo à frente. Hás-de ver um café, assim num largo com umas árvores, chamado Paraíso. Senta-te lá dentro, toma uma bica, faz qualquer coisa, e fica sempre olhando pela janela. Às tantas, hás-de ver-me passar na rua. Conta até dez, sai, e vem atrás de mim. Mas não dês nunca ideia de que me estás seguindo entendes?

- E onde é que está a Mitó?

Ela voltou a sentar-se ao seu lado, baixando a voz para a confundir no sussurro do vento entre as árvores.

- Vive lá uma senhora que foi ama de leite da Fatimá. A nossa mãe, entendes, o primeiro marido dela morreu na mina quando a Fatinha tinha acabado de nascer, e a nossa mãe, com o desgosto, ficou sem leite. Então a minha avó, coitadinha, é que lhe indicou aquela senhora na Cabeça Gorda, que criou a Fatinha no peito juntamente com uma menina que lhe tinha nascido na mesma altura. A Fatíma ficou sempre com uma grande amizade a essa irmã de leite, que agora vive com a mãe lá na aldeia, duas solteiras, está vendo o género? Mas são boas mulheres. Vivem num monte assim um bocadinho retirado, num sítio até bonito. Aquilo é muito resguardado. A minha mana lembrou-se de mandar para lá a Mitó logo que descobriu que afinal tinham sido os contrabandistas, e portanto a polícia já não precisava de a ter a jeito.

- E essas duas senhoras não vão ficar zangadas contigo se tu me levares lá?

- Pois vão, mas a gente não precisamos de ir à casa. Aquilo nas traseiras tem um caminho que desvia por uns barrancos, e vai ter a um sítio onde está um tanque, uma coisa até bonita, com uma latada por cima. Ainda faz parte da propriedade delas, está murado, e a Mitó tem ordem de ir ali passear de bicicleta. Para esparecer, que não pode estar sempre metida em casa, não é? Mesmo assim eu duvido que a moça consiga descansar alguma coisa que se veja, só com aquelas duas mulherzinhas para conversarem com ela. Por isso também é que se calha até faço bem em levar-te lá. Está doida por falar, por ver pessoas, em ali me apanhando primeiro que me largue é um castigo. Logo eu telefono-lhe, quando as outras duas já estiverem dormindo. Vão-se deitar com as galinhas, e depois nem que viesse o fim do mundo aos gritos por aí fora elas não o ouviam. Está combinado, pronto.

Foi com uma energia quase máscula que lhe puxou depois pela mão, vamos andando para o Queen's que o meu mano deve estar dando a última dentada no jantar. A fome reencontrara o seu espaço no cérebro atormentado de Joaquim Peixoto, e só quando já estava a acabar a enorme tosta mista, em pão caseiro, com queijo da ilha escorrendo espesso, realmente fundido, dos buracos rentes à côdea, é que conseguiu começar a reparar no arranjo da sala onde o conduziu a irmã de Luciano Frutuoso.

- Olhe, se faz favor. Traga-me outra cerveja e outra tosta.

- Podias dizer-me que não tinhas jantado, Quim. Eu fazia-te uns ovos lá em casa. Também é certo que não te havia de oferecer nada muito melhor que isso, porque em estando sozinha quase não como. Aproveito, entendes? Quando cá está o Augusto é petiscadas todo o tempo, nem imaginas. Aquele homem vive para comer.

O estagiário preferiu não pensar nada, e escorreu o fundo do seu primeiro copo de cerveja, muito alto, em vidro grosso, contornado por uma cintura de latão junto à base. O Queen's Bar tinha a devida lanterna pendurada na entrada, e dentro dividia-se em dois pisos contíguos ligados por uma escadinha e um varandim, com o balcão correndo ao longo de todo o nível inferior. Espelhos pintados, emoldurados a madeira muito escura, escalavam as paredes publicitando a Coca-Cola, tónicos capilares do início do século, automóveis de enormes faróis redondos, filmes franceses com protagonistas loiras. A alcatifa era macia e rosada, como os bancos de três pés que rodeavam as mesinhas elípticas, baixas, em qualquer matéria plástica. Quase todas estavam já ocupadas por grupos bastante jovens e bem penteados, de camisas sem enxovalho e sapatos com pouco pó. Um enorme leitor de cassetes, num dos cantos, garantia o som ambiente, que devia ser a gravação directa de um programa de rádio em frequência modelada porque havia textos tortuosos, cheios de citações literárias e nomes de compositores, a envolver as músicas. O rapaz que, segundo o chefe Larguinho, abandonara as bombas de gasolina para tomar o lugar dos antigos proprietários envolvidos no tráfico de drogas, dava mostras nítidas de se estar a sair bem. Tudo tinha ali um ar maravilhosamente disciplinado, e a segunda tosta mista ainda pareceu ao estagiário mais succulenta que a primeira.

Mesmo assim, Joaquim, tu sabes lá o que as más línguas para aí dizem. Isto tem tudo um ar muito certinho, não tem? Para mim até é certinho de mais. Mas já andam umas pessoal dizendo que aqui se guarda droga. Só porque é um bar, entendes? Dá vontade de lhes partir a cara a todos.

Luciano Frutuoso entrara de camisa branca com riscas azuis, acenando para uma das mesas do fundo, cheia de caracóis, *bandelettes*, lacinhos e pastilhas

elásticas. Tinha-os viajo logo e viera sentar-se ao lado da mana sem perguntar nada, como se desde manhã esperasse encontrá-los ali. Perguntou a Joaquim Peixoto se sempre iam ao John Player, deu tempo a Bárbara para protestar vocês vejam lá no que se metem, e começou imediatamente de seguida a denunciar os preconceitos locais contra tudo o que fosse sítio para as pessoas se divertirem. A *boite* cá da terra, Joaquim, uma coisa chamada Marraqueche, abriu há menos de um ano e está tão bem arranjada que vale a pena ver. Compunha os cabelos da irmã enquanto falava, ela acenava afirmativamente a cada três palavras suas. Tem um jardim interior, com relva, e tudo. Aquilo quase que só lá vão betinhos, e mesmo assim já anda meio mundo para aí dizendo que é um sítio de drogados. O que é que tu queres? O rapaz que servia às mesas tinha não mais que catorze anos e bochechas muito redondas. Trouxe licor de cacau para os dois manos, um pratinho decalcado de porcelana chinesa cheio de passas. Luciano segredou-lhe que pusesse também na sua conta a despesa do moço de Lisboa.

- É jornalista, estás ouvindo o que te digo, Manel Zé? Anda fazendo uma investigação sobre aquela história de Mitó e de Helmut, e dos contrabandistas.

Manei Zé mediu de alto a baixo o estagiário com um olhar não desprovido de respeito, e daí a poucos minutos regressava à mesa acompanhado por um homem magro, arruivado, de camisa *Lacoste* vermelha e óculos de aros de tartaruga. Olha olha, sorriu o regente agrícola com o copo de licor de cacau encostado aos lábios e os olhos semicerrados. O dono desta espelunca, Joaquim. Serginho Fidalgo.

A notícia devia ter corrido depressa as mesas do Queen's Bar, porque agora havia espreitadelas a toda a volta para cada gesto de Joaquim Peixoto. Bárbara Emília sacudia repetidamente a cabeleira, orgulhosa, mas o estagiário sentia-se infelicíssimo. Sérgio Fidalgo mandara vir um conhaque, oferta da casa. Ninguém lhe perguntou nada, mas ele recordava-se perfeitamente daquela trágica última noite do mecânico da Base Aérea.

- A mocinha, e mais o alemão, vinham aqui muitas vezes, compreende? Eu nunca percebi muito bem, diz que eles se namoravam, não sei. Não tenho nada a ver com isso, mas realmente apareciam muito por cá, com mais dois ou três moços de Beja, e mais outro alemão que acompanhava sempre com esse Helmut. Diz que se chama Frieder, não sei se é verdade. Estavam aí a beber qualquer coisa, e é engraçado que a mocinha é que andava sempre como ar mais triste do grupo. A gente ali de roda do balcão, atendendo as pessoas, vai dando assim conta do que se passa, já se vê. Tanto mais que isto não aconteceu só uma vez, nem duas, nem nada que com isso se pareça. Ele falava muito com os outros. com ela não. Por isso é que não sei se se namorariam mesmo. Ela

sempre calada, no banquinho do canto, parece que a estou vendo. Reparei uma vez ou duas nele a agarrar-lhe o pulso, assim, com os dedos, mas nunca houve mais que isso. Não senhor. Aqui dentro não. Na noite em que o moço morreu, então, ela chegou antes dele, com o outro casal. Vinha com a cara num estado que eu quase que jurava que esteve muito tempo chorando, antes de entrar aquela porta.

Bárbara, dissera Mitó nessa noite entre soluços. Eu não aguento mais, Bárbara. Tinha chegado à hora do jantar, espiava atentamente todas as partidas de Augusto para dizer em casa que ia ficar à Cuba, acompanhando a irmã mais nova de Mana de Fátima. Trazia a mochila pequena, de caqui, como sempre. A camisa de noite, o saquinho com os cremes e a escova de dentes, de muda de roupa nem precisava, que já existia muita coisa nos armários, tanto aquelas idas e vindas se tinham tornado um hábito. Mitó chegara cedo e quase não conseguira jantar, as lágrimas corriam-lhe em fio pelas duas faces. Eu não aguento mais, Bárbara. Quando o antigo funcionário das bombas de gasolina fronteiras à escola do ciclo de Beja, agora feliz proprietário do próspero Queen's Bar se tivesse afastado, a dactilógrafa do Centro de Saúde havia de contar a Joaquim Peixoto que no fundo daquele desespero da sobrinha estava ainda a famosa viagem de bicicleta às escondidas pela noite, até ao portão fechado da Base Aérea onde ninguém esperava a filha de Bernardo Formosinho Rosado.

- A partir dessa noite, a Mitó passou a andar mesmo transtornada. Teve tanta sorte que ninguém lá em casa deu por toda aquela manobra, é que há coisas mesmo assim inacreditáveis. Ninguém a viu passar, ninguém lhe topou a falta no quarto, e olha que ela diz que já estava mesmo a fazer dia quando voltou a entrar pela janela. O Bernardo nessa altura andava passado de todo com a questão da entrega das reservas da Força da Unidade, e não pensava em mais nada. Atiram-nos, dizia ele quando a gente lhe falava. Atiram-nos para fora das terras, correm com a gente como se fôssemos gado. Como se fôssemos gado, ele só pensava naquilo, estou que se não fosse assim a Mitó não se tinha safado sem uma valente surra. Abalar de noite, daquela maneira! Ela andava doída. Ao outro dia estava cheia de febre, mas uma febre mesmo alta. Eu fui lá visitá-la e bem vi. Suava muito, tinha até delírios. Punha-se aos gritos de eu mato-te, eu mato-te, as vizinhas diz que ouviram perfeitamente.

Alguém tem que matar um deles para que as coisas não possam continuar a ser assim, escrevera Mitó no seu caderninho de capa dura, quadriculada a preto sobre laranja e branco, folheado ponta a ponta na insónia matinal de Joaquim Peixoto. Alguém tem que matar um deles. Eu mato-o, pensara Mitó nessa noite pela primeira vez, e é por mim, é pela Bárbara, é pela Mila, é pela minha mãe, e pela Fátima e pela Adília, e até pela Vi, por toda a gente que passa

o que nós passamos, o que eu passo. Só eu sei o que eu passo, escrevera Mitó. Só eu sei o que ele me faz. Mitó delirou com a febre que durou três dias, perdeu dois quilos, ficou rouca. Maria de Fátima trazia-lhe canja de galinha em taças brancas com florinhas no rebordo, ao que tu chegaste, minha filha. Bernardo não dizia nada, o dia da nova entrega cada vez mais próximo e o caminho incompreensível das coisas a cerrar assim o abraço em torno do peito já sufocado da reforma agrária Sufocamos, Bernardo. Empurram-nos para fora das terras. Tínhamos-lhes chamado nossas, chegou a ser tão bonito, Bernardo. E agora enxotam-nos, enxotam-nos como ao gado. Mitó suando os lençóis, Bernardo outra vez enfrentando a guarda, lá vêm os jipes, cantemos. Dizia-se que no Alentejo as pessoas são muito altas porque a guarda atira sempre para o ar mas acerta sempre no peito, agora já não tem graça. Não tem graça, a festa acabou. Maria de Fátima chegava com caldos, comprimidos, mudava-lhe a fronha sem dizer nada. Que desgosto nos dás, minha filha. Cinco dias depois Mitó pôde finalmente aventurar-se fora de casa. No fim dessa semana agarrou-se ao telefone pela primeira vez.

- Perdeu a cabeça, entendes? Ele nunca queria que ela lhe telefonasse, andava-lhe sempre serenando o juízo com a conversa da privacidade. Ela até aí tinha respeitado isso, mas depois daquela noite perdeu mesmo as estribeiras. Passava o tempo telefonando, telefonando, falava-lhe para as oficinas, falava-lhe para casa, diziam-lhe que ele não podia vir atender e ela insistia, chorava, deixava recados, eu sei lá. Um desespero. E tudo isto de cabinas, já se vê, que não podia ligar de casa dos pais. Acho que na véspera do assassinio o conseguiu apanhar na Base pela primeira vez. Combinaram encontrar-se à noite, aqui no Queen's. Não imaginas como ela vinha arranjada, mocinho. As unhas, o cabelo, a pintura, tudo. Deve ter levado horas. Até trazia uma saia de napa, nem sei onde foi que a desencantou. Não saiu com ela vestida de casa, de certeza. A Fatinha morria se a visse assim.

Então espera por mim no Queen's, dissera Helmut, e falava-lhe com a indiferença com que encomendava ao armazém porcas e parafusos para o seu trabalho. Vamos arrumar este assunto de um vez por todas. Adeus, princesa. *Aufwiedersehen, Prinzessm*, logo ajustamos contas. Helmut respondera-lhe com a mais gelada das friezas, e Mitó esquecera toda a raiva das últimas semanas para ensaiar a correcção diante do espelho das ingratidões impiedosas da Natureza. Agora trégua, chorava, eu não aguento mais, Bárbara. Eu vou morrer, Bárbara. vou morrer, mas também o mato a ele se me voltar Afazer mal. Eu vou dizer-lhe que nem o quero voltar a ver, Barbara. Mitó soluçava sobre a maquilhagem morosa, já empastelada pela corrida interminável das lágrimas. Eu vou dizer-lhe que só a presença dele basta para me encher de alergias, Bárbara. Mitó não

conseguia comer, um pranto, mocinho, se tu visses. Tomás e Mila vieram buscá-la por volta das onze, sentaram-se na mesa do fundo do Queen's. Ela ao canto, como sempre. Serginho Fidalgo lembrava-se perfeitamente dessa noite.

- O rapaz só apareceu bem uma hora depois. Vinha com outro, o Frieder, e trazia uma cara mesmo de poucos amigos. Ele falava português, sabia? O Manei Zé, que se ia chegando à mesa para perguntar o que tomava, é que o ouviu estarem dizendo vamos já embora daqui que para figuras tristes isto basta. Não sei lá de que estaria falando, alguma coisa entre eles, pois. Nem se chegou a sentar. Saíram logo todos, e dessa vez, sim, dessa vez eu vi bem que ele levava a mocinha pelo pulso, assim com muita força.

Desculpou-se com a assistência devida às outras mesas, disse até já, estão em vossas casas. Joaquim Peixoto bebeu o conhaque devagar, no único ângulo em que caía ainda dentro do raio de acção da ventoinha presa à parede. Serginho Fidalgo mudou a cassete, agora era o trabalho aplicado do grupo Terra a Terra que cobria o fundo das conversas. Bárbara Emília estava a roubar o licor de cacau que restasse no copo do mano, e as recordações pareciam pesar-lhe tremendamente sobre os ombros. Fez trabalhar o seu isqueiro fininho laranja e dourado. Sorriu com amargura para o estagiário.

- No outro dia, lá na Cabeça Gorda, é que a Mitó me disse o que se passou depois. Não houve nada que não acontecesse naquela noite, Quim. Olha, eu só soube esta parte da história na manhã do dia em que tu chegaste. Acho que foram todos para uma *boite* que há ali para os lados de Ferreira, chamada Cavalo Branco, mas é uma coisa assim chungosa, entendes? Estava-lhes mesmo a dar para o desastre. Foram para lá, e eles durante uma data de tempo não disseram palavra um ao outro.

Eu grito-lhe que só a presença dele me enche de alergias, jurava Mitó bebendo aguardente, estava por tudo. Há noites assim, sabes, mocinho, em que estamos por tudo. Barbara! Emília sorria-lhe, eu não entendo o que é que queres, grande parva. Mitó estivera muito tempo encostada ao balcão, não gostava daquele sítio. Vestira *collants* pretos, transparentes, para completar o arrojo da saia de napa, agora estavam-lhe a picar as pernas. Alguém trouxera um charro, não se lembrava quem. Queres outra bebida? És uma loba na aguardente, borracho. Mitó dançara com o desconhecido, sabia lá quantas músicas. As músicas eram todas iguais e passavam pegadas umas nas outras, Mitó sacudia a cabeça. Prendera os polegares no cós da saia, não abria os olhos. O outro tocava-lhe com a mão. Ela estava por tudo. Quando Helmut a veio puxar pelo braço só se lembrava do que tinha acontecido a partir do momento em que já se via fechada com ele dentro do carro, a saia enchendo-se de vincos em desordem, a camisa de algodão com pássaros verdes estampados

enrodilhada à roda do pescoço. Não te vou falar nunca mais, princesa, dizia Helmut Schneider a toda a sua volta. Mas agora só te vou deixar no momento que eu quiser. E da maneira que eu quiser, princesa. Ele despedia-a, adeus princesa. *Auf wiedersehen, Prinzessin*, eu faço-te o que eu quero. O que eu quero, olha. Olha. Mitó lembrava-se daquilo, e depois tinham voltado lá para dentro, levava os dentes cerrados. Dançara de novo, alguém estava com ela na pista. Ouvira palavras, não se lembrava bem. Eram quatro da manhã quando Helmut a veio buscar para o *Escort* vermelho, travou-o naquela curva a meio do caminho, onde há árvores, e quem vem na estrada não consegue ver nada lá para dentro, nem de um sentido nem de outro. Travou o carro, agora, princesa. Foi quando lutaram, contava Bárbara Emília muito baixinho a Joaquim Peixoto na sala atapetada do Queen's Bar, estava-se em Cuba do Alentejo e era noite. Foi quando lutaram, sussurrou-lhe a dactilógrafa, e ela empurrou-lhe a cabeça com as duas mãos.

- Diz que só se lembra de ter ouvido uma pancada. Depois ele caiu para o lado.

Helmut Schneider desmaiara. Se o queres matar, Mitó, mete-lhe a cabeça debaixo do tubo de escape e deixa o motor a trabalhar. Enrola-o em qualquer coisa, no blusão. Já leste muitos romances policiais, tu gostas de romances policiais, não gostas? Já leste muitos romances policiais em que se matam pessoas assim. Se o queres matar, Mitó.

- Desculpa lá, Bárbara. Se calhar sou eu que estou *parvo*, mas não entendo. Então afinal a Mitó é que matou o Helmut?

- Bem, mocinho, isto foi o que ela me contou, logo naquela manhã. A Fatinha telefonou-me, e fomos as duas correndo para a esquadra. Por sorte o Mariano Larguinho apanhou-a a ela, e não ao Bernardo. Estávamos cheias de medo do que é que ela ia fazer, a Fatinha estou que ainda era o que lhe custava mais no meio de todo aquele horror. Ai quando teu pai souber disto, era só o que ela dizia para a Mitó, e a moça chorava, chorava, eu nunca vi ninguém chorar tanto. Depois pediu para falar comigo sem estar mais ninguém ouvindo, fomos lá para uma sala vazia, e então tivemos essa conversa. Eu é que repeti à Fatinha e ao comandante o que se tinha passado, que ela não parecia sequer capaz de juntar uma palavra com outra. Insistia muito que ele estava abusando, ele estava abusando, mas mais nada.

- E o Bernardo?

- O Bernardo foi o Larguinho quem lhe disse. Telefonou-lhe para o Centro de Trabalho, e ele veio logo ter à esquadra. A Fatinha não tinha coragem de ser ela a dar-lhe a notícia, afinal escusava de se ter afligido tanto. O Bernardo estava muito pálido, muito abalado, mas estava calmo. Parou à minha frente, e disse-me que ultimamente andava pressentindo que ainda ia acabar tudo assim. Ele acha que se consentiram à Mitó muitas modernices, como eles dizem, entendes? Nem deu uma palavra à Fatinha. Entrou logo para o gabinete do chefe, estiveram lá dentro falando, falando... Parece que o Bernardo foi o primeiro a perceber que aquela história da Mitó não podia ser verdade. Não tinha pés para andar.

- Porque ela não tinha força para o arrastar para baixo do tubo de escape?

- Pois, ela é muito fraquinha, tu vais ver. O Bernardo chamou a atenção para isso e então o Larguinho lembrou-se de que o Helmut passava o tempo caído no Toupeira, que era um bar que havia em Baleizão. Ah, já te mostrei onde era, não foi? Aí é que eles fizeram a associação com o caso dos contrabandistas.

- Ouve lá, o Helmut não ia normalmente ter com a Mitó a Baleizão? Era compreensível que fosse muitas vezes ao bar da terra onde vivia a miúda dele, não?

Aprendera já de cor as argumentações de Sebastião Curto. Mas os outros tinham sempre uma resposta eficaz de cada vez que era ele quem as avançava.

- Pois era, mas pelos vistos aproveitou para se meter noutros negócios. O que é certo é que ele só comprou aquele *Escort* depois de ter começado a ir a Baleizão, entendes? O Bernardo e o Mariano Larguinho estiveram reparando nesses pormenores todos, e saíram lá do gabinete passado mais de quanto tempo, dizendo que iam abrir um inquérito, porque a história da Mitó não fazia sentido. Passei o resto do dia à beira dela, em casa dos pais. Nunca tinha visto ninguém assim, mas nunca por nunca ser. Nem sabia que era possível uma pessoa chorar tanto. A sério. Tivemos que a deitar na cama, ela parecia nem dar acordo do que a gente lhe estava fazendo. Não comeu nada. À noite o Mariano mandou chamar lá à esquadra o Bernardo e a Fatinha, e eles voltaram perto da meia-noite dizendo que a polícia tinha o caso praticamente desvendado, a moça parecia que estava fora de suspeita, e que portanto a iam levar para um sítio recatado onde ela se pudesse recompor longe dos olhares e dos falatórios de meio mundo. Meteram-se com ela no carro e abalaram. Estou que de certa forma me achavam com uma boa parte das culpas naquilo tudo, porque eu lhe dava uma certa cobertura, não é? Então mas o que é que eles queriam, se tivessem a moça sempre fechada em casa ainda tinha sido pior. Se calha, a esta hora já ela se tinha suicidado, não me admirava nada. A Fatinha era do tipo de

não a deixar dar nem um passo na rua. Bem, eles pensavam isso de mim e não me quiseram dizer para onde é que ela tinha ido. Ao outro dia, a meio da tarde, o Larguinho telefonou outra vez para o Bernardo.

- Para casa?

- Sim. Eu estava lá, nesses dois dias nem fui ao Centro, Para dar algum amparo à Fatinha. Tu não podes imaginar a agitação em que o Bernardo tinha passado o tempo inteiro, sempre telefonando, falando com pessoas, ele que é um homem tão metido consigo. Acho que logo de manhã tinha falado para o Carolino, e o que é certo é que o moço se apresentou lá em casa ainda antes do almoço, diz a Fatinha que estiveram os dois no pátio, conversando, conversando... Se não me engano foi o Carolino quem deu aquela ideia do colégio interno em Espinho, para agora a seguir mandarem para a mocinha. São muito parvos. Eu estou que ainda lhe vai fazer pior, mas já não posso dizer mais nada.

- Então mas o Bernardo e o Carolino não estão assim de relações tensas?

- Pois estão, mas naquele dia o Carolino apresentou-se ali logo a seguir ao telefonema do irmão, muito bem mandado. A Fatinha diz que depois estiveram os dois telefonando a mais gente, até para os sócios da Vitória Construtora eles falaram. Isto foi ainda antes de eu chegar, mas depois do almoço o telefone levou toda a tarde tocando, sempre para o Bernardo. De uma das vezes, eu lembro-me, era o Vicente Vilanova Pinheiro, aquele que tu conheceste ontem, que tem um bebé muito querido. O Bernardo, coitado, preferia iludir-se com aquela trabalhadeira toda, é a minha opinião. Enquanto andava telefonando, falando, dizendo coisas às pessoas, tinha a sensação de estar ocupado, não é? De estar sendo útil. Só descansou quando o Mariano Larguinho telefonou com as boas notícias.

- De que não tinha sido a Mitó

- Pois. Fizeram lá as investigações deles, e concluíram que realmente só podiam ter sido os contrabandistas. Bem, havias de ver como o Bernardo se acalmou, mas é que foi mesmo assim do dia para a noite. Tomou dois comprimidos, e fechou-se no quarto a dormir. Eu voltei para aqui e à noite eles passaram a buscar-me, com o carro, para irmos visitar a Mitó à Cabeça Gorda. Nessa altura já ela lhes tinha dito que fugia se eu não fosse lá. Coitada da moça. Não tem mais ninguém a quem se agarrar. Levei-lhe uma boleima que tinha estado a fazer para o Augusto, quando ele voltasse.

Bárbara Emília falava com a cabeça encostada no ombro do irmão, os dois copos de licor de cacau estavam pousados, vazios, sobre a mesinha plastificada. Serginho mudara outra vez a cassete para envolver a sala em estereótipos compostos pelo sintetizador. Luciano roía as unhas, e a irmã concluía estar

vagamente apavorada com as perspectivas de futuro que restavam a Maria Vitória, quando sobre as terras de Catarina houvesse amainado o furor do escândalo e o período de repouso no segredo do monte da Cabeça Gorda tivesse já chegado ao fim.

- Agora penso nisso, e acho que ela é uma pessoa sem hipóteses, entendes? Sempre foi uma moça marcada. Depois disto vai ficar com mais traumas ainda, e a desconfiança de toda a gente há-de ir com ela para onde ela for. Aquele colégio de freiras para onde a querem mandar só lhe vai fazer mal, isso mete-se mesmo pelos olhos dentro de qualquer pessoa que a conheça. Dá vontade de agarrar nela e de a levar para longe, para muito longe daqui, sei lá. Para um mundo diferente deste, onde ninguém andasse espiando a vida dos outros, onde uma moça fosse livre de se divertir, de gozar a juventude, de fazer a sua vida sem ter a cada passo que estar prestando contas e pagando facturas das suas opções. São facturas muito pesadas, entendes?

O pratinho das passas estava de novo cheio, vigiado pela discreta solicitude de Manei Zé, sem dúvida cometido pelo proprietário do Queen's da missão de não deixar que faltasse nada ao jornalista de Lisboa. Havia já grupos de pé junto ao balcão, cadeiras partilhadas, um calor denso que tornava pesados todos os gestos. Circulavam tabuleiros com copos de sumo de laranja, garrafas de pepsi-cola, rodela de limão entaladas entre pedras de gelo e colheres compridas. Bárbara Emília acrescentava ainda que ia ser preciso que passasse muito tempo até que a família Rosado pudesse voltar ao mínimo de normalidade que mantém em ordem o funcionamento das famílias.

- A Fatinha não diz nada, só que eu conheço-a bem. Ou me engano muito ou nunca conseguirá perdoar à Maria Vitória a vergonha por que os fez passar a todos. Eu custa-me a dizer isto, mas ela dá pouco carinho à filha. Pouco afecto, entendes, pouca compreensão. Faz o que tem a fazer, sem ternura, talvez porque acha que, com todos os sacrifícios que s fizeram, a Mitó tinha a obrigação de ser bonita, boa aluna, bem comportada, tal e qual como a Vi. Agora ainda vai ser pior. E o Bernardo, se tu visses, faz tanta impressão. O Bernardo não consegue olhar para a filha a direito.

Luciano sacudiu o fósforo com que tinha acendido um novo cigarro. Deitou-o no cinzeiro de barro vidrado e disse que Bernardo era um homem a viver horas dramáticas.

- Ele não pode ter fraquezas, Joaquim, não sei se tu entendes isto. Tem uma responsabilidade, tem centenas de homens, mulheres que já quase não acreditam em nada mas acreditam nele, acreditam cegamente porque ele é um homem íntegro, incorrupto, um lutador generoso, desses que não mentem. Não há muitos, pois não? O Bernardo tem os outros todos de olhos postos nele, tem

sempre que ser o exemplo, tem que lhes indicará caminho e não pode deixar transparecer nenhuma insegurança. As pessoas já têm tão pouco a que se agarrem. Sobretudo os trabalhadores da agrária, isso é uma coisa que tu naturalmente não podes medir bem. Se vissem o Bernardo agora dando parte fraca, se o vissem falhando, fosse lá porque fosse, estou que seria verdadeiramente um descalabro. Ele sabe disso. Sabe que tem que estar sempre sereno, exemplar. E tem um problema daqueles portas adentro. Não deve ser nada fácil. Mas claro, a Mitó também não tem culpa de nada disto. Não tem culpa de ter nascido em Baleizão, nem da fé do pai nem dos preconceitos das pessoas que vivem à volta dela. Coitada. Naturalmente é mesmo um caso perdido.

Alguém abria a porta da rua para deixar entrar o ar fresca da noite muito fechada sobre a Cuba, e um cão de focinho amarelo ousou a espreitadela para dentro do bar. Manei Zé fê-lo bater em retirada com o simples arremesso de uma carica ao seu focinho. O tom dos risos ia subindo à volta das mesas, acumulavam-se no chão capas plásticas de maços de tabaco e borrões de cinza, foi quando Luciano entendeu que ; já eram horas de rumar ao John Player. Se realmente lá queres ir, Quim. Quero, para ver como é. Bárbara Emília meneou a cabeça, reprovadora, e só muito a custo a convenceram a acompanhá-los ainda a casa do irmão, que queria ir buscar qualquer coisa antes de partir.

- Eu não me demoro nada, mana. Depois levo-te no latinhas até à tua rua.

Serginho Fidalgo não quis aceitar qualquer pagamento pelo consumo da mesa do jornalista da *Actualidades*, e veio pessoalmente segurar na porta ao mesmo tempo que dizia então quando voltar à Cuba já sabe onde deve ir bater se quiser passar uma noite com qualidade. A casa dos pais de Bárbara e Luciano, onde agora o regente agrícola vivia sozinho com dois podengos e pilhas de livros pelo chão, tinha à frente um tanque com rãs, e figuras geométricas delimitadas a cimento que deviam ter correspondido a canteiros de malmequeres e rododendros, no tempo em que ainda ali existia uma figura feminina para caiar as paredes todos os meses e regar a terra pelas tardinhas. Ele acendeu só um candeeiro pequeno, pousado ao lado do colchão onde se enovelavam os lençóis. Para não atrair as meigas. Bárbara Emília andava pelos cantos a suspirar e a sacudir a cabeça, como tu tens isto, mano. Os podengos não davam sinal de si, e Joaquim Peixoto preferiu assim porque todos os animais lhe eram instintivamente desagradáveis. Sentou-se numa almofada feita de pedaços heteróclitos de pano cosidos uns aos outros por pespontes

amarelos, e ficou a olhar para as fotografias antigas, castanhas, emolduradas contra a tinta amarela das paredes. Luciano remexia caixas, cestos, gavetinhas, e a irmã esforçava-se por regularizar a desordem dos livros e papéis dispersos sobre o tapete. Já tinha esticado os lençóis e tapado a cama improvisada com uma manta vermelha e azul. Na moldura grande do centro havia um casal fitando a objectiva com seriedade, ela de brincos de ouro, ele com o cabelo molhado para melhor suportar a disciplina obviamente pouco usual do risco ao lado. A nossa mãe morreu primeiro, disse a dactilógrafa, com a febre tifóide. Ele não se aguentou sozinho mais de um ano. Enforcou-se, lá para baixo, ao pé do poço. Amava-a muito.

- Fui eu que dei com ele pendurado, Joaquim. Não te sei explicar porquê, mas não me fez impressão nenhuma. Despreendi-o da corda, trouxe-o aos ombros até casa, deitei-o na cama, só depois disso tudo é que fui avisar as pessoas. Talvez já estivesse à espera daquilo. Ou se calhar percebi que assim era melhor para ele.

Luciano encontrara finalmente a pratinha que envolvia a pedra, e fora sentar-se na cama a aquecê-la cuidadosamente com o isqueiro fino da irmã. Nunca mais te deixas disso, mano. Deixo quando tu deixares o Augusto, já te disse. Sorriu, juntou tabaco, não muito. Tirou do bolso a carteira das mortaldas, e continuou a falar sem desviar os olhos para o estagiário.

- A Barbinha nunca poderá entender muito bem isto, Joaquim, porque há coisas que estão poupadas às mulheres. Ela ia à escola, íamos os dois, e ela era a mais bonita. Tinha todos os moços à sua roda, as moças gostavam de lhe fazer trancinhas no cabelo, nunca sentiu o que eu senti por causa de ser filho do feitor.

O nosso pai, disse Bárbara docemente, encostada ao parapeito da janela. O nosso pai era feitor da Herdade dos Alvarães, onde depois fizeram a Cooperativa Força da Unidade. Espiava pelo canto do olho as movimentações do irmão, que agora enrolava o charro e lhe colava a ponta com cuspo. Não lhe pôs filtro. O candeeiro tinha um quebra-luz azul, de vidro, e da noite chegavam cantos de grilos ao silêncio da sala.

- Eu era moço, comigo foi diferente. Eu era o filho feitor, Joaquim, se calhar tu não entendes. Os filhos dos trabalhadores não gostavam de mim porque o meu pai era um lacaio dos agrários. Os filhos dos agrários não gostavam de mim porque o meu pai era um trabalhador. Tu sabes lá como se vivia no Alentejo, dantes, Joaquim. A gente aprendia logo na escola que o mundo estava dividido em duas partes. Mas eu não pertencia a parte nenhuma.

Passou-lhe o charro, despenteou os caracóis, e deitou-se de costas com as mãos cruzadas debaixo da cabeça. Bárbara Emília mantinha-se imóvel contra o luar na janela.

- Não tive nunca amigos, levei sempre porrada dos dois lados, foi assim, pronto. Quando me apanhei estudando em Évora só queria aprender judo e andar pelas tascas até ficar caindo de bêbedo. Levei anos até conseguir ter uma relação normal com as pessoas. As moças chamavam-me o Bicho do Mato. Eu estava sempre à defesa, entendes? Ainda hoje tenho muitas reacções que depois percebo que me ficaram desse tempo. Mas pronto, eu estava em Évora, ninguém me conhecia pela primeira vez na minha vida sentia-me livre. O meu pai não. Também não tinha amigos, nem de um lado nem de outro. Não tinha lado, que era o que podia acontecer de pior a um homem.

Voavam borboletas da noite à volta do candeeiro, e Luciano dizia que talvez a culpa de certa forma tivesse sido sua. A nossa mãe morreu, explicava Bárbara, e poucos meses depois foi o 25 de Abril. Eu nunca me meti em nada, mas o Luciano deitou-se ao barulho de cabeça. Passavam os dois o tempo brigando.

- As pessoas com quem eu me dava, Joaquim, eram todas as que estavam contra o meu pai. Eram as que lhe queriam ocupar as terras, nessa altura já o Alvarães tinha abalado para Lisboa, aqui dizia-se que ele ia para o Brasil mas na realidade nunca chegou a apanhar o avião. Assim que a agrária começou dando para o torto já ele se estava apresentando no governo civil de Beja, reclamando o que era seu de volta. Um filho da mãe qualquer, e o nosso pai é que pagou por ele, entendes? O nosso pai é que cá ficou. E eu vendo que ele não tinha razão, eu do lado dos outros, é verdade o que diz a Barbinha. Cada vez que cá vinha era só para brigarmos. Até que houve um domingo de manhã em que o vi sair dizendo que ia para a caça, e afinal foi-se enforcar. Não me doeu, a sério. Fez o que tinha a fazer. Entendeu que não havia aqui lugar para ele.

- Ó Luciano. Isso não se diz.

- Eu sei, mana.

Saíram em silêncio, nas traseiras rosnou de leve o que devia ser um dos podengos. A lua enchia o meio do céu. Ninguém voltou a falar até à Rua da Restauração, e Bárbara despediu-se com um lacónico então estamos combinados em intenção do estagiário. Joaquim Peixoto preferiu não fazer outras perguntas enquanto o motor do velho *Volkswagen* sobressaltava a estrada deserta, e Luciano parecia também não ter mais nada a dizer. Virou à direita num desvio onde a seta indicava Santa Margarida, e rolou ainda uns oito quilómetros pelo caminho de macadame até parar diante de um barracão com

luz vermelha à porta. As letras tinham sido pintadas a *spray* na parede: *John Player*.

- Vamos, Joaquim? Olha que eu já te disse que não vejo muito bem como é que isto pode interessar para a tua reportagem.

Levantara-se vento, a remexer as ervas altas da berma. Diante do barracão estavam carros parados em desordem, numerosos. O porteiro mediu-os de alto a baixo antes de se afastar para os deixar transpor a entrada, com o palito preso no canto esquerdo da boca. Havia um biombo de madeira a isolar a sala, onde a pista de dança fora construída ao centro e as mesas formavam uma circunferência à sua volta. O balcão estreito, coabitava com o cubículo do *disk-jockey*. A música nunca se afastava do som disco, dançavam pares abraçados como se fosse modinhas. Não me ajeito nestas danças modernas, arfou uma voz rouca mesmo por trás deles. Pediram duas cervejas. Joaquim Peixoto notou que as raparigas eram na sua maioria muito novas, mais novas que a filha de Bernardo Formosinho Rosado brutalmente envolvida num estranho assassinio. Só duas ou três mulheres de rosto coberto de creme contrastavam com elas pelos sulcos profundos das rugas, os corpos disformes. Quase todos os homens eram gordos, alguns estavam de boné. Luciano ia-lhe declinando a identidade de presidentes de juntas de freguesia, membros das equipas de futebol, gente conhecida. Nas mesas mais afastadas da pista sentavam-se os grupos jovens, sérios, despenteados. Nenhuma rapariga estava com eles.

- Aqueles não dançam?

- Não têm dinheiro, sabes.

Com cada garrafa chegada às mesas, as mulheres enfiavam fichas redondas, como as dos carrinhos de choque, no vinco dos decotes. Tinham mãos sapudas pousadas na cintura, nos ombros. O irmão de Bárbara Emília e o estagiário da revista *Actualidades* esvaziaram a primeira cerveja com lentidão, silenciosos. Nessa altura levantou-se um dos grupos das mesas mais afastadas, e cinco rapazes entraram na pista, dançando sozinhos já que nenhuma mulher se juntara a eles. A música baixou imediatamente, até quase não se ouvir.

- Não podem pagar. Não podem ter mulheres, portanto não podem dançar. Entendes, Joaquim? Eu disse-te, a malta nova não se safa. Nem aqui se safa.

Os rapazes voltavam ao lugar encolhendo os ombros uns para os outros. Não há nada a fazer, Joaquim. O estagiário puxou o amigo pelo braço.

- Vamos embora.

Saíram de mãos nos bolsos, e alguém lhes furara um peno. O de trás, do lado esquerdo. Filhos da mãe, rosnava Luciano de volta do macaco, que era uma peça desirmanada oriunda de qualquer outro carro, requerendo o mais

paciente dos engenhos para chegar a levantar o *Volkswagen*. Joaquim Peixoto tinha óleo nos dedos, um joelho esfolado no atabalhoamento das manobras. O sobresselente estava com pouca pressão. Algures no escuro, ao abrigo das paredes altas do barracão, soavam murmúrios, risos. Filhos da mãe. Luciano limpava as mãos ao pano que trazia sempre debaixo do *tablier*, não têm mais nada com que se entreter, entendes? Quando finalmente arrancaram ainda sentiram as pedras que caíram junto ao guarda-lamas. Voltaram para Beja em silêncio. À porta da Residencial Seara, Luciano Frutuoso disse que havia de passar por Lisboa no início de Setembro, quando acompanhasse a mana à Festa do Avante! Deixa-me a tua morada, que a gente depois vai-te visitar. O estagiário estendeu-lhe um papel garatujado, apertaram a mão com alguma solenidade, e quando o filho do feitor da Herdade dos Alvarães desapareceu ao fundo da rua com o seu motor consumido estava uma luz acesa no terceiro andar. Sebastião Curto não ficara com a loura da loja de doces.

- Caraças, Quim. Eu morria se não soubesse como correu a operação.

Estava sentado na cama a fumar com o lençol puxado até à cintura. Joaquim Peixoto reparou que já quase todos os pêlos que lhe semeavam o peito se tinham tornado cinzentos, e resmungou que não houvera nada. Desapertou a camisa, molhou a cara com água fria, e bruscamente sentiu-se exausto.

- Nada? Mas nada como?

- Eh pá, Sebastião, vamos dormir. Amanhã tenho que me levantar de madrugada. Ela prometeu levar-me ao sítio onde trancaram a outra histórica.

- Ah, falaste-lhe ao sentimento, foi? Então nem tudo está Perdido.

- Está tudo completamente perdido, murmurou o estagiário, e a cama pareceu-lhe macia de mais para o calor abafado daquela última noite em Beja. Amanhã vou lá com ela, mas garanto-te que já não penso mais no assunto. Sebastião Curto ria-se para ele enquanto apagava o cigarro, e com o rosto assim iluminado tinha as olheiras muito fundas. Vais pensar, vais. Eu bem vejo que não pensas noutra coisa.

- E, se queres um conselho do velho Sebastião, não te deixes ficar para último. Lembra-te sempre disto: o que nos ensinaram é mentira.

Tinha já a mão na pêra do candeeiro metalizado da mesinha de cabeceira.

- O último a rir não é o que ri melhor. É apenas o que ainda não tinha percebido a anedota.

E fechou a luz. Aquela tinha sido metida um bocado a martelo, mas mesmo assim Joaquim Peixoto achou-a genial. Adormeceu acabrunhado.

MOTE

*Para a mulher ser infeliz
Basta-lhe só ser mulher
Sempre nas línguas do mundo
Esteja a onde estiver*

VOLTAS

*Se vai à dança é devassa
Se não vai é orgulhosa
Se quer ser religiosa
Dizem que é beata falsa
Para a rua sai descalça
É bandulho porque quer
Faça ela o que fizer
Passe por onde passar
E para o mundo falar
Basta-lhe só ser mulher*

*Se está em casa é senhora
Dizem que é rival sem renda
Se trabalha na fazenda
É tida como impostora
Não tem a triste uma hora
Que a desgraça a não espere
Faça ela o que fizer
Em favor do seu bom porte
Falam dela até à morte
Esteja ela a onde estiver*

*(décimas de Francisco Gato dos Santos, natural de Santo Aleixo da Restauração,
de 70 anos de idade, serralheiro reformado)*

Sebastião Curto acordou com o barulho da água a correr, e gritou-lhe que queria voltar para Lisboa logo a seguir ao almoço sem sequer tirar a cabeça de debaixo do lençol. Assim ainda tenho tempo de ir liquidar um expediente antes da hora do recolher obrigatório. Ah ah ah.

- Ela disse-te que era num largo, o café? Se lá estiverem cinco estátuas não perguntes aos Alentejanos o que é que são, que eles dizem-te logo que são as quatro estações do ano, fé, esperança, e caridade. Sinto-me esta manhã particularmente corrosivo. Enfim. Vem, morfeu, que é de madrugada.

Voltou a acomodar-se, e quando Joaquim Peixoto fechou a porta do quarto recomeçara já a rressonar. A manhã estava muito limpa, sem qualquer vestígio de neblina mas cheia de uma frescura que a curva do sol não ia deixar durar muito. Havia uma actividade transbordante de pardais sobre os telhados de Beja, e as ruas banhavam ainda na paz adormecida das horas onde a luz começou a romper. O estagiário tomou urna bica no primeiro café que encontrou aberto, excessivamente agoniado pelo sono para ser capaz de pensar em mastigar e engolir. Tirou o maço de tabaco do bolso, hesitou, e voltou a guardá-lo. Sentia os olhos quentes. Desceu obedientemente as ruas que conduziam ao bairro dos alemães, fronteiro à Quinta das Águias, com cães estremunhados e uma carroça de ciganos avançando devagar em direcção ao castelo. Na estrada para o Algarve cruzou-se com dois ou três automóveis, um deles abrandou estranhando aquela solitária deambulação matinal. A paragem da camioneta estava deserta, várias centenas de metros depois de deixada para trava última construção. Havia perto um riacho, debaixo de quaisquer tufo de ervas verdes. Só se lhe ouvia o som do correr muito manso da água. Foi quando o motor a *diesel* começou a soar ainda antes do lance de curvas que o estagiário se sentiu de repente assaltado pela dúvida: e se Bárbara Emília tivesse querido, pura e simplesmente, cobri-lo de ridículo? Não era Ana Mafalda, agora a mergulhar no sono depois de uma noite inteira de festa, useira e vezeira nesse tipo de operações? Não seriam elas apanágio de todas as mulheres? Sejamos realistas. É impossível que exista mesmo uma aldeia chamada Cabeça Gorda.

- Um bilhete para a Cabeça Gorda, por favor.

Pediu-o com uma sensível insegurança a embargar-lhe a voz, mas o cobrador não pareceu achar estranho. Distribui-lhe sem mais perguntas o rectângulozinho de papel cor-de-rosa, e acenou afirmativamente com a cabeça

quando o estagiário lhe pediu que o avisasse assim que chegassem ao destino. Não sou da região, sabe. Fiquei de ir lá ter com uns amigos meus que conheci em Lisboa. O outro, calvo e de bigodes fartos, ouviu-lhe em silêncio as explicações atabalhoadas, e foi-se sentar de novo no banco junto à porta. A camioneta levava oito passageiros, todos eles sonolentos à exceção da mulher de olhos escuros que se acomodara mesmo atrás do motorista e desfiava em sua intenção o longo rol das doenças que lhe afligiam familiares e amigos. Entre as duas filas de bancos seguiam sacas de qualquer coisa de superfície arredondada, batatas, tomates, maçãs, ou então laranjas. A velha telefonia aplicada junto ao volante ia ligada, mas as interferências sobrepunham-se impiedosamente ao discurso entusiástico do locutor. O estagiário encostou a cabeça ao vidro da janela, e talvez tivesse chegado a passar pelo sono. Mas a distância era curta.

- Olhe, o senhor que queria descer na Cabeça Gorda, se faz favor. É aqui.

O Café Paraíso foi fácil de encontrar. Havia realmente um largo com árvores em linha, freixos. E uma construção por trás, recente, ou reconstruída, pintada em tom de camurça com a porta em alumínio, protegida à frente por tiras coloridas de plástico afastando as moscas. Dentro as mesas eram redondas, brancas, rodeadas por cadeiras cor de laranja. Distribuíam-se em quatro de um lado da entrada e cinco do outro numa sala em corredor onde a televisão e a arca dos gelados tinham sido arrumadas frente a frente, encostadas às paredes terminais. Duas máquinas de *Asteroids* piscavam contra a janela, havia serradura no chão e um gato que se escapulia em silêncio rasando os pés dos móveis, com a cauda amarela muito levantada. Junto aos vidros tinha sido instalado um poleiro alto, de ferro, e por cima corria freneticamente o papagaio verde que povoava todo o estabelecimento de gritos ininteligíveis. Quatro homens bebiam bicas de saco, bagaços, uma laranjada em garrafa castanha. O proprietário vestia camisa aos quadrados, e estava a limpar o balcão com um pano de onde o uso fizera sumir a cor. Todos se detiveram a olhar para o forasteiro magro, macilento, que atravessou o largo a partir da paragem da camioneta e entrou sem parecer muito seguro de si próprio. Joaquim Peixoto sentou-se no ângulo que lhe pareceu mais propício à vigilância do movimento na rua empedrada subindo para o corpo da aldeia.

- Bom-dia. Queria um café duplo, e tem sandes de quê?

Escolheu de paio, e teve depois que esperar uns minutos largos, mas valia a pena. Eram fatias de pão espesso, com a côdea estaladiça, entalando contra a manteiga espalhada dos dois lados três fatias gordas realmente saborosas. O café veio acompanhado de um açucareiro em porcelana branca com bolas em relevo, e o estagiário sentiu-se de repente menos infeliz. Chegou a desejar,

enquanto mastigava com aplicação e os outros se desinteressavam já da sua presença, que Bárbara Emília não lhe aparecesse. Seria essa a sua forma de gozar com ele, deixá-lo plantado a manhã inteira no café de uma aldeola onde havia um papagaio aos gritos, depois de o ter obrigado à madrugada de forma insensata. Mas olha que eu não me importava nada, minha linda. Estou aqui tão bem, tão sossegado. O sol ia crescendo na sua direcção, alimentava-lhe ainda mais o torpor, de qualquer forma dispunha de elementos sem dúvida suficientes para despachar uma reportagem. E que de perversidade debaixo dos malmequeres, Alberto Contreiras, nem tu sonhas. O que eu levo para contar aos leitores, chefe. Quanta mensagem. Acendeu por fim o seu primeiro cigarro do dia, e foi nessa altura que se recortou por trás dos freixos um vulto ondulatório que era quase certo pertencer à dactilógrafa do Centro de Saúde da Cuba.

- Olhe, se faz favor, quanto é isto?

Achou mais prudente não perder tempo a pedir facturas, e ficou a demorar a arrumação das moedinhas do troco no porta-moedas enquanto espiava a figura que se ia definindo no largo, agora passava em frente das janelas do café e era mesmo ela. Com calças brancas e óculos escuros, o cabelo todo puxado para trás. Quando Joaquim Peixoto afastou as franjas de plástico e sentiu o calor que já começava a pesarsobre a rua, ia a chegar ao fundo do largo, de onde partiam três estradas muito compridas, estreitas, com casas dos lados e quase todas térreas. Não olhara para trás uma única vez, nem sequer para os lados. Caminhava calmamente, uma mão no bolso e a outra segurando a carteira, como quem vai à sua vida na rotina de cada manhã. És muito forte, grande parva. És muito mais forte do que eu. O estagiário começara a seguir-lhe o percurso, e por muito que não quisesse sentia humedecerem-se-lhe as palmas das mãos, alguma coisa se lhe apertava na garganta contra toda a lógica. O ar que se respirava era quente, cheio de pó. Com o andar das horas tinha começado a desaguar no exterior cães e crianças, cacarejo de galinhas do lado de dentro dos portões. Bárbara Emília tomou uma rua de terra batida, depois de atravessadas duas longas artérias com toda a aparência de serem o que de mais desenvolvido a aldeia possuía, e foi-a percorrendo até as casas se começarem a tornar raras, à direita estavam três porcos pretos presos dentro de uma cerca. Um carreiro contornava-a para se ir embrenhar entre os sobreiros, cheio de curvas e bifurcações que trilhavam o restolho, Grasnaram corvos à distância. Bárbara quase desaparecia nas irregularidades do piso, mas ele não ousava aproximar-se. O que devia ser o tal tanque coberto pela latada ficou à vista cá muito de trás, uma mancha escura cada vez mais precisa nos seus contornos. O muro era baixo, fácil de saltar. Ela fê-lo com impressionante agilidade, e ficou à

espera com os dois pés metidos dentro de água, os sapatos bem arrumados contra as pedras. Suava.

- Bom-dia, mocinho. Fizeste boa viagem?

Arregaçara as calças brancas, e repetia aquele gesto diabólico de levantar os cabelos para arejar o pescoço. Sebastião Curto seria capaz de jurar que tudo ali não era mais que uma típica cilada feminina, mas ela dava-lhe conta das suas últimas movimentações com desarmante seriedade.

- Telefonei à Mitó quase duas horas depois de vocês terem abalado. Divertiram-se muito no John Player? Só mesmo o Luciano é que te levava a um sítio desses. Bem, eu telefonei-lhe e ela ainda andava acordada, está bom de ver. Diz que lhe custa muito a dormir, já dantes lhe custava e agora ainda é pior. Tem sonhos, entendes? Mal adormece começa sonhando com o emplastro, acorda numa aflição, até já ganhou medo ao sono. Depois também se arreceia do escuro, diz que começa vendo a cara dele espreitando dos cantos, sei lá. Tontices. Ali com a luz acesa, o tempo inteiro lendo, é assim que passa as noites. Enfim, contei-lhe tudo e ela ficou muito entusiasmada. Disse que vinha cá ter connosco, na bicicleta, logo que as duas mulherzinhas abalassem para a horta. Têm uma horta muito grande do outro lado da casa, com feijão, ervilha, fava, nabo, cenoura, uma coisa jeitosa. E o jardim delas, coitadas. Ali se entretém.

A perturbação do estagiário, exausto, vermelho, e sobretudo incapaz de lhe responder com serenidade, parecia passar-lhe completamente despercebida. Quero lá saber da tua sobrinha, gemia para si próprio Joaquim Peixoto molhando a cara com a água verde do tanque, cheia de musgos e girinos. E quero lá saber da senhora que foi ama de leite da tua irmã, e mais a filha dela, e da porcaria da horta, que lhes faça bom proveito. Bárbara Emília acendera um cigarro, ela já não deve demorar muito.

Havia zumbidos de vespas, outra vez o odor penetrante das estevas. A latada pendia para fora dos suportes, chegando quase a formar uma cortina do lado da elevação de tem onde se encostava o tanque. Uma sardanisca, com dois a dês riscos alaranjados correndo-lhe ao nível das patas dói dos do dorso, escapuliu-se rente ao cimento. Nem uma aragem agitava as espigas que cresciam ao acaso, daninhas, entre os torrões.

- Aqui há uns anos, sabes, ainda isto era tudo da agrária. E estava cultivado, nessa altura. Lá mais para baixo trouxeram as escavadoras para abrir um chavanco que deu muita água, até meteram pés de tabaco num talhão assim grande.

Diz qualquer coisa, estúpido, gritava para si próprio Joaquim Peixoto atormentado pelos insectos.

- Ai foi?

Foi, disse ela, e prendera uma azeda no canto dos lábios.

- Eu lembro-me bem, o Bernardo nesses tempos parecia outro homem. Era tudo diferente, chegava até a trazer a Mitó quando vinha para os campos. Ia a muitas partes, entendes, dar orientações, indicar as coisas, ele é que deu a ideia de abrir esse chavanco. Houve um domingo em que a Mitó passou mesmo à porta da minha casa montada na escavadora, rindo muito, de lenço ao pescoço e com um chapéu à maneira das ceifeiras na cabeça. Nunca me há-de esquecer essa imagem. O Bernardo ia guiando. Mas já foi há muito tempo

O carreiro de formigas que explorava a aresta esquerda, corroída, do tanque, acabava de descobrir a perna do estagiário. Ele esmagava-as uma a uma com os dedos, tentando não entrar qualquer agitação inevitavelmente ridícula. Nenhum insecto, voador ou rastejante, parecia ousar incomodar Bárbara Emília, encostada de olhos fechados à armação da latada.

- E depois?

- Então, depois foi quando começaram as entregas, essas coisas. Bem, eu não tenho nada a ver com o caso. Graças a Deus sou dactilógrafa, não é?

Agora havia também uma abelha a apertar os círculos à sua volta.

- Era alguma vergonha seres ceifeira?

Ceifeira que andas à calma, à calma ceifando o trigo, cantarolou ela como se nenhuma provocação pudesse chegar ao seu trono campestre de rainha, do alto de um tanque contra uma latada. Ceifa as penas da minha alma, ceifa-as e leva-as contigo. Atirou-lhe duas uvas, ainda verdes e duras, sem se dar sequer ao trabalho de abrir os olhos. Conseguira inclinar-se na única posição em que o sol lhe batia no rosto mas todo o seu corpo se mantinha à sombra.

- Mesmo que não fosse uma vergonha era um galo, mocinho. Porque quando a agrária começou dando para o torto, os latifundiários voltando, outros vindos sabe-se lá de onde para também arrebanharem umas terras, quando começaram aparecendo essas leis para recompor tudo ao jeito do que estava antes, as primeiras a ficar no desemprego foram as mulheres. São sempre as mulheres que pagam à cabeça, só que estas já quase se estavam esquecendo disso. Toda a gente fala muito dos desempregados da reforma agrária, mas se tu fores a ver é quase tudo mulheres. É assim, pronto. Quando o mal chegar às dactilógrafas cá me hei-de queixar também.

- Ontem à noite, em casa dos teus pais, não parecias tão entusiasmada como isso na defesa da reforma agrária.

És mesmo parvo, murmurou ela com soberana indiferença. O estagiário saltou para o chão, incapaz de resistir por mais tempo à investida das formigas. Os girinos pareciam dormir dentro da água morna, virados de boca aberta contra o limo que crescia pelas paredes do tanque. Não estou defendendo coisa nenhuma, dizia Bárbara Emília recostada na sombra.

- Eu não sou dessa guerra, mocinho. Mas as coisas são como são. O que eu digo é verdade para umas quantas de herdades que foram entregues aos antigos donos e depois ficaram ao abandono, as pessoas sem trabalho e a terra dando mato. Pronto, isto é verdade. Muitas outras coisas são verdade, até é certo que o nosso pai preferiu ir-se enforcar, não é? Mas agora é disto que a gente está falando. Estou que há uma lei que não os deixa terem as terras mais que três anos sem cultivo, só que basta porem-lhe lá três pés de couve que)a vale como cultivo. Vai-se por aí fora e são barragens sem aproveitamento, chavancos secando ao sol, até cortam os ramos de cima aos sobreiros para lhes poderem tirar mais cortiça... Mas ao que se corta nunca mais se há-de ir buscar cortiça, é ou não é?

- O Bernardo é que te explica essas coisas?

- Não sei se já reparaste que eu não estou sempre de olhos fechados, como agora, mocinho. Às vezes trago-os abertos, e vejo as coisas, entendes? Além disso não sei que uso fazes da tua cabeça, mas eu gosto de usar a minha em mais coisas além do enxerto para o cabelo. Queres que eu te ensine um jogo chamado pensar?

- Pronto, não te zangues.

- Eu nunca me zango. Mas detesto falar com gente parva.

- Bárbara, vá lá. Estou-te a pedir desculpa.

- Pede outra vez.

- Desculpa.

- Pede por favor.

- Desculpa por favor. Estavas a dizer que até cortam os ramos aos sobreiros.

Ela sorria, triunfante. Joaquim Peixoto sentia o suor empapar-lhe a roupa.

- Pois cortam. O meu mano tem razão quando diz que estão sugando a terra. Qualquer dia ela não há-de dar nada, e só se vão safar os que já estão abalando. Os que teimarem em querer ficar aqui batalhando pelas coisas hão-de ter um lindo enterro. Como o Bernardo, lá está. Olha, o ano passado, mais ou menos pela altura em que a Mitó conheceu o emplastro alemão, o Bernardo escreveu bem uma meia dúzia de cartas para a Assembleia da República, pedindo aos deputados que viessem cá ver o estado das coisas nas herdades abandonadas. Cuidas que eles que vieram?

Ele passara nessa tarde rente às grades que fechavam o muro da escola secundária, Mitó escondera-se no barranco com Mila e Tomás, Hugo trouxera o charro. Fumavam em silêncio quando os três alemães apareceram a descer em sentido contrário, ele parou e começou a rir-se apontando aos outros naquela direcção. Lá está a miúda que me pediu para dormir com ela, devia contar-lhes com o mais profundo dos desprezos pela adolescente escanzelada que se escondia atrás dos óculos escuros, espelhados. Olha o teu alemanito, Mitó, gritava Mila, e ela fizera-se muito pálida sem conseguir desprender os olhos dos homens parados do outro lado da rua. Em Baleizão Bernardo enfiava uma vez mais o papel na máquina, ex.º sr. presidente da Assembleia da República, ex.os srs deputados. Helmut piscava-lhe o olho, diabólico, trocista. Já recomeçava a descer a rua conversando com os outros, ela tentava não deixar tremer as mãos, e no primeiro andar do Centro de Trabalho da terra de Catarina Bernardo Formosinho Rosado pedia pela primeira vez aos deputados que viessem. Venham cá visitar as herdades abandonadas depois das desocupações.

- Eles responderam-lhe ao fim de não sei quanto tempo, que então que ele escrevesse outra vez marcando um dia para a visita. O Bernardo respondeu logo na volta do correio, marcando para daí a mais de um mês, não fossem eles depois dizer que não podiam ir por ter sido combinado muito em cima da hora.

Eles vêm cá, verão como vêm, dissera Bernardo aos homens que já não sabiam se não seria melhor partir quanto antes, eu ainda tenho família na Baixa da Banheira, eu ia montar um restaurante à sociedade com o meu cunhado que vive no Feijó. Agora parece que já não deixam ninguém abalar para França. Ele tinha voltado a aparecer de fora do muro do liceu, sempre do outro lado da rua. Mitó todos os dias se escondia agora no barranco ao fundo dos campos de futebol, sempre à mesma hora, por duas ou três vezes ele passou na descida e de uma delas vinha sozinho. Não falava nunca, parava por segundos a desfazê-la de alto a baixo no seu olhar muito azul, carregado de troça. Mitó sentava-se a esperar-lhe a presença, Bernardo esperava a resposta da Assembleia da República. Chegou uma carta a dizer que era necessária a indicação explícita das herdades de que constaria a visita, Bernardo convocou uma reunião para essa noite. Vamos estabelecer um programa que lhes mostre bem ao que isto chegou, amigos. Foi quanto Mila bateu numa enorme excitação à porta da casa na Rua dos Pintores, segredando à tuna mais nova do dirigente do Centro de Trabalho de Baleizão que o alemanito acabava de entrar no Toupeira.

- Anda comigo, moça, não sejas parva. O Tomás e o Hugo já lá estão, e olha que lhe querem fazer o cerco, ouviste? Sempre naquela de ver se arranjam mais clientes para o material.

- Mas eu não posso ir. O meu pai mata-me se sabe.

Mila fora ter com Maria de Fátima à cozinha, a Mitó pode chegar só num instantinho ali a minha casa, tia? A gente não se demora, é para eu lhe mostrar uns vestidos. Maria de Fátima resmungava não gosto nada que tu saias quando o teu pai não está cá, tinha a telefonia ligada em onda média por cima do lava-loiças. Secou as mãos ao avental, ficou parada a olhar para a filha, Mitó sentia as pernas fracas e uma ansiedade tonta a formigar-lhe pela espinha. Deixa-a lá, tia. mil vão, mas tu não demoras, ouviste? Ai de ti se me apareceres já depois de o teu pai ter voltado da reunião. Vais ver a surra que ele te chega. Saíram para a humidade da noite, Mitó sobressaltava-se a cada vulto que as cruzava contra a cal muito branca das esquinas. Empresta-me o teu casaco, Mila, para ver se não percebem que sou eu. Mitó tremia quando entraram na cave fumacenta do Toupeira, ai se está cá alguém que me vê e vai dizer aos meus pais. Ai moços. Ai os granitos. Tenho tanto medo, e agora o que é que eu faço quando o alemanito olhar para mim?

- Quando elas entraram já o Tomás e o Hugo se tinham chegado à mesa dos alemães, entendes? São danados, aqueles dois, até conseguiam vender ao diabo essa porcaria que vocês andam sempre fumando. Eles é que a vendem ao Luciano, também. Fazem oitos com pernas de nove, estou-te dizendo. Chamaram as mocinhas para ao pé deles, e foi a partir dessa noite que a Mitó se começou a encontrar com o Helmut. Estava escrito, o que é que queres? Como foi que disseste ontem?

- O que tem que ser tem muita força.

- Isso. A partir daí quase todos os dias saíam em grupo, a Mitó nem sempre, que os pais não a deixavam. Tinha que andar inventando mentiras umas atrás das outras para poder ir ter com os amiguinhos. Olha, uma tontice. Uma coisa mesmo sem jeito, só podia dar no que deu. Parece que logo naquele dia apanharam ali uma pedrada tal que a Mitó teve que ser levada em braços até à porta de casa. Foi um drama.

Ele nem olhara para ela, conversava animadamente com Hugo e ainda chegara a dirigir a Mila dois ou três gracejos. Tão bonito, ai moças. Tão bonito. Mitó fumava com desespero, eu sabia que não devia ter vindo. Ele não gosta de mim, nem podia gostar, como é que podia. Helmut ria e brilhava-lhe muito o azul dos olhos, nos braços tinha pêlos loiros, suaves, Mitó fumava. E agora quando eu chegar a casa o que é que me vão dizer. Foi só à saída, quando Mila a abraçava pela cintura para a reconduzir à Rua dos Pintores, compondo já mentalmente a história qualquer de copinhos a mais que ia ser preciso contar a Maria de Fátima, foi quando Tomás e Hugo destravavam as motos que ele lhe pôs a mão no ombro e a olhou de frente. Estava estranhamente perto, e não sorria.

- Adeus, princesa.

- *Auf wiedersehen, Prinzessin*, estás completamente perdida. O *Escort* vermelho arrancou chiando com os pneus, Bernardo vinha a chegar a casa quando a filha lhe apareceu ao fundo da rua amparada pela amiga. Descera nevoeiro sobre a noite em Baleizão.

- A Mila ainda tentou enfiar-lhe uma aldrabice qualquer, que nisso aquela moça tem mais descaramento que eu sei lá. Ela não tem problemas, entendes, vive com a avó porque os pais estão os dois na Alemanha. O Bernardo diz que a enxotou mesmo com maus modos, e a Mitó não se livrou de uma surra. Era sempre assim. Depois esteve quinze dias sem receber a semanada.

Passaram ainda outros quinze dias antes de retornar a Baleizão a nova carta da Assembleia da República: agora era preciso que lhes fizessem saber o nome dos proprietários das herdades cuja lista lhes fizera chegar, e das quais era ainda necessária a indicação dos exactos azimutes. Bernardo Formosinho Rosado elaborou a resposta sem ajuda, em duas longas enumerações pacientemente batidas à máquina no primeiro andar do Centro de Trabalho. Chovia. Maria Vitória voltava de Beja em sobressalto, um alemão de cabelos loiros atravessando-lhe os dias. Bernardo enviou todas as informações pedidas para Lisboa, e uma nova carta, já passada a data inicialmente marcada para a viagem dos deputados ao abandono do Alentejo, mandou dizer que aquele programa lhes Parecia excessivo. Mitó chorava, fechada no quarto. Bernardo era convidado a seleccionar quatro entre todas as herdades inicialmente referenciadas. Mitó sentava-se num canto m dizer nada, podia passar assim horas e horas. Que desgostos nos dás, minha filha, parece que endoideceste. Maria de Fátima suspirava, Bernardo seleccionou quatro herdades.

- Com isto tinha passado tanto tempo que a Assembleia fechou, estou que foi para férias. Os deputados nunca cá vieram. É tudo assim, mocinho. Em Lisboa ninguém quer saber de nada do que existe aqui no Alentejo.

Joaquim Peixoto afastava as moscas em gestos cada vez mais exasperados. Ela descerrara finalmente as pálpebras. Ousou uma aproximação.

- Como é que podes dizer uma coisa dessas, Bárbara Emília? Eu, cada vez que vejo esses teus olhos castanhos...

São toda a minha doidice, trauteou ela a rir, agitando água verde com a ponta dos pés descalços. O teu jeito agrada ao meu, gosto de ti já te disse. Apoiou-se no cotovelo para olhar ao longe, endireitou o busto, depois sacudi os cabelos.

- Vem aí a Mitó.

Era impossível que não estivesse a fazer de propósito. Levantara-se, as duas mãos sobre os olhos para centrar a vista num ponto escuro ainda ao longe,

e o sol debruava-lhe toda a curva dos contornos numa exuberância pelo menos irritante. Continuava a cantar entre dentes aquelas músicas preguiçosas, ó tia Maria, ó tia Rosaria, no caminho que conduzia ao tanque ia-se definindo, montada na bicicleta, a figura da filha de Bernardo Formosinho Rosado, de quem se tinha dito que amarrara a cabeça de um alemão à saída do tubo de escape. O braço que vem do fundo dos séculos, postulava Alberto Contreiras. A perversidade que dorme sob os malmequeres. Cá no Alentejo, ai ai ai, cantava Bárbara Emília, a reforma agrária, e depois repetia num tom mais agudo que devia corresponder à segunda voz quando aquilo se entoasse em coro. A reforma agrária já não volta atrás, que a reacção ai ai ai *no é* capaz. Era mesmo muito magra, a miúda de Baleizão. Tinha agora o cabelo mais comprido do que nas fotografias, mas baço, sem graça, pendendo-lhe para os ombros em ondulações infelizes. Não *no é* capaz, cantava Bárbara Emília era de propósito para o irritar, temos a razão. Mitó encostava a bicicleta ao outro lado do tanque, temos a vitória ai ai da revolução. Aproximou-se devagar, escondida pelo espelho dos óculos escuros. Devia estar a medi-lo com atenção, a tia cantava da revolução cada vez mais forte, temos a vitória, agora ela esboçava um vago sorriso, ai ai ai das forças do Norte. Essa canção nunca mais acaba, Bárbara Emília? Já acabou, mocinho. Olá, Maria Vitória.

- Olá, Barbinha. Desculpem a demora, mas então. Aquelas duas hoje nunca mais abalavam para a horta. Parece que estavam adivinhando que havia visitas.

Era bonita, a tal voz muito grave com que a miúda da escola secundária interpelara Helmut numa certa festa de anos a decorrer no Restaurante o Chouriço. Bárbara apresentou-lhe o estagiário com palavras rápidas, eficientes. Mitó voltou a sorrir-lhe sem tirar os óculos, e sentou-se de pernas cruzadas com o queixo apoiado nas mãos, toda ela ossos.

- Diz lá o que é que querias saber.

Joaquim Peixoto nunca esperara que a conversa começasse daquela forma. Engasgou-se, gaguejou, e Bárbara teve de vir em seu socorro narrando pormenorizadamente a Mitó todos os passos dados pelo estagiário desde a sua chegada a Beja, três dias atrás. Ele teve a sensação de que a dactilógrafa o fazia um bocado parvo na forma de lhe descrever as movimentações da equipa de reportagem, mas achou melhor não interferir, aguardando o momento certo para colocar as suas perguntas no curso do diálogo que tia e sobrinha sustentavam debaixo da latada. Mitó viera de sandálias, com uma camisa de homem que dava um nó sobre a cintura. Sorriu mansamente para Bárbara.

- Era dele.

- É bonita. Mas não devias andar com isso. Para o esqueceres mais depressa.

- Eu não quero esquecê-lo.

Falava como que sem sentimento, sem nunca mudar de torn nem subir de volume. Não o queres esquecer, repetiu o estagiário. Mas porquê? Os óculos dela viraram-se na sua direcção.

- Eu gostava muito dele. E ainda gosto.

- No teu diário escreveste que o querias matar. Experimentara aquele avanço com o sério temor de uma entrada desastrosa, mas Maria Vitória parecia desconhecer a capacidade de indignação.

- Pois queria. É que queria mesmo, porque ele me fez muito mal, pronto. Fiquei triste quando soube que não tinha sido eu a matá-lo.

- Pensavas que tinhas sido tu?

Pensava. Sabes, eu estava com uma pedrada enorme naquela noite. Andava muito infeliz, entendes, ele só me fazia coisas horríveis, em casa gritavam comigo, era todos os dias o mesmo. Fumei muito, muito, e a gente nesse estado às vezes tem uma espécie de umas alucinações. Eu lembro-me muito mal do que aconteceu, mas quando aqueles moços de Canhestros me deixaram na esquadra estava mesmo convencida de que o Helmut tinha desmaiado quando a gente estava brigando, porque bateu com a cabeça contra qualquer coisa na porta do carro, e depois eu tinha-o arrastado para debaixo do tubo de escape, onde lhe amarrei a cabeça com o blusão. Eu gostava que a verdade tivesse sido assim, porque queria mesmo matá-lo. Para dar o exemplo.

- Não te enerves, Maria Vitória.

Não estou nervosa, Barbinha. Queria, pronto. Depois explicaram-me que afinal tinham sido os contrabandistas, e eu tive pena. Estou que desejei tanto fazer aquilo que depois me convenci de que tinha mesmo feito. Assim é que devia ter sido.

- Ó Maria Vitória. Havia de passar o resto da tua vida cheia de remorsos.

- Não passava nada, Barbinha. Ninguém pode imaginar o mal que ele me fez. Desde o primeiro dia. Eu matava-o, era bem feito. E era para dar um exemplo aos outros todos.

- És mesmo tonta, mocinha. Depois ias presa, havia de ser bonito. E a fama com que tu ficavas, é que nunca mais livravas dela. Bem, não vale a pena, já te disse isto tanta vez, não é?

Mitó voltou a olhar para Joaquim Peixoto, e quase que encolheu os ombros ao introduzir a sua nova frase.

- Eu também já estou farta de dizer à Barbinha que voou ficar com a fama à mesma. E vão-me mandar para um colégio interno, de freiras, em Espinho.

Então não era melhor estar presa? Aqui também me têm presa, e é que não vejo ninguém. Na prisão sempre haviam de estar outras mulheres.

Além disso, acrescentou baixando ainda mais a voz de contralto, além disso ao menos vivia o resto da vida com a alegria de ter feito uma coisa bem feita. Mas eu nunca hei-de fazer nada bem-feito, Barbinha. Joaquim Peixoto sentia-se completamente desorientado, esmagado pelo calor enquanto Mitó dizia, e a sorrir, que estava perfeitamente consciente de não existir para ela qualquer hipótese de uma vida feliz. Há pessoas que nascem assim, para serem infelizes. Pronto, dizia. E concluiu que o que tem que ser tem muita força, fazendo Bárbara Emília sobressaltar-se na borda do tanque. O estagiário tentou reconduzir a conversa onde lhe interessava, sem ter no entanto a certeza de que aquele fosse realmente o ângulo interessante. Alberto Contreiras devia achá-lo uma insuperável maçada.

- Tu sabias que o Helmut tinha esses envolvimento com os contrabandistas?

- Não. Mas eu não sabia de mais de metade do que ele fazia, Joaquim. Todo o tempo que andei com ele, só soube o que ele quis que eu soubesse. E olha que nunca eram coisas boas de saber.

- Mitó.

Ela não tirava os óculos.

- Se ele te fazia assim tão infeliz... se ele te fazia infeliz ao ponto de o queres matar...

- É que queria mesmo.

Joaquim Peixoto ousou a pergunta.

- Mitó, se calhar sou eu que não estou a entender bem, mas então tu não podias ter acabado com ele? Não podias ter acabado com ele assim que te fez sofrer da primeira vez, assim que percebeste que não ia nunca ser diferente? Tinhas-te libertado logo, e nada disto teria acontecido.

Mitó sacudiu a cabeça, devagar, com insistência. Eu não conseguia, murmurou.

- Eu não conseguia, pronto. Julgas que não tentei? Não, não conseguia mesmo. Por que é que estás olhando para mim desse jeito? Nunca estiveste muito apaixonado? Não sabes o que é estar-se preso a uma pessoa?

Sei, sei, articulou Joaquim Peixoto que sentia cravados nele os olhos implacáveis de Bárbara Emília Frutuoso, e nem se atrevia a encarar de frente aquela desconcertante miúda de Baleizão. Baleizão, Baleizão, terra de Catarina. Onde nasceu e morreu com uma bala assassina, uma bala que agora tomava a forma de um tubo de escape, a meio da noite na estrada que vem de Ferreira.

Mitó perguntava-lhe se ele não sabia. E a dactilógrafa do Centro de Saúde, recortada contra o sol quase a pino, esperava a sua resposta.

- Por muito que te custasse, Mitó... se ele nunca te ligou nenhuma... se nunca foi sequer capaz de te dizer que gostava de ti, ao menos isso...

Bárbara concordava, tão bom vê-la enviar-lhe aquele aceno quase cúmplice. Mitó sorria, corava muito levemente, parecia ter os olhos presos na sonolência dos girinos dentro de água.

- É que não é bem assim. Vocês não sabem, eu nem à Barbinha tinha contado isto. Quase não acreditava que fosse verdade. É que, uma vez, em Beja.

Uma vez em Beja, dizia Mitó e hesitava em prosseguir. Vestira uma camisa roubada a Helmut, Helmut tinha morrido. Na estrada que vem de Ferreira. Mas uma vez, em Beja, muito antes dessa noite. Uma vez ele tinha-lhe dito uma coisa.

- Uma vez, em Beja, a gente vinha saindo de uma festa... Quando íamos nas escadas ficou tudo às escuras... e então, dessa vez, ele disse-me que era bom estar comigo.

Nunca pensei que fosse tão bom estar contigo. Aquela frase, ao seu ouvido, na escada às escuras. Aquela frase é que a viera prender sem remédio a um amor de que só colheria amarguras e vexames, oito palavras disparadas como uma bala assassina no fundo do coração. Ó terra de Catarina Baleizão Baleizão, está fechada a volta que o Alentejo sempre rimou em círculos. A extremidade do tubo de escape também forma um círculo. Ainda antes da madrugada, na estrada que vem de Ferreira. Nunca pensei que fosse tão bom estar contigo. Milhões de vezes girou sobre si própria aquela frase inesperada de Helmut Schneider, reconstituída sem descanso nas insónias longas de Maria Vitória Joaquim Formosinho Rosado, mil vezes reencenada, dez mil vezes repetida num sussurro contra a indiferença da almofada, amarela, com flores azuis. Era Vi quem trazia de Almada os jogos coloridos de roupa de cama. Meses a fio lhe trotou a frase às voltas na cabeça, teimosa, incansável, memória por fim já estafada de uma referência que era a única. Nunca pensei, princesa. Tão bom estar contigo. Agora Mitó tinha uma frase a prendê-la, oito palavras que lhe forneciam um pretexto de esperança, fugaz mas intenso, oito palavras que a fechavam sem remédio no desgosto do seu amor ao alemão. Uma vez, uma vez ele disse-me. Em Beja, depois de uma festa, na escada às escuras. Eu não o via, ele disse-me ao ouvido. Tão bom. Contigo. Princesa. Mitó arrepiara-se de felicidade, e por aqueles segundos breves ficara agarrada a ele todo o tempo que ainda foi necessário para chegar a desejar a sua morte, e depois vivê-la em delírios alucinogêneos numa certa madrugada. Ele gosta de mim. Há-de haver outra vez, há-de voltar a dizer-me que gosta de mim. Mitó esperou ainda

sete meses e onze dias. E depois matou-o. Não, imaginou que o tinha morto. Mas tinha pena de que não fosse verdade.

- Tu andaste mesmo esparvoada, mocinha. Coisa de gaiatos. Então foste ficar à espera de mimos só porque ele uma vez te disse uma coisa, uma coisa de nada? Estava bêbedo, mulher. E drogado, como vocês andavam sempre.

- Quero lá saber. Ele disse-me. E eu sei que era verdade. Eu sei que ele gostava muito de mim.

- Pois. Viu-se.

- Ele gostava de mim, Barbinha. E eu ainda gosto dele. Hei-de gostar dele até morrer.

Estás parva, mocinha, decidia Bárbara Emília com firmeza. Mitó fechou-se num sorriso triste, e Joaquim Peixoto teve a impressão de que limpou uma lágrima com a ponta dos dedos, debaixo do vidro espelhado dos óculos. Tirou-os para os desembaciar, deixando-o entrever-lhe os olhos muito pretos, inchados, manchados de escuro a toda a volta. Tinha olheiras fundas, e as sobrancelhas formavam sobre elas dois arcos indefinidos. Tenho de me ir embora.

- Se voltam da horta e eu ainda não cheguei entram logo numa aflição, cuidando que me fui deitar a algum poço. Ai Barbinha. Não podes imaginar o que elas me chateiam, de manhã à noite, sempre de roda de mim.

Vá lá, disse a tia a abraçá-la, e então ela desfez-se em si cos. Ficaram as duas agarradas durante muito tempo, Mitó deixava correr as lágrimas sem ruído. Joaquim Peixoto não sabia para onde havia de olhar. Quando finalmente a filha de Bernardo Formosinho Rosado e de Maria de Fátima Joaquim Rosado se voltou a montar na bicicleta, procurou desesperadamente uma coisa acertada para lhe dizer na despedida Mas só conseguiu elaborar um roufenho até qualquer dia.

- E coragem, mocinha. Todos os males acabam passar.

Quando a meia-sobrinha desapareceu na poeira do caminho, Bárbara Emília pareceu de repente muito abatida. O sol despenhava-se sobre a latada, enlouquecendo as cigarras acantonadas no restolho. A dactilógrafa escondera a cara nas mãos, e o estagiário quase sentia vontade de fugir. Nada mexia, nem o vento nos cabelos dela. Os pássaros, se os houvesse, estavam imóveis nas sombras com os bicos entreabertos e as penas arrepiadas pelo calor. Bárbara Emília tinha a cara por trás das mãos, Joaquim Peixoto acabou por se aproximar e lhe tocar no ombro, muito devagarinho, já à espera de qualquer acesso de mau

humor. Mas ela recebeu a sua chegada com um suspiro, e, contra tudo o que ele poderia prever encostou-lhe a cabeça no ombro envolvendo-lhe todo o sobressalto no perfume macio dos cabelos. É tão difícil, Quim, mas tão difícil. Falava baixinho, ele sentia-lhe a respiração contra a pele, arriscou acariciar-lhe a franja lustrosa sobre a testa. É tudo tão difícil, às vezes até eu tenho ganas de me ir embora. Tenho ganas de desaparecer, ir à minha vida, nunca mais voltar a passar nesta terra. O estagiário tocava-lhe os cabelos com os dedos, quase sustinha a respiração com medo do primeiro gesto que estragasse tudo. É agora, começara Sebastião Curto a gritar-lhe ao ouvido. Não te deixes ficar para último.

- Então que é isso, miúda? Tu, que andas sempre tão bem-disposta, agora foste-te abaixo?

Ouviu-se a dizer aquilo e achou-se perdidamente infeliz, como se a representação se passasse no palco de um teatro amador de terceira categoria onde mesmo assim ele era o pior dos actores. Odiou-se, mas Bárbara Emília agradeceu-lhe a atenção com um novo suspiro, encostando-se melhor ao seu ombro. Usava uma água-de-colónia deliciosa. Ele achou-a deliciosa.

- Às vezes uma pessoa pensa que não aguenta, Quim. Eu ando sempre bem-disposta, como tu dizes, mas é porque acho que esta vida não dá para se levar se não for brincando. Se for a sério, a gente enlouquece. Ou acontece-nos como à Mitó, o que foi sempre a última coisa que eu quis que me acontecesse. Tu vês como a mocinha se encontra? Não há futuro, para ela não há futuro nenhum. Esta história ainda me dói mais por eu perceber isso. E depois lembro-me de que para mim também não há-de haver nada de bom. Então é que fico mesmo esmorecida.

- Bárbara, que loucura. Tu és uma mulher linda, inteligente, cheia de vida, como é que podes dizer uma coisa semelhante? Ainda ontem eu comentava com o teu irmão que deves ser daquelas pessoas que não sabem o que é a gente sentir-se miserável.

Cada palavra simpática que dissera a levava a anichar-se ainda mais no seu ombro, de tal forma que agora lhe poderia tranquilamente passar os braços pela cintura. Experimentou fazê-lo, muito devagar. Isso, sussurrava-lhe Sebastião Curto. Para não espantares a caça. A mulher do delegado de propaganda médica parecia demasiado absorta nas suas confidências para se aperceber da manobra.

- Ai, Quim. Eu é que me esforço por não pensar na minha vida. Não entendes que não tenho nada a que me agarre? Sou dactilógrafa, como tu dizes é melhor que ser ceifeira. Mas já viste como é que passo os dias? Escrevendo à máquina, arquivando fichas, e depois tomando conta da casa? Não há mais

nada, Quim, mais nada, só me resta ficar esperando a morte porque tudo o que havia de diferente para me acontecer já me aconteceu. Agora é sempre tudo igual, e cada vez mais feio, por causa da velhice.

- A velhice, Bárbara? Que disparate!

Tu não percebes, sussurrava ela contra a pele do pescoço do estagiário. As duas mãos de Joaquim Peixoto tinham-se tocado por trás das suas costas. Imperceptivelmente, experimentou estreitar o abraço, enquanto Bárbara Emília dizia tu não podes entender porque em Lisboa é muito diferente.

- Mas é que eu estou chegando ao fim da minha mocidade, e nunca me gozei dela. Nunca, nunca. Não sou de ligar ao que dizem as pessoas, e por isso visto-me como me apetece, falo com quem eu quero, não quis ter o apelido do Augusto, antes de me casar não perdia uma festa, mas é muito difícil. Cuidas que não vão falar de mim por ter andado aí com vocês? Eu sei que vão falar, e nem precisam de me dizer de que jeito, porque eu já o conheço. Não é a primeira vez, Quim, mas é que nem sequer é a segunda, nem a terceira. A gente aqui estamos sempre sob vigilância, e tudo o que fazemos parece mal aos outros. Só de ter ido ao baile convosco, e à barragem, e ontem ao Queen's, tu nem imaginas o que já lhes dá para cortar na casaca. Mas o pior, Quim, o pior.

O pior é que se eu nunca saísse de casa, se eu vivesse fechada, ainda assim arranjavam jeitos de dizer mal de mim, articulava ela encerrada nos braços dele, e as palavras saíam-lhe agora em tropel, já quase humedecidas por um pranto ainda contido. Está conforme, segredava Sebastião Curto que conhecia perfeitamente as mulheres. Elas fazem sempre essa parte, filhinho. Sei muito bem o que andam sempre dizendo a toda a gente causa de o Augusto estar fora muitas vezes, murmurava Bárbara Emitia com o coração a bater contra o do estagiário.

- Sei muito bem que andam sempre dizendo que uma moça como eu sozinha em casa não pode deixar de dar as suas cabeçadas. Devem-te ter dito isso, Quim, porque é o que dizem a qualquer um, parece que não têm mais nada em que pensar. Cada passo que eu der há-de estar sempre alguém espiando. E achando mal.

- Então e arriscaste-te a trazer-me aqui hoje? A levar-me a toda a parte? Porquê, Bárbara?

- Tu disseste que era muito importante para ti vires não foi? E era a história da Mitó que estava em causa, é uma coisa que me toca muito de perto. Eu queria mesmo ajudar naquilo que pudesse. Se tu voltares para a tua revista e escreveres lá como é difícil uma mocinha viver aqui, isso já é importante. Eu penso que é. Tem que chegar uma altura em que as moças que vão nascendo não passem o que nós passamos. Eu é que sei o que tenho passado, Quim. Eu é

que sei. Foi ao ponto de acabar por casar com um homem que me era indiferente só para não falarem mais de mim.

O quê, perguntava Joaquim Peixoto com Sebastião Curto a cochichar-lhe ao ouvido, guloso, que não existia nada de mais tradicional do que aquela confissão. Ela está-te a aplicar o manual todo, menino. Conheço perfeitamente as mulheres.

- Pois, Quim. Eu fui deixando passar o tempo e não me casava, não queria. Os nossos pais tinham morrido, a gente vivíamos naquela casa os dois, éramos independentes, ganhávamos a nossa vida, não tínhamos que dar contas a ninguém... Eu namoriscava, mas nunca era nada de sério. O Augusto coitado sempre de roda de mim, mas eu é que só a voz dele me enjoava. Não o podia nem ver. Sabia bem de mais como era a vida das mulheres casadas, entendes? E estava muito melhor assim. Fui-me guardando. Mas tanto disseram, tanto disseram, que eu não podia aguentar mais.

Inclinara bruscamente a cabeça para trás, de forma a poder fitá-lo a direito nos olhos. Tinha a testa enrugada no aviso de uma revelação trágica.

- Até chegaram a dizer que eu era amante do meu mano! Palavra de honra, Quim, até isso conseguiram inventar. E que a gente fazia bacanais lá em casa, que mais isto e mais aquilo, olha, sei lá. A coisa chegou a pontos que eu já não suportava. E o Augusto sempre de roda da minha porta, minha querida para aqui, minha flor para ali, até que pronto. Aceitei-lhe o namoro só para ver se calava as bocas do mundo. E era para casar logo, assim que estivesse tudo tratado. O Luciano bem me avisou, mas eu não lhe dei ouvidos. Naquela altura, só queria era ver-me livre dos falatórios. Ai, Quim. Foi o mal que eu fiz.

Ele ia-lhe fechando as mãos sobre a cintura, sentia-a respirar, via o sol filtrar-se-lhe nos olhos através da franja castanha. Joaquim Peixoto não sabia como encarar Bárbara Emília, toda abraçada nele enquanto dizia foi o mal que eu fiz. O calor reluzia-lhe na pele. Ai, Quim. Augusto possuía um passado tão limpo que até se levantavam algumas dúvidas quanto à sua masculinidade, mas assim que se apanhara com prometido com a lendária dactilógrafa do Centro de Saúde dera início a um inesperado roteiro de aventuras. Só me quis ter presa, Quim. As cigarras deliravam escaldando no restolho, ela dizia depois todas as semanas me vinham contar histórias das amiguinhas dele.

- Correu tudo quanto era gente duvidosa aí nesses arredores. Acreditas? Ele, que não tinha ainda dado um passo fora das saias da mãe, foi assim como se precisasse de uma afirmação por causa de me namorar. Nunca mais tive daquelas atenções, nem quis ir a festas comigo, acabaram-se os almoços fora, sei lá. E eu, com tudo o que já se dizia a seu respeito, também não pude romper o noivado, senão é que era o fim. Ficava aí com o nome feito até à hora da morte,

tivesse eu oitenta anos e ainda haviam de dizer que a filha do Frutuoso era uma loba que não parava no mesmo homem mais de uma semana. Pronto, Quim, casei com ele. Também não me queixo, tenho uma vida sossegada. Mas tu achas mesmo que isto é uma vida?

Tinha-lhe pousado as mãos nos ombros. Joaquim Peixoto suava, adivinhava-se estupidamente corado, deixara de sentir os insectos e ainda conseguiu articular que ele podia muito bem mandar todo aquele mundo à fava. Por que é que não vens para Lisboa, Bárbara Emília?

- Qualquer dia abalo, Quim. Palavra. Agora em Setembro, quando for com o Luciano à Festa do Avante, se calha ainda aproveito para responder lá a uns anúncios, coisas assim. Mas é que eu gosto da Cuba. Gosto muito do Alentejo. Acho que nunca me ia dar bem em Lisboa. Só que também não sei se aguento isto muito tempo.

Claro, segredava Joaquim Peixoto com os dedos a infiltrarem-lhe prudentemente os cabelos. Claro. Vem para Lisboa.

- Eu fazia-te lá companhia, Bárbara. Não te sentias sozinha. Gosto muito de ti.

- Eu também gosto de ti, Quim.

Nem teve tempo de começar a frase seguinte, que a abria com um mas. Desviou a cara, e o beijo desamparado do estagiário foi-lhe acertar de raspão ao lado da orelha esquerda.

Libertou-se dele com uma sacudidela. Deu dois passos para trás, unha os olhos muito abertos do que parecia ser verdadeira indignação. Afastou o cabelo no mesmo movimento com que se encostou à latada. E então, então sim. Desatou num pranto.

- Também tu, Quim. Também tu. Ah, meu Deus, meu Deus, também tu.

O desgosto fizera-a esquecer toda a pose, contra a armação que rodeava o tanque. Deixava os soluços sacudirem-lhe os ombros, tremia, fungava, o calor fazia-se insuportável e tudo andava à volta debaixo dos pés do estagiário. Enganaste-me, Sebastião Curto. Ou então sou eu que não presto mesmo. Nenhuma mulher me quer. Saltavam gafanhotos no rectângulo cada vez mais escasso da sombra. Também, porque é que alguém me havia de querer. Por que é que ninguém me há-de querer, soluçava ela.

- Mas eu quero-te, Bárbara Emília. Eu gosto de ti, eu gosto imenso de ti, juro-te.

Respondia-lhe com a veemência de quem já não tem nada a perder, mas a esposa de Augusto não voltaria a sorrir-lhe.

- Não, tu não gostas de mim. Tu querias divertir-te comigo, querias estar entretido, não era? Meu Deus, eu não consigo ter amigos. É horrível, Quim. Eu não quero ter amantes, não quero, tu não entendes? O Augusto é que quer essas coisas. Eu só queria amigos verdadeiros, gente que me compreendesse e me desse coragem, que fosse capaz de me ouvir, de me acompanhar. Amigos, Quim. Eu não tenho ninguém. Não posso confiar em ninguém. Cheguei a pensar que podia confiar em ti, mas afinal enganei-me. Tu querias o que todos os outros querem. Era só o que querias. Era ou não era? E eu a pensar que eras meu amigo. Enganei-me, pronto.

- Desculpa, Bárbara. Eu não te queria fazer mal, não queria...

- Não, não me peças desculpa. Eu é que me enganei. Sou l^onta, o que é que queres? Se calha sou romântica de mais Para este tempo. Ando à procura do que já não há. Ou nunca houve. Eu é que sou parva e ainda acredito na amizade.

Mas por que é que elas hão-de ser tão pouco originais Senhor Deus dos Exércitos, suspirou Sebastião Curto duas horas mais tarde, ia a carrinha da revista *Actualidades* deixando finalmente Beja para trás. O fotógrafo guiava só com uma mão, tinha os cabelos esparsos despenteados pelo vento que lhe chegava da janela toda aberta, e garantia que é rara a mulher que depois de ter andado a pôr um homem em pontoai rebuçado não lhe vem com essa tanga da amizade, béu bati béu béu, pardais ao cesto. São impossíveis.

- Impossíveis, filhinho. Sabes o que te digo? Não penses mais nisso! Uma camponesa parva, manda arquivar. Há tantas miúdas, vais agora andar a gastar pilhas com essa couve lombarda de olhos castanhos.

- E ela a dizer que eu só queria não sei quê! Depois de eu lhe ter jurado que a adorava! É o cúmulo, Sebastião, é o cúmulo!

- Não penses isso. O cúmulo é quando a mula diz para o mulo isso é o cú... mulo. Ah ah ah. Anima-te! Logo à noite já estás a dormir no doce berço da civilização. Tem que ser, que isto muito ar do campo de seguida até faz mal aos pulmões.

Desferiu uma palmada violenta contra o joelho bicudo do estagiário, e concentrou-se na estrada entoando compassos fadistas de rima canalha. Beijar-te e marcar-te o beijo na ponta de uma navalha, trinava Sebastião Curto que ainda queria chegar a Lisboa a horas de um qualquer encontro antes do recolher obrigatório, e na cabeça de Joaquim Peixoto só existia Bárbara Emília sentada sobre a borda do tanque com os olhos fechados, todo o sofrimento desta vida corporizado à sombra de uma latada. Adeus, Quim, dissera ela, é melhor não

voltarmos juntos. As cigarras pareciam trocar do seu imenso descabro, o sol colava-lhe a poeira contra os poros, então adeus, Bárbara. E muito obrigado. Não digas mais nada, murmurava ela enrolando-se sobre si própria, sem o voltar a olhar. Vai-te embora, por favor. O estagiário não saberia quantas vezes se tinha virado para trás naquele carreitinho tortuoso entre sobreiros, ela sempre imóvel, cada vez mais ao longe. Notou olhares e cochichos à sua passagem na Cabeça Gorda, de camioneta nem a esperança. Achou melhor não perguntar nada a ninguém, pôs-se a caminhar a pé pela beira da estrada, e acabou por apanhar boleia num camião que transportava porcos na parte de trás. Felizmente, o homem que o conduzia não era conversador. Levava o leitor de cassetes a dar o máximo da sua potência, uma música com muitos violinos que devia ser cantada por um qualquer emigrante bem sucedido. Ele, Joaquim Peixoto, nunca seria bem sucedido. Encostou a cabeça ao banco duro do camião, e ficou ali a sentir-se muito infeliz.

- Onde quer que o deixe, amigo?

- Pode ser diante da escola secundária?

- Pode, pois. O camião é que anda, não sou eu, homem. Pararam num cruzamento, e alguma organização assinada a foice e martelo dentro de dois círculos, de que o estagiário nunca ouvira falar, tinha pintado à pistola na parede em frente nós estamos firmes na luta e dizemos isto a sério: terra para os agrários? Só se for no cemitério. Pensou momentaneamente em tomar nota, para a reportagem. Depois odiou Alberto Contreiras, o chefe, Francisco Garção, Maria Amónia, toda a gente. Que se lixe a porcaria da reportagem. Vou escrevê-la com os pés, estou por tudo. O outro reparou no seu olhar fixo na pichagem sorriu. Odeio-te, Maria Vitória, suspirava Joaquim Peixoto. Odeio as mulheres.

- Você não é de cá, pois não, amigo?

- Não, estou de passagem. E vou-me já embora.

O camião arrancou com uma sacudidela, estava olhando para a coisa acolá na parede, pois não era? Já foi há muito tempo. Nem sei como é que ainda não pintaram aquilo por cima, então se já limparam quase tudo, não é verdade?

- Ah é?

O condutor encontrava por fim um assunto de conversa com o forasteiro. Baixou o volume dos violinos no leitor de cassetes e explicou que aquilo era uma cantiga que havia dantes.

- Foi um grupo que se formou aí em Beja no tempo da Revolução, mas não eram do Partido. Estou que era quase tudo gente vinda de fora, de Setúbal, e umas mocitas até de Lisboa. Cantavam bem, com duas violas, um bombo, ferrinhos, pandeiretas, isso tudo. O pessoal batendo palmas a compasso, era bonito. Cantavam em muitas festas. Aquilo que estava ali na parede era por

causa de uma desocupação que houve em Mora, logo das primeiras. Foi naquela manhã clara de 25 de Maio que o governo provou ser para os agrários um laçao, começava assim.

Joaquim Peixoto enfiava-se pelo banco a detestar com aplicação tudo e todos, queria voltar para casa. Queria ir-se fechar no quarto, território conhecido. E esquecer Bárbara' Emília que também estava sempre a entoar coisas absurdas como aquele homem de cabelos brancos e barba rala, rugas no pescoço e porcos na parte de trás do camião, que tentava recordar as outras coplas de tal canção do grupo que não era de gente do Partido. Puxava da memória fragmentos dispersos de uma melodia muito simples, a variar interminavelmente entre dois únicos tons. Dó. Tu tens as costas marcadas tu tens a perna partida. Sol. Mas nem com a brutalidade è reforma agrária foi vencida. Dó. Joaquim Peixoto abominava a humanidade, sentia-se sombrio e não se queria sentir de outra forma. O homem sorria, devia ser para si próprio. E cantava ainda. Nas terras de Catarina e de Germano Vidigal a luta há-de ir para a frente até à vitória final. Eu fico já aqui pensou o estagiário em dizer, mas não teve coragem.

- Naquela altura, meu amigo, havia um ror de músicas assim. Eu é que me esqueceu quase tudo, já foi há muito tempo.

- Ah, pois.

- Mas havia uma coisa deste grupo que eu gostava muito, era um poema. Calavam-se os instrumentos, eles chegavam-se assim para trás, e então uma das mocinhas, dessas que tinham vindo de Lisboa, punha-se à frente do palco e dizia o poema. Uma coisa como deve de ser, ouviu, com muito sentimento. Era bonito. Pensaste que te apoiavam os que te chamavam à cidade. E agora!? Ninguém te chama para nada. Chamo eu, camarada! Se queres a revolução, esmagar o patrão e a traição, se a terra é de quem a trabalha, e não dessa canalha, então continua, de caçadeira na mão! Ah, era muito bonito.

- O senhor, pelos vistos, simpatizava com esse grupo.

Ó amigo, dizia com bonomia o homem de barba rala, enquanto encostava o camião dos porcos ao passeio, para ele descer. Quem é que não se iludiu, pois então. Já com a porta aberta, não fosse a resposta ser longa ou trazer à baila mais canções e poemas, Joaquim Peixoto perguntou-lhe como é que tinham acabado esses espectáculos do grupo que nas horas vagas inscrevia nas paredes de Beja quadras retiradas das suas próprias composições.

- Então, sei lá. Acabou-se, como foi acabando tudo, pois não é? Às tantas essa mocinha do poema ficou grávida, isso é que deu um valente escândalo. Veio o pai dela buscá-la no carro, houve para aí gritaria que eu sei lá. Os outros ainda por cá ficaram, mas aos poucos foram abalando, olhe. Acabou-se, pronto.

Despediu-se com um aceno cordial, voltou a subir o volume das cançonetas sinfónicas do emigrante bem sucedido, e sacudiou outra vez o camião com um novo arranque. Os porcos encostavam-se muito uns aos outros, dentro do encaixe de madeira, disciplinados, pretos. O estagiário entrou na Cafeteria Marilu, sentou-se ao balcão com um suspiro, e pediu um cachorro, uma caneca, um pacote de batatas fritas pequeno. Não havia movimento do outro lado da rua, no edifício amarelo do antigo liceu. Odiava o liceu, os alunos do liceu, os professores, os amigos deles, o médico, os familiares, o jornalista regional, esperava não se estar a esquecer de ninguém. Voltou a lembrar-se do seu quarto em Lisboa, onde havia sobre a cama uma manta trazida de Marrocos, diante da mesa que se destacava da estante e ficava suspensa dos dois lados por correntes douradas. Comprara recentemente um banco de estirador, investindo quase todo o seu primeiro mês do escasso salário que lhe pagava o estágio na revista *Actualidades*. Um dia talvez pudesse trocar aquela aparelhagem por outra verdadeiramente digna desse nome. Voltar para casa. Tudo fora detestável naquela reportagem que Francisco Garção lhe tinha começado por garantir tratar-se de um serviço de prestígio, logo a abrir com o assassinio que afinal não era nada do que eles pensavam. E a perversidade sob os malmequeres, Alberto Contreiras, já que não existe qualquer braço levantado do fundo dos séculos, a perversidade sob estes malmequeres é de um tédio que nem tu conheces. Bebeu o café duplo muito devagar, esperando sinceramente que Sebastião Curto estivesse pronto para a partida quando se encontrasse na Residencial Seara. Seara era uma palavra que ele não queria voltar a ouvir nos tempos mais próximos. Ia dormir durante todo o caminho de regresso.

- Olhe, passe-me uma factura, por favor.

Sebastião Curto suava sob o calor do início da tarde, mas já tinha tudo arrumado dentro da carrinha na altura em que Joaquim Peixoto lhe apareceu à porta.

- A conta está paga, mandrião. Se fosse por ti este criado de vossa excelência já não chegava hoje a horas de molhas a sopinha. Ah ah ah. Queres ir lá acima ver se não te esqueceste do ursinho de peluche? Não? Ainda bem, porque se quiseses também não te deixava ir. Já tens idade para largar os fetiches. Vá lá, não faças essa cara. Vamos mas é embora. Sempre quero ver se é hoje que topo a minha mulher na cama com outro. Dizia-lhe logo como o alentejano, então Maria, modernices? Qualquer dia chego a casa e estás fumando! Ah, Joaquim Peixoto, voemos céleres para a doce capital da murrinhanha.

Agora Beja ficava por fim para trás, a equipa de reportagem recolhia. com a doce satisfação do dever cumprido, decretava Sebastião contra a janela aberta. E depois confidenciava que ainda ia ter saudades da sua amiga da loja de doces.

- Se calhar esta não é a melhor altura para te falar de amores, depois daquela camponesa insuflável te ter posto com dono com tanta sem-cerimónia, mas enfim. Uma mulheraça, a minha loira, é o que eu te digo. Eu é que já não me lembrava bem. Aposto um jantar em como tão cedo não vai conseguir apanhar ali um homem na cama, enfim, agora desforrou-se. Ouve lá, era cada pequeno-almoço que a mulher me trazia, no tabuleiro, ouviste? Nem dá para acreditar. Enfim, prazeres bucólicos. Adiante. Temos então alta reportagem para esta semana, filhinho?

- Sei lá, Sebastião.

Bárbara Emília pedira-lhe que revelasse ao mundo a desdita de se ser mocinha e ter nascido entre searas. Bernardo Formosinho Rosado esperaria por certo encontrar nas páginas centrais da revista *Actualidades* uma condenação de alto a baixo, com grandes cabeçalhos carregados a negro, do abandono a que se votaram as terras quando se asfixiava o fôlego da reforma agrária. Maria de Fátima Joaquim Formosinho Rosado brindara-os com um almoço tão generoso, como era possível agora revelar aos leitores que nem ela nem o marido tinham alguma vez conseguido compreender a existência dolorosa da filha mais nova? Não se sentia capaz de lhes atribuir toda a parte das responsabilidades que julgava legítimo atribuir-lhes, mas então que pensaria Luciano? Luciano devia querer uma denúncia formal de toda a estagnação do meio, a hipocrisia, Joaquim, a falta de horizontes. Nuno Bravo devia pretender que ele dissesse mal de tudo. Mariano Larguinho, Manuel Vilanova Pinheiro, Teófilo Sampaio, todos contavam com uma diatribe contra as discotecas, as drogas, contra estes jovens que não há quem os compreenda. Encostam-se às paredes, em bandos, para ali estão. E os pais trabalhando no duro. Carreto Perdigão depositara nele a última esperança de ainda um dia ver impresso em letra de forma, num órgão de informação respeitável, que Catarina Eufémia não estava grávida. Foi eu que lhe fiz a autópsia, meu jovem amigo. Há décadas que eu sei. Tinham-lhe oferecido livros de poemas, almoços, jantares, palmadas nas costas, noites de cumplicidade. Provavelmente iam todos achar que não era nada daquilo, quando lessem o que ele tinha escrito. Alguns talvez o viessem a odiar. Joaquim Peixoto imaginou com horror as cartas de protesto que haviam de cair na próxima semana no cesto metálico onde o chefe arquivava a correspondência. Sentiu-se desmoralizado. Sebastião Curto ouvia-o pacientemente.

- Então, escuta lá, estás a pintar a coisa com cores muito negras. Teres falado com a miudinha foi um furo, não?

- Eh pá, é capaz de ter sido. Mas eu não sei se posso escrever na reportagem que falei com ela.

- Estás a gozar. Apanhaste muito sol na moleirinha esta manhã.

- Não sejas parvo.

E Bárbara Emília? Ela própria lhe dissera, todos os olhos da Cuba e arredores se prendiam de manhã à noite nas suas movimentações. Toda a gente sabia que ela passara com os dois moços de fora durante quatro dias. Augusto havia de sabê-lo também, assim que chegasse da sua digressão de propaganda médica. Ninguém, por certo, ia deixar de comprar a revista para ler o que ele escrevera sobre um certo assassinio; às quatro da manhã na estrada que vem de Ferreira.

- Não entendes? Se eu ponho lá que falei com Mitó toda a gente vai topiar que foi a tia, ou meia-tia, ou lá o que é, que me levou à Cabeça Gorda. Vão-lhe fazer a vida num inferno. Eu não sei se tenho esse direito.

- Não tens esse direito? Mas que conversa, Quim.

Sebastião Curto tinha um cigarro apertado nos dentes, falava com todas as consoantes abafadas.

- Por essa ordem de ideias a bomba cubense está lixada dê lá por onde der. Se realmente ninguém vai achar que tu escreveste o que devias, vão culpar a Miss Centro de Saúde à mesma. Ela é que falou mais tempo contigo, ela é que te levou a quase toda a parte, as pessoas sabem disso, e quando é preciso um bode expiatório normalmente deita-se a mão ao que está mais perto. Neste caso ela está muito mais a jeito que tu, portanto já vê. Eu aconselhava-te a não pensares sequer no assunto. Faz o teu trabalho, e pronto.

Um peneireiro castanho suspendia-se, imóvel, muito acima das ondulações do terreno. Setas dispersas indicavam desvio para aldeias. Havia bastante gente à boleia no sentido contrário, com mochilas em tecido brilhante, encarnado, azul, cor de laranja. Joaquim Peixoto tinha o banco encharcado contra as costas e encontrava-se preso das maiores dúvidas quanto ao trabalho que realmente deveria fazer. Acho que me vai sair tudo mal, Sebastião. O fotógrafo buzinou com impaciência ultrapassou duas motorizadas antes de lhe responder, num tom de voz em que a exasperação se começava a fazer assinalar.

- Joaquim Peixoto que vais todo roto, tu não desembarcaste aqui no desempenho de qualquer missão superior e humanitária. Nem estás na corrida para ganhar o Pulitzer, que eu saiba. E se é isso que queres olha que mais vale descobrires uma jaula cheia de orangotangos toxicómanos introduzidos no

vício pelo guarda de jardim zoológico que todas as noites Os sodomiza. Ah? Que te parece? Não vieste cá fazer nada de especial, é apenas uma reportagenzita sobre um assassinio, e garanto-te que só ta pediram porque estamos no Verão, o pessoal da política entrou todo de férias ao mesmo tempo, os próprios políticos estão muito sossegados à beira das piscinas, não há quem queira disparar contra o papa, e eles não têm nada com que encher as páginas. Já viste o espaço que normalmente se dá aos assassinios, lá em casa? Então tira daí as devidas conclusões e põe-te manso. O que andámos a fazer é uma coisa sem qualquer espécie de importância. Para o cúmulo passa-se no campo, um sítio de que ninguém quer saber. Podíamos trazer de lá a minha amiga, a tua dactilógrafa, e mandar fechar aquilo de vez. Não te parece?

- Tu consegues nunca levar nada a sério, Sebastião? É admirável.

- Oh filho, isso para mim é mato.

- És muito forte.

- Pois. Caí dentro da poção quando era pequenino.

A piada distendera-lhe o prenúncio de irritação do seu último discurso, e foi agora na voz séria de quem vai fazer a revelação comovente do filme, com violoncelos a despontar na banda sonora, que despenteou os seus poucos cabelos com os dedos nodosos, e depois disse Quim.

- Não penses que eu não entendo o que tu sentes. Estou nesta vida há anos, e assisti a muitas estreias. Há sempre um momento bestialmente doloroso em que vocês descobrem que o que escrevem não é nunca o que as pessoas envolvidas gostariam que tivessem escrito. Mas tens que compreender que isto, no fundo, é muito natural: cada um de nós tem a sua maneira própria de ver as coisas, não é? Tu não podes pensar exactamente o mesmo que nenhuma das pessoas com quem falaste. E mais: quando cada um daqueles alentejanos falou contigo, estava a dar-te a sua visão sobre assuntos em que já Pensou muito, e que podem até constituir a preocupação central da sua vida. Mas, muito naturalmente, são temas em que tu nunca pensaste. Portanto o que eles te dizem e aquilo que tu ouves são duas coisas completamente diferentes.

- Deves ter razão.

- Eu tenho sempre razão, seu principiante da porcaria. % algum dia fores famoso...

- Que graça.

- Vá lá, isto é um suponhamos.

- Suponhamos.

- Estás a confundir. Eu disse uma palavra terminada em ão, como folha, automóvel, e pára-quedista. Se experimentas corrigir outra vez o velho

Sebastião, que não é uma palavra terminada em ão, juro-te que vais a pé para a Pontinha.

- Quem é que te disse que eu moro na Pontinha?

- Mesmo que na revista não existisse a tua ficha, espertinho, basta olhar para a tua cara para se perceber logo isso. Agora que já te liquidei sem recurso, posso continuar?

Sebastião Curto morava em Carcavelos. Os dois filhos do primeiro casamento da mulher, a sua miúda mais velha aos fins-de-semana, os gémeos que já lhe tinham nascido do novo enlace, e ainda os três pintassilgos dentro de uma gaiola bambu, todos partilhavam o espaçoso primeiro andar de uma moradia que se não estivesse tão mal preservada se poderia designar por antigo palacete. Tinha um terraço onde o fotógrafo não se cansava de proclamar que se prosseguia a melhor prática de nudismo de toda a Linha, e onde, no Verão, os amigos se juntavam aos domingos para copiosas sardinhas. Ele, Joaquim Peixoto, nunca fora convidado. E, embora naquele momento sentisse realmente saudades do seu quarto, odiava morar na Pontinha.

- Portanto, Quim, imagina que escreveste esta reportagem e ganhaste o Pulitzer, mesmo. Nos tempos que correm não há nada que não seja possível. Vem um funcionário qualquer da concorrência fazer-te uma entrevista. Julgas que quando a leres, vais achar que ele escreveu o que tu dissesse. Pois estás muito enganado. Vais grunhir que o essencial lhe escapou, que fez de ti parvo, que escolheu para título um frase pelo menos irrelevante, que só reteve o mais superficial da tua conversa, e ainda uma data de outros mimos de que agora não me lembro. Não acreditas? Também não vale a pena apostarmos, já que nunca vamos poder tirar a prova do» nove. Isto é mesmo assim, menino. Alguma coisa se aprende na nossa vida de cães. Eu já percebi que é muito raro o que uma pessoa diz coincidir com o que outra pessoa ouve. É normal. Cada um de nós tem os seus valores, e dá importância às suas coisas específicas. Provavelmente a arte tem que estar mais em quem fala, que deve ter o cuidado de sublinhar aquilo que acha importante em cada frase que diz. Mas, ao mesmo tempo3 isso acabava por ser uma espécie de ditado, não é? Não sei. É muito complicado, o jornalismo, filhinho. O que é que tu pensavas?

Interrompeu-se por breves segundos para apreciar devidamente as duas raparigas loiras que pediam boleia na berma contrária, e depois acendeu outro cigarro ao mesmo tempo que dizia vou-te dar mais um exemplo.

- De que é que tu gostas na vida?

- De futebol.

- Nem te pergunto em que corporação, porque se não fosse do Benfica tinha que te furar os olhos e era chato. Então ouve lá.

Joaquim Peixoto era do Sporting. Ouviu com atenção.

- Alguma vez te aconteceu leres um trabalho de outro tipo qualquer sobre futebol, e achares que ele tem inteiramente razão? Não vais, intuitivamente, começar a pôr defeitos na prosa dele? Vês? É sempre assim. Quando as coisas nos dizem respeito, a gente também acha que o jornalista não tinha razão. Por isso, tens que compreender todos os que ao longo da tua carreira acharem que não tens razão. Outro exemplo.

Desviou-se para não calcar com os pneus o gato que jazia morto no meio da faixa, com as vísceras espalhadas pelo asfalto.

- Imagina que és o maior em física nuclear. Está fora de questão, mas imagina. Agora há um jornalista que te vem entrevistar. Um jornalista tem que perceber de jornalismo, e não de física nuclear, é ou não é? Bem, claro, se se trata de um bom jornalista preparou-se antes de ir falar contigo, leu umas coisas, pediu ajuda aos amigos mais versados no tema. Mas apreendeu do que é a tua especialidade aquilo que pode apreender um leigo, o que é uma visão sem dúvida diferente da tua.

- Claro.

- Ora bem, o homem entrevista-te. A entrevista sai, e tu achas péssima. Os outros especialistas em física nuclear acham-na igualmente péssima. Juntam-se todos num congresso qualquer, e passam a noite a dizer mal do jornalista que, no entanto, em termos de jornalismo, fez um trabalho excelente. Acredita no que eu te digo, Quim. As coisas são assim, e provavelmente não podem ser de outra forma.

- Mas toda a gente gosta do que a Ana Mafalda escreve!

Traíra-se. No entanto, Sebastião Curto pareceu não achar ignominiosa aquela revelação tão indesmentível das suas secretas frustrações. Talvez já tivesse convivido de mais com ignomínia para ainda a achar anormal.

- Toda a gente menos as pessoas directamente envolvidas naquilo que ela escreve. Entendes? Se ela tivesse sido a entrevistadora do físico, talvez o público que compra o nosso pasquim gostasse do texto. Mas o físico ia detestá-lo à mesma. E sabes muito bem que a miúda passa o tempo a receber cartas com os maiores insultos. Não lhes liga, faz ela muito bem. Percebeu mais depressa que tu que isso faz parte da vida de quem se quer meter nos assuntos a sério. É lixado, Quinzinho, escrever sobre as coisas que estão a mexer. Até porque as pessoas não têm a menor ideia do que seja a neutralidade: acharão sempre que estás a tomar posição num sentido ou noutro. Na cabeça dos leitores nós nunca somos imparciais. Por exemplo, eu aconselhava-te a não meteres na reportagem nem uma linha sobre a reforma agrária, porque se quiseses ser objectivo estás sempre tramado: os que são a favor vão achar que os achincalhaste, e «S que são

contra vão bradar que andas a soldo da moscóvia. E verdade, vai por mim. Só há uma maneira de se agradar a toda a gente.

Sorriu.

- Ainda tu mamavas, pequenino, e o Francisco Garção entrou para a revista. O homem andava farto de jornais diários, e vinha cheio de gás. O primeiro serviço que fez para a casa foi com uns tipos das companhias de navegação. O que ele preparou aquela entrevista! Leu os *dossiers* de ponta a ponta, falou com toda a gente que sabia daquilo, bem. Fornos os dois ao gabinete do chefão e o nosso distinto colega já levava a polémica engatilhada. Assim que ligou o gravador começou com perguntas do caraças, mesmo a levantar os podres daquilo, estás a ver? O *big boss* ficou a olhar com cara de parvo, e disse que tinha combinado com o nosso administrador eles darem-nos duas páginas de publicidade, portanto a ideia era o Garção escrever uma cena para o laudatório, nada de revelar desastres aos leitores. Foi o que ele fez, que remédio. Nessas alturas ninguém nos chateia, filhinho. Quando fazemos relações públicas. Embora o sindicato nos proíba de as fazermos. Ah, ah, ah.

Joaquim Peixoto sentia-se cada vez mais infeliz. Ana Mafalda também já aprendera a dizer sindicato com aquele secreto ar de confraria, mas ele nunca seria capaz. Nunca seria capaz de nada. Quanto mais Sebastião Curto lhe revelava o seu mundo mais ele o sentia distante de si. Suspirou, com a cabeça encostada ao vidro. O fotógrafo pensou que talvez tivesse sido uma dose demasiado pesada para uma vez só e quis animá-lo.

- De qualquer forma, nada disto te impede de teres feito um bom trabalho, Quim. Falaste com toda a gente, não? Percebeste tudo. Podes contar aos leitores de férias uma história porreira.

- Pois. É pena a miudinha não ter mesmo morto o alemão, que era mais interessante. Mas dá para uma reportagem assim à maneira sobre a dificuldade de se ser jovem e se viver numa aldeia. O que é preciso é arranjar bons pretextos, não é o que diz o chefe?

Procurara adoptar o tom enfadado do verdadeiro profissional, mas Sebastião Curto recebeu-lhe a resposta com um rejeito de desconsolo. Concentrou-se na ultrapassagem de uma camioneta de passageiros enlouquecida, praguejou em direcção ao motorista fazendo-se acompanhar da mímica apropriada, e quando retomou o lugar correcto na sua faixa resmungou para o estagiário ah. Está bem.

- Portanto vais seguir a versão oficial, é?

- Desculpa? Não percebi.

- Estou a dizer que não te vais meter em sarilhos. Talvez tenhas razão, não vale a pena uma pessoa arriscar o cabedal. Vais alinhar na história deles.

- Sebastião, eu não estou a perceber. O que é isso da história deles?

O fotógrafo virou-lhe uns olhos tão redondos que o estagiário temeu o acidente com mais sinceridade que nunca.

- Ó Quim, pela tua rica saudinha! Não me vais dizer que engoliste aquela tanga dos contrabandistas?

- Tanga? Por que é que tu dizes que é tanga? Se foi a conclusão a que chegou o inquérito da polícia...

Sebastião Curto abanava a cabeça repetindo meu Deus, meu Deus. Pois é, Quim, acabou por lhe dizer, e até tinha reduzido a velocidade. Eu esqueço-me de que ainda estás muito verde.

- Eh pá, Sebastião, realmente deves ser de uma clarividência rara, mas não estou a ver qual é a tua. Achas que não foram os contrabandistas que mataram o alemão?

- Claro que não foram, gemeu o fotógrafo. Olhou para o colega quase com piedade. Respirou fundo, e dispôs-se a explicar-lhe tudo com paciência. Muito cru, ainda. Coitado.

- Ouve lá. Achas normal que se passe o tempo a garantir que existe um bando de contrabandistas de cuja existência não se vê qualquer indício?

- Bem... não.

- Ótimo. A miúda não te disse que nunca deu por nenhum envolvimento suspeito do belo mecânico? O oficial de barba ruiva não nos disse o mesmo?

- Foi.

Não achaste esquisito nunca nos apresentarem uma prova consistente de que não tinha sido ela, e toda a gente sempre a repetir que a história da Mitó não tinha pés para andar, como se tivessem aprendido bem a lição, baseando isso apenas na coisa mais inconsistente deste mundo, que ela era muito fraquinha para o prender ao tubo de escape? Por outro lado, bastava-lhes o facto de o nosso jovem ir muitas vezes ao bar da terra da namorada, onde por acaso também caíam alguns contrabandistas conhecidos, para acharem que isso provava que ele pertencia ao bando. Caraças. Quim, tu achas normal?

- Não... não.

- E ao mesmo tempo a versão inicial, em que ela o matava depois de uma noite louquíssima, tal como contou à tia e tu me contaste a mim, essa versão não faz muito mais sentido? Bate tudo certo. Ainda por cima tendo ela escrito e dito que o queria matar, coisa em que de resto parece estar muito bem acompanhada por aquela família Frutuoso e amigos. É ou não é?

-É.

- Então já vês. É evidente que a primeira história é que é verdadeira, e que a cabeça de alfinete de Baleizão é mesmo uma assassina a sangue-frio. As outras

peessoas, aquilo a que se chama as pessoas influentes, encarregaram-se depois de cozinhar outra versão para impingir aos crentes. E a coisa funciona, pelos vistos.

- Sebastião, tudo o que tu dizes é brilhante.

- Obrigado.

- Mas é gratuito.

- Essa agora?

- Eu bem sei que quase não há nada que fazer por aquelas bandas, pelo menos eles passaram o tempo com essa conversa. Mas podiam arranjar coisas mais interessantes para se entreterem do que tentarem desculpabilizar a Mitó, assim, só por desporto.

- Só por desporto?

- Então não é? O que podia levar o chefe da polícia, o presidente da Câmara, o redactor do *Voz da Planície*, a dactilógrafa do Centro de Saúde de Cuba, e todos os outros meninos, a inventarem uma versão diferente dos acontecimentos em que não é a Mitó quem tem a culpa?

Meu rico Quinzinho, gemia o fotógrafo, e em sentido contrário passavam automóveis transbordando crianças e óculos escuros, com malas no tejadilho e por vezes barcos nos atrelados.

- Eu quase me recuso a acreditar que não estejas a gozar comigo, tanto essa inocência me parece mentira. Mas enfim, concedo-te a chave do mistério. Suponho que a maior parte das pessoas terá feito pura e simplesmente o que tu fizeste: gostassem ou não dela e em muitos casos parece-me óbvio que não gostavam acreditaram na versão oficial porque se era o que dizia o chefe da polícia é porque era verdade.

- Então o Mariano Larginho é que...

- Não só mas também, riquinho, como na gramática, Lembra-te do segundo nome da tua lista dos cúmplices.

- O Manuel Vilanova Pinheiro? Ó Sebastião...

- Sim, sim, ouve o que te vou dizer. O chefe da polícia, o presidente da Câmara, e ainda o Bernardo Formosinho Rosado. Mas nenhum destes três agiu por interesse próprio.

- Havia interesses superiores? Que história!

- No caso do Bernardo, o próprio Luciano, sem querer, te disse a ti que havia. Ele é o homem em que os outros ainda acreditam, numa época de descrédito total. E o homem que não desiste de lutar, é um exemplo, e não pode deixar de ser um exemplo senão é que todo o edifício se desmorona de vez. Pof militância ele não quer que o edifício se desmorone, e por comodismo não quer ficar com o remorso de o desmoronamento ter sido por sua causa. Faz sentido?

- Parece que sim.

- Belo. Portanto, o nosso Bernardo não pode ter escândalos em casa. Não pode ter filhas assassinas. Certo? Não pode ser um homem em cuja vida particular acontecem desaires, porque os pais são sempre, de uma forma ou de outra, considerados culpados pelos desaires dos filhos. Quando tu fores pai, se alguma vez conseguires, vais ver. O Bernardo não pode falhar, Quinzinho. Portanto, para que nada venha por aí abaixo, a filha dele não pode matar um alemão.

- E o que é que têm o chefe da polícia e o presidente da Câmara a ver com isso?

- Eles? Nada. Mas são pais, também.

- E daí?

- Os filhos deles, Joaquim Peixoto. Será que não entendes?

- Não.

- Meu Deus do Céu. Os filhos deles são sócios do irmão mais novo do Bernardo num florescente negócio imobiliário que começou a sua carreira de sucesso com base na mais tradicional das falcatruas. Ó Quim, e gostas tu de futebol! Por que julgas que o Carolino quis chegar a presidente do Águias de Beja, se, como toda a gente nos disse, ele nem nunca tinha posto os pés num estádio?

- Sei lá.

- Estou a ver. Pois bem, meu filho, a resposta é a minha última palavra: estádio.

- Estádio?

- Estádio do Águias de Beja. O antigo estádio era no melhor sítio da cidade, virado ao Algarve, arejado, central, numa elevação, com boa vista, só vantagens. Por que é que haviam de mudar para um buraco qualquer nos arredores mais esconsos onde as pessoas só chegam utilizando um transporte? Desta vez eu digo-te a resposta: Quinta das Águias.

- Ah! Ah... ó Sebastião...

- Pois é. O Carolino queria o terreno do estádio para construir os seus ricos prédios. É daqueles negócios que saltam à vista. Mas só lá podia chegar, sem dar escândalo, se chegasse antes a presidente. Ninguém o conhecia. Quem é que lhe valeu na campanha? O mano Bernardo. Porquê? Porque queria contrapartidas desportivas para Baleizão. Que fez o Carolino? Assim que se apanhou no poleiro marimbou-se no que tinha prometido ao próprio irmão. Mandou vir jogadores de fora, pôs o clube num brinquinho para deixar os sócios contentes, e mal os apanhou a ronronar transferiu o estádio para casa do diabo mais velho. E aí temos a Quinta das Águias, o requinte e o luxo, a mina

de ouro para a sociedade Vitória Construtora, que não precisou sequer de comprar o terreno; trocou-o por outro, que é sempre o que se faz nesses casos.

- Não pode ser, Sebastião.

- Pode, pode. O Bernardo fica atravessado com o maninho, anda para lhe partir a cara, desiste, mas nunca mais lhe perdoa. A filha assassina um alemão. Não pode ser, senão acaba-se tudo de vez. A filha não pode ter morto o alemão. Ele sabe quem são os dois sócios do mano: o filho do presidente da Câmara e o filho do chefe da polícia. Sabe das falcatuas. Certo? Chama o jovem construtor civil lá a casa e diz-lhe: meu querido, ou tu e os teus comparsas pressionam os paizinhos deles para que a verdade dos factos seja outra, ou amanhã toda a gente sabe como tens tu feito fortuna. É um homem reputado na zona, repara. Toda a gente o respeita. Terá fácil acesso à comunicação social em escala alargada, a nível do próprio país, porque lembra-te de qual é o posto dele e a quem pertence a sede em cujo primeiro andar ele trabalha como um cão. OK? O Carolino não é parvo, está bom de ver. Percebe que o caso é sério, chama os colegas, fazem-se os contactos, e olha que eu te estou apenas a repetir o que tu me disste a mim que a cubense das curvas te tinha dito sobre as horas trágicas que medearam entre a chegada à nossa redacção da notícia do assassinio e a chegada a Beja da brilhante equipa de reportagem da revista *Actualidades*. Pronto, aí tens.

- Mas isso não pode ser verdade, Sebastião.

- Isto é o que é mais verdade em qualquer cantinho para onde uma pessoa se vire, filhote. É assim mesmo que se fazem as coisas. Eu não tenho nada a ver com o assunto, mas de resto, se queres saber, até acho bem que tu respeites a versão oficial. A verdade, neste caso, é uma crueldade desnecessária. O Bernardo já tem problemas que cheguem para agora ainda lhe irmos arranjar mais este, que para o cúmulo não beneficia ninguém. E a miúda, coitada, agora ir presa, que corte. Para quê, quem é que ganhava com isso? Palavra de honra, a verdade, neste caso, não interessa a ninguém. E a mentira ainda vai acabar por ser benéfica para a região, porque é de esperar que o valente Larguinho dê uma séria caça aos contrabandistas nos próximos tempos.

- Não, mas o que tu contaste para aí não pode ser verdade.

- Então pronto, não pode ser verdade. Esquece tudo o que eu te disse e conta aos leitores a história dos contrabandistas.

- Sebastião, não te zangues comigo. Mas tu não terás imaginação a mais?

- Não era isso que me dizia a professora da escola primária quando me corrigia as redacções.

- Sebastião, isto é a vida real. Não é um romance. E eu não sou um detective. Nem sequer gosto de histórias policiais.

- Eh pá, tu é que sabes. Tu é que vais escrever a reportagem, caraças.

Esticou os braços contra o volante num suspiro profundo, caraças Quim. Cá por mim podes escrever o que quiseses. Joaquim Peixoto agitava-se no banco. A verdade não podia apresentar-se tal como o fotógrafo a estava a descrever. Ou então, em definitivo, a verdade não existia.

- Sebastião.

- Que é que foi?

- Tu podes provar essa história?

- Claro que não. As histórias verdadeiras nunca se podem provar, inocente.

- Então pronto. Se não se podem provar não são verdadeiras.

- É um ponto de vista.

- Sebastião.

- O que é? Gastas-me o nome!

Por uma vez, Joaquim Peixoto quis poder, também ele, ser lapidar. E sentenciou puxando bem a voz do peito.

- Sebastião, o que não se pode provar não existe.

MOTE

O que contigo passei Se eu o quisesse dizer Tu eras a mais desgraçada Que no mundo podia haver

VOLTAS

*Se eu te quisesse dar paixões
E ao mundo dar que falar
Não me quis aproveitar
Tive mil ocasiões
Isto não são ilusões
Tu bem sabes que é assim
Andavas atrás de mim
Agora já te desvias
Não contava em quinze dias
O que contigo passei*

*Quiseste pôr no talento
Com tamanha gravidade
Eu já digo o que é verdade
Contigo passei bom tempo
Vens tarde para cumprimentos
Já te não vale de nada
Depois da porta roubada
Toda a cautela é perdida
Se eu contasse a nossa vida
Tu eras a mais desgraçada*

(décimas de Agostinho Mendes Frade, natural da Amareleja, de 53 anos de idade)

ALGUM TEMPO DEPOIS

Ana Mafalda tinha agora uma crónica regular na rádio. E começara a aparecer em fotografias das colunas sociais, quase sempre rindo muito dentro de tecidos arrogantes cortados da forma exacta, pelo braço de um dos mais cobiçados rostos do Telejornal. A reportagem de Joaquim Peixoto ocupara as centrais mas não parecera suscitar qualquer entusiasmo, o chefe chegou mesmo a fazer um discurso na sala da redacção por causa daquele título inadmissível. O que tem que ser tem muita força? Como é que você deixou passar uma coisa destas, ó Contreiras? Alberto Contreiras encolhia os ombros mais entediado que nunca, achei que já era tempo de o Quim se confrontar com a sua própria falta de jeito impressa em corpo 36. O nome dele, Joaquim Peixoto, nem sequer aparecia a assinar o texto, construído em parágrafos quilométricos cheios de frases e conceitos encavalitados, eu comecei a ler mas desisti que não se percebia nada. Desculpa lá, Quim, ontem à noite na montagem o teu nome deve ter caído e ninguém deu por isso, é chato mas da próxima vez não volta a acontecer. Ele suspirou que não fazia mal mas tinha a garganta toda apertada de lágrimas, sabia bem que não haveria próxima vez. Como também não houve qualquer carta de protesto. Nem qualquer referência oral ou escrita ao seu trabalho, publicado pelo fim de Agosto na cidade entorpecida, para ir de encontro à mais intransponível das indiferenças. Ninguém leu, riu para ele Ana Mafalda com duas fiadas de búzios brancos à volta do pescoço, e voltara de férias tão bronzeada que os seus olhos claros quase se tornavam transparentes. No último dia do mês o chefe voltou a chamá-lo ao gabinete, descascando uma laranja entre os rolos emaranhados do *telex*.

- Jovem camarada e amigo, apreciámos muito o teu esforço durante o período de estágio. Foi meritório, mas isto é mesmo assim. Nem toda a gente é dotada para a profissão, entendes? Decerto serás muito bomem advocacia, Quim.

Boa sorte, Quim, disseram-lhe todos à despedida. E deviam ter pena dele, mas é horrível viver com a pena dos outros. Agora entrava Setembro, ia começar a Festa do Avante, e Joaquim Peixoto estava fechado no quarto a fumar, deitado de costas na cama, a casa deserta e em silêncio com os estores corridos para iludir o calor. Compreendia que de tudo o que pode caber de bom dentro da vida nenhuma fatia estava guardada para a sua existência, fechava os olhos, podia passar ali horas sem se mexer. Ele, Joaquim Peixoto,

sabia que era dos que ficam sempre a assistir ao banquete dos outros. Nada do que houvesse seria para si. E foi nessa altura que tocaram à porta. Não esperava ninguém.

- Quem é?

- Sou eu, mocinho. Ainda bem que te encontro em casa.

Não quis acreditar, mas ela sorria-lhe na escada sem luz. Tinha emagrecido, muito pouco, não lhe ficava mal. Tão bonita, tão escura. Tão redonda, gritou-lhe Sebastião Curto de um canto qualquer da memória.

- Posso entrar?

- Bárbara Emília, tu tem cuidado com o que fazes. Tu entra, tu entra se tu quiseses, mas eu aviso-te, eu aviso-te, Bárbara Emília, se entras já não sais. Eu aviso-te, Bárbara Emília, vê o que estás a fazer. A carne é fraca.

Ela sorria, vitoriosa.

- Eu sei. Eu sei que a carne é fraca.

Sem se voltar, fechou a porta da rua atrás de si. Tinha uns dentes magníficos.

- Mas o molho é ótimo, Joaquim Peixoto.

Clara Pinto Correia

Biografia

[Type the author name]

2008

Clara Pinto Correia

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Clara Pinto Correia

Maria **Clara** Amado **Pinto Correia** (Lisboa, 30 de Janeiro de 1960) é professora universitária, bióloga, escritora e historiadora da ciência portuguesa. Filha de José Manuel Duarte Pinto Correia e de Maria Adelaide da Cunha e Vasconcelos de Carvalho Amado Pinto Correia.

Viveu vários anos da sua infância em Angola, onde o pai, o professor de Medicina José Pinto Correia, foi obrigado a cumprir serviço militar como médico durante a Guerra colonial (Guerra do Ultramar). Aí lhe nasceu a paixão pela Biologia. Foi uma excelente aluna, primeiro frequentou o Liceu Francês Charles Lepierre, depois o Liceu Rainha D. Leonor.

Como escritora, é autora de uma vasta obra, que iniciou em 1983. O seu mais conhecido romance é *Adeus, princesa*, que publicou aos 25 anos de idade, no qual retrata a alma da juventude do Alentejo no final da tentativa de Reforma agrária. Tem meia centena de títulos publicados, incluindo ficção, literatura infantil, ensaios, biografia, crónicas de opinião, divulgação científica e estudos de História da ciência.

Formação e actividade académica

Motivada pelo sonho de um dia vir a ser Park Ranger numa reserva africana (nas revistas que o pai assinava, nomeadamente a National Geographic,

fascinavam-na particularmente as fotos de Jane Goodall com os chimpanzés) Clara Pinto Correia vai estudar biologia para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Aí termina a licenciatura em 1984. No ano seguinte integra o corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa como assistente estagiária de biologia celular e histologia e embriologia e, simultaneamente, como doutoranda no Laboratório de Biologia Celular do Instituto Gulbenkian de Ciência, em ambos os casos sob orientação do professor J. David-Ferreira. Deixa-se ficar aí até 1989, ano em que vai para o Estados Unidos como «visiting scientist» do laboratório de Sabina Sobel, no Department of Anatomical Sciences da State University of New York at Buffalo para execução do projecto de doutoramento. Em Outubro de 1992 foi-lhe conferido, com distinção e louvor por unanimidade, o grau de Doutor em Biologia Celular pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Regressa aos EUA, agora como «postdoctoral fellow» no laboratório de James Robl, no Department of Veterinary and Animal Sciences da University of Massachusetts at Amherst, para desenvolver um projecto de investigação relacionado com as interacções nucleo-citoplasmáticas na clonagem de embriões de mamíferos. Em 1994 trocou o trabalho de bancada por um contrato de dois anos para fazer uma especialização em História das Ciências no Department of History of Science da Harvard University, e escrever um livro sobre História das Teorias da Reprodução, em ambos os casos sob orientação de Stephen Jay Gould e supervisão de Everett Mendelshon. Publicado o livro "The Ovary of Eve - Egg & Sperm & Preformation", em 1996 regressou a Portugal para criar na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias a licenciatura em Biologia e o mestrado em Biologia do Desenvolvimento. Paralelamente foi contratada como «research associate» de Stephen Jay Gould no Museum of Comparative Zoology da Harvard University, cargo que manteve até 2002, e como «adjunt professor» no Department of Veterinary and Animal Sciences da University of Massachusetts at Amherst, que manteve até 2001. Em 2004 prestou provas de agregação em História e Filosofia das Ciências na Universidade de Lisboa. Actualmente é professora catedrática da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, onde dirige a licenciatura em Biologia e o mestrado em Biologia do Desenvolvimento. Lecciona em ambos os cursos os módulos associados à história do pensamento biológico e à história das teorias da reprodução. É também

«research associate» de John Murdoch no Department of History of Science da Harvard University e investigadora do Centro de Estudos de História das Ciências Naturais e da Saúde do Instituto Rocha Cabral.

Investigação

Biologia

No laboratório do Prof. James Robl na University of Massachusetts, que trabalhava com o objectivo de clonar bovinos transgénicos em grande número, Clara Pinto Correia introduziu novas técnicas de localização de estruturas intra-celulares por imunofluorescência que tinha aprendido durante os seus trabalhos de doutoramento. Era consensual entre todos os cientistas, pois era isso que ensinavam os livros de biologia celular e do desenvolvimento, que o centróssoma que preside à organização do primeiro ciclo celular era de origem materna. Até então o modelo usado era única e exclusivamente o rato e a extrapolação parecia natural. Acontece que Clara Pinto Correia, depois de usar como modelo o coelho, descobriu que o centróssoma que preside à organização do primeiro ciclo celular era de origem paterna. Usando como modelo o bovino obteve os mesmos resultados. Entretanto outros grupos de investigação internacionais à medida que ensaiavam outros modelos chegavam à mesma conclusão. Os livros foram mesmo reescritos.

História das ciências

O interesse de Clara Pinto Correia pela História da Biologia vem dos tempos de estudante. Porém, terá sido Stephen Jay Gould o seu guru intelectual, que a levou pelos caminhos da história das ciências. Foi com ele que Clara Pinto Correia fez a sua primeira grande investigação sobre história das teorias da reprodução, na Harvard University que viria a culminar na edição do livro "The Ovary of Eve - Egg & Sperm & Preformation". Esta investigação levou-a a fazer a sua segunda grande descoberta, sobre a história da preformação. Tudo começou com o pressuposto de que os preformacionistas do século XVII tinham desenhado pessoas pequeninas enroscadas dentro do núcleo do espermatozóide. E estas pessoas tinham até um nome. Eram os "homúnculos". Porém, quando Clara Pinto Correia começou a investigar as fontes, nomeadamente o precioso *Traité de Dioptrique* de Nicholas Hartsoeker (1694), não encontrou o termo em lado algum. A investigadora acabaria por concluir que o termo "homúnculo"

nunca foi usado pelos preformacionistas dos séculos XVII e XVIII mas trata-se antes de uma invenção da literatura secundária dos anos 1930. Esta descoberta, modesta na sua grandiosidade pois não salvou vidas nem deu a paz ao mundo, acabaria por obrigar a uma revisão dos livros de texto. Um deles foi o conhecido *Developmental Biology* de Scott Gilbert que na sua 4ª edição apresentava o famoso espermatozóide de Hartsoeker com o seu "homúnculo" em posição fetal, mas que na edição seguinte já tinha segregado o termo "homúnculo".

Actualmente, Clara Pinto Correia é investigadora responsável pelo projecto MAPA MUNDI - O impacto das viagens imaginárias na organização do pensamento ocidental (sécs. XIV-XVIII), a decorrer no Centro de Estudos de História das Ciências Naturais e da Saúde do Instituto Rocha Cabral. Este projecto visa proceder a uma análise inter-disciplinar (Ciências naturais/Estudos do género/Psicologia/Tradição oral portuguesa/Cartografia) de quatro grandes clássicos europeus da narrativa de viagens, como "As viagens de John Mandeville", "O Livro do Infante D. Pedro" de Gil de Santisteban, a Terra Austral Conhecida, de Gabriel de Foigny, e o Suplemento à viagem de Bougainville, de Denis Diderot.

Principais publicações em Biologia

Livros

- 1987 - O essencial sobre os bebés-proveta. I.N.C.M.
- 1988 - Histórias Naturais. O Jornal (reeditado pela Publicações d.Quixote em 1992 e pela Relógio d'Água em 1999)
- 1988 - Don't let my baby like me. *em co-autoria com A.G.M.Campbell, Hiroko Kawashima e Ebun O. Ekunwe.* Hastings Center
- 1990 - Portugal animal. Publicações D.Quixote (reeditado pela Círculo de Leitores e pela Relógio d'Água)
- 1997 - Clonai e multiplicai-vos. Texto Editora
- 1999 - Clones humanos - a nossa autobiografia colectiva. Relógio d'Água

Artigos

- 1990 - Pinto-Correia, C.; Goldstein, E.G.; Bennet, V. & Sobel, J.S. Immunofluorescence localization of an adducin-like protein in the chromosomes of mouse oocytes. *Developmental Biology*, 146: 301-311
- 1992 - Collas, P.; Pinto-Correia, C.; Ponce de Leon, F.A. & Robl, J.M. Effect of donor cell cycle stage on chromatin and spindle morphology in nuclear transplant rabbit embryos. *Biology of Reproduction*, 46: 501-511
- 1993 - Pinto-Correia, C.; Collas, P.; Ponce de Leon, F.A. & Robl, J.M. Microtubule and chromatin configurations in the first cell cycle of rabbit parthenotes and nuclear transfer embryos. *Molecular and Development*, 34: 33-42
- 1993 - Long, C.R.; Pinto-Correia, C.; Duby, R.T.; Ponce de Leon, F.A.; Boland, M.P.; Roche, J.F. & Robl, J.M. Sperm aster formation and the cell cycle in monospermic and polyspermic cow zygotes. *Molecular Reproduction and Development*, 36: 23-32
- 1994 - Pinto-Correia, C.; Poccia, D.L.; Chang, T. & Robl, J.M. Dephosphorylation of sperm midpiece antigens triggers aster formation in rabbit oocytes. *Proc. Nat. Acad. Science*, 97: 7894-7898
- 1994 - Long, C.R.; Damiani, P.; Pinto-Correia, C.; MacLean, R.A.; Duby, R.T. & Robl, J.M. Morphological features of in vitro matured bovine oocytes following fertilization and subsequent development in culture under varying conditions of fertilization. *Journal of Reproduction and Fertility*, 102: 361-369
- 1995 - Pinto-Correia, C.; Long, C.L.; Chang, T. & Robl, J.M. Factors involved in nuclear reprogramming during early development in the rabbit. *Molecular Reproduction and Development*, 40: 292-304
- 1995 - Sobel, S.; Pinto-Correia, C. & Goldstein, E. Identification of an M.60.000 Polypeptide Unique to the Meiotic Spindle of the Mouse Oocyte. *Molecular Reproduction and Development*, 40: 467-480
- 1995 - Collas, P.; Pinto-Correia, C. & Poccia, D.L. Lamin dynamics during sea urchin fertilization make pronuclear formation in vitro. *Experimental Cell Research*, 219: 687-698
- 1995 - Fissore, R.A.; Pinto-Correia, C. & Robl, J.M. Mechanism of calcium oscillations in fertilized rabbit eggs. *Biology of Reproduction*, 53: 766-774
-

Principais publicações em História das ciências

Livros

1997 - The Ovary of Eve - Egg & Sperm & Preformation. The University of Chicago Press (editado em Portugal pela Relógio d'Água em 1999 e pela Círculo de Leitores em 2003; editado no Brasil pela Campus de São Paulo em 1998)

2001 - Deus ao microscópio. Relógio d'Água

1999 - O mistério dos mistérios: Uma Breve História das Teorias da Reprodução Animal. Relógio d'Água Editores

2001 - Dodologia - um voo planado sobre a modernidade. Relógio d'Água

2002 - Return of the Crazy Bird: The Sad, Strange Tale of the Dodo. New York: Springer Verlag

2003 - Assim na Terra como no Céu: Ciência, Religião e Estruturação do Pensamento Ocidental (em co-autoria com José Pedro Sousa Dias). Relógio d'Água

2004 - Os Monstros de Deus. Quasi Edições

2004 - O Livro das Conversões. Círculo de Leitores

2004 - O Testículo esquerdo: aspectos da demonização do feminino. Relógio d'Água

2005 - E Fez-se a luz: O Deus Todo-Poderoso da obra de Newton e dos seus comentadores Ingleses. Relógio d'Água

2005 - Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde. Instituto Rocha Cabral & Shaker Verlag

2006 - Mapa Múndi: As viagens imaginárias na história da Europa. Casa das Letras

2007 - Histórias da Ciência (em co-autoria com José Pedro Sousa Dias, prefácio de Miguel Lobo Antunes). Quasi Edições

Artigos

1997 - On homunculi and life. *Developmental Biology online*

1999 - Useful misconceptions: the ovary of eve. *Orgyn*, 2, pp.52-56

1999 - God under the lens. *History of Science Society Annual Meeting*, p.130

1999 - Homunculi in reproduction: strange tales of small men.

Perspective in Medicine and Biology, 42 (2), pp.225-244

2000 - A curse from the left testicle: configurations of womanhood from antiquity to the scientific revolution. *in* The Global Impact of Portuguese Literature and Culture. Transaction Publishers, Rutgers, New Brunswick

Citações e referências

The Ovary of Eve

Livros que citam *The Ovary of Eve*:

1999 - Attention's Loop, de Elizabeth King, Harry N Abrams

2000 - Experiencing the New Genetics: Family, Kinship, and the Medical Frontier, de Kaja Finkler, USA: University of Pennsylvania Press

2001 - The Semen Book, de Vivien Marx, Free Association Books

2002 - The Political Geographies of Pregnancy, de Laura R. Woliver, USA: University of Illinois Press

2003 - The Oxford Companion to the History of Modern Science, de John L. Heilbron (ed), USA: Oxford University Press

2003 - The Cambridge History of Science, Volume 4: The Eighteenth Century, de Roy Porter, David C. Lindberg e Ronald Number (eds), Cambridge: Cambridge University Press

2003 - When Science and Christianity Meet, de David C. Lindberg e Ronald L. Numbers (ed), USA: University of Chicago Press

2003 - Formal Descriptions of Developing Systems (NATO Science Series II: Mathematics, Physics and Chemistry), de James Nation, Irina Trofimova, John D. Rand e William Sulis (ed), New York: Springer

2003 - Divine Love and Wisdom, de Gregory R. Johnson, Jonathan S. Rose, Reuben P. Bell, Glen Michael Cooper e Stuart Shotwell, Swedenborg Foundation; New Ed edition

2003 - Divine Providence, de Emanuel Swedenborg, George F. Dole, Gregory R. Johnson e Jonathan S. Rose, Swedenborg Foundation

2004 - The Story of V: A Natural History of Female Sexuality, de Catherine Blackledge, Rutgers University Press

2006 - The Cambridge History of Science, Volume 3: Early Modern Science, de Katherine Park, Lorraine Daston, David C. Lindberg e Ronald Numbers (eds), Cambridge: Cambridge University Press
2006 - Postphenomenology: A Critical Companion to Ihde (S U N Y Series in the Philosophy of the Social Sciences), de Evan Selinger, New York: State University of New York Press

Recensões

Recensão de Joe A. Thomas publicada no Journal of Sex Research
Danny Yee's Book Review
Francisco J. Ayala, The Quarterly Review of Biology, Vol. 74, No. 1 (Mar., 1999), pp.58-59
Riddle, JAMA.1998; 280: 1961-1962
Virginia P. Dawson, The Bulletin of the History of Medicine 73.3, Fall 1999
Pam Lieske, Eighteenth-Century Women: Studies in their Lives, Works, and Culture, June 2001
New Scientist magazine, issue 2119, 31 January 1998, p. 44
Joe A. Thomas, The Journal of Sex Research, Volume 35, Number 4, November 1998, p.414

Return of the Crazy Bird

Livros que citam Return of the Crazy Bird:

2004 - Animals are the Issue: Library Resources on Animal Issues, de John M. Kistler (ed), Haworth Information Press

Recensões

Renee M. Borges, Current Science, Vol.85, No.7, 10 October 2003, pp.1090-1093

Divulgação da ciência

Participa actualmente no programa **A1 CIÊNCIA** da Antena 1, que é transmitido à terça-feira, às 15:40. Todos os áudios do programa podem ser ouvidos no sistema PodCast aqui.

Outras actividades

Como escritora

- 1983 - Anda uma mãe a criar filhas para isto. A Regra do Jogo
- 1984 - Agrião! Relógio d'Água
- 1985 - Um esquema. Rolim
- 1985 - Adeus, princesa. Relógio d'Água/Círculo de Leitores
- 1985 - Não podemos obrigá-los a amarem-se *em co-autoria com Margarida Bon de Souza*. Relógio d'Água
- 1986 - O sapo Francisquinho. Contexto
- 1986 - E se tivesse a bondade de me dizer porquê? *em co-autoria com Mário de Carvalho*. Rolim
- 1987 - O príncipe imperfeito.
- 1987 - Campos de morangos para sempre. Rolim
- 1988 - Um sinal dos tempos. Relógio d'Água
- 1988 - O príncipe imperfeito. Rolim
- 1989 - Canções das crianças mortas. Relógio d'Água
- 1990 - Ponto pé de flor.
- 1991 - Vitória, Vitória. Publicações Dom Quixote
- 1991 - Quem tem medo compra um cão. Publicações Dom Quixote
- 1992 - The big easy. Publicações Dom Quixote
- 1992 - Irmãos Castanheira.
- 1992 - A canção dos dinossauros. Publicações Dom Quixote
- 1992 - A minha alma está parva: Clara Pinto Correia e Jorge Colombo (Irmãos Castanheira). Publicações Dom Quixote
- 1992 - A mulher gorda. Publicações Dom Quixote
- 1993 - No pó da bagagem.
- 1994 - Domingo de Ramos. Publicações Dom Quixote
- 1994 - Os quatro rios do paraíso. Publicações Dom Quixote
- 1994 - Ponto pé de flor. Publicações Dom Quixote
- 1994 - A ilha dos pássaros doidos. Fundação Biblionef/Relógio d'Água
- 1996 - E se tivesse a bondade de me dizer porquê? *em co-autoria com Mário de Carvalho*. Relógio d'Água
- 1996 - A pega azul. Expo 98
- 1997 - A deriva dos continentes. Relógio d'Água
- 1997 - Clonai e multiplicai-vos - verdades & mentiras. Relógio d'Água

1997 - Mais que perfeito. Relógio d'Água
 1997 - Mais marés que marinheiros. Relógio d'Água
 1998 - O sapo francisquinho. Relógio d'Água
 2000 - Os mensageiros secundários. Relógio d'Água
 2000 - Histórias naturais. Relógio d'Água
 2000 - As festas secretas pela mão de maia. Publicações Dom Quixote
 2001 - Morfina. Relógio d'Água
 2002 - A arma dos juízes. Relógio d'Água
 2003 - O melhor dos meus erros. Oficina do Livro
 2004 - Trinta anos de democracia: E depois, pronto. Relógio d'Água
 2005 - Ponto pé de flor. Relógio d'Água
 2005 - Canções que já não existem. *em co-autoria com José Pedro Sousa Dias*
 2005 - No meio do nosso caminho. Oficina do Livro
 2005 - Contos. Relógio d'Água
 2005 - A história horrorosa dos peixes amarelos (ilustrações de Joana Quental). Quasi Edições
 2006 - A primeira luz da madrugada. Oficina do Livro
 2007 - Complementos Indirectos, Quasi Edições

Alguns dos seus livros têm sido analisados pelas gentes das letras:

RAMOS, Ana Margarida (2004): «Cruzamento de vozes: da prosa de cordel à narrativa contemporânea - uma leitura de Os mensageiros secundários de Clara Pinto Correia», *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, nº 19-20, Aveiro, pp.75-83 resumo

RAMOS, Ana Margarida e LOPES, José Maria (2001): «Imagens da leitura / leitura das imagens: a propósito de "A ilha dos Pássaros Doidos" de Clara Pinto Correia», in VIANA, F. L.; MARTINS, M.; COQUET, E. (coord.): *Actas do 2º encontro nacional de investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, Braga, Centro de Estudos da Criança - Universidade do Minho, pp. 123-144 resumo

Outros têm sido adaptados para cinema:

O romance Adeus Princesa foi adaptado para cinema pela realizador Jorge Paixão da Costa

Outros ainda traduzidos e lidos além fronteiras:

1991 - De Bloemteelsteek (Ponto Pé de Flor). Amesterdão: Arena

1992 - Auf Wiedershehen Princesa (Adeus Princesa). Alemanha: DTV

1992 - Das Alphabet der Frauen (Ponto Pé de Flor). Berlim: Byblos Verlag

1996 - Das Alphabet der Frauen (Ponto Pé de Flor). Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag

2001 - Stumme Boten. Goldmann

Como tradutora

2006 - *Os homens bons não são fáceis de encontrar*, de Flannery O'Connor. Cavalo de Ferro

Como jornalista

Foi redactora do semanário "O Jornal" (1980-85) e foi responsável pela secção científica do JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias (1983-86).

Como cronista

Foi cronista semanal do Diário de Notícias (1991-99) e assinou a crónica semanal "A Deriva dos Continentes" na revista Visão até Fevereiro de 2003, altura em que protagonizou um episódio particularmente mediático quando publicou duas crónicas, uma sob o título "O Castelo" que se veio a demonstrar ser pouco mais que a cópia quase integral de um artigo publicado a 6 de Janeiro de 2003, na revista The New Yorker intitulado Leaving The Castle (em inglês), da autoria do colunista David Remnick, e outra intitulada "O eixo do mal", onde apareciam trechos muito semelhantes a outro texto igualmente da "New Yorker", de Hendrik Hertzberg. A escritora mostrou-se incomodada com a situação, pedindo desculpas públicas do sucedido e justificando-se com uma distração, devida ao cansaço e ao seu método de trabalho. Pouco depois, as suas contribuições para a Revista Visão foram suspensas. Uma colectânea seleccionada das crónicas que publicou na revista "Visão", foi publicada pela editora Oficina do Livro, com o título "O melhor dos meus erros", no mesmo ano de 2003. Actualmente assina a crónica diária "No fio da navalha" no jornal 24 Horas.

Como actriz

Participou, como Marta, no filme "Kiss Me" (2004), realizado por António da Cunha Telles e distribuído pela Lusomundo Audiovisuais.

Como apresentadora

Apresentou programas de ciência e cultura em rádio e televisão, nomeadamente:

- 1986 - Música para camaleões (Rádio Comercial)
- 1996 - Rumo à lua (RTP 2)
- 1999 - Morfina (CNL)
- 2000 - Morfina (CNL)
- 2001 - Travessa do cotovelo (RTP 2)